OBRAS FILOSÓFICAS DE SÊNECA

Volume 4:

CARTAS A LUCÍLIO

Tomo II

Livros XI - XX - Cartas 84-124

SEGUIDO DO APÊNDICE: FRAGMENTOS E AS 14 CARTAS PSEUDOEPIGRÁFICAS ENTRE SÊNECA E PAULO

Tradução das Cartas a Lucílio: J. A. Segurado e Campos

Correspondência Sêneca-Paulo: tradução desta edição

SUMÁRIO

Introdução.....ii
LIVROS XI-XIII - Cartas 84-88.....1
LIVRO XIV - Cartas 89-92.....26
LIVRO XV - Cartas 93-95.....49
LIVRO XVI - Cartas 96-100.....76
LIVROS XVII-XVIII - Cartas 101-109.....90
LIVRO XIX - Cartas 110-117.....118
LIVRO XX - Cartas 118-124.....144
Apêndice I - Livro XXII: Fragmentos.....168
Apêndice II - Sêneca e Paulo (14 cartas).....170

INTRODUÇÃO

Este segundo tomo começa num ponto decisivo da coleção. As primeiras oitenta e três cartas haviam construído, de modo gradual, o vocabulário moral da correspondência: o uso do tempo, a disciplina do desejo, a amizade, a morte, a riqueza, o medo, o ócio filosófico, a constância e a necessidade de submeter a vida a um critério racional. A partir da Carta 84, porém, a forma epistolar passa a acolher com frequência crescente discussões mais extensas e tecnicamente mais ambiciosas. Não desaparecem o conselho concreto, a observação da vida quotidiana ou a conversa com Lucílio; eles se tornam a moldura de investigações que aproximam algumas destas cartas de pequenos tratados. Por isso os Livros XI-XX não constituem simplesmente a metade final de uma sequência: oferecem uma espécie de aprofundamento do programa pedagógico iniciado no primeiro tomo.

A própria Carta 84 fornece uma boa imagem desse movimento. Ao comparar a leitura ao trabalho das abelhas, Sêneca insiste que o leitor não deve acumular passivamente o que recolhe nos autores, mas transformar o material recebido até fazê-lo verdadeiramente seu. A passagem vale também como descrição da educação filosófica pretendida pelas Epistulae: Lucílio não deve repetir máximas, mas assimilá-las; não basta conservar doutrina na memória, é necessário convertê-la em disposição estável da alma. O tom aforístico que marca muitas das primeiras cartas permanece, mas a insistência recai cada vez mais sobre a transformação interior que permite ao discípulo julgar por conta própria.

Essa maturação ajuda a explicar a densidade doutrinal de várias cartas deste tomo. A Carta 89 discute a divisão da filosofia e as relações entre suas partes; 94 e 95 examinam a controvérsia sobre o valor dos preceitos particulares diante dos princípios gerais; 106 pergunta em que sentido o bem pode ser chamado corpo dentro da ontologia estoica; 113 desenvolve a questão aparentemente paradoxal de saber se as virtudes são seres animados; 117 distingue a sabedoria do ato de ser sábio; 121 considera o modo pelo qual os seres vivos reconhecem sua própria constituição; 124 retorna ao problema fundamental de como o bem é apreendido e por que ele pertence propriamente ao ser racional. Esses textos mostram um Sêneca perfeitamente capaz de entrar no terreno técnico da escola, mesmo quando se declara impaciente com sutilezas que não produzam efeito moral.

O ponto é importante porque a imagem de Sêneca como simples moralista pode fazer perder de vista a estrutura filosófica que sustenta sua prosa. Nos Livros XI-XX, ética, lógica e física não aparecem como compartimentos estanques. Quando Sêneca pergunta se a virtude é corpórea, se a sabedoria é um bem diferente de “ser sábio”, ou se um animal possui consciência de sua própria

constituição, ele não abandona a preocupação moral; procura mostrar que a conduta depende de uma compreensão coerente do que existe, do que pode agir e sofrer, do que pertence à razão e de como o juízo transforma as impressões em escolhas. O mesmo princípio aparece nas Questões Naturais: contemplar a ordem do mundo e compreender a posição humana no cosmos não são tarefas separadas da ética. O exercício filosófico é uno porque uno deve ser o sujeito que conhece, julga e age.

Essa unidade, contudo, não elimina a tensão entre sistema e prática. Sêneca frequentemente leva uma discussão técnica até certo ponto e então a interrompe com a pergunta que funciona como critério de utilidade: em que isto nos torna melhores? A Carta 106 termina com a conhecida censura ao estudo que se converte em finalidade autônoma: aprende-se para a escola, não para a vida. O gesto não é anti-intelectual. Ele exprime uma hierarquia. A investigação vale quando organiza o juízo, robustece o ânimo, desfaz um medo, modera uma paixão ou permite reconhecer como indiferente aquilo que a opinião comum trata como bem ou mal. O problema não é saber demais, mas transformar o saber em ornamento separado da existência.

Também por isso as grandes cartas doutrinais convivem com cenas muito concretas. Sêneca escreve de viagens, vilas, banhos, doenças, noites mal dormidas, leituras públicas, jantares, escravos, incêndios, luto, vida urbana e retiro no campo. Na Carta 104, a doença e a preocupação de Paulina dão ao tema da morte uma intimidade que nenhum silogismo poderia substituir. Na 99, o luto de Marulo desencadeia uma discussão severa sobre a diferença entre dor natural e ostentação social do sofrimento. Na 101, a morte inesperada de Senecião serve para desmontar a ilusão de uma vida cuja segurança estaria sempre adiante. A pedagogia epistolar continua dependente de acontecimentos: o filósofo recolhe o caso particular e o transforma em exercício.

Os Livros XI-XX deixam ainda mais visível a amplitude literária de Sêneca. A correspondência contém não apenas doutrina estoica, mas leitura e julgamento de autores. Horácio, Vergílio, Cícero, Énio, Epicuro e muitos outros comparecem como interlocutores. As Cartas 100, 114 e 115 são especialmente importantes para a reflexão sobre estilo. Sêneca recusa separar radicalmente forma literária e forma de vida: a linguagem pode denunciar o desequilíbrio de uma época e de uma alma, ao passo que a expressão vigorosa, clara e não afetada corresponde ao ideal de uma mente ordenada. A célebre tese de que o estilo é reflexo da vida não significa que toda irregularidade de frase prove um vício moral; significa que, para Sêneca, a arte de escrever participa do mesmo problema de medida, coerência e domínio de si que estrutura a ética.

A presença de Epicuro, muito marcada no início da coleção, muda de função nesta parte. Sêneca continua citando autores de escolas rivais sempre que encontra neles uma verdade útil, mas o leitor já não depende tanto da máxima emprestada ao adversário. A relação pedagógica pressupõe agora maior

autonomia. Lucílio é tratado como alguém capaz de acompanhar distinções entre doutrinas, avaliar argumentos da tradição estoica e receber longas cartas sem que o autor tenha de recompensá-lo ao final com uma sentença breve. O movimento geral é de interiorização: aquilo que primeiro vinha de fora como preceito deve tornar-se critério próprio.

Por trás dessa progressão permanece a situação biográfica extrema em que as Cartas foram compostas. Elas pertencem aos últimos anos de Sêneca, depois de seu afastamento gradual da vida política sob Nero e antes da morte em 65. Não é necessário transformar cada referência à morte numa profecia do suicídio imposto pelo imperador; ainda assim, a proximidade da morte deixa de ser mero tema escolar. Sêneca escreve como alguém que procura tornar efetiva a doutrina da disponibilidade diante do fim. A insistência no domínio do medo, na posse de si e na possibilidade de abandonar a vida quando a razão o exige adquire, nessa fase, uma gravidade que a biografia posterior torna impossível ignorar.

A organização dos livros merece atenção especial neste tomo. A tradição manuscrita conserva vinte livros das Epistulae Morales, encerrando-se, no corpus contínuo, com a Carta 124. Entretanto, os limites internos nem sempre sobreviveram com a mesma clareza. As Cartas 84-88 são transmitidas como pertencentes aos Livros XI-XIII, sem que possamos determinar com segurança onde termina XI, onde se encontra XII e onde começa XIII. Situação semelhante ocorre com as Cartas 101-109, que pertencem aos Livros XVII-XVIII sem divisão interna segura. Esta edição mantém, portanto, os blocos “Livros XI-XIII” e “Livros XVII-XVIII”, em vez de impor uma repartição conjectural que daria ao leitor uma falsa aparência de certeza.

O encerramento na Carta 124 também não representa necessariamente o fim da coleção originalmente publicada. Aulo Gélio, nas Noites Áticas XII, 2, cita expressamente o vigésimo segundo livro das Epístolas Morais de Sêneca. Seu testemunho demonstra que a obra circulou, em alguma forma, com pelo menos vinte e dois livros. O Livro XXI perdeu-se, e do XXII não resta uma sequência de cartas, mas apenas trechos transmitidos por citação indireta. Por isso os fragmentos são apresentados aqui em apêndice, depois do corpus contínuo: pertencem autenticamente à história textual das Epistulae, mas não podem ser transformados em uma inexistente Carta 125 nem recompostos como livro completo.

O segundo apêndice pertence a uma categoria completamente diferente. As quatorze cartas entre Sêneca e Paulo não são obra de nenhum dos dois autores. A correspondência é uma composição tardo-antiga, conhecida por Jerônimo no final do século IV e abundantemente transmitida durante a Idade Média. Seu interesse para uma edição de Sêneca é histórico, não autoral: ela testemunha a extraordinária recepção cristã do filósofo e o esforço de aproximar a moral senequiana do universo paulino. A edição crítica de Claude W. Barlow mostrou com clareza que a língua e a tradição dessas cartas são incompatíveis com uma

origem no século I. Ainda assim, o pseudoepígrafo teve longa fortuna e contribuiu decisivamente para a imagem medieval de Sêneca como pensador próximo do cristianismo.

A relação imaginada entre Sêneca e Paulo possuía um ponto de apoio sugestivo, embora insuficiente: Gálio, irmão de Sêneca, aparece nos Atos dos Apóstolos como procônsul da Acaia diante de quem Paulo foi levado. Esse encontro real entre Paulo e um membro da família dos Annei podia alimentar, em séculos posteriores, uma tradição de contato que os documentos do século I não comprovam. Nas cartas apócrifas, o Sêneca fictício admira a grandeza moral dos escritos paulinos, mas frequentemente critica sua expressão; Paulo, por sua vez, trata Sêneca como mestre de cultura e possível mediador junto à corte. O resultado diz mais sobre o ambiente retórico e cristão da Antiguidade tardia do que sobre a Roma de Nero.

A posição dos dois apêndices foi, portanto, deliberadamente hierarquizada. Primeiro vêm as Cartas 84-124, transmitidas como parte do corpus autêntico; depois os fragmentos do Livro XXII, autênticos mas preservados apenas por testemunho indireto; por fim a correspondência Sêneca-Paulo, falsa quanto à autoria, porém genuinamente importante para a história da recepção. Essa separação evita misturar três estatutos textuais distintos e permite ao volume terminar não com uma falsa extensão da obra de Sêneca, mas com a história do modo como sua figura continuou a ser lida, apropriada e reinventada.

NOTA SOBRE O TEXTO DESTA EDIÇÃO

As Cartas 84-124 reproduzem integralmente a tradução portuguesa de J. A. Segurado e Campos, publicada pela Fundação Calouste Gulbenkian e realizada sobre o texto latino da Oxford Classical Texts de L. D. Reynolds (1965). A preparação desta edição foi conservadora: corrigiram-se erros de digitalização, hifenações de fim de linha, caracteres espúrios, deslocamentos e erros tipográficos inequívocos, sem modernizar sistematicamente o léxico ou a sintaxe do tradutor. As chamadas de notas e a numeração interna dos parágrafos da edição-fonte foram retiradas da matriz de leitura. Formas incomuns efetivamente pertencentes ao impresso foram preservadas quando não havia motivo seguro para emendá-las. Lacunas reconhecidas pela tradição são indicadas por [lacuna].

Os fragmentos do Livro XXII seguem igualmente a tradução de Segurado e Campos e são apresentados dentro do testemunho de Aulo Gélio que os preservou. A correspondência pseudoepigráfica entre Sêneca e Paulo, por sua vez, recebeu nova tradução para esta edição diretamente do texto latino estabelecido por Claude W. Barlow em 1938. A tradução inglesa e as notas de Barlow serviram como controle interpretativo em passagens de latim tardio obscuro; não se procurou regularizar artificialmente a linguagem do pseudoepígrafo nem ocultar dificuldades textuais relevantes.

BIBLIOGRAFIA SELECIONADA

BARLOW, Claude W. (ed.). Epistolae Senecae ad Paulum et Pauli ad Senecam quae vocantur. Papers and Monographs of the American Academy in Rome, v. 10. Rome: American Academy in Rome, 1938.

GRAVER, Margaret; LONG, A. A. Seneca: Letters on Ethics: To Lucilius. Chicago: University of Chicago Press, 2015.

INWOOD, Brad. Seneca: Selected Philosophical Letters. Oxford: Oxford University Press, 2007.

REYNOLDS, L. D. (ed.). L. Annaei Senecae ad Lucilium Epistulae Morales. 2 v. Oxford: Clarendon Press, 1965.

SEGURADO E CAMPOS, J. A. (trad.). Sêneca: Cartas a Lucílio. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

WILDBERGER, Jula; COLISH, Marcia L. (eds.). Seneca Philosophus. Berlin/Boston: De Gruyter, 2014.

LIVROS XI-XIII

Cartas 84-88

CARTA 84

Estas viagens que me forçam a sacudir a minha indolência são óptimas, acho eu, quer para a minha saúde, quer para os meus estudos. Óptimas para a saúde, é fácil de ver porquê: como a minha paixão pela escrita me torna sedentário e descuidado com o corpo, sempre vou fazendo um pouco de exercício à conta dos outros. E porque são boas para o estudo? Já te digo: porque não interrompi as minhas leituras. A leitura é, de facto, em meu entender, imprescindível: primeiro, para me não dar por satisfeito só com as minhas obras, segundo, para, ao informar-me dos problemas investigados pelos outros, poder ajuizar das descobertas já feitas e conjecturar as que ainda há por fazer. A leitura alimenta a inteligência e rétempera-a das fadigas do estudo, sem, contudo, pôr de lado o estudo. Não devemos limitar-nos nem só à escrita, nem só à leitura: uma diminui-nos as forças, esgota-nos (estou-me referindo ao trabalho da escrita), a outra amolece-nos e embota-nos a energia. Devemos alternar ambas as actividades, equilibrá-las, para que a pena venha a dar forma às ideias coligidas das leituras. Como soe dizer-se, devemos imitar as abelhas que deambulam pelas flores, escolhendo as mais apropriadas ao fabrico do mel, e depois trabalham o material recolhido, distribuem-no pelos favos e, nas palavras do nosso Vergílio, "o líquido mel acumulam, e fazem inchar os alvéolos de doce néctar". Não há a certeza se as abelhas extraem das flores um suco que depois se transforma em mel, ou se são elas que, por uma preparação especial e por qualquer propriedade do seu organismo, transformam nesse produto os materiais recolhidos. Certos autores pretendem que elas não sabem fabricar o mel, mas tão somente coligir o material necessário. Dizem que na Índia se pode encontrar mel nas folhas das canas, derivado do orvalho característico do clima, ou do suco da própria cana que por si é doce e muito espesso; afirmam igualmente que as nossas plantas possuem um suco semelhante, embora menos evidente e abundante, suco esse que a abelha procura e amassa, como animal predeterminado para tal tarefa. Outros são de opinião que as abelhas, devido a qualquer predisposição congénita, são capazes de transformar em mel aqueles materiais que colheram das partes mais tenras das plantas em plena floração, juntando-lhes, por assim dizer, um certo fermento capaz de aglutinar sob a forma de um produto único

esses materiais díspares. Mas já estou a derivar para outro assunto... Voltemos à questão essencial: nós devemos imitar as abelhas, discriminar os elementos colhidos nas diversas leituras (pois a memória conserva-os melhor assim discriminados), e depois, aplicando-lhes toda a atenção, todas as faculdades da nossa inteligência, transformar num produto de sabor individual todos os vários sucos coligidos de modo a que, mesmo quando é visível a fonte donde cada elemento provém, ainda assim resulte um produto diferente daquele onde se inspirou. Um processo idêntico àquele que nós vemos a natureza operar no nosso corpo sem a mínima interferência da nossa parte (os alimentos que consumimos, enquanto se conservam inteiros e flutuam sólidos no estômago são para este um peso; mas quando se transformam, logo são assimilados e se tornam músculos e sangue), um processo idêntico, dizia eu, devemos operar nos alimentos da inteligência, sem permitir que as ideias recebidas se conservem tal qual, como corpos estranhos. Assimilemo-las; se assim não for, elas podem perdurar na memória, mas não penetram na inteligência. Demos-lhes a nossa total concordância, façamo-las nossas, tornemos um grande número de ideias num organismo único, tal como numa adição juntamos parcelas diferentes para obter um único total. Que o nosso espírito faça a mesma coisa: mantenha ocultas as parcelas de que se serviu para exibir tão somente o resultado global obtido. Mesmo que seja visível em ti a semelhança com algum autor cuja admiração se gravou mais profundamente em ti, que essa semelhança seja a de um filho, não a de uma estátua: a estátua é um objecto morto. "Que dizes? Então não deve ser evidente qual o autor de que se pretende imitar o estilo, a argumentação, as ideias?" Em meu entender, há casos em que isso nem sequer é possível: quando um homem de superior inteligência consegue imprimir o seu carácter aos vários elementos que colheu no seu modelo predilecto de modo a que tais elementos resultem numa unidade. Não vês tu como um coro é formado por grande número de vozes? Do conjunto, no entanto, resulta como que uma voz única. Há vozes de tenor, de baixo, de barítono; às vozes masculinas juntam-se as femininas, aqui e além surge o acompanhamento da flauta: no entanto as vozes individuais não se distinguem, fazem-se ouvir apenas como um conjunto. E falo do coro tal como o conheceram os antigos filósofos, porque nos espectáculos de hoje participam mais cantores do que alguma vez houve espectadores nos teatros. Quando todas as coxias se enchem com as várias classes de cantores, a plateia fica rodeada de trompetistas e no palco se faz ouvir simultaneamente toda a espécie de flautas e outros instrumentos, todos estes elementos dissonantes produzem um canto harmónico. É assim mesmo que eu quero o nosso espírito: que ele domine muitas técnicas, conheça muitos preceitos e exemplos de muitas épocas, mas tudo isso dotado de uma alma própria e individual. "Mas como é isso possível?" - vais tu perguntar-me. Com uma aplicação sem desfalecimento: se nós nada fizermos senão de acordo com os ditames da razão, também nada evitaremos senão de acordo com os ditames da razão. Se quiseres escutar a razão, eis o que ela te dirá: deixa de uma vez por todas tudo quanto seduz a

multidão! Deixa a riqueza, deixa os perigos e os fardos de ser rico; deixa os prazeres, do corpo e do espírito, que só servem para amolecer as energias; deixa a ambição que não passa de uma coisa artificialmente empolada, inútil, inconsciente, incapaz de reconhecer limites, tão interessada em não ter superiores como em evitar até os iguais, sempre torturada pela inveja, e uma inveja ainda por cima dupla. Vê como de facto é infeliz quem, objecto de inveja ele próprio, tem inveja por outros. Não estás vendo essas casas dos grandes senhores, as suas portas cheias de clientes que se atropelam na entrada? Para lá entrares, terias de sujeitar-te a inúmeras injúrias, mas mais ainda terias de suportar se entrasses. Passa frente às escadarias dos ricos senhores, aos seus átrios suspensos como terraços: se lá puseres os pés será como estares à beira de uma escarpa, e de uma escarpa prestes a ruir. Dirige antes os teus passos na via da sapiência, procura os seus domínios cheios de tranquilidade, mas também de horizontes ilimitados. Tudo quanto entre os homens é tomado como coisa eminente, muito embora de valor reduzido e só notável em comparação com as coisas mais rasteiras, mesmo assim só é acessível através de difíceis e duros atalhos. A via que conduz ao cume da dignidade é extremamente árdua; mas se te dispuseres a trepar até estas alturas sobre as quais a fortuna não tem poder, então poderás ver a teus pés tudo quanto a opinião vulgar considera eminentíssimo, e desse ponto em diante o teu caminho será plano até ao supremo bem.

CARTA 85

Eu estava decidido a poupar-te e a passar por alto todos os pontos intrincados ainda subsistentes nesta matéria, contentando-me em dar-te apenas a "provar" os argumentos usados pelos pensadores estóicos para demonstrar que a virtude é o único meio necessário e suficiente para se atingir a felicidade na vida. Tu, porém, exiges-me que eu passe em revista todos os silogismos usados quer pelos nossos, quer pelos que pretendem pôr em cheque as nossas teorias. Se eu me dispusesse a fazer o que queres, sairia daqui não uma carta, mas um livro! Por mim nunca me canso de afirmar que me aborrece este tipo de argumentação: tenho vergonha de ir combater em defesa dos deuses e dos homens armado de um simples canivete!... "Todo o homem prudente é moderado; todo o homem moderado é constante; todo o homem constante é imperturbável; todo o homem imperturbável está ao abrigo da tristeza; todo o homem que está ao abrigo da tristeza é feliz; logo, todo o homem prudente é feliz; logo, a prudência é condição suficiente para o homem ter uma vida de felicidade." A este sorites alguns peripatéticos objectam dizendo que ao falar de um "homem imperturbável, constante e ao abrigo da tristeza" se deve interpretar "imperturbável" não no sentido de alguém que nunca sofre qualquer perturbação, mas sim no de alguém que apenas rara e limitadamente se deixa perturbar. Semelhantemente entendem que "está ao abrigo da tristeza" todo aquele que não é dado à tristeza, que não padece deste sentimento com frequência, nem em

excesso; imaginar alguém cuja alma seja imune à tristeza, dizem eles que é negar a natureza humana; mais, o próprio sábio, embora não seja dominado pelo desgosto, não deixa de ser atingido por ele; e prosseguem na mesma linha de argumentos, em conformidade com as posições da sua escola. Com tais raciocínios os peripatéticos não erradicam as paixões, somente as moderam. Mas que triste conceito faremos do sábio só o considerando forte em confronto com os mais débeis, alegre em confronto com os mais desgostosos, moderado em confronto com os mais desenfreados, grande em confronto com os mais humildes! Não será isto o mesmo que exaltar a velocidade de Ladas em competição com coxos e diminuídos?! "Ela conseguia voar sobre a ponta das espigas de uma seara virente sem na corrida atingir os tenros grãos; ou percorrer, suspensa, as grossas ondas do mar encapelado sem salpicar sequer os pés velozes." Nestes versos vê-se o louvor da velocidade entendida em si mesma, e não em comparação com a forma de correr dos mais vagarosos. Acaso chamarás "saudável" a quem apenas tem uma ligeira febre? Uma doença ligeira não pode ser equivalente à saúde perfeita. Dizem os peripatéticos: "Diz-se que o sábio é imperturbável no mesmo sentido em que se dizem "sem caroço", não os frutos cujas sementes são moles, mas sim aqueles que as têm menos duras." Isto é falso! Em meu entender o que se verifica no homem de bem não é uma atenuação dos defeitos, mas sim a sua completa ausência; os seus defeitos não devem ser diminutos, devem ser nulos, pois se alguns possuir eles não tardarão a aumentar e mesmo a tomar conta dele. O mesmo sucede com as cataratas: quando já completamente desenvolvidas ocasionam a cegueira, mas mesmo ainda no início já bastam para dificultar a visão. Se atribuímos ao sábio algum defeito, então a sua razão será incapaz de lhe fazer frente, será como que arrastada por uma torrente, sobretudo porque lhe atribuímos não uma só paixão contra a qual possa lutar, mas todas ao mesmo tempo. É mais perigosa a violência de uma multidão, mesmo de anões, do que a de um só gigante. O sábio peripatético tem desejo de riqueza, embora moderado; tem ambição, mas não exagerada; é sujeito à cólera, se bem que controlável; padece de inconstância, embora menos acentuada e sujeita a desvarios; sente desejos, embora não exacerbados! Seria preferível a situação de um homem que tivesse um único vício bem declarado do que a de quem os tem todos, embora atenuados. De resto, são irrelevantes as proporções de uma paixão: por pequena que seja, recusa-se à obediência aos ditames da razão. Tal como nenhum animal é capaz de obedecer à razão — seja animal selvagem, seja doméstico e manso (já que por natureza os animais são surdos aos conselhos) -, assim também as paixões não acatam nem escutam avisos, por mais reduzidas que sejam. Os tigres e leões nunca perdem a sua ferocidade, apenas ocasionalmente a atenuam, e quando menos se espera a sua violência domada pode exasperar-se de novo. Os vícios não se dominam com boas maneiras. Aliás, com o auxílio da razão, as paixões nem sequer despertam; e se despertam contrariando a razão, persistirão nas mesmas condições. É bem mais fácil impedir que elas se originem do que

dominar depois os seus ardores! Consequentemente esta atenuação dos vícios (admitida pelos peripatéticos) é não só falsa como inútil; devemos considerá-la do mesmo modo como se nos dissessem que se deve ter moderação na loucura ou na doença. A virtude deve ocupar toda a alma, pois os defeitos da alma não são susceptíveis de moderação; é mais fácil erradicá-los do que controlá-los. Podemos duvidar de que aqueles vícios da mente humana mais enraizados e fortes a que chamamos "doenças do espírito" — tais como a avareza, a crueldade, a falta de autocontrolo — sejam imoderados? Logo imoderadas são também as paixões, já que se parte sempre destas para chegar àqueles. Aliás, se damos algum espaço à melancolia, ao medo, ao desejo, aos restantes maus impulsos, perderemos toda a possibilidade de os controlar. Pela pura e simples razão de que a causa que suscita tais sentimentos está fora de nós; e assim eles crescerão mais ou menos conforme forem mais ou menos actuantes as causas que os provocam. O medo será tanto maior se se contemplarem mais longamente, ou mais de perto, as causas que excitam o medo; o desejo será tanto maior conforme maior for a esperança despertada pela futura posse de maiores bens. Se não estiver na nossa mão a possibilidade de as paixões existirem ou não, igualmente não estará o seu grau de intensidade; se permitirmos o seu aparecimento, elas crescerão em proporção com as suas causas, e tornar-se-ão tão intensas quanto puderem. Acrescenta ainda que todos os defeitos, por diminutos que sejam, têm tendência a aumentar; tudo quanto é nocivo ignora a justa medida; embora leves a princípio, as forças da doença vão-se insinuando em nós, até que um ligeiro acréscimo do mal abate os nossos corpos minados. É uma perfeita loucura imaginar que coisas cujos princípios se encontram fora de nós possam ter o seu termo determinado pela nossa vontade! Como hei-de eu ter força bastante para pôr fim a algo que não fui capaz de evitar que surgisse? Sim, porque é mais fácil manter os vícios à distância do que refreá-los depois de introduzidos em nós. Outros pensadores objectaram fazendo a seguinte distinção: "Um homem moderado e prudente consegue ser tranquilo graças a uma certa conformação, um certo estado do seu espírito, mas já pode não o ser em face das circunstâncias concretas. De facto, no que concerne à formação do seu espírito, tal homem não conhecerá a ansiedade, a melancolia, o medo; muitas causas exteriores podem, contudo, actuar sobre ele de modo a provocar-lhe um estado de ansiedade." Querem eles dizer com isto que um homem pode não ser irascível, mas irar-se uma vez por outra; pode não ser medroso, mas sentir medo algumas vezes, ou seja, não possuir o medo como vício, mas como "paixão" ocasional. Se se admite esta tese, então, com a repetição frequente, o medo poderá transformar-se em vício; a ira, admitida a sua entrada no espírito, acabará por desfazer a tal conformação especial do espírito que se dizia ao abrigo da ira. Além disso, um homem que não despreza as causas vindas do exterior e sente medo de uma ou outra coisa, quando tiver de enfrentar com coragem o ferro e o fogo, acabará por lutar pela pátria, as leis, a liberdade com hesitação, com o espírito titubeante. Semelhante indefinição mental não pode ser

apanágio do sábio. Além disso eu entendo que devemos observar ainda outra coisa, para não cairmos no erro de unir duas proposições que devem ser demonstradas em separado: ou seja, devemos concluir, por um lado, que o único bem é o bem moral, e por outro lado demonstrar que a virtude é condição suficiente para se obter a felicidade. Se se admitir que o único bem é o bem moral, todos os pensadores concordarão que a virtude é condição suficiente para se viver com felicidade; mas em sentido inverso já não é possível tal acordo, isto é, de que a virtude só por si dá a felicidade, nem todos concluem que o único bem é o bem moral. Xenócrates e Espeusipo admitem que se pode ser feliz apenas graças à virtude, mas já não aceitam que o único bem é o bem moral Epicuro pensa também que quem possui a virtude é feliz, mas não considera a virtude como causa suficiente de felicidade, pois, em seu entender, o que torna um homem feliz é o prazer que vem da posse da virtude, e não a virtude em si mesma. Distinção irrelevante: ele nega que a virtude possa existir sem o prazer. Mas se a virtude está sempre, e indissociavelmente, unida ao prazer, então só por si é condição suficiente, pois implica sempre a presença do prazer, sem o qual não existe mesmo quando vem isolada. Ora aqui está uma coisa absurda de dizer-se: que, graças à virtude, um homem possa ser feliz, mas que não poderá ser completamente feliz. Como isto seja possível é coisa que não consigo entender! A vida feliz tem efectivamente, em si, um bem consumado, insuperável: se tal bem existe, então a vida será perfeitamente feliz. Se a vida dos deuses não conhece acréscimos nem decréscimos, então a vida divina é feliz, sem nada haver que possa torná-la ainda mais feliz. Além disso, se a vida feliz é aquela que não tem carência de nada, toda a vida feliz é-o na perfeição; tal vida será não só feliz, como felicíssima! Não duvidas de que a vida feliz seja o supremo bem; logo, se a vida possui o supremo bem, então é sumamente feliz. E tal como o supremo bem não pode receber qualquer acréscimo (o que haveria acima do supremo?!), também a vida feliz o não pode, pois a felicidade não existe sem o supremo bem. Repara: se disseres que alguém é "mais" feliz, tornarás possível que se diga também "muito mais"; e assim irás fazendo inúmeras gradações no supremo bem, quando por "sumo bem" eu entendo tudo o que não tem valor algum acima de si. Se alguém é menos feliz do que um outro, segue-se que preferirá a vida desse outro (por ser mais feliz) à sua própria; ora, um homem feliz não considera nada preferível à sua vida. Qualquer destas duas situações é inaceitável: existir algo que o homem feliz preferiria ter em lugar daquilo que tem, ou não preferir ter algo que seja melhor do que aquilo que tem. De facto, quanto mais um homem é avisado, tanto mais se procurará chegar ao que há de melhor, e ambicionará alcançá-lo seja de que modo for. Ora, como pode ser feliz alguém que pode, que deve mesmo, desejar ainda mais do que o que tem? Vou dizer-te qual a origem donde provém este erro: da ignorância de que o que caracteriza a vida feliz é a sua unidade. É a qualidade, não a dimensão, que grangeia à vida esse supremo estado. Por isso mesmo, a vida feliz é simultaneamente longa e breve, difusa e limitada, disseminada por muitos

lugares, por muitas áreas, e concentrada num único ponto. Quem avalia a felicidade em números, medidas e partes está-lhe por isso mesmo roubando o que ela tem de melhor. E o que há de melhor na felicidade do que a sua plenitude? Imagino eu que toda a gente pára de comer e de beber quando está saciada. Este come mais, aquele come menos; mas que importa isso se ambos se sentem satisfeitos? Este bebe mais, aquele bebe menos; mas que importa isso se ambos mataram a sede? Este viveu mais anos, aquele viveu menos; isso não tem importância desde que a provecta idade do primeiro e os breves anos do outro os tenham feito igualmente felizes. Aquele a quem tu chamas "menos feliz" não é de facto feliz, porquanto este predicado não é susceptível de conhecer gradação. "Quem é valente não conhece o medo; quem não conhece o medo não conhece a tristeza; quem não conhece a tristeza é feliz." Este argumento foi inventado pela nossa escola. Os nossos adversários tentam refutá-lo dizendo que nós damos por unanimemente reconhecida uma proposição falsa, contestável; a saber, que quem é valente não conhece o medo. "Pois quê?" — objectam eles. — "Então um homem valente não sente medo na iminência do perigo? Só um louco, um doido varrido é que não sente medo. Um valente, esse sente medo em dose moderada, mas sem ignorar totalmente o medo." Quem assim argumenta coloca-se na mesma posição, acima discutida, de considerar como virtudes os vícios menos intensos, pois quem sente medo, embora pouco e raramente, não está imune de defeitos, embora os tenha mais ligeiros. "Mas só um louco não sente medo ante a iminência do perigo." Isso é verdade, se se admitir o perigo como um mal; mas quando sabemos que não é um mal, quando consideramos que só a imoralidade é um mal, devemos encarar o perigo tranquilamente e desprezar aquilo que causa medo aos outros. Admitindo que só um idiota ou um louco não teme o perigo, teríamos de concluir que quanto mais um homem é avisado mais medo deve ter! "Mas em vosso entender o homem valente deve ir ao encontro do perigo." Nada disso: não o deve temer, mas procurará evitá-lo. Agir com cautela não é vergonha, mas sentir medo é. "Como é isso? Não sentirá medo da morte, da prisão, do fogo nem de todas as outras armas usadas pela fortuna?" Claro que não, porque sabe que tudo isso apenas parece ser mal, sem de facto o ser; porque entende que tudo isso não passa de espantalhos para assustar os homens. Podes falar longamente de cativeiros, de torturas, de cadeias, de miséria, de corpos dilacerados pela doença ou pelo sadismo, de tudo, enfim, que te venha à ideia: o homem valente inclui tudo isso no rol dos pesadelos, e os pesadelos só metem medo aos medrosos! Acaso consideras mal uma coisa por que às vezes nós deliberadamente optamos? Eu digo-te o que é o mal: é ceder àquilo que vulgarmente se chama "males", é entregar-lhes uma coisa pela qual tudo deveremos suportar: a nossa liberdade. E a liberdade desaparece quando não desprezamos tudo quanto pretende subjugar-nos. Os nossos opositores não divagariam sobre a atitude justa do homem valente se soubessem o que é de facto a coragem. Coragem não significa temeridade inconsiderada, nem amor pelo risco, nem paixão pela aventura: significa, sim, saber distinguir entre o que

é mal e o que não o é. A coragem está sempre atenta à autopreservação, mas ao mesmo tempo é capacíssima de suportar tudo quanto se nos apresenta falsamente como males. "Que quer isso dizer? Se se ferir com um ferro um homem valente no pescoço, se depois se rasgar mais uma e outra parte do seu corpo, se ele vir diante de si as próprias vísceras arrancadas, se lhe aplicarem a tortura espaçadamente para o sofrimento ser maior, e lhe fizerem correr o sangue fresco das feridas já meio fechadas — ele não sentirá medo? Dizes tu que ele não sentirá dor?" Claro que sentirá dor (pois não há virtude que roube ao homem o uso dos sentidos), mas medo, isso não; invicto, esse homem olhará de alto o seu próprio sofrimento. Se me perguntares qual o estado de espírito dele nesse momento, a minha resposta é: o mesmo com que procuramos animar um amigo numa doença grave. "Todo o mal é nocivo; tudo o que é nocivo torna o homem pior; a dor e a pobreza não tornam o homem pior, logo não são males." Há quem objecte a este argumento: "A vossa proposição é falsa, pois não é verdade que tudo quanto é nocivo torne o homem pior. O mau tempo, a tempestade são nocivas ao piloto, mas nem por isso o tornam pior." Alguns estóicos contra-argumentam dizendo que o mau tempo e a tempestade tornam o piloto pior porque o tornam incapaz de levar a cabo a sua tarefa e de manter o seu rumo; não o tornam pior no que concerne à sua arte, mas sim quanto à sua actuação efectiva. A isto responde o peripatético que "logicamente também a pobreza, a dor e tudo o mais do mesmo género tornarão pior o sábio, pois, se lhe não roubam a virtude, pelo menos impedem as manifestações da virtude." Tudo isto estaria certo se porventura a condição do piloto fosse idêntica à do sábio. O objectivo que norteia o mesmo modo de vida do sábio não consiste em levar a cabo de qualquer maneira tudo o que empreende, mas sim em fazer tudo com rectidão; em contrapartida o objectivo do piloto é levar o navio ao porto seja como for. As artes são meros auxiliares, e devem prestar os serviços que oferecem, ao passo que a sapiência tem por função governar e dirigir. Na vida as artes servem, a sapiência ordena! Eu, por mim, entendo que se deveria argumentar diferentemente: nenhuma tempestade torna pior nem a arte do piloto nem o próprio exercício da mesma. O piloto não prometeu o bem-estar a ninguém; prometeu, isso sim, o seu melhor esforço e o seu conhecimento da arte de conduzir um navio, e essa arte vem tanto mais ao de cima quanto maiores forem os obstáculos que encontra. Um homem que foi capaz de dizer "Neptuno, nunca afundarás este barco senão de frente!" cumpriu bem com a sua arte. A tempestade não impede o esforço do piloto, só lhe proíbe o êxito. "Que dizes? Então não é nociva ao piloto a tempestade, que o impede de chegar ao porto, que torna inúteis todos os seus esforços, que o faz retroceder ou lhe destrói o aparelho e o impede de prosseguir?" Não lhe é nociva na sua qualidade de piloto, mas apenas na qualidade de navegante; aliás, só assim é que ele é piloto. E não só não impede de manifestar-se a arte do piloto, como até a realça, pois com bom tempo, diz o rifão, qualquer um pode ser piloto! O mau tempo é prejudicial ao navio, mas não ao seu timoneiro, enquanto é timoneiro. No piloto

há duas personagens, uma que lhe é comum com todos os que entraram no mesmo barco, uma vez que ele também é um viajante; outra que lhe é peculiar: ele é o piloto. O mau tempo prejudica-o como viajante, não como piloto. Daqui se segue que a arte de piloto é um bem virado para o exterior, pois diz respeito ao transporte de passageiros, tal como a arte do médico concerne aos doentes que cura; a do sábio, porém, é um bem de alcance geral, pois tanto respeita aos homens com quem ele convive como é privativa do próprio sábio. Até podemos admitir que o mau tempo seja nocivo ao piloto na medida em que o impede de cumprir os serviços prometidos aos outros. Mas ao sábio em nada são nocivas a pobreza, a dor, as outras tempestades da vida. Nem todas as suas obras são por elas impedidas, somente aquelas que se destinam aos outros: o próprio sábio está sempre em acção, e a sua grandeza é tanto mais manifesta quanto mais a fortuna se lhe opõe. É então, de facto, que ele se entrega à sapiência em si mesma, a qual dissemos ser um bem de incidência tanto nos outros como no próprio sábio. Além disso, mesmo que algumas dificuldades o aflijam, nem assim o sábio é impedido de ser útil aos outros. A pobreza pode impedi-lo de ensinar como se há-de lidar com os negócios do Estado, mas não de ensinar o modo de lidar com a pobreza. A sua obra dilata-se ao longo de toda a sua vida, por isso nenhuma circunstância, nenhuma situação impede a acção do sábio de manifestar-se. Ele é capaz de lidar precisamente com aquele obstáculo que lhe proíbe outras realizações. O sábio está à altura de ambas as condições: guiar ao bem, vencer o mal. Assim, afirmo eu é que o sábio se exerce de modo a patentear, quer no bem-estar quer na adversidade, a sua virtude — e a fazer ver, não as obras, mas a presença em si dessa virtude. Por conseguinte, nem a pobreza, nem a dor, nem tudo o mais que faz fugir precipitadamente os "ignorantes" é um impedimento para o sábio. Julgas que os males esmagam o sábio? Pelo contrário, servem-no! Fídias não sabia esculpir só em marfim, sabia também fazê-lo em bronze. E se lhe dessem um bloco de mármore, ou qualquer outro material ainda mais ordinário, ele esculpiria a melhor estátua possível com esse material. Semelhantemente, o sábio dará largas à sua virtude na opulência, se tiver essa oportunidade, ou na pobreza, se a não tiver; se puder, na própria pátria, se não, no exílio; se puder, como general, se não, como soldado; se puder, de boa saúde, se não, fisicamente diminuído. Seja qual for a parcela da fortuna que lhe couber, ele a saberá transformar em algo digno de memória. Há alguns domadores de feras que são capazes de habituar à presença do homem os animais mais ferozes e mais temíveis de defrontar; e, não contentes de eliminar neles a agressividade, amansam-nos a ponto de conviverem como amigos. O tratador do leão mete-lhe a mão na boca, o guarda do tigre chega a beijar o animal, uma criança etíope é capaz de fazer um elefante ajoelhar-se ou caminhar sobre uma corda. O sábio é um artista a domar os males: a dor, a miséria, a degradação social, a prisão, o exílio — objectos do terror geral! — tornam-se mansos quando se chegam junto dele.

CARTA 86

Escrevo-te esta carta instalado por um tempo na própria vila de Cipião Africano, após ter prestado culto aos seus manes e a um altar que suspeito sirva de túmulo a esse ilustre varão. Estou persuadido de que a sua alma regressou ao céu donde provinha, persuasão que não vem de ele ter comandado enormes exércitos (afinal, exércitos também os teve o louco Cambises, que soube bem tirar partido da sua insanidade!), mas sim da extraordinária moderação e piedade que ele demonstrou, e que para mim mais admirável foi ainda quando ele abandonou a pátria do que quando a defendeu. Ou Cipião continuava em Roma, ou Roma preservava a liberdade. "Não pretendo introduzir qualquer alteração nas nossas leis, nas nossas instituições" — afirmou ele; — "que entre todos os cidadãos prevaleça a força do direito. Goza, ó pátria, dos benefícios que eu te fiz, mas sem a minha presença. Garanti a tua liberdade, e disso serei eu próprio a prova: parto, já que o meu poder aumentou para além das tuas necessidades." Como não hei-de admirar uma grandeza de alma tal que levou Cipião ao exílio voluntário para aliviar a cidade da sua influência? A situação chegara a um ponto em que ou a liberdade pública seria nociva a Cipião ou Cipião seria nocivo à liberdade. Qualquer das hipóteses seria indesejável e assim Cipião cedeu o lugar às leis, e retirou-se para Literno, beneficiando a República com o seu exílio, tal como a beneficiara com o exílio de Aníbal. Pude contemplar a "vila" construída em cantaria, o muro que circunda o parque, e também as torres erguidas nos flancos para defesa da "vila", a cisterna que serve quer a mansão quer o cultivo das plantas — uma cisterna que quase daria para dessedentar um exército! Vi ainda o pequeno balneário, bem escuro, segundo a moda de antigamente: os nossos maiores não apreciavam os banhos quentes senão às escuras! Senti então um grande prazer ao confrontar os costumes de Cipião com os nossos de hoje: era em semelhante cubículo que o grande homem — o "terror de Cartago" —, a quem Roma ficou devendo não ter sido conquistada pela segunda vez, lavava o corpo cansado dos labores agrícolas! Sim, que ele não se eximia ao trabalho, mas, seguindo os antigos costumes, arava ele próprio a terra. Cipião viveu sob este tecto tão sem graça, pisou estes pavimentos tão ordinários! Nos dias de hoje, quem se resignaria a tomar banho em condições semelhantes? Qualquer um se considera pobre e mesquinho se as suas paredes não resplandecerem com grandes e preciosas incrustações, se os seus mármores de Alexandria não forem decorados com mosaicos da Numídia, trabalhosamente recobertos de verniz como se de pinturas se tratasse, se não tiverem uma cúpula recoberta de vidro, se o mármore de Tasos não revestir as piscinas onde metemos o corpo emaciado pelo banho de vapor, se, enfim, a água não correr de torneiras em prata! E, por enquanto, até estou falando das canalizações da plebe: que não dizer quando me referir aos balneários dos libertos! Que multidão de estátuas, que sem número de colunas que nada sustentam, apenas decorativas, só para exibição de riqueza! Que abundância de água caindo ruidosamente em cascatas! Chegamos ao luxo de só poder pisar pedras preciosas!... No balneário de Cipião não há

propriamente janelas, mas apenas umas fendas estreitas que deixam entrar a luz sem pôr em causa a solidez da construção. Hoje dá-se o nome de "banhos para traças" aos balneários cuja construção não permite receber a luz durante o dia todo por janelas enormes. Se é impossível tomar banho e ficar bronzeado ao mesmo tempo, se não se pode contemplar a paisagem de dentro da banheira, já não presta! E assim é que requintes que suscitaram a admiração dos visitantes aquando da inauguração passam ao rol das velharias mal o luxo descobre alguma novidade em que despender energias. Antigamente, os balneários públicos eram pouco numerosos e sem a mínima decoração. Para que, de facto, decorar uma coisa de valor mínimo, de finalidade meramente utilitária e não destinada ao prazer? Não havia água corrente como que brotando continuamente de uma fonte quente, nem os antigos se preocupavam com a iluminação do espaço onde iam libertar-se da sujidade. Porém, santos deuses!, como é agradável entrar nesses balneários sombrios revestidos de estuque vulgar, quando se sabe que quem cuidava deles por suas próprias mãos eram edis como Catão, Fábio Máximo ou algum dos nobres Cornélios! Sim, os mais nobres edis desempenhavam outrora a função de entrar nesses lugares frequentados pela multidão, de assegurar a sua limpeza, de manter uma temperatura adequada à saúde, e não este calor que hoje está na moda e mais parece calor de incêndio, a ponto de quase se poder castigar um escravo criminoso, mandando-o simplesmente tomar banho! Balneário aquecido ou incêndio no balneário — por mim não vejo onde estaria a diferença! Abunda hoje quem acuse Cipião de perfeito provinciano por não ter nos seus banhos quentes largas vidraças para deixar entrar o sol, e não se deixar destilar no meio da luz à espera de fazer a digestão no banho. "Oh!, pobre homem! Nem sabia viver!" Cipião não se lavava com água filtrada, frequentemente ela estava turva, e quando chovia mais, quase ficava com lodo. A ele, aliás, não lhe fazia diferença lavar-se assim, pois ia ao banho para se limpar do suor, e não dos perfumes. Não imaginas o que dizem disto os delicados de hoje? "Não invejo esse Cipião! Tomar banho em condições semelhantes é de facto viver exilado!..." Pois digo-te ainda mais: ele não tomava banho todos os dias. Segundo os eruditos que referem os velhos costumes de Roma, os antigos lavavam todos os dias os braços e as pernas, ou seja, a parte do corpo onde se juntava a sujidade proveniente do trabalho. Banho completo, só de nove em nove dias. Nesta altura haverá certamente quem diga: "Que porcos deviam eles andar!" A que julgas tu que eles cheiravam? A vida militar, a trabalho, a homem, em suma. Depois que se inventaram estes impecáveis balneários os homens tornaram-se mais porcos. O que diz Horácio quando quer retratar um indivíduo de maus costumes, notável pelos seus excessivos requintes? Diz que "Bucilo cheira a rebuçados!" Se Bucilo vivesse hoje em dia, por pouco pareceria cheirar a bode, faria o papel daquele Gargónio que, na mesma sátira, Horácio põe em confronto com Bucilo. Usar perfume hoje não basta: é preciso renová-lo duas e três vezes por dia para que o cheiro se não desvaneça. E todos se ufanam do perfume, como se fosse esse o seu cheiro

natural! Se as minhas considerações te parecem demasiado pessimistas atribui as culpas a esta vila onde Egíalo, um chefe de família extremamente activo (o actual dono desta propriedade), me ensinou que qualquer planta, por velha que seja, pode sempre ser transplantada. Aqui está uma coisa que nós, os velhos, devíamos ter o cuidado de aprender, porquanto nenhum de nós plantará um olival que [lacuna]. Tu gozarás do apoio daquela árvore que "crescendo lenta, só dará sombra aos teus futuros netos", conforme escreveu Vergílio. O nosso poeta, aliás, cuidava menos da verdade que da beleza literária, interessado como estava em proporcionar prazer aos seus leitores, e não em dar lições aos homens do campo! Sem referir mais pormenores, citar-te-ei um preceito erróneo que hoje mesmo me vi forçado a constatar: "na primavera semeiam-se as favas; e também tu planta da Média, és lançada aos sulcos abertos pelo arado; igualmente se prestam ao milho os cuidados anuais". Até que ponto é verdade que estas plantas devem ser semeadas na mesma época e que, para todas, a sementeira se deve fazer na Primavera, poderás ajuizá-lo por este facto: eu estou-te escrevendo no mês de Junho, já com Julho à porta. Pois bem, no mesmo dia vi eu os homens a colherem as favas e a semearem o milho. Mas voltemos às oliveiras. Vi-as serem plantadas segundo dois processos. Egíalo pega nos troncos de árvores grandes, corta-lhes os ramos, redu-los à altura de um pé e transplanta-o com o nó das raízes, mas cortando-lhes as raízes e deixando apenas o bolbo donde elas estavam pendentes. Depois mete numa cova este tronco com bastante estrume, e, não só o recobre de terra, como pisa essa terra até ficar bem calcada. Diz ele que não há processo mais eficaz do que este das "pisadelas"! O objectivo, ao que parece, é proteger a planta do frio e do vento; além disso, há menos possibilidade de a planta se deslocar, e assim é possível brotarem as raízes e fixarem-se ao solo; de facto, como as raízes são a princípio muito frágeis e se fixam com dificuldade, a menor deslocação do tronco arrancá-las-ia. O nosso homem, portanto, poda o nó das raízes antes de o meter na terra; diz ele que dos nós assim cortados brotam raízes novas. O tronco, aliás, não deverá elevar-se acima do solo mais do que três ou quatro pés; deste modo começa imediatamente a vicejar desde o solo, sem que grande parte dele se apresente seco e retorcido como se vê nas oliveiras muito velhas. O outro sistema de plantação é o seguinte: enterra de maneira idêntica os ramos fortes mas com a casca ainda não muito dura, como são habitualmente os das árvores jovens. Estes ramos desenvolvem-se um pouco mais lentamente mas, dado que crescem como que brotando da própria planta, têm um aspecto em nada rugoso ou repulsivo. Também assisti à transplantação de uma videira extremamente velha. Todos os seus raminhos, se for possível, devem ser reunidos, e em seguida deita-se a videira estendida na terra para que produza raízes mesmo do tronco. Vi videiras serem plantadas não só em Fevereiro mas até mesmo no fim de Março; e elas aguentam-se bem, agarrando-se, para se amparar, ao tronco dos ulmeiros. Todas estas árvores, "troncudas", passe a expressão, diz Egíalo que serão regadas com água da cisterna; se esta água é boa, temos chuva sempre à nossa

disposição! E não estou disposto a ensinar-te mais nada por hoje, para que, assim como eu estive sempre a contradizer Egíalo, não me venhas tu agora fazer o mesmo a mim!

CARTA 87

Naufraguei antes mesmo de embarcar! Não vou dizer-te como isto sucedeu, mas não fiques pensando que se trata de mais algum paradoxo estóico. Quando quiseres, aliás, — e mesmo que o não queiras! —, hei-de provar-te que nenhum destes paradoxos é falso nem tão estranho como parece à primeira vista. Entretanto este meu passeio ensinou-me como nos agarramos a tantas superfluidades de que, racionalmente, poderíamos prescindir, — tantas coisas de que nem sentiríamos a falta se delas fôssemos privados pela força das circunstâncias. Com um reduzido acompanhamento de escravos (apenas os que cabiam num só carro), sem outros apetrechos além do que trazíamos no corpo, eu e o meu amigo Máximo estamos já a gozar o segundo dia de uma tranquila existência. Ponho um colchão por terra e deito-me no colchão; de dois capotes que trago, um serve-me de lençol, o outro de cobertor. As refeições reduzem-se ao imprescindível, e são preparadas sem requintes culinários para todo o lado levo figos secos, a toda a hora tenho comigo o bloco de apontamentos. Se há pão, os figos servem-me de conduto, se não há, ocupam o lugar do pão. Fazem para mim de cada dia um dia de Ano Novo, que eu procuro tornar propício e feliz com bons pensamentos e grandeza de alma. E esta nunca é maior do que quando renunciamos ao supérfluo e conseguimos a paz pela supressão do medo, bem como a riqueza pela supressão dos desejos. O carro que me transporta é uma carroça do campo; as mulas só dão sinal de vida porque sempre lá vão caminhando; o carroceiro vai descalço, mas não por causa do calor. Dificilmente consigo de mim próprio a confissão aberta de que uma tal carroça me pertence. Ainda me não libertei por completo desta indigna vergonha de agir bem: sempre que vem ao nosso encontro algum grupo mais aparatoso, coro, embora contrariado. Isto só prova como aquele modo de agir que eu considero digno e louvável ainda se não fixou de modo definitivo e inabalável no meu espírito. Ora, quem se envergonha de uma modesta carroça envaidecer-se-á de uma carruagem de luxo. Portanto, até agora ainda pouco progredi: ainda não ouso praticar a frugalidade em público, ainda me preocupa a opinião dos outros viajantes! O que eu deveria ter feito era clamar essa oposição à mentalidade generalizada: "Como sois loucos e insensatos, perdidos de admiração pelas futilidades e incapazes de avaliar alguém por si mesmo! Quando se trata de dinheiro, todos vós, como exímios contabilistas, avaliais com rigor a situação do homem a quem ides fazer um empréstimo ou prestar um favor (já que os favores são tratados como meros investimentos): "Ele tem vastas propriedades, mas está cheio de dívidas; possui uma bela casa, mas comprada com dinheiro emprestado; ninguém exibe um mais bonito grupo de escravos, mas é incapaz de satisfazer os seus compromissos; se ele pagasse aos credores, ficava sem nada." O mesmo

rigor de apreciação deveríeis usar em relação a tudo o mais, avaliando com exactidão o que cada homem tem mesmo de seu." Pensas que este homem é rico por mesmo em viagem se fazer servir em baixela de ouro, por ter campos de lavoura em todas as províncias, por folhear um enorme livro de contas, por possuir nos arredores de Roma terrenos com tal extensão que, embora fossem charnecas da Apúlia, despertariam a inveja! Pois apesar de tudo isso, ele é pobre. E porquê? Porque tem dívidas. "Muitas"? — perguntas. — Deve tudo! A menos que penses haver diferença entre pedir um empréstimo a outro homem ou solicitá-lo à fortuna. Para que servem essas parelhas de gordas mulas, todas da mesma cor? Para quê esses carros com baixos relevos em metal? "Corceis recobertos de púrpura, e coloridos panejamentos: são em ouro os arreios que lhes pendem sobre o peito, e, de ouro cobertos, é de ouro fulvo ainda o freio que mordem!" Todos estes adornos em nada tornam melhor nem o proprietário nem a mula! Marco Catão, o Censor, cujo nascimento foi tão benéfico à república romana como o de Cipião (pois enquanto um fez a guerra aos inimigos externos, o outro combateu a corrupção moral), deslocava-se montado num macho carregado de alforges onde transportava os objectos de que necessitava. Bem gostaria eu que se cruzasse com ele algum destes filhos-família, ricaços de exibição, precedidos de escravos batedores, de escolta númida, levantando à sua passagem uma nuvem de poeira! O nosso jovem, sem dúvida, teria uma aparência mais requintada e imponente, do que a de Catão — este nosso jovem que, no meio de todo o seu vistoso aparato, se debate sem saber se se há-de alistar como gladiador ou caçador de feras Glorioso século aquele em que um general, um triunfador, um censor e, mais relevante ainda, um Catão, se contentava com um só cavalo, melhor dizendo, meio cavalo, pois os sacos de bagagens pendentes a um lado e a outro ocupavam parte do animal. Quem não preferiria aos rechonchudos póneis, aos corredores asturianos, aos cavalinhos trotadores de hoje em dia aquele solitário cavalo tratado por Catão em pessoa?! Estou vendo que esta matéria se não esgota caso eu não decida pôr-lhe ponto final. Não vou, portanto, dizer mais nada sobre o assunto; mas é uma verdade que quem primeiro chamou às bagagens, "empecilhos" adivinhou perfeitamente os hábitos hoje correntes! De seguida, proporei à tua consideração uns quantos silogismos da nossa escola, que demonstram como a virtude é condição necessária e suficiente para vivermos felizes, conforme nós sustentamos. "Todo o bem torna o homem bom (por exemplo, aquilo que a música tem de bom faz de um homem um músico); os benefícios do acaso não tornam um homem bom, logo não são bens." Os peripatéticos respondem a este argumento afirmando a falsidade da nossa primeira premissa. "Uma coisa boa" — dizem eles — "não torna necessariamente os homens bons. Na música há coisas boas — uma flauta, um instrumento de corda, qualquer outro aparelho adequado à produção do canto —, mas nenhum de tais instrumentos faz de um homem um músico." A isto responderemos que não entenderam a nossa ideia ao falarmos do "que a música tem de bom." Nós não falamos do equipamento do músico, mas sim do que faz

dele um músico; o nosso opositor fala dos acessórios da arte, não da arte em si mesma. Por isso mesmo, o bem próprio da arte musical, esse é que faz de um homem um músico. Vou tentar dizer o mesmo de uma forma mais clara. Quando dizemos "o bem próprio da arte musical", pode entender-se o termo bem em dois sentidos: por um lado, o que faz de um músico um executante, por outro, o que faz dele um artista. Para efeitos de execução são necessárias flautas, cordas, quaisquer outros instrumentos; mas em termos de arte estes são irrelevantes. Mesmo sem instrumentos o músico continuará artista; poderá, quando muito, ser impedido de praticar a sua arte. Esta duplicidade não se verifica no homem: o bem do homem e o bem da vida são um e o mesmo. "Tudo quanto está ao alcance do mais desprezível e infame dos homens não deve ser considerado um bem; ora a riqueza está ao alcance de um proxeneta ou de um lanista; logo, a riqueza não é um bem. "A vossa proposição é falsa." — dizem os nossos antagonistas. — "Nas actividades profissionais de gramático, de médico ou de piloto vemos os respectivos bens serem acessíveis a homens extremamente humildes." Só que tais profissões não têm por finalidade a grandeza de alma, não implicam elevação moral, não são hostis aos favores do acaso. Em contrapartida, a virtude engrandece o homem e eleva-o acima das preferências do vulgo, sem desejar nem temer em excesso o que a opinião corrente toma como bem ou como mal. Quelídon, um dos eunucos que rodeavam Cleópatra, chegou a ser dono de um vasto património. Ainda recentemente, Natal, homem de língua tão viperina como debochada, — diz-se que usava a boca para saborear os corrimentos das mulheres! —, foi herdeiro de muitos ricaços, e deixou por sua vez numerosos herdeiros. Que dizer deste caso? Foi o dinheiro que fez dele um debochado, ou ele que conspurcou o dinheiro? Nas mãos de certa gente, o dinheiro até parece um denário caído num cano de esgoto. A virtude está acima destas contingências; é avaliada pelo seu valor intrínseco; e dos favores da sorte, acessíveis indiscriminadamente a qualquer, nenhum é a seus olhos um bem. A medicina ou a pilotagem não proíbem aos seus praticantes a admiração por tais benesses; mesmo sem se ser homem de bem pode-se ser médico, piloto, gramático, ou porque não?, cozinheiro! Um homem a quem é dado possuir um bem invulgar não pode considerar-se um homem vulgar. Cada um é tal qual os bens que possui. Um cofre vale pelo que tem lá dentro, melhor dizendo, o cofre é um mero acessório do conteúdo. Imaginemos um saco cheio de dinheiro: que outro valor lhe atribuímos além do valor das moedas nele contidas? O mesmo se verifica com os donos de grandes patrimónios: não passam de simples acessórios, de suplementos. A razão de o sábio ser grande está na grande alma que possui. Por conseguinte, é verdade que tudo quanto está ao alcance do mais desprezível dos homens não deve ser considerado um bem. Nunca direi, por exemplo, que a insensibilidade é um bem: quer a cigarra quer o pulgão são dotados dela! Nem sequer chamarei um bem ao repouso ou à ausência de desgostos: há bicho mais repousado do que um verme? Queres saber o que caracteriza o sábio? O mesmo que caracteriza a divindade. No sábio há que

reconhecer algo de divino, de celeste, de superior. O bem não está à mão de todos nem admite que qualquer um se arrogue a sua posse. Observa como "cada região produz certas coisas e é hostil a outras: aqui dão-se melhor as searas, acolá as videiras, além crescem as árvores de fruto ou as ervas espontâneas. Não vês como o Tmolo nos dá o odor do açafrio, a Índia o marfim, os moles Sabeus o incenso, os Cálibes semi-nus o ferro?" Todas estas produções foram disseminadas por várias regiões de modo a tornar imprescindível o comércio entre os homens sempre que cada grupo necessita dos produtos alheios. O supremo bem tem igualmente a sua sede própria; não é peculiar à terra do marfim ou à terra do ferro. Queres saber que lugar habita o bem supremo? A nossa alma. Mas se esta não for moralmente pura e recta nunca sentirá o divino dentro de si. "De um mal não pode resultar um bem; ora, a riqueza é o resultado da avidez; logo, a riqueza não é um bem." A objecção que nos fazem é que não é exacto de um mal não poder resultar um bem: "A riqueza pode ser o resultado de um sacrilégio ou de um roubo. É certo que o sacrilégio ou o roubo são males, mas sobretudo por darem origem mais a males do que a bens. Podem conseguir proveito, mas acompanhado de medo, inquietação, sofrimento psíquico e físico." Quem assim fala admite necessariamente que o sacrilégio, embora sendo um mal porque gera muitos males, é em certa medida um bem, pois pode originar algo de bom! Pode fazer-se afirmação mais monstruosa do que esta? Pouco falta para nos convencermos a incluir no número dos bens o sacrilégio, o roubo, o adultério! Não há tanta gente que se não envergonha de roubar, tanta gente que se envaidece dos seus adultérios? Mais: os pequenos sacrilégios são punidos, os grandes são exibidos nos cortejos triunfais. Acrescente-se que, se de alguma forma considerarmos o sacrilégio como um bem, teremos de considerá-lo igualmente como uma acção honesta e moralmente justa (pois uma acção honesta é uma acção moralmente justa), coisa que nenhum ser humano se atreverá seriamente a admitir. Por conseguinte é impossível que de um mal resulte algum bem. Se, conforme afirmais, o sacrilégio é um mal apenas na medida em que origina muitos males, caso não o puníssemos com suplícios e lhe garantíssemos a impunidade, então seria plenamente um bem. A maior punição de um crime, contudo, está nele mesmo. É um erro imaginar que o castigo está nas mãos do carrasco ou do carcereiro: o crime é punido quando é cometido, mais, enquanto é cometido. Consequentemente, de um mal não pode nascer um bem, tal como numa oliveira não podem nascer figos! O fruto corresponde à semente, e um bem não degenera. Tal como a moralidade não decorre de acções indignas, também de um mal não pode provir um bem, pois o bem e a acção moralmente justa são uma e a mesma coisa. Certos estóicos contestam a objecção que referi desta outra maneira: "Imaginemos que o dinheiro, seja qual for a sua proveniência, é um bem. Neste caso o dinheiro não é o resultado de um sacrilégio, mesmo se conseguido através de um sacrilégio. Explicando melhor: dentro do mesmo vaso há uma moeda de ouro e uma víbora; se tirares a moeda do vaso, não é por lá estar também uma víbora que a tiras, isto é, o vaso não me

dá o ouro por lá ter dentro uma víbora, dá-mo, sim, embora lá tenha também a víbora. Similarmente, pode obter-se proveito de um sacrilégio, não por o sacrilégio ser uma acção indigna e criminosa, mas sim porque também é uma acção proveitosa. Tal como no caso do vaso o mal é a víbora, e não o ouro que está ao pé da víbora, também no caso do sacrilégio o mal está no crime, não no lucro." Por mim não aceito este raciocínio, pois a situação é completamente diferente num caso e noutro. No primeiro, eu posso tirar o ouro sem tocar na víbora, no segundo, porém, não posso obter lucro sem cometer sacrilégio. Ou seja, o lucro não está justaposto, mas sim indissociavelmente ligado ao crime. "Uma coisa que, se a queremos obter, nos sujeita a inúmeros males, não é um bem; ora, se queremos obter a riqueza sujeitamo-nos a inúmeros males; logo, a riqueza não é um bem." "A vossa proposição" — dizem-nos — "pode entender-se em dois sentidos. Por um lado significa que, ao querermos obter a riqueza, nos sujeitamos a muitos males. Todavia também nos sujeitamos a muitos males se pretendermos alcançar a virtude; podemos fazer uma viagem a fim de nos instruirmos, e a meio dela naufragarmos ou cairmos nas mãos de piratas. Por outro lado, pode significar que não é um bem aquilo que nos sujeita ao mal. Ora esta proposição não implica necessariamente que a riqueza ou o prazer nos sujeitem ao mal; ou então, se a riqueza nos sujeita necessariamente ao mal, ela não só não será um bem mas será mesmo um mal, enquanto vós vos limitais a dizer que ela não é um bem. Além disso — prosseguem — vós admitis que a riqueza tem certa utilidade, incluindo-a até entre as coisas vantajosas à vida. No entanto, segundo o raciocínio precedente, nem sequer seria uma coisa vantajosa, pois por sua causa podemos incorrer em muitas desvantagens." Alguns dos nossos respondem: "Estais enganados quando atribuís as desvantagens à riqueza. A riqueza não faz mal a ninguém; o que faz mal ou é a própria estultícia ou a perversidade alheia. Um gládio também não mata ninguém, é somente a arma do assassino. Não é, portanto, a riqueza que nos faz mal, mesmo que nos façam mal por causa dela." Em meu entender, é superior a argumentação de Posidónio. Segundo ele, a riqueza é causa do mal, não porque ela em si o provoque mas porque dá azo a que outros o façam. De facto, uma coisa é a causa eficiente — que necessariamente produz desde logo o mal -, outra é a causa antecedente. A riqueza funciona como causa antecedente: sobe-nos à cabeça, gera o orgulho, desperta a inveja e de tal modo nos perturba a razão que, mesmo sabendo os inconvenientes de ter fama de rico, nem assim desistimos de a ter. Os verdadeiros bens, esses, devem estar ao abrigo da censura; são puros, não corrompem a alma, não a enchem de inquietação. Exaltam a alma, sim, elevam-na, mas sem vaidades. Os bens dão-nos confiança, a riqueza só nos dá audácia; os bens dão-nos grandeza de alma, a riqueza dá-nos insolência. E a insolência não passa de uma falsa aparência de grandeza. "Deste modo" - diz ele — "a riqueza, não só não é um bem, como é mesmo um mal." A riqueza seria um mal se ela própria causasse o mal, se, como disse acima, fosse uma causa eficiente. Ela é porém uma causa antecedente; não apenas desperta a atenção como ainda

tem um efeito de sedução, pois apresenta uma aparência de bem que parece real e digna de crédito à maioria. A virtude funciona também como causa antecedente em relação à inveja; tanto a sabedoria como a justiça despertam muito frequentemente a inveja. Todavia, esta causa não se origina na própria virtude, nem corresponde inteiramente à verdade. Esta é bastante mais visível quando o aspecto com que a virtude se apresenta aos espíritos vai antes no sentido de os incitar ao respeito e à admiração. Posidónio reformula o silogismo como segue: "Tudo o que não nos proporciona grandeza de alma, confiança, segurança, não deve ser considerado um bem; a riqueza, a saúde e coisas semelhantes não nos proporcionam nada disto; logo não são bens." E completa ainda o silogismo com este outro: "Tudo o que não dá à alma grandeza, confiança, segurança, mas pelo contrário, desperta nela a insolência, o orgulho, a arrogância, deve ser considerado um mal; os favores da sorte causam em nós estes defeitos; por conseguinte, não são bens." "Segundo este raciocínio" — pode objectar-se — "a riqueza nem sequer é uma coisa vantajosa." É diferente a condição das coisas vantajosas e a dos bens. Uma coisa é vantajosa quando tem mais utilidade do que inconvenientes; um bem é um valor absoluto totalmente incapaz de ocasionar o mal. Uma coisa não é um bem por ser muito útil, mas sim por não poder deixar de ser útil. Além disso, uma coisa vantajosa pode ter interesse para os animais, para os homens imperfeitos ou mesmo estultos. Pode conter ainda em si algo de desvantajoso, embora se considere uma coisa vantajosa na maior parte dos casos. O bem, esse, somente está ao alcance do sábio, e tem necessariamente de ser impoluto. Tem coragem, meu amigo, só te resta mais um problema, se bem que este seja um trabalho de Hércules! "O bem não provém de um conjunto de males; a riqueza provém de um conjunto de pobrezas; logo, a riqueza não é um bem." Este silogismo não é originário da nossa escola; foram os peripatéticos quem o inventou e resolveu. Posidónio, por seu lado, afirma que este sofisma, debatido em todas as escolas de dialéctica, foi refutado por Antípatro conforme segue: "Quando falamos em pobreza não temos em vista a posse, mas sim a privação" (ou orbatio, como se dizia antigamente; κατὰ στέρησιν, como se diz em grego); "a palavra não implica a ideia de possuir, mas a de não possuir. Com uma série de vazios não se consegue encher nada: a abundância de objectos é que constitui a riqueza, não a abundância de carências. Estais a interpretar o termo pobreza incorrectamente. A pobreza não consiste em possuir poucas coisas, mas em haver muitas coisas que se não possuem. Ou seja, o termo alude não às posses, mas às carências. " Eu expressar-me-ia com mais facilidade se em latim existisse um vocábulo com o sentido de ἀνυπαρξία. É este, segundo Antípatro, o traço distintivo da pobreza. Assim, não consigo ver em que consiste a pobreza senão na posse de poucas coisas. Um dia que tenhamos tempo havemos de examinar a questão da substância da riqueza e da pobreza. Nessa altura veremos também se não será melhor encarar com menos severidade a pobreza e tirar à riqueza os seus ares altivos, em vez de estarmos aqui a discutir sobre palavras convencidos de que ajuizamos sobre a essência das

coisas! Imaginemos que somos convocados para uma assembleia onde se vai discutir uma lei sobre a abolição da riqueza. Iremos nós persuadir os presentes, num sentido ou noutro, com silogismos deste tipo? Conseguiremos convencer com eles o povo romano a preferir com entusiasmo a pobreza — fundamento e causa do seu poderio! — e a suspeitar das suas próprias riquezas, reflectindo em que as conquistou aos povos vencidos, que delas resultou a introdução, nesta cidade de tão puros e austeros princípios, da corrupção eleitoral, da venalidade, da agitação social? Fá-lo-emos reconhecer que é excessiva a ostentação de troféus dos vencidos? E que tudo quanto um único povo roubou a todos os outros, todos estes o poderão roubar facilmente por sua vez àquele povo único? Aqui está a tese que nos importa propagar; e também erradicar as paixões, em vez de tentar dar delas definições exactas. Se tal nos for possível, falemos com maior vigor; se não, falemos em termos mais claros!

CARTA 88

Queres saber o que eu penso das "artes liberais": não admiro, nem incluo entre os bens autênticos um estudo que tenha por fim o lucro. São conhecimentos subsidiários, úteis apenas enquanto servem de preparação ao intelecto, mas desde que não sejam a sua única ocupação. Somente devemos deter-nos na sua prática enquanto o nosso espírito não for capaz de tarefa mais alta; são somente exercícios, não obras a sério. Compreendes por que razão se lhes chama "estudos liberais": porque são dignos de um homem livre. No entanto, o único estudo verdadeiramente liberal é aquele que torna o homem livre; e esse é o estudo — elevado, enérgico, magnânimo — da sabedoria; os outros são brincadeira de crianças! Ou julgas tu que há algo de bom em matérias que vês serem professadas pelos mais indignos e prejudiciais dos mestres? Tais matérias devemos tê-las estudado uma vez, e não continuar a estudá-las. Alguns inquiriram se os estudos liberais são susceptíveis de formar um homem de bem: ora não é esse o seu propósito, nem pretendem sequer arrogar-se tal capacidade. A gramática ocupa-se do estudo da linguagem; se pretender espraiar-se mais longe ocupar-se-á da explicação de textos, e se chegar aos seus extremos limites abordará a poética. Em que é que estes assuntos aplanam a via para a virtude? A divisão das sílabas, a observação dos significados, o conhecimento dos temas mitológicos, as leis e variações dos versos — em que é que isto contribui para nos livrar do medo, nos libertar do desejo, nos refrear as paixões? Passemos à geometria e à música: nelas nada encontrarás que nos impeça de sentir receios ou desejos. E quem não adquirir estes conhecimentos essenciais não ganha nada em adquirir outros! Vejamos se os mestres das artes liberais ensinam ou não a virtude; se não a ensinam, não podem transmiti-la; se a ensinam, então são filósofos. Queres verificar até que ponto é verdade que eles não ensinam a virtude? Repara como a especialidade de cada um difere da de todos os outros; ora, se todos professassem a mesma doutrina haveria semelhança entre eles. A menos que consigam convencer-te de que Homero foi filósofo, quando os

próprios argumentos que usam provam o contrário. Às vezes fazem dele um estóico, que apenas admite a virtude e evita os prazeres, incapaz de se desviar da conduta moral mesmo a troco da imortalidade; outras vezes um epicurista que aprecia a situação pacífica da cidade e passa a vida entre banquetes e recitais; outras, um peripatético, que considera três categorias de bens; outras ainda, um académico, afirmando que tudo quanto existe é incerto. É evidente que em Homero não existe nenhuma destas teorias simplesmente porque as há todas, e todas diferem umas das outras. Admitamos que Homero foi filósofo: nessa altura, é porque foi um sábio ainda antes de saber o que fosse a poesia; estudemos então as matérias que fizeram de Homero um sábio. Pôr-me a indagar qual dos dois era mais velho, se Homero, se Hesíodo, importa-me tanto como saber por que motivo Hécuba, que de resto era mais nova do que Helena, suportava tão mal o peso da idade. Pois quê? Havemos de considerar matéria de peso saber quantos anos tinham Pátroclo ou Aquiles? Investigar por onde andou Ulisses errante, em vez de procurar não andar errantes nós? Não há vagar para discretear se Ulisses passou tormentas entre a Sicília e a Itália, ou se ultrapassou os limites do mundo conhecido (já que uma errança tão longa mal caberia em tão curto espaço): é quotidianamente que as tempestades da alma nos assaltam, que a perversidade nos arrasta por todos os males por que passou Ulisses. Não faltam coisas belas que nos atraiam perigosamente os olhos, não faltam inimigos. De um lado há monstros cruéis, ávidos de sangue humano; de outro, insidiosas lisonjas aos nossos ouvidos; de outro, naufrágios e calamidades de toda a espécie. Ensina-me a amar a pátria, a esposa, o pai; ensina-me como, mesmo após um naufrágio, eu poderei singrar na via da honestidade. Para quê indagar se Penélope foi casta ou não, se com as suas palavras conseguiu enganar os contemporâneos?. Ou se, ainda antes de ter a certeza, ela já suspeitava de que o homem que estava à sua frente era Ulisses? Ensina-me, sim, o que é a castidade, até que ponto ela é um bem, e se está dependente do corpo ou do espírito. Passemos ao músico. Tu ensinas-me de que modo se harmonizam os sons agudos e graves, de que modo produzem um acorde os diferentes sons produzidos pelas cordas: indica-me antes o modo de ter o espírito em harmonia consigo mesmo, de ter consonância nas minhas ideias. Indicas-me quais são os modos plangentes: ensina-me antes a não soltar palavras plangentes mesmo na adversidade. O geómetra ensina-me a medir os latifúndios, em vez de me ensinar a medir quanto basta para um homem; ensina-me a contar, treina-me no manejo dos números ao serviço da avareza, em vez de me ensinar que tais cálculos nada interessam à minha formação, que um homem cujos bens deixam os contabilistas fatigados não é mais feliz por isso; melhor, como são supérfluos os bens cujo dono seria o mais infeliz dos homens se fosse coagido a contabilizar pessoalmente tudo quanto possui. Que me importa saber como lotear um terreno se não sei dividi-lo com o meu irmão? Que me importa medir com toda a minúcia as dimensões de uma leira, e ver num relance se alguma fracção ficou sem ser marcada, se a insolência de um vizinho que me subtrai algum torrão me

deixar em ânsias? Ensinam-me a não perder qualquer fracção da minha propriedade: ora o que eu quero aprender é a ficar sem ela inteira e manter o rosto alegre. Dir-se-á: "Expulsam-me das terras do meu pai, do meu avô." Sim? E antes do teu avô quem era o dono dessas terras? És capaz de dizer, já não peço o nome do antigo dono, mas ao menos de que nação era ele? Ocupaste esse terreno, não como proprietário, mas como colono. E colono em proveito de quem? Se as coisas te correrem bem, do teu herdeiro! Os juristas afirmam que não é possível tomar em usucapião a propriedade pública: logo, aquilo que possuis, que dizes ser teu, é público, mais pertence ao género humano. Que notável técnica: sabes medir círculos, reduzir à forma de um quadrado qualquer polígono que te apresentem, sabes determinar as distâncias entre os astros, não há nada a que não se apliquem os teus instrumentos de medida: pois se és tão bom técnico, mede o espírito humano, diz até que ponto ele é grande, ou é pequeno. Sabes o que é uma linha recta: de que te serve isso se não souberes andar na vida com rectidão? Passemos agora ao especialista no conhecimento dos astros, aquele que sabe "onde vai ocultar-se o gélido astro de Saturno, as paragens celestes por onde erra ígneo deus de Cilene!" Que me adianta este saber? Ficar preocupado cada vez que Saturno e Marte estão em oposição, ou Mercúrio entra no ocaso com Saturno ainda acima do horizonte? Não seria melhor saber que, onde quer que estejam, os astros são propícios e imutáveis? Move-os a ordem constante do destino, o seu curso inevitável; eles seguem a trajectória que lhes foi fixada, e são causa ou indício de todos os acontecimentos. Se são causa de tudo quanto acontece, em que nos beneficia o conhecimento de algo que é imutável? Se são indício, que nos adianta prever aquilo a que não podemos escapar? Quer previamente saibas, quer não, as coisas acontecem. "Se reparares no curso do Sol e na marcha ordenada das estrelas, nunca o dia seguinte te enganará, nem te iludirá a aparência falsa de uma noite serena." Tomei todas as providências para me defender de qualquer aparência falsa. "Então o dia seguinte nunca me enganará? O engano provém de suceder o que se não espera." Eu por mim ignoro o que vai suceder; sei, todavia, tudo o que pode acontecer. E disto não peço descontos: espero tudo quanto venha. Se algo me for poupado, aceitarei o benefício. Engana-me o dia seguinte se me não for fatal; não, nem assim me engana. Tal como sei que tudo pode suceder, também sei que não sucede tudo ao mesmo tempo. Por isso, aguardo que suceda o melhor, embora me prepare para o pior. Neste ponto hás-de permitir-me que não siga a tradição: não consigo admitir no número das "liberais" a arte do pintor, do escultor, do marmorista ou de outros artesãos de peças de luxo. Também elimino do número das artes liberais a prática da luta, técnica toda baseada no óleo e no pó, a menos que deva incluir nelas a arte dos perfumes, a culinária e todas as demais que existem para servir os nossos prazeres!... O que há de liberal, pergunto eu, nestes indivíduos que vomitam em seco, que quanto mais engordam o corpo mais deixam o espírito macilento e letárgico? Podemos considerar alguma destas artes como estudo liberal para os nossos jovens, os

jovens cuja formação os nossos maiores asseguravam fazendo-os brandir lanças, atirar chuços, dominar cavalos, lidar com armas? 'Antigamente não ensinavam aos filhos nada que estes pudessem aprender deitados! Diga-se que nem um nem outro tipo de educação ensina e desenvolve a virtude. Que importa, de facto, saber dominar um cavalo e refrear a sua corrida, se nos deixarmos levar pelas mais desenfreadas paixões? Que interessa ser capaz de vencer na luta ou no pugilismo muitos adversários, se nos deixarmos vencer pela cólera? "Nesse caso, os estudos liberais não nos são de qualquer utilidade?" Têm muita utilidade em outros aspectos, nenhuma no que concerne à virtude. Na realidade, também as artes "manuais", que são reconhecidamente inferiores, têm grande importância no que toca aos acessórios da vida, mas nada têm a ver com a virtude. "Então, porque instruímos os nossos filhos através dos estudos liberais?" Não é porque estes lhes possam transmitir a virtude, mas porque preparam o espírito para recebê-la. Do mesmo modo que a "cartilha", como lhe chamavam os antigos, pela qual as crianças aprendem as letras do alfabeto, não lhes ensina as artes liberais, mas torna-as aptas a poderem aprendê-las mais tarde, também as artes liberais não guiam o espírito até à virtude, mas facilitam-lhe o trajecto. Posidónio considera que há quatro tipos de artes: as vulgares e inferiores, as recreativas, as educativas e as liberais. São vulgares as dos artesãos, simplesmente manuais, e dirigidas apenas aos objectos acessórios que usamos; nelas não há qualquer aproximação com a formação intelectual e moral. As recreativas são as que têm por objecto o prazer dos olhos e dos ouvidos: entre elas incluirás, por exemplo, a arte dos maquinistas de teatro inventores de cenários que surgem sem se saber como, de estrados que se elevam no ar silenciosamente, ou ainda de outras invenções inesperadas: elementos antes unidos que se afastam, outros antes afastados que parecem unir-se por si mesmos, outros que se erguem no ar e lentamente vão descendo. Tudo isto atrai a atenção dos ignorantes, prontos a admirar todos os efeitos inesperados de que desconhecem as causas. São educativas aquelas artes, já com algo de comum com as liberais, que os gregos chamam "enciclopédicas", e os romanos igualmente chamam "liberais". Mas verdadeiramente liberais, ou com mais propriedade, verdadeiramente "livres", são aquelas cujo objectivo é a virtude. Uma objecção possível: "Tal como a filosofia tem uma parte natural, outra moral e uma terceira racional, assim também o conjunto das artes liberais exige lhe seja dado um lugar dentro da filosofia. Quando se abordam as questões naturais, é imprescindível o contributo da geometria; logo, esta é a parte da ciência a que dá o seu contributo." Há muitas coisas que nos prestam o seu contributo sem por isso serem parte de nós mesmos; digo mais, se fossem parte não dariam contributo. A alimentação é um contributo, mas não uma parte do nosso corpo. A geometria presta-nos um determinado serviço, e por isso a filosofia necessita dela, tal como ela necessita de um técnico, mas nem é parte da geometria nem a geometria é parte da filosofia. Além disso, cada uma tem o seu domínio próprio: o sábio investiga e descobre as causas dos fenómenos naturais, o geómetra

procura e calcula os números e as medidas. O sábio descobre as leis que regem os corpos celestes, qual o seu alcance e a sua natureza: estudar o curso da respectiva órbita, as inclinações que apresentam e devido às quais descendem e ascendem, e por vezes parecem ficar parados (embora 'os corpos celestes nunca possam parar), essa é a tarefa do matemático. O sábio descobre a causa pela qual um espelho reflecte uma imagem: o geómetra saberá dizer-te que distância deve existir entre o corpo e a imagem, e qual o tipo de espelho que produz este ou aquele tipo de imagem. O filósofo demonstrar-te-á que o Sol é grande, o matemático, baseado na prática e na experiência, dir-te-á quanto ele mede. Mas como base o matemático necessita de alguns postulados fundamentais, pois nenhuma arte existe de pleno direito se os seus fundamentos forem deficientes. A filosofia não depende de nada, constrói sozinha todo o seu edifício. A matemática, por assim dizer, é usufrutuária, edifica em terreno alheio; recebe os elementos de base cuja utilização lhe permite ir mais além. Se através dela fosse possível atingir a verdade, se ela fosse capaz de abarcar a natureza do universo, eu diria que ela era de grande utilidade para o espírito humano, o qual se eleva pelo estudo do mundo celeste e como que recebe em si algo do céu. Um único caminho conduz a alma humana à plenitude: a ciência imutável do bem e do mal; nenhuma outra arte existe dedicada à investigação dos bens e dos males. Passemos em revista cada uma das virtudes. A coragem consiste em desprezar as causas de terror; tudo o que inspira medo e subjuga a nossa liberdade, tudo ela despreza, desafia, derruba. Acaso as artes liberais nos ajudam a conseguir isto? A lealdade é o mais sagrado bem do coração humano, nenhuma imposição a pode obrigar a trair, nenhuma esperança de lucro a corrompe; "Queima, tortura, mata!" — diz ela — "Não trairei; quanto mais a dor me tentar arrancar os segredos, mais fundo eu os esconderei!" Acaso as artes liberais são capazes de provocar uma tal coragem? A temperança refreia os prazeres, odeia e afasta uns, modera outros e redu-los a limites justos, nunca busca o prazer pelo prazer; sabe que a medida justa para aquilo que desejamos não é o nosso apetite, mas apenas a quantidade de que é lícito desfrutar. A simpatia humana impede a soberba e a agressividade para com o próximo; mostra-se amável e afável com todos em palavras, actos e sentimentos; não considera como alheio o mal dos outros, e dos seus bens próprios nenhum estima mais do que aqueles que podem ser Úteis a outrem. Acaso as artes liberais podem formar em nós um tal carácter? Não, tal como nos não podem ensinar a simplicidade, a modéstia, a moderação, nem sequer a frugalidade ou a parcimónia, nem sequer a clemência — que nos ensina a poupar a vida alheia tanto como a nossa própria e que sabe que um homem não deve desperdiçar a vida de outro homem. Poder-se-á objectar: "Vós dizeis que sem as artes liberais é impossível atingir a virtude; por que razão dizeis agora que elas em nada contribuem para a virtude?" Pela mesma razão por que sem comida não se atinge a virtude, e nem por isso a comida tem qualquer coisa a ver com a virtude; também um monte de tábuas não faz um navio, embora não possa haver um navio sem tábuas. Não há razão para considerar contributo qualquer

coisa indispensável à existência de outra coisa. Ainda te digo mais: é possível chegar à sabedoria sem as artes liberais, pois embora a virtude se aprenda não é através delas que se aprende. Que razão me impede de pensar que pode vir a ser sábio um homem que desconhece o alfabeto, uma vez que a sabedoria não reside fio alfabeto? A sabedoria cinge-se às acções, não às palavras; não sei mesmo se não será mais segura a memória que dispensa qualquer auxílio exterior. A sabedoria é algo de grande e de vasto; exige para si todo o espaço; temos de nos debruçar sobre o divino e o humano, sobre o passado e o futuro, sobre o transitório e o eterno, sobre o tempo. E vê quantas questões apenas este último suscita: primeiro, se ele em si mesmo é alguma coisa; depois, se antes de haver tempo, alguma coisa existiu sem tempo; se apareceu quando começou o universo, ou se, porque ainda antes do universo já existiu algo, o tempo também então existiu. Apenas sobre a alma, como são inúmeros os problemas: donde provém, de que natureza é, quando começa a existir, quanto tempo dura, se transita de um lugar a outro, passando a residir alternadamente inserida em diversas formas animais, ou se apenas uma vez vive na escravidão do corpo e depois, liberta, vai vagueando pelo todo; se é ou não um corpo; o que é que faz quando deixar de agir por nosso intermédio, de que modo usufrui da sua liberdade uma vez saída deste cárcere; se se esquece daquilo por que passou e apenas começa a conhecer-se desde que, arrancada ao corpo, se eleva nos espaços. Qualquer área que abordes dentro do estudo do divino e do humano, aí encontrarás enorme cópia de matérias a investigar e a aprender até à exaustão. Para teres campo livre onde alojar todos estes assuntos tão numerosos e tão vastos, deverás libertar o espírito de tudo quanto é supérfluo. A virtude não surgirá em espaço tão apertado; grande matéria exige espaço sem limite. Manda tudo o mais embora, consagra-lhe todo o teu ânimo. "No entanto, é interessante possuir noções sobre as diversas artes." Seja, mas retenhamos delas apenas o indispensável. Então, tu consideras censurável quem compra coisas de uso supérfluo, quem faz em casa ostentação de objectos de luxo, e não censuras quem se enreda num aparato de conhecimentos supérfluos? Querer saber mais do que o necessário é uma forma de intemperança. Que dizer desta paixão pelas artes liberais que torna as pessoas pedantes, palavrosas, inoportunas, amigas de se ouvir, incapazes de aprender o indispensável porque andaram estudando coisas inúteis? O gramático Dídimo escreveu quatro mil livros: eu já teria pena dele se se tivesse limitado a ler tanta bagatela! Nuns livros investiga qual a Pátria de Homero, noutros qual foi a verdadeira mãe de Eneias; noutros se Anacreonte se entregou mais à vida de prazer ou à bebida; noutros se Safo foi prostituta; em suma, coisas que, se as soubéssemos, deveríamos esquecer. E vem-me dizer agora que não é longa a vida!... Mesmo pelo que toca aos nossos estóicos, poderei indicar-te muita coisa que deveria ser cortada. Uma saudação como esta: "Oh! Que homem erudito!", implica um enorme gasto de tempo e uma enorme maçadoria para os ouvidos alheios. Contentemo-nos com este mais modesto título: "Oh! Que homem de bem!" Pois então? É preciso ir revolver a

história de todos os povos e investigar quem foi o primeiro homem a escrever poemas? À falta de arquivos, terei de pôr-me a conjecturar quanto tempo decorreu entre Orfeu e Homero? Hei-de aprender os sinais com que Aristarco expurgava os poemas dos outros, e gastar a minha vida ocupado em sílabas? Ou hei-de permanecer fixo no pó da geometria? Já me teria passado da lembrança aquele salutar preceito: "Aproveita bem o tempo?" Tenho de saber tudo isso? O que posso ignorar então? O gramático Ápion, que no tempo de Gaio César percorreu toda a Grécia e foi adoptado por todas as cidades em honra de Homero, dizia que o Poeta, após ter terminado toda a sua obra, a Odisseia e a Ilíada, tinha acrescentado aos poemas um prólogo no qual narrava toda a guerra de Tróia. E apresentava como prova o facto de Homero ter colocado no primeiro verso duas letras pelas quais indicava subtilmente o número total dos seus cantos. Ora aqui está o tipo de coisas que deve saber quem quiser saber muito! Já te dispuseste a pensar quanto tempo te é roubado pelos problemas de saúde, pelos teus deveres oficiais, pelos teus deveres particulares, pelos teus deveres quotidianos, pelo sono? Mede a duração da tua vida: não cabe lá muita coisa. Eu estou falando dos estudos liberais; mas mesmo os filósofos, quanta superfluidade, quanta coisa inútil neles encontramos! Também eles desceram até à divisão das sílabas, às propriedades das conjunções e preposições, rivalizaram com os gramáticos, rivalizaram com os geómetras; e quanto naquelas artes era supérfluo, transferiram-no para a filosofia. Daqui proveio que dessem mais aplicação ao falar do que ao viver. Ouve este exemplo do mal que pode fazer a subtileza excessiva, e de como pode ser nociva à verdade. Protágoras afirma que em toda a questão se pode argumentar validamente pró e contra, a começar pela questão de saber se toda a questão pode ser argumentada pró e contra. Nausífanes afirma que de tudo quanto parece existir, tão provável é a existência como a não existência. Parménides diz que nada existe* no universo* de tudo quanto parece existir. Zenão de Eleia resolveu o problema de uma vez por todas: para ele nada existe. Sobre isto têm opinião quase idêntica os pirrónicos, os megáricos, os erétricos e os académicos, os quais introduziram uma nova ciência: a ciência de não saber nada! Podes atirar tudo isto para o meio do armazém de superfluidades que são os estudos liberais: estes oferecem-me uma ciência que não me ajuda em nada, aqueles roubam-me a esperança de toda e qualquer ciência; apesar de tudo sempre é melhor saber uma coisa supérflua do que não saber nada! Os primeiros não me trazem qualquer luz que ilumine o caminho para a verdade, mas os outros até me arrancam os olhos. Se dou ouvidos a Protágoras, não há na natureza nada que não seja incerto; se escuto Nausífanes, só há uma coisa certa: que nada é certo; se acredito em Parménides, só existe o uno; se em Zenão, nem sequer o uno existe. Então o que somos nós? O que é isto que nos rodeia, nos cria, nos sustenta? Toda a natureza é uma sombra, ou vazia ou ilusória. Nem poderei dizer quais são os que mais me irritam, se aqueles que nos não permitem saber nada, se os que nem sequer nos deixam saber que nada sabemos!

LIVRO XIV

Cartas 89-92

CARTA 89

Pretendes conhecer uma matéria útil, necessária mesmo, a quem deseja iniciar-se na filosofia: quais são as suas divisões, como se reparte toda essa massa de conhecimentos, pois nos é mais fácil abarcar o todo se o formos abordando por partes. Seria bom que, tal como a totalidade do aspecto do universo se nos apresenta ante os olhos, assim também a filosofia — ciência com as dimensões do universo! — nos pudesse ser dada na sua totalidade! Se tal fosse o caso, sem dúvida ela suscitaria a admiração de toda a gente, e o abandono de todas as ocupações que hoje nos parecem grandes porque ignoramos a verdadeira grandeza. Mas como tal hipótese é irrealizável, temos de aceder à filosofia do mesmo modo que acedemos aos segredos da natureza. O espírito do filósofo, contudo, abarca-a em toda a sua amplidão, é capaz de percorrê-la toda com velocidade idêntica àquela que a nossa vista emprega a percorrer o céu; mas àqueles de nós que ainda temos de romper as trevas, àqueles cuja vista se fica pelo que está próximo, incapaz ainda de abraçar a totalidade, é mais fácil expor as matérias uma por uma. Vou, portanto, fazer o que me pedes, e dizer-te, não em que fragmentos, mas em que áreas se divide a filosofia. Dividi-la é, de facto, útil, mas fragmentá-la não, pois não é menos difícil entender o demasiado pequeno que o demasiado grande. A população distribui-se em tribos; o exército em centúrias. As grandes unidades apercebem-se melhor se considerarmos as suas partes, desde que, como já disse, elas não sejam em excessivo número nem demasiado diminutas. Na realidade, uma divisão em excesso enferma do mesmo defeito que a ausência de divisão; aquilo que se dividiu até ficar em pó é tão confuso como uma massa indistinta. Para começar, se achas bem, dir-te-ei qual a diferença entre sabedoria e filosofia. A sabedoria é o bem supremo do espírito humano, enquanto a filosofia é o amor, o impulso pela sabedoria; aquela aponta o fim que esta alcança. A origem do termo "filosofia" é transparente: o próprio nome indica qual é aqui o objecto do amor. A sabedoria tem sido definida por alguns como a ciência das coisas divinas e humanas; para outros, a sabedoria consiste em conhecer o divino e o humano, e as respectivas causas. Esta adenda parece-me supérflua, porquanto as causas do divino e do humano são, em si, uma parte do divino. Também a filosofia tem sido definida de várias maneiras:

uns consideram-na o estudo da virtude, outros o estudo do modo de adquirir ideias correctas; por alguns outros foi ainda definida como a busca de uma razão justa. Onde há, praticamente, acordo é em considerar que a filosofia e a sabedoria são duas coisas diferentes. De facto, é impossível que a busca de uma finalidade se confunda com essa finalidade. Do mesmo modo que há grande diferença entre a avidez e o dinheiro, pois aquela é sujeito e este objecto de desejo, assim diferem a filosofia e a sabedoria. Esta é o objecto, o prémio que aquela obtém; aquela caminha, esta é o fim do caminho. Sabedoria corresponde àquilo a que gregos chamam σοφία. Antigamente os romanos usavam esta palavra sophia, tal como hoje se emprega filosofia. As nossas antigas comédias "de toga" comprovar-to-ão, bem como a inscrição gravada no túmulo de Dosseno: "Detém-te, estrangeiro, e lê de Dosseno a sofia!" Dentro da nossa escola, se bem que a filosofia seja o estudo da virtude, sendo esta o fim procurado, aquela a forma de o atingir, houve quem pensasse que as duas eram indissociáveis, argumentando que tanto era impossível filosofia sem virtude, como virtude sem filosofia. A filosofia é o estudo da virtude, mas através da própria virtude; não pode existir virtude sem o estudo dela mesma, e não pode haver estudo da virtude na ausência desta. A situação é, pois, diferente daquela em que se encontra alguém que pretenda atingir um alvo a partir de um lugar distante: o lançador está num local, o alvo em outro. Não é exacto que, tal como as estradas que levam às cidades estão fora das cidades, assim as vias que levam à virtude estejam fora desta. À virtude chega-se através dela mesma, a filosofia e a virtude são duas coisas inseparáveis. A maioria dos filósofos, e os melhores de entre eles, consideram três partes na filosofia: a ética, a física e a lógica. A primeira forma o carácter, a segunda estuda a natureza, a terceira estuda o valor dos vocábulos, a estrutura do discurso e as formas de argumentação, não vá a falsidade sobrepor-se à verdade. Mas também se encontram autores que dividem a filosofia num número inferior ou superior de partes. Alguns peripatéticos introduziram como quarta parte a política, porquanto esta exige uma exercitação particular e se ocupa de uma matéria específica. Outros acrescentaram-lhe uma nova parte a que chamam οἰκονομική (oikonomikê), ou seja, a ciência da administração do património familiar. Outros ainda reservaram uma parte especial ao estudo dos diversos géneros de existência. Na realidade, qualquer destas matérias tem o seu lugar próprio na ética. Os epicuristas admitiram somente duas partes na filosofia, a física e a ética; a lógica rejeitaram-na. Em seguida, porém, como se vissem compelidos à necessidade de evitar as ambiguidades e de desmascarar as falsidades escondidas sob a aparência de verdade, acabaram por introduzir uma área a que chamaram "sobre as regras do juízo" — ou seja, a lógica com outro nome -, considerando-a como parte introdutória à filosofia natural. Os cirenaicos excluíram simultaneamente a física e a lógica, contentando-se, portanto, com a ética. Também eles, contudo, introduziram com outro nome aquilo que tinham excluído. De facto eles dividem a ética em cinco partes: a primeira trata dos fins a evitar e a procurar; a segunda

das paixões; a terceira das acções; a quarta das causas; a quinta da argumentação. Ora o estudo das causas pertence à física, e a argumentação é parte integrante da lógica. Aríston de Quios considerou a física e a lógica não só supérfluas como ainda contraproducentes. A própria moral, a única que conservou, amputou-a daquela parte dedicada aos conselhos de ordem prática, dizendo que isto é tarefa de pedagogo, e não de filósofo, como se o filósofo-sábio não fosse precisamente o pedagogo do género humano Admitida a tripartição da filosofia, comecemos por ver como, por sua vez, se organiza a ética. A ética entende-se que igualmente deve ser tripartida. A sua primeira parte consiste na análise e atribuição do valor legítimo a cada coisa, na apreciação de como cada coisa deve ser valorizada; esta parte é sobremaneira útil, pois o que há de mais necessário do que saber dar às coisas o justo valor? A segunda parte ocupa-se das tendências. A terceira, enfim, das acções. Antes de mais, em verdade, tu deves ajuizar quanto cada coisa vale, em seguida manifestar para com cada uma tendência controlada e na medida justa; finalmente importa que estejam de acordo a tua tendência e a tua acção, de modo que em todos os teus actos te mostres consequente contigo mesmo. Se alguma das três partes faltar, todo o sistema fica alterado. De que te serve, afinal, teres construído uma justa e completa escala de valores se fores demasiado impetuoso nas tuas tendências? De que te serve saber moderar as tendências e dominar os desejos se, ao empreenderes uma acção, não souberes decidir o momento, a natureza, o local e o modo oportunos de a levar a cabo? Uma coisa é conhecer o valor justo de cada coisa, outra, a conjugação das oportunidades, outra ainda, dominar os impulsos e empreender uma acção sem precipitações. A vida só estará de acordo consigo mesma quando a acção não desmentir o impulso e quando o impulso for à medida do valor de cada coisa, mostrando-se mais ou menos intenso conforme essa coisa merecer que a procuremos. A filosofia natural divide-se em duas partes: o estudo dos seres corpóreos e o estudo dos seres incorpóreos. Cada uma destas admite, por assim dizer, diversos graus. No estudo dos corpóreos há que distingui-los: uns são os seres geradores, outros os que são gerados; a estes dá-se o nome de elementos. A parte que trata dos elementos, segundo alguns, é simples; segundo outros, contém o estudo da matéria, o da causa responsável pelo movimento, o dos elementos propriamente ditos. Resta-me indicar a divisão da filosofia racional. Todo o discurso ou é contínuo ou é dividido por dois interlocutores em sistema de pergunta e resposta. Ao estudo deste segundo tipo costuma chamar-se διαλεκτική (dialektikê), ao do primeiro, ῥητορική (rhetorikê). A ῥητορική ocupa-se das palavras, das ideias, da estrutura do discurso; a διαλεκτική divide-se em duas partes, os termos e os significados, isto é, os conceitos que queremos exprimir e os vocábulos pelos quais os exprimimos. Ambas as matérias podem ainda sofrer uma divisão em pormenor, mas eu vou pôr aqui um ponto final, limitando-me a "percorrer os altos cumes" pois de outro modo, se quisesse enumerar todas as partes de cada parte, acabaria por compor um manual exaustivo. Lucílio, meu amigo caríssimo, eu não te

desaconselho a leitura destas matérias, desde que extraias imediatamente as respectivas implicações morais. Corrige os teus costumes, reanima o que em ti esteja débil, reforça o que não é assaz firme, domina as tuas teimosias, reprime quanto puderes as tuas ambições, privadas e públicas. E a quem te objectar: "Mas até quando andarás assim?", responde: "Eu é que vos deveria perguntar: até quando laborareis em erro? Quereis que os remédios cessem antes das moléstias? Repetirei tantas mais vezes a minha pergunta, teimosamente, porquanto vós persistis no erro. Quando num corpo insensível um simples toque provoca a dor, é sinal de que o remédio está a actuar. Portanto, mesmo contra a vossa vontade, eu continuarei a repeti-la. Algum dia vos chegarão aos ouvidos estas palavras duras; já que não quereis ouvir a verdade individualmente, então escutai-a em público. "Até onde estendereis os limites das vossas propriedades? Um espaço capaz de conter um povo inteiro será insuficiente para um só dono? Até onde alargareis as vossas terras aráveis, incapazes como sois de limitar o tamanho dos vossos domínios à própria fronteira das províncias? Cursos de água célebres atravessam uma única propriedade privada; grandes rios, outrora fronteiras entre povos ilustres, são agora vossos da foz até à nascente. Mas isto não chega: é preciso levar os vossos latifúndios até à beira-mar, é preciso que o vosso feitor exerça a sua função para além do Adriático, do mar Jónio, do mar Egeu. É preciso que as ilhas, outrora morada de reis insignes, se contem entre os menos importantes dos vossos bens! Apropriai-vos de tudo quanto quereis, transformai em propriedade o que antes foi um império, tomai nas vossas mãos o que quiserdes, até que as dívidas vos esmaguem! "Dirijo-me agora a vós, cujo luxo se expande tão dilatado como a ganância dos outros. A vós pergunto: onde há um lago a cuja volta se não guindem as vossas vivendas? Um rio cujas margens não estejam cobertas das vossas construções? Onde quer que brotem fontes de água quente, logo aí nascerão novas mansões de recreio. Em qualquer lugar onde a costa forme uma reentrância, logo aí edificareis molhes; não vos contentando senão com o solo fabricado por vós, entrais pelo mar adentro! Podem por toda a parte resplandecer os vossos palácios, aqui implantados nos montes para gozar o panorama da terra ou do mar, além elevados na planície como se fossem colinas; por mais e maiores que sejam os vossos edifícios, vós nunca passareis de uns seres minúsculos! De que vos servem muitos quartos, se só vos deitais num? Não é verdadeiramente vosso o local onde não estais! "Passo agora a vós, cuja gula infinita, insaciável, devassa ora o mar ora a terra, perseguindo a presa com anzóis, com armadilhas, com redes de toda a espécie e através das maiores dificuldades. Só a saturação deixa os animais em paz! Que ínfima parte desses manjares, preparados por tantas mãos, a vossa boca embotada de prazeres é capaz de saborear! Que ínfima parte desta fera, caçada com tanto risco, pode provar o senhor, cheio de náuseas, incapaz de digerir! Que ínfima parte destes mariscos vindos de tão longe acaba por ir parar a este estômago insaciável! Não vedes, desgraçados, até que ponto o vosso apetite é maior do que o vosso estômago?" Diz estas palavras aos outros, para que, ao

dizê-las, as escutes também, escreve-as, para que, ao escrevê-las, também as leias, tirando de tudo proveito para a tua formação moral, para a repressão das paixões nocivas. Estuda, em suma, não para saberes mais, mas para saberes melhor!

CARTA 90

Quem duvidará, Lucílio amigo, que, se devemos a vida aos deuses imortais, é à filosofia que devemos a vida virtuosa? Por esta razão, porque consideramos justamente a vida virtuosa como superior à vida em si, pareceria que a nossa dívida para com a filosofia seria muito maior do que a que temos para com os deuses se não fosse o caso de terem sido os deuses quem nos concedeu a filosofia. O conhecimento dela, não o deram a ninguém, mas facultaram a todos a possibilidade de o abordar. Se os deuses tivessem feito da filosofia um bem comum a todos, e nós já nascêssemos sábios, a sabedoria perderia a sua característica mais importante, que é precisamente o facto de não ser devida ao acaso. Tal como as coisas são, o que faz dela um bem precioso e supremo é o facto de nos não ser dada, de cada um a obter com o próprio esforço, de ninguém a poder ir tomar de empréstimo. Que haveria na filosofia capaz de merecer a nossa admiração se ela fosse um objecto que se pudesse oferecer? A sua única tarefa é descobrir a verdade acerca das coisas divinas e humanas; nunca estão à margem dela a religião, a piedade, a justiça e todo o restante cortejo de virtudes interligadas e coerentes entre si. A filosofia ensina-nos a respeitar o divino e a amar o humano; diz-nos que cabe aos deuses o governo do mundo, e que a condição humana é a mesma para todos. Tal condição permaneceu inalterável algum tempo, enquanto o desejo do lucro não dividiu a sociedade e se tornou um motivo de pobreza mesmo para aqueles a quem cumulou de riquezas: por desejarem bens particulares, deixaram de participar na posse de toda a natureza. Os primeiros homens, os homens da geração seguinte que, ainda incorruptos, obedeciam à natureza, tinham um só chefe e uma só lei: confiar-se às decisões do melhor, já que a lei natural é que os inferiores se submetam aos melhores. Nos bandos de animais, são os mais fortes ou mais corajosos que assumem a chefia: quem guia a manada não é o touro fraco, mas sim o que se avantaja aos outros machos na corpulência e na força; entre os elefantes, o chefe é o de maior estatura; entre os homens, a chefia competia, não ao mais forte, mas ao moralmente superior. O chefe era eleito pelas suas qualidades, e por isso os antigos povos viviam em perfeita felicidade, já que era impossível o mais poderoso não ser simultaneamente o melhor. Um homem que entende o dever como limite rigoroso ao poder, pode exercer o seu poder sem perigo para os demais. Naquela época a que soe chamar-se "a idade de ouro", o governo estava nas mãos dos sábios: tal é a opinião de Posidónio. Os sábios impediam a violência, protegiam os mais fracos dos mais fortes, indicavam o que se devia ou não fazer, apontavam o que tinha ou não utilidade. Graças à sabedoria, providenciavam para que nada faltasse ao seu povo; graças à coragem,

mantinham afastados os perigos; por meio dos seus benefícios, distribuíam bem-estar e prosperidade entre os súbditos. Para eles, governar era o exercício de um dever, e não a mera posse do poder. Ninguém tentava experimentar contra eles as suas forças, pois a eles deviam essas forças; ninguém tinha a ousadia de os injuriar, nem para tal havia motivo, pois é fácil obedecer a quem governa com justiça; a maior ameaça que o rei podia fazer aos seus súbditos era a de retirar-se do poder. Quando a gradual irrupção dos vícios transformou a realeza em tirania, e se tornou necessário o recurso às leis, foi inicialmente aos sábios que se recorreu para as elaborar. Sólon, o homem que deu a Atenas a base da sua legislação, contou-se entre o grupo dos chamados "sete sábios"; se Licurgo tivesse vivido na mesma época, seria certamente o oitavo dessa lista venerável. São famosas as leis de Zaleuco e de Carondas; e não foi no foro ou no átrio dos jurisconsultos, mas sim no secreto e quase sagrado retiro dos pitagóricos, que eles aprenderam as leis que formularam para uso da Sicília, então florescente, e, através da Itália, para uso da própria Grécia. Até aqui, estou de acordo com Posidónio. Já não concordo é quando ele diz que se deve à filosofia a invenção daquelas técnicas usadas nas necessidades diárias da vida: não lhe concedo tal glória. "Foi a técnica" — diz Posidónio — "que permitiu aos homens, que até então viviam dispersos, e se recolhiam em cabanas, em cavernas, ou em troncos de árvores escavados, a arte de construir casas." Quanto a mim, a filosofia tanto se importou com a técnica de edificar casas umas em cima das outras, ou de aumentar sempre mais a área das cidades, como se importa agora com os viveiros de peixes, bem protegidos para que as tempestades não façam a nossa gula passar privações, para que, seja qual for a violência do mar-alto, o nosso luxo tenha um porto seguro onde mantenha à engorda diversas raças de peixes! Essa agora! Então foi a filosofia que ensinou aos homens o uso da chave e da fechadura? Que significaria essa invenção senão dar luz verde à avareza? Foi a filosofia que levou à edificação de blocos habitacionais em andares, para pôr em grave perigo a segurança dos moradores? Até parece que não bastava encontrar abrigos de ocasião, e obter sem artifício ou dificuldade formas naturais de habitação! Podes crer, época feliz foi essa que precedeu o aparecimento dos arquitectos e dos estucadores! O hábito de cortar rigorosamente as madeiras, de talhar certeiramente as traves fazendo a serra cortar segundo traços marcados previamente, acompanha os primeiros passos da irrupção do luxo, já que "os primitivos cortavam com cunhas uma madeira branda". Não havia ainda o costume de construir grandes salas destinadas a banquetes solenes, não se transportavam pinheiros ou abetos em longas filas de carroças com um estrépito de fazer tremer um bairro inteiro, para que nessas salas se pudessem fixar ao tecto pesados caixotões dourados. Simples barrotes, fixos de ambos os lados, escoravam as habitações; um telhado feito de ramos e folhagens, disposto obliquamente, permitia o escoamento até das maiores chuvadas. Em casas deste tipo, os homens viviam em segurança; sob um tecto de colmo habitavam homens livres, entre paredes de mármore e ouro vive hoje a servidão! Igualmente

discordo de Posidónio quando ele atribui aos sábios a invenção das várias ferramentas; pela mesma ordem de ideias seriam os sábios quem "imaginou a arte de caçar com armadilhas ou visco, ou de cercar de matilhas os vales profundos". Tais invenções são de atribuir ao engenho humano, mas não à sabedoria! Discordo ainda da sua atribuição aos sábios da descoberta das minas de ferro e de cobre a partir da observação de metais fundidos em filões superficiais após um incêndio de floresta ter deixado a terra calcinada: não, quem descobre estes metais são os homens para quem eles têm valor. Também me parece ociosa, ao contrário do que sucede a Posidónio, a questão de saber se o que se utilizou primeiro foi o martelo ou as tenazes. Ambos os utensílios foram criação de um espírito engenhoso e arguto, mas sem elevação nem grandeza de ânimo; e o mesmo se dirá de tudo o que se tem de ir buscar à terra, de dorso curvado e olhos fixos no solo. O sábio não precisa de instrumentos sofisticados! Pois se mesmo no nosso tempo ele se contenta com o estilo de vida mais simples! Como é possível, pergunto eu, ter igual admiração por Diógenes e por Dédalo? Qual destes dois te parece ser um sábio? O inventor da serra? Ou o filósofo que, vendo um garoto a beber água pelas mãos em concha, partiu no mesmo instante o copo que tirara da sacola, e a si próprio se repreendeu, dizendo; "Oh! Como sou estúpido em andar carregado de objectos inúteis!", o mesmo filósofo que se enroscava dentro de uma barrica para passar a noite? E nos dias de hoje, quem consideras tu como sábio? O técnico que sabe montar repuxos de água perfumada através de canalizações invisíveis, o que é capaz de encher ou esvaziar num instante os canais artificiais, o que sabe dar diversas disposições aos caixotões móveis do tecto de modo a que o salão de banquetes vá mudando de decoração à medida que vão surgindo os vários pratos? Ou antes aquele que demonstra, a si mesmo e aos outros, que a natureza nos não impõe nada que seja duro e difícil, que para termos uma casa não carecemos de marmoristas ou marceneiros, que para nos vestirmos não dependemos do comércio da seda, em suma, que para dispormos do essencial à vida quotidiana nos basta aquilo que a terra nos apresenta à superfície? Se a humanidade se dispusesse a seguir os conselhos de um tal homem imediatamente perceberia que tão inútil é o cozinheiro como o soldado! Os antigos, esses homens que satisfaziam sem quaisquer excessos as suas necessidades físicas, eram de facto sábios, ou pelo menos muito próximo de o serem. Para se obter o indispensável não é preciso muito esforço; as canseiras destinam-se a satisfazer os luxos. Tu podes dispensar todos os técnicos: basta que sigas a natureza! E a natureza não pretendeu fazer de nós "especialistas": a cada um ensinou como suprir as carências essenciais. "Um homem nu não consegue aguentar o frio". — É certo. Mas não serão as peles dos animais capturados defesa mais do que suficiente contra o frio? Não há muitos povos que cobrem o corpo com cascas de árvores entrançadas? Não se podem fabricar peças de vestuário a partir de penas de aves? Não é verdade que, ainda hoje, uma grande parte dos Citas se veste com peles de raposa e de arminho, que não só são agradáveis ao tacto como

impermeáveis ao vento? Mais ainda: não é verdade que eles entretecem redes de vime com que, cobertas de um pouco de lama, fazem paredes, e sobre as quais colocam depois tectos de colmo ou outras plantas? E que a chuva escorre pelo declive desses tectos, permitindo-lhes afrontar sem receio os rigores do Inverno? "É necessário construir abrigos densos com que nos protejamos no pino do Verão." — É certo. Mas não é verdade que o tempo pôs à nossa disposição inúmeros locais escavados como cavernas, ou devido às intempéries ou a qualquer outro motivo? Os habitantes das Sirtes não vivem em cabanas escavadas? Não fazem o mesmo todas aquelas populações que não encontram outra protecção eficiente contra a excessiva intensidade do sol senão a própria terra, embora escaldante? A natureza não foi assim tão injusta que proporcionasse aos restantes animais todos os meios para viver, e só ao homem impusesse a necessidade de todas estas técnicas! Daquilo que é indispensável à nossa sobrevivência nada a natureza nos impôs que fosse difícil de obter ou que exigisse grandes canseiras. Ao nascer, o homem tem à mão o indispensável; depois é que aborrece a facilidade e só tem interesse pelo que é difícil de conseguir. Habitação, vestuário, alimentos — tudo isso que agora nos exige enorme esforço estava outrora à disposição de todos, gratuitamente, sem dificuldades de obtenção; usava-se de cada coisa consoante as necessidades reais; nós é que impusemos um preço a tudo, transformando tudo em raridades que só se obtêm à custa de muitas e requintadas técnicas. A natureza dá-nos em abundância o que naturalmente necessitamos. A civilização do luxo é um desvio em relação à natureza: dia-a-dia cria novas necessidades, que aumentam de época para época; o engenho está ao serviço dos vícios! Começou por ambicionar coisas supérfluas, em seguida contrárias à natureza, e acabou por colocar a alma na dependência do corpo, forçando-a à subordinação aos prazeres físicos. Todas estas técnicas que enchem de agitação e ruído as nossas cidades estão ao serviço do corpo; o que outrora se lhe concedia a título de escravo, é-lhe actualmente outorgado como a um soberano! Daqui provém essa profusão de oficinas onde se fabricam tecidos ou artigos metálicos, onde se destilam perfumes; todas essas escolas de dança sensual, de canto sensual e efeminado. Desapareceu de entre nós a antiga moderação natural que limitava os desejos às necessidades; hoje, desejar apenas o essencial é dar provas de mesquinho provincianismo! É espantoso, caro Lucílio, como o fascínio das palavras consegue desviar da verdade até mesmo os grandes espíritos. Verifica-se isto em Posidónio, um dos homens a quem, segundo penso, a filosofia mais deve. E aí o temos a descrever, primeiro, como é que se enrolam uns fios e se puxam outros até formar uma teia mole e pouco firme; em seguida, como é que a teia, esticada por pesos, é urdida verticalmente, como é que é introduzido o fio vertical e como este — uma vez que ao entrar afrouxa o peso exercido na trama — é obrigado pelo pente a unir-se estreitamente aos restantes fios; e, por fim, atribui também aos sábios a invenção da tecelagem, esquecendo-se que posteriormente se descobriu uma técnica mais sofisticada, segundo a qual "o tear é fixo ao

montante, a travessa separa os fios, no meio da urdidura passa a lançadeira ponteaguda, a trama que os dentes do largo pente fixam". Que pensaria Posidónio ao ver os teares de hoje, onde se fabricam tecidos inteiramente transparentes e tão inúteis para o corpo como incapazes de resguardar o pudor! Passa depois aos trabalhos do campo, e com igual eloquência descreve como o solo é revolvido uma e outra vez pelo arado para que a terra se torne mais propícia ao crescimento das raízes; refere-se depois às sementeiras, e à necessidade de arrancar à mão as ervas daninhas que possam prejudicar o desenvolvimento das searas. Também estas técnicas, diz Posidónio, são obra dos sábios; como se não víssemos constantemente os agricultores aplicarem-se a descobrir novos modos de acrescer a fertilidade dos terrenos. Como se tudo isto ainda fosse pouco, Posidónio vai ainda mandar o sábio para o moinho! E aí o temos a explicar como o sábio foi conduzido pela imitação da natureza até ao fabrico do pão. Cito as suas palavras: "Os cereais introduzidos na boca são triturados pelo choque dos dentes uns contra os outros; a língua encarrega-se de reconduzir aos dentes algum grão que se escape; depois são humedecidos com saliva para que assim escorreguem mais facilmente pelo esófago; ao chegarem ao estômago são cozidos à temperatura constante natural, finalmente são assimilados pelo organismo. Da observação deste modelo alguém tirou a ideia de, à semelhança dos dentes, sobrepor duas mós de pedra rugosa, das quais uma permanecia fixa enquanto a outra se movia sobre ela; pela fricção das duas pedras os grãos começam por quebrar-se, e com a continuação vão sendo triturados até se tornarem em pó; a farinha é depois misturada com água, é amassada, e à massa dá-se a forma de pão; o pão era a princípio cozido sobre cinza quente ou num recipiente de barro sobreaquecido; mais tarde veio a descobrir-se o forno e outras maneiras de regular a produção do calor." Pouco faltou a Posidónio para atribuir também aos sábios a arte do sapateiro! Todas estas invenções são evidentemente imputáveis à razão, mas de modo algum à forma superior de razão. São descobertas feitas pelo homem, mas não pelo sábio. Estão ao mesmo nível que a invenção dos barcos com que percorremos rios e mares, impulsionados por velas que recolhem a força do vento, e dotados de lemes na retaguarda para imprimirem à embarcação este ou aquele rumo. O modelo do leme proveio da observação dos peixes, que se servem da cauda para, com um ligeiro movimento a um lado ou a outro, imprimirem uma orientação à sua carreira. "Todos estes inventos" — diz Posidónio — "pertencem ao sábio, que no entanto entregou a sua execução a artífices mais humildes por os achar pouco dignos de si." Não é correcto; os autores de tais inventos situam-se no mesmo nível dos homens que ainda hoje os põem em prática. Certas técnicas, é bem conhecido, surgiram já nos nossos dias: por exemplo o uso de placas de pedra translúcida nas janelas, os balneários instalados sobre estufas ou o uso de canalizações metidas na parede de modo a que todo o espaço seja aquecido por igual. Para quê falar do emprego do mármore nos templos ou nas casas particulares? Ou nas enormes colunas de pedra polida que sustentam os pórticos

e os edifícios em que cabe uma multidão? Ou ainda dos caracteres de estenografia que permitem à mão ir registando o discurso à mesma velocidade a que as palavras são pronunciadas? Todas estas tarefas estão a cargo dos mais vis escravos. A filosofia está a um nível superior: os seus ensinamentos dirigem-se à alma, não às mãos! Queres saber quais são as suas descobertas, as suas realizações? Não são decerto os passos de dança elegantes, ou os diversos ruídos produzidos pelo ar ao sair, ou ao passar, pela trompa ou pela flauta até formar um som harmonioso. A filosofia também não se empenha em fabricar armas, em erguer muralhas, enfim, em ser útil às artes da guerra: a sua preocupação é a paz, o seu empenho é incitar todos os homens à concórdia. O filósofo, repito, não fabrica os instrumentos necessários às necessidades correntes. Porquê atribuir-lhe uma actividade tão subalterna quando ele, na realidade, é um "artista da vida"? As outras artes, aliás, também estão sob o seu domínio. Se é a filosofia que governa a nossa vida, deve também ela governar os acessórios da nossa vida; o seu fim supremo, porém, é determinar em que consiste a felicidade e em guiar-nos pela via que conduz a esse fim. A sua tarefa é distinguir os males reais dos males aparentes, é libertar os espíritos de vãs ilusões, é instilar neles uma grandeza efectiva e reprimir as exageradas aparências derivadas de juízos fúteis, é evitar toda e qualquer confusão entre grandeza real e presunção; é, em suma, facultar-nos o conhecimento da natureza, inclusive da natureza da própria filosofia. Ela elucida-nos sobre a natureza e os atributos dos deuses, sobre o mundo infernal, sobre os lares e os génios; diz-nos o que sucede à alma quando assume o estatuto de divindade de segunda grandeza; diz-nos onde a alma passa a morar, diz-nos quais são então a sua actividade, a sua capacidade, a sua vontade. Esta é a iniciação que a filosofia nos proporciona: iniciação que nos abre as portas, não de um santuário de província mas do templo sublime de todos os deuses, do próprio universo, cujo verdadeiro aspecto, cuja verdadeira face dá a conhecer ao nosso espírito, já que a visão não alcança um tão grandioso espectáculo! A filosofia passa em seguida a estudar os princípios do universo: como o todo é permeado pela razão eterna, como a energia específica de cada germe é responsável pela configuração própria de cada ser. Seguir-se-á o estudo da alma: donde provém, onde reside, quanto tempo dura, de que partes se compõe. Após a análise dos seres corpóreos vem o estudo dos incorpóreos e dos argumentos que demonstram a sua realidade. Finalmente, discute-se o aparecimento da ambiguidade quer na vida quer na linguagem, porquanto em ambas se verifica a presença do verdadeiro e do falso. Quanto a mim, ao contrário do que pensa Posidónio, o sábio não passou a rejeitar as artes manuais, pela boa razão de que nunca as praticou. O sábio, de facto, nunca julgaria que merecia a pena inventar qualquer coisa que, em seu entender, não fosse para usar sempre; ou seja, não ia inventar hoje o que abandonaria amanhã! Diz Posidónio: "Foi Anacarsis quem inventou a roda do oleiro, cuja rotação serve para modelar os recipientes de barro." Mas como Homero já faz menção da roda de oleiro, Posidónio prefere considerar falsos os versos em vez da sua história! Eu por

mim tenho que Anacarsis não foi o inventor da roda; se o foi, teremos o caso de um sábio que produziu um invento, mas não a título de sábio. Há muita coisa que os sábios fazem a título de homens, e não de sábios. Imagina, por exemplo, um sábio que seja rápido a correr: ele vencerá os adversários na corrida por ser rápido, não por ser sábio. Gostaria de poder mostrar a Posidónio um vidreiro capaz de modelar pelo sopro o vidro em diversíssimas formas que dificilmente um artífice hábil de mãos conseguiria obter. E esta arte foi inventada depois de terem deixado de aparecer sábios! "Diz-se que foi Demócrito quem inventou o arco de abóbada, colocando em semicírculo as pedras umas sobre as outras e rematando no centro com uma pedra de fecho." Esta afirmação é de certeza falsa: obviamente foram construídas pontes e portas rematadas com arcos de volta inteira, anteriormente a Demócrito. Mas, já agora, lembremo-nos de que foi Demócrito quem descobriu o modo de amolecer o marfim ou de, por meio de cozedura, transformar um calhau em esmeralda: uma tal cozedura ainda hoje se emprega para dar cor a pedras apropriadas a esse efeito. Que um sábio invente destas técnicas, é possível; mas se as inventa, não o faz a título de sábio. O sábio faz muita coisa que os ignorantes podem fazer tão bem ou melhor, e decerto com muito mais prática! Desejas saber o que o sábio investiga, o que é que ele traz à luz do dia? Em primeiro lugar, a verdade acerca da natureza, que ele, ao contrário dos outros seres vivos, não observa com os olhos do corpo, incapazes de atingirem o plano divino; em seguida, as regras da nossa vida, que ele põe em concordância com a lei do universo; consequentemente, ensina-nos não apenas a conhecer os deuses mas a obedecer-lhes e a aceitar como ordens suas tudo o que nos possa suceder. O sábio impede-nos de dar crédito às falsas opiniões, e avalia tudo quanto existe pelo justo valor; condena os prazeres de que nos podemos vir a arrepender, e exalta os bens cujo estatuto permanece inalterável; demonstra que o homem mais feliz é o que é indiferente à felicidade, que o homem mais poderoso é o que tem poder absoluto sobre si. Não te estou falando daquela filosofia que expulsa o cidadão da sua comunidade, coloca os deuses à margem do mundo e põe a virtude na dependência do prazer; falo-te, sim, daquela que aceita como único bem o bem moral, que resiste soberanamente aos favores dos homens ou da fortuna, e cujo maior preço consiste em estar acima de qualquer preço! Não creio que uma tal filosofia pudesse ter existido nesses tempos rudes em que a indústria ainda não existia e em que se aprendia pela prática a utilidade das coisas. Ela só pode ter vindo após a era afortunada em que as benesses da natureza se encontravam à disposição de qualquer um, isto é, antes de a avareza e o luxo terem introduzido a discórdia entre os homens e os terem ensinado a roubar em vez de partilhar os seus bens. Os homens dessa época não eram sábios, ainda que a sua conduta pudesse ser própria de sábios. Seria impossível imaginar uma melhor condição para o género humano. Se os deuses permitissem a qualquer de nós recriar o planeta e regulamentar os costumes do seu povo, nenhuma situação seria mais merecedora da aprovação do que aquela em que, como se conta, "... nenhum colono arava ainda a terra; assinalar limites aos

campos e delimitar propriedades era um crime, todos produziam para todos, e a própria terra oferecia, sem que alguém os reclamasse, livremente os seus frutos." Que situação mais feliz encontrar para o género humano? Todos usufruíam em comum os dons da natureza e esta como autêntica mãe, chegava para suprir as necessidades de todos. Como todos os bens eram comuns, a sua posse não oferecia perigo. O mais rico de todos os povos não será aquele em que é impossível encontrar um pobre? Mas a avareza introduziu-se neste equilibrado estado de coisas, e ao pretender arrogar-se a posse exclusiva de uma coisa qualquer, fez automaticamente de todas as outras coisas alheias; trocou a totalidade por uma ínfima parcela. A avareza arrastou consigo a pobreza e, por tudo desejar, tudo acabou por perder. Poderá agora esforçar-se por recuperar o que perdeu; poderá acrescentar às suas novas propriedades, expulsando o vizinho a troco de dinheiro ou à força; poderá alargar os seus latifúndios até cobrirem províncias inteiras, e considerar que ser proprietário é viajar pelas suas terras sem lhes ver o fim; por muito que estendamos os limites do que é nosso, nunca reobteremos o que perdemos! À custa de muito esforço poderemos ter uma grande propriedade: antigamente, contudo, éramos proprietários de tudo! Sem cultura, a própria terra era mais fértil, e bastava para as necessidades de gente que a não saqueava. Quando se descobria qualquer produto natural, o prazer de o comunicar aos outros não era menor do que o prazer da descoberta. Não havia excessos, não havia carências: tudo era dividido irmãmente. O mais forte ainda não sujeitava o mais fraco; o avarento, escondendo o que a si próprio é inútil, ainda não privava os outros do indispensável. Cada um cuidava tanto de si como do próximo. As armas jaziam ociosas; as mãos, isentas de sangue humano, guardavam toda a violência para a luta com as feras. Esses homens protegiam-se do sol apenas na sombra densa das florestas, viviam sob humildes tectos de colmo como único abrigo contra as inclemências do inverno, mas podiam ver as suas noites passarem-se sem angústia. Nós, no meio da nossa púrpura, dormimos agitados, sujeitos ao violento aguilhão da ansiedade; eles, dormindo na terra dura, que sono tranquilo gozavam! Não tinham sobre a cabeça tectos trabalhados; dormindo ao relento, viam deslizar os astros sobre as suas cabeças, viam o sublime espectáculo nocturno da mole imensa do universo em silenciosa rotação. Quer de dia quer de noite tinham ante os olhos a vastidão da belíssima morada que é a Terra; era um prazer para eles ver uns astros declinando no meio do firmamento, enquanto outros, nascendo, faziam a sua aparição. Como não gostariam eles de vaguear por entre todas estas maravilhas? Vós, pelo contrário, tremeis de medo ao menor ruído nas vossas casas; no meio das vossas pinturas, ao mínimo estalido fugis aterrorizados. Eles não possuíam mansões do tamanho de cidades; o ar circulava livremente, sem paredes que o retivessem; a sombra ligeira de um penhasco ou de uma árvore, fontes transparentes, ribeiros correndo espontaneamente, e não forçados a seguir um curso artificial através de hábeis canalizações, prados belos sem o mínimo artifício, e no meio de tudo uma habitação campesina, trabalho das suas mãos

rústicas — tal era a morada desses homens uma morada segundo a natureza, em que apetecia viver, nem causa nem objecto de temores. As casas de hoje são uma das grandes fontes dos nossos receios. A vida desses homens era admirável e plena de inocência; no entanto eles não eram sábios, já que este termo se aplica hoje à mais nobre das tarefas. Não nego, contudo, que eles fossem homens de grande elevação espiritual, acabados, por assim dizer, de sair das mãos dos deuses; é inegável que o mundo, ainda não esgotado, produzia seres superiores. Mas embora todos possuíssem um carácter mais Íntegro e mais pronto ao trabalho, também é certo que o seu espírito ainda não estava completamente amadurecido. A virtude, na realidade, não é um dom da natureza: ser bom necessita estudo. Eles não iam procurar nas entranhas da terra o ouro, à prata ou as pedras preciosas; eram compassivos para com os animais; vinham ainda longe os tempos em que o homem mata o seu semelhante não num impulso de cólera ou de medo, mas apenas para gozar o espectáculo! Não usavam vestes bordadas, não faziam tecidos em fio de ouro, pois nem sequer extraíam o ouro. Quer isto dizer que eles eram inocentes por mera ignorância; 'Ora há grande diferença entre a ignorância do mal e a vontade de o evitar. Esses homens não conheciam a justiça, não conheciam a prudência, nem a moderação, nem a coragem. A sua vida rude tinha algo de semelhante com estas virtudes. A virtude autêntica, porém, só é possível a uma alma instruída, cultivada, uma alma que atingiu o mais alto nível através de uma contínua exercitação. Tendemos para este nível, mas não o temos já de nascença; mesmo nos homens melhores, antes da iniciação filosófica, se pode haver matéria-prima para a virtude, não existe ainda a virtude.

CARTA 91

O nosso amigo Liberal anda entristecido com a notícia do incêndio que devastou a colónia de Lião. E, de facto, uma calamidade destas afligiria qualquer pessoa, quanto mais um homem tão apegado à sua terra natal. Este acidente faz com que ele não consiga encontrar aquela firmeza de ânimo que julgava possuir, embora, na realidade, ele só estivesse preparado para desgraças que concebia como possíveis. Neste caso, contudo, dada a inexistência de precedentes, é perfeitamente natural que ele não estivesse preparado para o embate! É que incêndios, muitas cidades os têm sofrido, mas nenhuma ficou totalmente arrasada. Mesmo quando exércitos inimigos lançam fogo às habitações, muitos lugares há em que as chamas não pegam; e embora por vezes se reatem, raramente devoram tudo de modo a não deixar às armas a conclusão da tarefa! Terramotos — também dificilmente terá havido algum tão intenso e destruidor que arrasasse cidades inteiras. Nunca, enfim, uma cidade foi pasto de um incêndio tão violento que não sobejasse uma parte para o incêndio seguinte. Em Lião, uma única noite deitou por terra inúmeros edifícios monumentais, tais que cada um só por si faria o orgulho de muitas cidades; em plena paz, Lião sofreu mais destruições do que teria sofrido no meio da guerra. Quem acreditaria em

tal? Por todo o lado as armas mantêm-se tranquilas, o mundo inteiro goza a mais completa segurança — e de Lião, há pouco o orgulho da Gália, nem sequer se encontra o sítio! A todos os homens que a fortuna espectacularmente tem vitimado, deixou-lhes um certo espaço de tempo para encararem com apreensão a aproximação da desgraça; nenhuma calamidade houve que não tivesse levado algum tempo a consumar-se. No caso de Lião, apenas uma noite separou a cidade esplendorosa da cidade inexistente! Numa palavra, a cidade foi aniquilada em menos tempo do que eu levo a contar-te! Todos estes factores perturbam o espírito do nosso Liberal, ele que, em relação à sua situação pessoal, mostra sempre a máxima firmeza de ânimo. Convenhamos que há motivos para ele se deixar perturbar: desgraça inesperada é mais difícil de suportar! Além disso, o próprio ineditismo torna as calamidades mais dolorosas, pelo que, se o espanto ante a catástrofe já é enorme, a dor consequente é ainda maior. Por isso mesmo nós, estóicos, nunca nos devemos deixar apanhar de improviso. O nosso espírito deve prever todas as circunstâncias, deve pensar não no que sucede habitualmente, mas em tudo quanto pode vir a suceder. Se a fortuna assim o quiser, a que não pode ela reduzir um homem, por muito próspero que seja! E não é verdade que quanto mais uma coisa é bela e sumptuosa mais a fortuna se dispõe a abatê-la? Que para a fortuna nada é duro e difícil? A via que ela trilha nunca é sempre a mesma, nem sequer é muito batida: umas vezes faz de nós mesmos os autores dos nossos males, outras, tirando partido dos seus recursos próprios, inventa calamidades sem responsável directo. Nenhum momento está isento de perigo: no meio dos prazeres originam-se as causas da dor! No meio da paz nasce a guerra, os instrumentos da segurança transformam-se em motivos de apreensão: o amigo torna-se um rival, o companheiro passa a ser um inimigo. A calmaria estival rebenta em tempestades súbitas, e mais violentas do que as de Inverno. Sofremos violências mesmo sem inimigos, e, se outros motivos não houver, o próprio excesso de bem-estar nos causará qualquer dissabor. O homem mais moderado não está imune à doença, o mais robusto pode apanhar uma tuberculose, o mais digno e honesto dos cidadãos pode ser condenado, uma desordem pode vitimar mesmo os de vida mais retirada; o acaso escolhe sempre um atalho inesperado para mostrar toda a sua força aos homens que fazem por esquecer-se dele. Todo o património acumulado ao longo de anos e anos de esforço, sob a protecção da contínua benevolência divina, pode ser destruído e dissipado num único dia. E ao dizer "um único dia" já estamos a dar um grande prazo à aproximação do infortúnio: uma hora, um mero instante chega para derrubar um império! Seria um certo alívio para a nossa fragilidade e para a de todas as obras do homem, se tudo levasse tanto tempo a ruir como levou a edificar: só que enquanto o processo de crescimento é lento a destruição é sempre rápida! Na vida privada ou na vida pública, nada há que permaneça estável: sejam homens, sejam cidades, o destino está sempre em mudança. O perigo pode surgir na mais pacífica das situações; mesmo sem nenhumas causas exteriores de perturbação, o mal pode irromper

donde menos se espera. Quantos impérios, incólumes no meio de guerras, civis ou externas, ruíram sem que ninguém os derrubasse! Quantas foram, afinal, as cidades que conheceram sem perigo o seu período de esplendor? Devemos ter sempre no espírito estas considerações, e robustecer o ânimo contra todas as eventualidades. Medita no exílio, na tortura, na guerra, nos naufrágios. Um golpe do acaso pode afastar-te da pátria, ou privar-te da pátria, pode atirar contigo para o deserto, pode suceder que esta cidade em que a multidão mal consegue mover-se venha a tornar-se um deserto. Tenhamos diante dos olhos todos os factores que determinam a condição humana, consideremos no nosso espírito não a frequência de cada factor, mas sim a intensidade máxima que ele pode atingir, a menos que queiramos deixar-nos abater e abrir a boca de espanto ante alguma desgraça menos usual como se ela fosse inédita. Devemos pensar na fortuna — na sua máxima força! Quantas vezes tem havido cidades, na Ásia Menor ou na Acaia, que ruíram com um único sismo. Quantas praças-fortes da Síria ou da Macedónia não foram já devoradas pela terra! Quantas vezes esta catástrofe não devastou já a ilha de Chipre! Quantas vezes já a ilha de Pafos não ruiu sobre si mesma! Frequentemente nos chega a notícia da destruição de cidades inteiras..., e nós, os destinatários dessas frequentes notícias, que ínfima parte somos da humanidade! Afrontemos então com coragem as eventualidades, estejamos conscientes de que, aconteça o que acontecer, não será decerto tão grave como a opinião pública pretende fazer crer. Ardeu Lião, uma cidade opulenta, o orgulho da província em que se situava, destacando-se sobre as demais! No entanto, ela erguia-se sobre um único monte, e nem por isso muito espaçoso. De todas estas cidades esplendorosas e nobres de que hoje ouves falar o tempo corroerá todos os vestígios. Não vês como na Acaia até as fundações das mais ilustres cidades já estão destruídas, a ponto de nada haver no local para indicar que elas existiram algum dia? Mas não são apenas as obras do homem que perecem, não são somente os edifícios erguidos pela técnica e pelo talento humanos que a passagem do tempo deita por terra: os cumes dos montes desgastam-se, regiões inteiras afundam-se, encontram-se cobertas pelas ondas zonas que ficavam longe da vista do mar; a força intensa do fogo corrói as colinas onde se ateou, e reduz a nada picos outrora bem altos — que até serviam aos marinheiros de consoladores pontos de referência. As próprias obras da natureza estão sujeitas à destruição: mais um motivo para aceitarmos sem perturbação a ruína das cidades. Elas erguem-se hoje, mas cairão qualquer dia! Será esse o fim delas todas: ou porque a força do ar violentamente comprimido no interior da terra, sob a pressão, faça um dia ir pelos ares o terreno que o comprime; ou porque uma torrente rebenta impetuosa do subsolo destruindo tudo o que encontra; ou porque a violência das chamas provoca largas fendas no solo; ou porque a velhice, à qual nada escapa, as vai destruindo a pouco e pouco; ou porque o agravamento do clima faz desertar a população, e a degradação acaba por vencer a cidade abandonada. Seria infindável enumerar todas as vias que o destino pode seguir. Uma coisa tenho por certa: todas as obras dos mortais

estão afectadas de mortalidade; vivemos entre coisas que hão-de perecer um dia! Estas e outras semelhantes consolações dirijo eu ao nosso amigo Liberal quando o vejo dominado pelo intenso amor que devota à sua cidade natal. Talvez, afinal, ela tenha ardido para renascer ainda mais esplêndida! Frequentemente sucede que uma calamidade dá azo a uma prosperidade maior ainda: muitos edifícios arruinados ressurgiram mais altos do que tinham sido. Timágenes, como inimigo da prosperidade romana, dizia que os frequentes incêndios em Roma só o afligiam por saber que a cidade renascia ainda maior das próprias cinzas! Quanto à cidade de Lião, é natural que todos os cidadãos se venham a empenhar ao máximo para que a cidade agora perdida se reerga maior e mais nobre do que foi. Oxalá ela possa perdurar e assentar sob melhores auspícios em fundações que desafiem o tempo! De resto, a colónia de Lião foi fundada há somente cerca de cem anos, período de tempo exíguo, mesmo à escala humana. Instituída por Planco, ficou devendo a sua população actual à excelência da situação geográfica; e, no entanto, quantas calamidades gravíssimas a atingiram no breve espaço de tempo que um homem leva da infância à velhice! Que a nossa alma, portanto, se habitue a entender e a suportar o seu destino, a saber que nada é interdito à fortuna, que esta tanto se abate sobre os impérios como sobre os imperadores, que tanto poder tem sobre as cidades como sobre os homens. E não devemos indignar-nos contra as desgraças: nós entramos num mundo que se rege precisamente por esta lei. Se a lei te agrada, obedece-lhe; se não, sai deste mundo pelo processo que quiseres! Indigna-te, sim, com alguma iniquidade que o destino te tenha feito somente a ti; mas as leis que regem o mundo constrangem tanto os grandes como os humildes, e por isso deverás reconciliar-te com o destino: ele dará solução a tudo! Não deves avaliar os homens pelos túmulos, pelos monumentos fúnebres que, uns maiores outros menores, se erguem ao longo das estradas: reduzidos a cinzas, todos os homens são iguais. Desiguais no nascimento, todos somos iguais na morte. E o que digo dos cidadãos igualmente direi das cidades: tanto foi conquistada Árdea como Roma! O criador da condição humana somente nos torna diferentes, em função do nascimento ou da glória do nome, enquanto somos vivos; quando chegarmos ao termo da existência, ele dir-nos-á: "Vai-te, ambição! Idêntica há-de ser a lei para todos os seres que pisam a terra!" Todos somos iguais perante a sorte comum: nenhum homem é mais frágil do que outro qualquer, nenhum pode estar mais seguro do que lhe reserva o amanhã! Alexandre, rei da Macedónia, começou a estudar geografia, pobre homem!, apenas para ficar sabendo como era exíguo este planeta de que ele somente ocupava uma diminuta parcela. E chamo-lhe "pobre homem" porque ele devia ter ficado a perceber como era falso o seu cognome: pois como pode alguém ser Grande dentro de tão estreitos limites?!... A matéria que lhe davam a estudar era complicada e exigia um grande esforço de atenção para ser assimilada, ou seja, estava para além das capacidades de um homem nervoso que só pensava em conquistar para lá dos oceanos! Disse Alexandre ao mestre: "Ensina-me uma matéria fácil!", ao que o outro respondeu:

"Esta matéria é igual para todos, e para todos igualmente difícil." Imagina que a natureza nos fala deste modo: "Estas leis de que te queixas são as mesmas para todos os homens; não as posso tornar mais fáceis de aceitar por quem quer que seja, mas quem quer que seja as pode tornar, se quiser, mais fáceis de aceitar por si próprio." Sabes como? Com calma e paciência. Como homem, estás sujeito à dor, à sede, à fome, à velhice (no caso de te calhar em sorte uma mais prolongada demora neste mundo), à doença; estás sujeito a perder os bens, a perder a vida. Mas não há razão para acreditares nos clamores que ouves à tua volta: nenhuma destas coisas é em si um mal, nenhuma é insuportável ou terrível. É a opinião pública que nos faz sentir medo diante delas. Tu receias a morte, tal como receias os boatos: há coisa mais ridícula do que ver um homem com medo... de palavras? O filósofo Demétrio costumava dizer, com humor, que tanta importância dava aos clamores dos insensatos como aos ruídos que produzimos no baixo ventre!... "Que diferença me faz" — dizia ele — "que o som saia por cima ou por baixo?!" Que loucura temer que gente indigna propale indignidades sobre nós! E se não há razões para temer os boatos, também não as há para sentir medo por coisas que só receamos em função dos boatos que sobre elas ocorrem. Em que podem boatos injustos lesar um homem de bem? Não deixemos, pois, que a má opinião que se faz da morte nos leve a julgar mal dela. As pessoas que falam mal da morte ainda a não experimentaram, e condenar o que não se conhece é pelo menos ousadia. Tu sabes, afinal, como muita gente há a quem a morte pode ser útil, quanta gente há a quem ela liberta das aflições, da miséria, das angústias, dos suplícios, do tédio. Não existe ninguém que possa ter poder sobre nós quando temos a morte sob o nosso poder!

CARTA 92

Creio que estaremos ambos de acordo em que é para proveito do corpo que procuramos os bens exteriores; em que apenas cuidamos do corpo para benefício da alma, e em que na alma há uma parte meramente auxiliar — a que nos assegura a locomoção e a alimentação — da qual dispomos tão somente para serviço do elemento essencial. No elemento essencial da alma há uma parte irracional e outra racional; a primeira está ao serviço da segunda; esta não tem qualquer ponto de referência além de si própria, pelo contrário, serve ela de ponto de referência a tudo. Também a razão divina governa tudo quanto existe sem a nada estar sujeita; o mesmo se passa com a nossa razão, que, aliás, provém daquela. Se estamos de acordo neste ponto, estaremos necessariamente também de acordo em que a nossa felicidade depende exclusivamente de termos em nós uma razão perfeita, pois apenas esta impede em nós o abatimento e resiste à fortuna; seja qual for a sua situação, ela manter-se-á imperturbável. O único bem autêntico é aquele que nunca se deteriora. O homem feliz, insisto, é aquele que nenhuma circunstância inferioriza; que permanece no cume sem outro apoio além de si mesmo, pois quem se sustenta com o auxílio dos outros está sujeito a cair. Se assim não fosse, começariam a ter ascendente sobre nós

coisas que nos são exteriores. Haverá alguém que deseje estar na dependência da fortuna? Qual o homem de bom senso que se envaidece do que lhe não pertence? A felicidade não é mais do que a segurança e a tranquilidade permanentes. Quem no-las proporciona é a grandeza de alma, bem como a constante perseverança na correcção das nossas ideias. Os meios de atingir este estado estão na plena consideração da verdade; em observarmos sempre nas nossas acções a ordem, a moderação, a moralidade, a inocência e a benevolência de uma vontade sempre atenta à razão, nunca desta se apartando, digna ao mesmo tempo de amor e de admiração. Resumamos tudo isto numa fórmula sintética: a alma do sábio deve ser tal qual a que conviria a um deus! Que mais pode desejar um homem que alcançou a perfeição moral? Repara: se a plenitude do homem pode de algum modo ser favorecida por elementos à margem da moralidade, então a felicidade dependerá desses elementos sem os quais não pode passar. Há coisa mais abjecta e estúpida do que fazer depender de elementos irracionais o bem próprio da alma racional? Certos pensadores admitem que o bem supremo é susceptível de acréscimo, pois, dizem, não atingirá a plenitude se as circunstâncias exteriores forem adversas. O próprio Antípatro — aliás, um dos grandes mestres da nossa escola — afirma atribuir certo valor, embora diminuto, aos factores externos. Estás a ver a situação: é como se, não contentes com a luz do dia, precisássemos de acender uma vela! Mas perante a claridade do sol que relevância tem uma pequena chama? Quem se não contenta apenas com o bem moral terá forçosamente de lhe pôr ao lado ou o sossego — a ἀοχλησία (aokhlêsia), como dizem os gregos — ou o prazer. O primeiro, em boa verdade, pode aceitar-se: a alma, livre do que seja importuno, pode consagrar-se à observação do universo sem nada que a distraia da contemplação da natureza. Quanto ao segundo, o prazer, é um bem digno de animais! Significa pôr ao lado do racional o irracional, da moralidade a imoralidade, da grandeza a pequenez! Então é a satisfação do corpo que dá a felicidade? Já agora, porque não acrescentais que, se o paladar está satisfeito, tanto basta para o homem estar satisfeito? A um tal ser, cujo supremo bem consiste nos sabores, nas cores e nos sons, podemos contá-lo, já não digo entre os homens a sério, mas no número dos seres humanos? Expulsemos tal criatura do número dos seres mais perfeitos e apenas inferiores aos deuses; releguemo-la para o meio das bestas para quem a comida é tudo! A parte irracional da alma consta de duas partes: uma excitável, ambiciosa, impetuosa, toda entregue às paixões; outra rasteira, indolente, consagrada aos prazeres. Os epicuristas puseram de lado a primeira, a parte da impetuosidade, apesar de superior, ou pelo menos mais dotada de energia, mais digna do homem; e consideraram essencial à felicidade a outra, que é débil e abjecta! Puseram ao serviço desta a razão; rebaixaram e desvirtuaram o supremo bem do mais nobre dos seres vivos, fizeram dele uma mistura monstruosa de elementos díspares e incongruentes entre si. Vem-nos à memória o retrato que Vergílio faz de Cila: "tem forma humana o seu corpo, donzela de peito formoso até à cinta, depois torna-se monstro gigantesco unindo caudas de golfinho ao

ventre eriçado de lobos!" A Cila, contudo, estão associados animais ferozes, terríveis, plenos de excitação. Mas a sabedoria dos epicuristas, de que monstruosidades eles a formaram! A parte fundamental do homem é a virtude em si mesma; por companhia foi-lhe dado este corpo inútil e transitório que apenas serve, como diz Posidónio, para a ingestão de alimentos. A virtude, em si mesma divina, termina em lamaçal; à sua parte respeitável e celeste acrescenta-se um animal inerte e apodrecido! O sossego, em todo o caso, se em si de nada servia à alma, pelo menos afastava os obstáculos; o prazer vai mais longe: debilita a alma, rouba-lhe toda a energia. Que combinação mais díspar de elementos se poderia inventar? Ao lado do máximo vigor coloca-se a maior indolência, da maior austeridade a falta de seriedade, da maior pureza a intemperança capaz de ir até ao incesto! "Que pretendes dizer?" - objectar-me-ão. — "Tu não desejas gozar de boa saúde, de sossego, de ausência de sofrimento, se isso te não impedir de alcançar a virtude?" Claro que desejo, mas não porque sejam bens em si mesmos, e sim porque são conformes à natureza e porque eu os emprego com discernimento. O que neles há de bom é apenas isto: serem criteriosamente escolhidos. Se eu visto uma roupa decente, se passeio sem ademanes, se janto com conta e medida, o meu jantar, o meu passeio ou a minha roupa não são bens por si mesmos; o bem está apenas na minha intenção em relação a eles, na minha capacidade de manter em qualquer ocasião a plena conformidade com a razão. Digo-te mais; a escolha de roupa limpa é algo próprio do homem, pois o homem é, por natureza, um animal limpo e cuidado. Não é, portanto, a roupa limpa mas sim a escolha de uma roupa limpa que é um bem em si, já que o bem não está na coisa, mas na qualidade da nossa escolha; a moralidade está na nossa forma de agir, não no acto concreto que praticamos. E fica sabendo que o mesmo que disse da roupa direi também do nosso corpo. O corpo é como uma vestimenta dada à alma pela natureza, é como um véu que a rodeia. Quem é que alguma vez apreciou os trajos em função do valor da arca? Não é a bainha que faz a espada boa ou má. O mesmo te digo, portanto, a respeito do corpo: se me for dada a escolha, preferirei a saúde e a robustez física; mas o bem está no meu discernimento ao escolher, e não no objecto da escolha. Outra objecção: "É certo que o sábio é feliz; no entanto, ele não atingirá o supremo bem caso as suas condições naturais o não favoreçam. Quem possui a virtude é certo que não é desgraçado; mas não pode ser maximamente feliz quem for privado de certos bens naturais como a saúde e a integridade física." Vós, epicuristas, aceitais o que pareceria ser mais duro de aceitar: que um homem não é desgraçado, e pode até ser feliz, mesmo sujeito a intensas e prolongadas dores; mas recusais o mais fácil: que esse homem possa ser sumamente feliz. Ora, se a virtude pode conseguir que um homem não seja desgraçado, mais facilmente conseguirá que seja sumamente feliz; vai menos distância da felicidade à máxima felicidade do que da desgraça à felicidade. Então uma coisa que é capaz de pôr no número dos felizes um homem esmagado por mil calamidades não conseguirá fazer o pouco que resta: fazê-lo sumamente feliz? Faltar-lhe-ão as

forças mesmo no fim da subida? Na vida há coisas vantajosas e coisas desvantajosas; umas e outras não dependem de nós. Se um homem de bem não é desgraçado mesmo que oprimido por todas as adversidades, como não será sumamente feliz só por carecer de uma ou outra vantagem? Tal como o peso das contrariedades o não reduz à infelicidade, também a carência de vantagens o não afasta da suma felicidade; tanto será sumamente feliz sem vantagens como, mesmo sob o peso da adversidade, se não sente desgraçado. Ou então, se o sumo bem pode sofrer decréscimo, também poderá ser-lhe arrancado! Dizia eu, há pouco, que a chama de uma vela nada acrescenta à luz do sol, pois a claridade deste faz desaparecer toda a luz que, sem ela, seria visível. "Há coisas" — dir-me-ão — "que podem fazer barreira ao sol." Só que o sol permanece tal qual é mesmo diante das barreiras; ainda que algo se interponha e nos impeça de vê-lo, nem assim ele deixará de brilhar e seguir o seu curso. Quando ele luz atrás das nuvens não é menos intenso nem anda mais devagar do que quando o céu está limpo; há uma grande diferença entre meter-se apenas à frente ou impedir mesmo a passagem. Semelhantemente, o que se mete à frente da virtude em nada a diminui; ela não será menor, conquanto possa brilhar menos. Talvez ela não seja tão evidente e nítida à nossa vista, mas permanece idêntica perante si mesma e, tal como o sol obscurecido por algum obstáculo, continua a agir. Ou seja, contra a virtude têm os infortúnios, os sofrimentos e as injúrias tanto poder como a névoa contra o sol! Há também quem diga que o sábio, se tiver um corpo pouco robusto, não é nem desgraçado nem feliz. Também esta posição é errada, já que coloca o acaso ao nível da virtude, e tanta relevância dá à moralidade como ao que de moralidade carece. Pode encontrar-se algo de mais repelente e indigno do que equiparar o que merece respeito e o que merece desprezo? Dignas de respeito são a justiça, a piedade, a coragem, a sabedoria; desprezíveis são, pelo contrário, coisas como a robustez das pernas, a solidez dos músculos, a saúde e firmeza dos dentes — tudo coisas, que muito frequentemente se encontram entre os homens mais vis. De resto, se um sábio de corpo enfermiço não for considerado nem desgraçado nem feliz, mas lhe atribuirmos como que um estado intermédio, seguir-se-á que a sua vida não suscita nem emulação nem repulsa. O que há de mais absurdo do que isto: a vida do sábio não suscitar emulação? Ou o que há de tão inconcebível como uma forma de vida que não suscita nem emulação nem repulsa? Aliás, se os defeitos físicos não tornam um homem desgraçado, não o impedem de ser feliz, porquanto quem não tem poder para reduzir alguém a uma condição inferior também o não terá para pôr em questão a melhor possível das condições. Contra-argumento;"Todos sabemos o que é o frio e o calor, bem como o estado intermédio a que chamamos "morno"; do mesmo modo, há homens que são felizes, outros que são desgraçados e outros que não são felizes nem desgraçados". Vamos lá discutir o exemplo que nos é proposto. Se se aumentar a dose de frio a um objecto morno, esse objecto torna-se frio; se se lhe aumentar o calor, acabará por tornar-se quente. Mas um homem nem desgraçado nem feliz, por mais que aumente a sua desgraça, nunca

se tornará desgraçado, como vós mesmo admitis; logo, a analogia é irrelevante. Consideremos um homem nem desgraçado nem feliz. Aos seus males junta a cegueira: não se torna desgraçado por isso. Junta a falta de forças: não se torna desgraçado por isso. Junta dores contínuas e intensas: não se torna desgraçado por isso. Se tantos males não o podem reduzir à infelicidade também o não podem privar da felicidade. Se, conforme dizeis, o sábio não pode, de feliz que era, transformar-se em desgraçado, não poderá ser também "não feliz"! Por que razão alguém que começa a escorregar por um barranco há-de parar num ponto qualquer? Se alguma circunstância há que lhe não permita resvalar até ao fundo, então conservá-lo-á lá no cimo. A felicidade não pode ser interrompida, nem pode sequer diminuir de intensidade, por isso mesmo a virtude, só por si, chega para a obtermos. Venha outra objecção. "Como é isso? Então um sábio que tenha tido uma vida mais longa, que nunca tenha sido incomodado pela dor, não é mais feliz do que outro que tenha estado sempre em luta com a adversidade?" Vejamos: ele foi melhor por isso, a sua moralidade foi superior? Se tal não foi o caso, então também não foi mais feliz. Para termos uma vida mais feliz é necessário viver com maior rectidão; se não é possível aumentar a rectidão, é impossível também aumentar a felicidade. A virtude não é passível de gradações; logo, também a felicidade o não é, porquanto da virtude provém. A virtude é um bem tal que nem dá conta dos insignificantes acidentes que são a brevidade da vida, a dor, as várias enfermidades físicas; o prazer não é coisa para que a virtude se digne sequer olhar. O mais importante na virtude é a sua independência em relação ao futuro, a sua indiferença pelo cômputo dos dias. Por breve que seja o tempo ao seu dispor, ela leva à perfeição os bens eternos. Isto pode parecer-nos inconcebível, como algo que excede a natureza humana; na realidade, medimos a majestade da virtude pela nossa própria debilidade, e atribuímos falsamente o nome de virtude aos nossos vícios. Pois quê? Não nos parece igualmente inconcebível que um homem sujeito aos maiores padecimentos possa exclamar: "Sou feliz!"? E no entanto estas palavras foram ouvidas no próprio laboratório do prazer! "Este é o meu dia mais feliz, o meu último dia, também!" — exclamou Epicuro no meio dos tormentos que lhe causavam a sua dificuldade em urinar e as dores insuportáveis no abdómen ulcerado Porquê então achar inconcebível tal atitude entre os estóicos — que praticam o culto da virtude —, se ela se encontra também entre os epicuristas — para quem o bem supremo é o prazer?! Até estes, apesar de degenerados e de tão baixos ideais, sustentam que o sábio, mesmo no meio das maiores dores, dos maiores infortúnios, nunca será nem desgraçado nem feliz. Aqui está o que se me afigura inconcebível, muito mais inconcebível mesmo; não consigo entender como é que a virtude, uma vez removida das suas alturas, consegue não resvalar até ao mais baixo nível. Das duas uma: ou a virtude torna o homem feliz, ou então, se lhe for recusada essa possibilidade, não o consegue impedir de ser desgraçado. O seu combate não admite complacências: ou vence, ou é vencida! "Somente os deuses imortais" — contestam — "têm acesso à virtude e à

felicidade; a nós não nos cabe mais do que uma sombra, um simulacro de tais bens. Apenas podemos aproximar-nos deles, nunca alcançá-los." Na realidade, a razão é comum aos deuses e aos homens; naqueles atingiu a perfeição, nestes é susceptível de a atingir. São os nossos vícios que nos conduzem ao desespero. Esse outro tipo de homem é como alguém de segundo plano — observador pouco constante dos mais altos princípios, cujo discernimento está ainda sujeito ao erro e à incerteza. Opte à sua vontade pela acuidade dos olhos e dos ouvidos, pela saúde, por um aspecto físico agradável e também por chegar em perfeito estado ao termo de uma vida bem longa. Poderá levar-se assim uma vida que não dê lugar a arrependimentos; mas um homem assim imperfeito conservará em si um resto de maldade, na medida em que tem uma alma instável, propensa ao mal embora não se trate de uma maldade cristalizada e inamovível. Não é ainda um homem de bem, está-se formando para o bem; todavia, todo aquele a quem falta algo para ser bom, é mau. Mas "quem tenha dentro de si a virtude e o ânimo" equipara-se aos deuses e, lembrado das suas origens, tende a ir para junto deles. Não há qualquer insolência em tentarmos subir ao lugar donde descemos. E de resto, porque não admitir que há algo de divino num ser que é parte integrante da divindade? Todo este universo que nos rodeia é uno, e é Deus. Nós somos participantes dele, somos como que os seus membros. A nossa alma tem capacidade bastante para se elevar até à divindade desde que os vícios a não deitem por terra. Tal como a estrutura do nosso corpo está organizada para se erguer em direcção ao céu, também a nossa alma — que tem a capacidade para abarcar tudo quanto queira! — foi formada pela natureza com a finalidade de conformar os seus propósitos aos dos deuses. E se porventura usar plenamente as suas forças e se expandir pelo seu espaço próprio, atingirá a plenitude seguindo uma via que lhe não é estranha. Seria necessário grande esforço para subir ao céu, mas para a alma é um regresso. Desde o momento em que enverede por este caminho, ela avança intrepidamente sem dar importância a nada mais, sem ligar ao que se compra e vende, sem avaliar o ouro ou a prata — metais bem dignos das trevas em que estavam encerrados! — pelo brilho que revestem aos olhos dos insensatos, mas sim de acordo com a lama donde os foi arrancar e desenterrar a ambição humana. A alma sabe, insisto, que as verdadeiras riquezas não se encontram onde nós as amontoamos: é a alma que nós devemos encher, não o cofre! Àquela devemos nós conceder o domínio sobre tudo, atribuir a posse da natureza inteira de modo a que os seus limites coincidam com o oriente e o ocaso, a que a alma, identicamente aos deuses, tudo possua, olhando soberanamente do alto os ricos e as suas riquezas — esses ricos a quem menos alegria proporciona o que têm do que tristeza lhes dá o que aos outros pertence! Quando se eleva a tais alturas, a alma passa a cuidar do corpo (esse mal necessário!), não como amigo fiel, mas apenas como tutor, sem se submeter à vontade de quem está sob sua tutela. Ninguém pode simultaneamente ser livre e escravo do corpo; para já não falar de outras tiranias que o excessivo cuidado com ele nos impõe, a soberania do corpo tem exigências que são

autênticos caprichos. A alma desprende-se dele ora com serenidade, ora de firme propósito — busca a sua saída sem se importar com a sorte dessa pobre coisa que para aí fica! Nós não ligamos importância aos pêlos da barba ou aos cabelos que acabámos de cortar; do mesmo modo, à nossa alma divina, ao preparar-se para abandonar o corpo, de nada importa a sorte dada ao seu invólucro — se o fogo o consome, se a terra o cobre ou as feras o despedaçam; para ela, isso tem tanta importância como para o recém-nascido a placenta. Que o corpo abandonado sirva de pasto às aves ou vá ser consumido como presa entregue aos cães marinhos, que importa isso para quem deixou esta vida? Mesmo quando ainda está entre os homens, o sábio não receará as ameaças que para além da morte lhe façam todos aqueles que acham pouco inspirar terror até ao momento da morte. "Nada me assusta," — dirá ele — "o gancho ignominioso ou a imagem, repugnante para quem a contemplar, do meu cadáver exposto e dilacerado. Não peço a ninguém que me preste os últimos deveres, nem encarrego ninguém de cuidar dos meus restos. A natureza providenciou para que ninguém ficasse sem sepultura: o tempo sepultará todo o corpo que a crueldade humana deixar ao abandono." Mecenas afirmou expressivamente: "Não quero saber de túmulos; a natureza sepulta os abandonados!" A julgar por estas palavras, tomá-lo-íamos por um homem corajosamente pronto para a luta; e, de facto, tempo houve em que ele mostrou ter um ânimo forte e viril. Pena foi que a prosperidade lhe tivesse roubado as armas!

LIVRO XV

Cartas 93-95

CARTA 93

Na carta em que lamentavas a morte do filósofo Metronacte — como se ele tivesse podido, ou devido, viver mais tempo! — verifiquei a ausência daquele espírito de equidade que possuis em abundância em relação a todas as pessoas e a todas as actividades, mas que te falta precisamente no mesmo ponto em que toda a gente claudica: tenho encontrado muitos que sabem ser justos para com os homens, ninguém que o seja para com os deuses. Diariamente criticamos o destino: "Porque foi este homem arrebatado a meio da carreira? E àquele, porque não morre, em vez de prolongar uma velhice tão penosa para ele como para os outros?" Diz-me cá, por favor: o que achas tu mais justo, seres tu a obedecer à natureza ou a natureza a ti? Que diferença faz sair mais ou menos depressa de um sítio de onde temos mesmo de sair? Não nos devemos preocupar em viver muito, mas sim em viver plenamente; viver muito depende do destino, viver plenamente, da nossa própria alma. Uma vida plena é longa quanto basta; e será plena se a alma se apropria do bem que lhe é próprio e se apenas a si reconhece poder sobre si mesma. Que interessam os oitenta anos daquele homem passados na inacção? Ele não viveu, demorou-se nesta vida; não morreu tarde, levou foi muito tempo a morrer! "Viveu oitenta anos!". O que importa é ver a partir de que data ele começou a morrer. "Mas aquele outro morreu na força da vida". É certo, mas cumpriu os deveres de um bom cidadão, de um bom amigo, de um bom filho, sem descurar o mínimo pormenor; embora o seu tempo de vida ficasse incompleto, a sua vida atingiu a plenitude. "Viveu oitenta anos". Não, existiu durante oitenta anos, a menos que digas que ele viveu no mesmo sentido em que falas na vida das árvores. Peço-te insistentemente, Lucílio: façamos com que a nossa vida, à semelhança dos materiais preciosos, valha pouco pelo espaço que ocupa, e muito pelo peso que tem. Avaliemo-la pelos nossos actos, não pelo tempo que dura. Queres saber qual a diferença entre um homem enérgico, que despreza a fortuna, cumpre todos os deveres inerentes à vida humana e assim se alça ao seu supremo bem, e um outro por quem simplesmente passam numerosos anos? O primeiro continua a existir depois da morte, o outro já estava morto antes de morrer! Louvemos, portanto, e incluamos entre os afortunados o homem que soube usar com proveito o tempo, mesmo exíguo, que viveu.

Contemplou a verdadeira luz; não foi um como tantos outros; não só viveu, como o fez com vigor. Umas vezes, gozou de um céu inteiramente sereno; outras, conforme sucede, o fulgor do astro poderoso brilhou através das nuvens. Porquê perguntar quanto tempo viveu? Viveu! Transpôs a barreira do tempo e fixou-se na memória da posteridade. Não quer isto dizer que eu vá recusar, sem mais, alguns anos de vida que ainda me caibam; contudo, se o curso da minha existência for quebrado, não direi que me faltou tempo para alcançar a felicidade. A verdade é que não me preparei em função de um certo dia que a minha esperança ávida me prometesse ser o último, pelo contrário, olhei sempre cada dia como se fosse o derradeiro. Porque me perguntas quando é que eu nasci, ou se ainda posso ser chamado às fileiras? Tenho a minha conta! Do mesmo modo que um homem de diminuta estatura pode ser um carácter exemplar, também uma vida pode ser exemplar ainda que de curta duração. A idade é um factor totalmente externo. Não me cabe determinar por quanto tempo vivo; está, todavia, na minha mão viver plenamente enquanto existir. Exige de mim que eu não percorra, como que envolto em trevas, uma existência sem sentido, mas que realize a minha vida, em vez de lhe passar ao lado. Queres saber qual a duração ideal da vida? Quanto baste para atingir a sabedoria. Alcançar este fim significa cortar, não a mais distante, mas a mais importante das metas. O homem que o conseguir deve sentir-se justamente orgulhoso; deve dar graças aos deuses e, entre estes, a si mesmo; deve fazer a natureza sentir-se devedora por ele ter existido. E de pleno direito o fará, já que lhe restitui uma vida melhor do que quando da natureza a recebeu. Determinou o modelo ideal de homem de bem, mostrou quais as suas qualidades e a sua grandeza; se a sua vida se prolongasse continuaria igual ao que já era. E, afinal de contas, até quando pretendemos viver? Nós dispomos do conhecimento de todas as coisas: sabemos em que princípios se fundamenta a natureza, de que modo mantém ordenado o universo, qual o ciclo das estações do ano, de que modo compreende dentro dos limites de si mesma todos os fenómenos que alguma vez hão-de ocorrer; sabemos que os astros se movem pela sua própria energia, que nenhum está fixo a não ser a Terra enquanto os restantes se deslocam a velocidade uniforme; sabemos de que forma a Lua deixa para trás o Sol, por que razão ela, que é mais lenta, deixa atrás de si um astro mais veloz, sabemos de que modo ela recebe ou perde a sua luminosidade, qual a causa que origina a noite e qual a que traz de volta o dia. Só nos resta ir para um ponto donde se possam contemplar mais de perto estes fenómenos. Dirá, no entanto, o sábio: "Não é a esperança de, segundo penso, ter aberto o caminho para junto da família divina, que é a minha, que me faz deixar mais corajosamente esta vida. Estou certo de ter merecido juntar-me aos deuses, já estive mesmo entre eles; a minha mente já os visitou, como a deles me visitou a mim. Mas mesmo imaginando que a destruição é total, e que depois da morte nada mais resta do homem, a minha energia permanecerá idêntica, ainda que daqui saia para não chegar a parte alguma!" Não viveu tantos anos quantos poderia ter vivido. Um volume, todavia, pode ter

poucas linhas sem deixar de ser apreciável e útil; quanto aos Anais de Tanúsio sabes bem quanto eles pesam e por que nome são conhecidos! A longa vida de certas pessoas merece precisamente o mesmo epíteto que os Anais de Tanúsio. Pensas que é mais feliz o gladiador morto no último minuto dos jogos do que o que caiu a meio do espectáculo? Achas que estes homens são tão estupidamente apegados à vida que prefiram ser degolados no espoliário a sê-lo na arena? Não, é maior o intervalo que nos separa uns dos outros. A morte atinge todos; o criminoso segue atrás da vítima. É uma ínfima fracção de tempo essa por que as pessoas tanto se angustiam. E, afinal, que importância tem o tempo que se leva a tentar evitar o inevitável?!

CARTA 94

Aquela parte da filosofia que proporciona os conselhos adequados a cada indivíduo e se destina, portanto, não à formação do homem em geral, mas sim, por exemplo, a indicar ao marido como comportar-se em relação à mulher, ao pai como educar os filhos, ao senhor como dirigir os escravos, houve filósofos que a aceitaram como única e exclusiva, pondo de lado todas as outras partes a pretexto de que elas não oferecem qualquer utilidade prática. Como se fosse possível alguém ministrar preceitos sobre uma questão particular sem ter em vista toda a complexidade da vida humana. Aríston, o estóico, pelo contrário, considera esta parte sem interesse, incapaz de nos penetrar até ao mais íntimo, mera soma de conselhos de velhos. O que tem importância real são os princípios básicos da filosofia, é a definição completa do sumo bem. Quem tiver assimilado capazmente tais princípios, diz ele, será capaz de deliberar por si próprio o que fazer em cada situação. Quem aprende a lançar o dardo, compenetra-se bem do alvo a atingir, exercita o braço para lançar com pontaria e quando, na teoria e na prática, tiver atingido essa habilidade, poderá usá-la para acertar onde quiser (porquanto se treinou para acertar não neste ou naquele alvo, mas sim em qualquer um); do mesmo modo, quem aprende a conduzir-se em todos os aspectos da vida não carece de preceitos particulares, porquanto está apto em qualquer situação, não a lidar, por exemplo, com a mulher ou o filho, mas sim a viver segundo o bem; e "viver segundo o bem" já compreende o modo de viver com a mulher e os filhos. Geantes, por seu lado, considera útil esta parte da filosofia, mas incompleta se não for derivada da teoria geral, isto é, se ignorar os princípios básicos e as questões fundamentais da filosofia. O problema da parenética divide-se, portanto, em duas questões: ela é útil ou inútil? É por si só capaz de formar o homem de bem ou não? Em suma, ela é supérflua, ou, pelo contrário, torna supérfluo todo o resto da filosofia? Aqueles que a consideram supérflua argumentam deste modo: qualquer impureza nos olhos que impeça uma perfeita visão deve ser removida; desde que ela permaneça, é esforço baldado aconselhar "a marchar deste ou daquele modo, a jogar a mão a isto ou àquilo". Da mesma maneira, se algo me tira a clarividência ao espírito e me impede de discernir a hierarquia dos meus deveres, será em pura perda que me

aconselharão "a proceder deste ou daquele modo com o meu pai ou a minha mulher". Os preceitos, consequentemente, de nada valem enquanto o erro persistir na nossa mente; eliminado o erro, imediatamente teremos a percepção nítida dos nossos deveres. Proceder de outro modo equivale a aconselhar um doente a actuar como um homem saudável mas sem lhe restituir a saúde. Ensina-se um pobre a agir como se fosse rico: como é possível isso no caso de ele continuar na miséria? Indica-se a um esfomeado a actuação própria de um homem saciado: melhor seria que o libertássemos da fome que o atormenta. O mesmo se dirá de todos os outros vícios: o que importa é eliminar os próprios vícios, e não ensinar um comportamento impossível enquanto eles persistirem. A menos que eliminemos as falsas opiniões que nos induzem em erro, não conseguiremos que um avaro aprenda a usar correctamente o dinheiro, ou um medroso consiga desprezar o perigo. O que interessa é fazer compreender ao primeiro que a riqueza nem é um bem nem é um mal; demonstrar-lhe que os ricos são, afinal, uns miseráveis; fazer compreender ao segundo que aquilo de que habitualmente se tem medo não é tão temível quanto se julga, que a dor não dura sempre, que não se morre mais do que uma vez; que a morte, à qual a lei natural nos sujeita, tem este grande benefício de só nos atingir uma vez; que na dor nos servirá de remédio a firmeza de ânimo que nos leva a suportar mais facilmente o que suportarmos com coragem; que a própria natureza da dor tem isto de notável: nunca é grande uma dor prolongada, nem nunca se pode prolongar uma grande dor; que, finalmente, devemos aceitar com firmeza aquilo que nos é imposto pelas leis do universo. Quando conseguirmos que o homem, instruído nestes princípios, tenha uma clara noção da condição humana, quando tiver entendido que não é feliz a vida que obedece ao prazer mas sim a que obedece à natureza, quando tiver passado a abraçar, como único bem próprio do homem, a virtude e a evitar como único mal o vício, quando tiver percebido que tudo o mais — riquezas, honras, saúde, força, poder — ocupa uma posição intermédia, sem ser, em si mesmo, nem um bem nem um mal, então ele não precisará de conselheiro para, em cada situação, lhe dizer: "deves andar deste modo, deves jantar daquele; esta é a actuação correcta de um homem, de uma mulher, de um casado ou de um solteiro". Aqueles que com mais aplicação prodigalizam tais conselhos não são sequer capazes de os adaptar para si mesmos. Conselhos tais dá-os o pedagogo à criança, a avó ao neto; é todo encolerizado que o mestre-escola ensina que não nos devemos encolerizar! E se acaso entramos numa escola primária encontraremos entre as frases que as crianças copiam estas máximas que os filósofos proferem de cenho carregado! Outro ponto: vamos ministrar conselhos sobre questões evidentes ou duvidosas? Se são evidentes, não é preciso um monitor para nada, se são duvidosas, pode não se dar crédito ao conselheiro; logo, é supérfluo ministrar preceitos. O que eu pretendo dizer é isto: se tu indicas preceitos sobre uma matéria obscura e controversa, terás de apoiar-te em algumas provas; se recorreres a provas, estas terão maior valor que os preceitos e bastarão, portanto, só por si. "Deves tratar

deste modo um amigo, um concidadão, um companheiro." — "Porquê?" — "Porque é de justiça". Ora todos estes casos particulares são-me proporcionados pelo estudo do que é a "justiça": através deste verei que a equidade é algo que, em si mesmo, devemos procurar, que não somos coagidos a ela pelo medo nem atraídos por prémios, e que não é justo quem, na prática desta virtude, tem outro objectivo para lá dela mesma. Se eu me tiver apercebido e embebido desta verdade, se eu já souber esta lição, para que me servirão os preceitos? Ministrar preceitos a quem já conhece a teoria é supérfluo, a quem ainda a ignora é insuficiente, porquanto não basta conhecer os preceitos, é necessário saber igualmente a respectiva razão de ser. Pergunto eu: os preceitos são necessários a quem possui uma opinião correcta sobre o bem e o mal, ou a quem não a possui? Quem a não possui nada beneficiará com os teus conselhos, já que tem os ouvidos atentos à opinião do vulgo, a qual é contrária à tua. Quem já possui uma noção correcta do que devemos evitar e procurar, esse sabe muito bem como há-de agir, mesmo que se lhe não diga nada. Toda esta parte da filosofia pode, por conseguinte, ser posta de lado. Há duas causas que nos podem fazer cair em falta: ou o nosso espírito enferma de qualquer vício contraído no contacto com as falsas opiniões, ou então, ainda que não dominado por opiniões falsas, é propenso à falsidade e facilmente se deixa corromper por uma aparência sedutora mas falaz. Por isso devemos ou sanar a nossa mente enferma e libertá-la dos vícios, ou então, quando ela carece de ideias justas mas é propensa às falsas, actuar profilacticamente. Ambos estes objectivos são atingidos pelos princípios básicos da filosofia; logo, o método preceptivo não serve para nada. Além disso, se pretendêssemos dar preceitos individuais, a tarefa seria inesgotável: haveria que procurar uns preceitos adequados aos prestamistas, outros aos agricultores, outros aos comerciantes, outros aos cortesãos dos monarcas, outros àqueles que só convivem com os seus pares, ou com os seus inferiores! Para dar preceitos a um homem casado sobre o comportamento a ter com a esposa, haveria que distinguir se ele casou com uma virgem ou com uma mulher já anteriormente casada, com uma ricaça ou com uma mulher sem dote. A menos que se admita não haver qualquer diferença entre uma mulher estéril e uma fecunda, entre uma jovem e uma mulher de certa idade, entre uma mãe e uma madrasta! Abarcar todos os casos é impossível; ora, enquanto os casos individuais exigem um tratamento particular, os princípios da filosofia são breves e compreendem todos os casos. Acrescente-se ainda que os preceitos da sabedoria devem ser bem definidos, e rigorosos; se não forem bem definidos, então estão fora da sabedoria, já que esta é capaz de definir tudo com exactidão. Logo, a parte preceptiva deve ser eliminada, porquanto não é capaz de proporcionar a todos o auxílio que se propõe dar a alguns; ora a sabedoria diz respeito a todos. Entre a loucura do vulgo e aquela que confiamos aos médicos só há uma diferença: esta última é motivada por uma doença, a primeira é causada pelas falsas opiniões; a segunda, é loucura motivada por uma perturbação física, a primeira consiste numa deficiência do espírito. Se alguém

for preceituar a um louco como ele deve falar, andar, agir em público ou em privado, esse alguém será mais louco ainda do que o outro; o que interessa é sanar a bílis negra, é eliminar a causa específica da loucura. O mesmo método deveremos seguir no caso da insânia do espírito: devemos eliminar o mal em si, de outro modo os preceitos cairão em saco roto. São estes os argumentos de Aríston. Vamos agora responder-lhes, um por um. Para começar, quando ele diz que, se há nos olhos alguma impureza que impeça a visão, é preciso eliminá-la, admito que alguém nesta situação não careça de preceitos para ver, mas sim de um remédio que lhe limpe os olhos e remova o obstáculo a uma visão perfeita. O facto de vermos é um fenómeno da natureza, e quando eliminamos a doença recuperamos o uso da vista. Não é a natureza, no entanto, que indica a cada um de nós os respectivos deveres. Além disso, quando alguém se cura das cataratas, pelo facto de ter recuperado a vista, nem por isso pode restituir a vista a outros. No entanto, alguém que se liberte do vício é capaz de libertar outros também. Não são precisos incitamentos ou conselhos para que os olhos distingam as propriedades das cores; mesmo sem preceptor qualquer um sabe distinguir o branco do preto. O espírito, pelo contrário, carece de muitos preceitos até saber como agir na vida. O médico, aliás, não se limita a curar os doentes dos olhos. Dirá: "Não deves expor a vista ainda fraca a uma luz muito intensa; deves avançar do escuro para a penumbra, depois continuar, até acabares por, gradualmente, te habituar à luz do dia. Não deves pôr-te a estudar logo após o jantar, não deves forçar os olhos ainda cheios de líquido e inchados; evita receber no rosto uma corrente de ar frio", e outros conselhos semelhantes, cuja utilidade não é inferior à dos medicamentos. Aos remédios, a medicina faz seguir os conselhos. "A causa das nossas faltas" — diz Aríston — "é o erro. Os preceitos não nos livrarão do erro, nem destruirão as falsas opiniões sobre o bem e o mal." Eu admito que, por si só, os preceitos não sejam eficazes para corrigir as convicções falsas do nosso espírito; são, todavia, úteis, desde que aliados a outros métodos. Por um lado, avivam a memória; por outro, questões que, vistas na globalidade, podiam parecer confusas são entendidas com maior clareza quando encaradas separadamente. Se assim não fosse teríamos de considerar supérfluas as consolações e as exortações; ora nem umas nem outras são supérfluas; logo, os conselhos também o não são. "É estupidez" - diz Aríston — "prescrever a um doente o que ele deve fazer como se estivesse saudável, quando o que importa é restituir-lhe a saúde, sem a qual os preceitos são ineficazes." Mas não é verdade que os doentes e sãos têm aspectos em comum, sobre os quais devam ser aconselhados? Por exemplo, que não devem comer com sofreguidão, que devem evitar fatigar-se. Há preceitos que tanto se aplicam ao pobre como ao rico. "Cura a avareza" - diz ele — "e deixará de ser preciso aconselhar tanto o pobre como o rico, uma vez dominada a cupidez de um e de outro." Mas não é verdade que deixar de ambicionar a riqueza é uma coisa, e outra diferente saber usar dela? Ora, se o avaro não tem a justa medida do dinheiro, mesmo o não avaro ignora o modo de usá-lo. "Livra-nos do erro" —

afirma Aríston — "e os preceitos serão supérfluos." É falso. Imagina que a avareza desapareceu, que o luxo foi contido, que a temeridade foi refreada, que a indolência foi acicatada: mesmo depois de eliminados estes vícios há que aprender o que fazer e como agir. "De nada valem" — diz ele — "os preceitos dados a pessoas dominadas por graves vícios." Também a medicina de nada vale contra as doenças incuráveis, no entanto usamo-la para curar algumas, ou para aliviar outras. Nem o esforço combinado de toda a filosofia, ainda que para tal fim fizesse apelo a todas as suas forças, poderia extrair-nos do ânimo um vício endurecido, já inveterado; mas o facto de não curar tudo não implica a incapacidade de curar alguma coisa. Pergunta Aríston: "Qual a utilidade de apontar verdades evidentes?" Muita. Às vezes sabemos as coisas, e não reparamos nelas. Uma advertência não ensina, mas chama a atenção, mantém-nos atentos, conserva a memória concentrada, sem permitir que se disperse. Quantas vezes passamos sem dar por coisas que temos diante dos olhos: fazer uma advertência é como fazer uma exortação. Frequentemente, o nosso espírito finge não ver o que é evidente; há por isso que obrigá-lo a reparar mesmo nas coisas mais banais. Devemos recordar a este propósito a frase de Calvo no discurso contra Vatínio: "Vós sabeis que houve corrupção eleitoral, e todos sabem que vós o sabeis!" Sabes que a amizade deve ser religiosamente conservada, mas não o fazes. Sabes que é desonesto exigir fidelidade à tua esposa, e andar ao mesmo tempo a cortejar as mulheres dos outros; sabes que, se ela não deve ter amantes, também tu não deves ter "amigas"; mas não é assim que procedes. Por isso mesmo, a tua memória deve ser avivada; não interessa que estes princípios lá estejam guardados, mas que estejam activos. Todas as ideias salutares devem estar em movimento, em permanente actuação, de modo a serem para nós não só objecto de conhecimento mas também de prática. Acrescenta a isto que, assim, as verdades evidentes se tornam ainda mais evidentes. Acrescenta Aríston: "Se é controversa a matéria sobre que dás preceitos, terás que apresentar provas; logo, as provas, e não os preceitos, é que são proveitosas." Mas não é verdade que, mesmo sem prova, a autoridade do conselheiro pode valer por si só? É o que sucede com o valor atribuído aos pareceres dos juristas, mesmo quando não acompanhados da respectiva justificação. Além disso, os próprios preceitos ministrados podem ter por si só muita força, se vierem, por exemplo, sob forma métrica ou, mesmo em prosa, sob forma de uma sentença concisa. Tal sucede, por exemplo, com as famosas máximas de Catão: "Não compres o necessário, mas apenas o imprescindível; o que não é necessário, mesmo por um tostão já é caro"; ou então com as não menos célebres sentenças oraculares, ou semelhantes: "aproveita o tempo", "conhece-te a ti mesmo". Porventura vais exigir justificação se alguém te recitar estes versos: "O esquecimento é o remédio para as ofensas" "A fortuna protege o audaz, o medroso é um tropeço para si próprio?" Tais máximas não carecem de advogado; actuam directamente sobre as paixões, a sua utilidade nasce do facto de elas exercerem a sua acção por força da sua natureza. De tudo quanto é

honesto o nosso espírito contém em si as sementes, as quais são despertadas pela admonição tal como a fagulha, excitada por um sopro ligeiro, desenvolve de novo as suas chamas. A virtude alça-se mal recebe estímulo e impulso. Além disso, existem no espírito disposições pouco prontas a actuar, mas que começarão a desentorpecer mal sejam evocadas; outras ainda estão, por assim dizer, dispersas, sem que uma mente pouco dextra consiga combinar as respectivas forças. Importa por isso congregá-las e uni-las, para que aumente o seu poder e elevem mais o nosso ânimo. Nota: se os preceitos não servem para nada, então acabe-se de vez com a educação e fiquemos contentes com o que a natureza nos deu. Quem assim fala não vê que há pessoas de espírito ágil e atento, outras de espírito lento e pesado, em suma, que umas são mais inteligentes do que outras. Ora, o vigor da inteligência alimenta-se e robustece-se com os preceitos, adiciona novas convicções às inatas, corrige os erros em que labora. "Se alguém" — afirma Aríston — "não possui princípios justos, para que lhe servem as admonições, manietado como está por ideias incorrectas?" Precisamente para isso, para se libertar de tais ideias. A índole natural não está extinta nele, mas apenas obnubilada e reprimida. Assim, pode tentar ressurgir e lutar contra os seus erros; obtendo auxílio, valendo-se dos preceitos, pode recobrar forças, desde que uma prolongada enfermidade a não tenha contaminado e aniquilado por completo; neste caso, nem toda a doutrina filosófica, com todos os seus recursos, a conseguiria ressuscitar! Que outra diferença há, afinal, entre os princípios da filosofia e os seus preceitos, senão que aqueles são preceitos de carácter geral, e estes de carácter particular? Num caso e noutro trata-se de preceitos, uns de alcance universal, outros limitados ao individual. Aríston: "Quando alguém possui princípios justos e baseados na moralidade, é supérfluo ministrar-lhe preceitos." De modo nenhum. Tal homem pode saber em teoria o que tem o dever de fazer sem que o distinga claramente na prática. Ou seja, não são somente as paixões que nos impedem de fazer o que a razão nos indica, mas também a incapacidade de achar a actuação indicada em cada circunstância. Pode suceder que tenhamos um espírito dotado de excelente disposição, mas indeciso e incapaz de descobrir a via do cumprimento do dever: aqui está o que os preceitos podem indicar. "Rejeita as falsas opiniões sobre o bem e o mal, em seu lugar forma opiniões correctas, e a preceptística nada terá que fazer." Não há dúvida de que este método contribui para introduzir a ordem no espírito; por si só, contudo, não chega. De facto, ainda que se demonstre por meio de argumentos em que consiste o bem e o mal, nem por isso os preceitos deixam de ter o seu papel. A prudência e a justiça implicam o cumprimento de deveres: ora, são preceitos que discriminam tais deveres. Além disso, o nosso próprio juízo sobre o mal e o bem é confirmado através da prática de deveres, e a essa prática são os preceitos que nos conduzem. Preceitos e deveres estão em perfeito acordo entre si: aqueles não podem ocorrer sem que estes se lhes sigam, mais, estes seguem-se pela ordem conveniente, donde se conclui que aqueles têm a precedência. "Os preceitos são em número infinito." É falso; no que

concerne às questões de maior importância e urgência não são em número infinito. É certo que há ligeiras diferenças entre eles, segundo as épocas, os lugares, as pessoas. Em todo o caso, é sempre possível formular preceitos de carácter geral. "Ninguém cura a loucura com preceitos; o mesmo se diga do mau carácter." Não é o mesmo caso. Se se eliminar a loucura, restitui-se a saúde, ao passo que se se repelirem as falsas opiniões não se segue automaticamente o discernimento dos deveres a cumprir; para tal se conseguir é necessário que a preceptística venha corroborar o justo juízo sobre o bem e o mal. De resto, também não é exacto que os preceitos não sejam úteis aos insensatos. Se é certo que por si só nada conseguem, nem por isso deixam de ajudar à cura, na medida em que a repreensão e a censura refreiam os insensatos (falo, naturalmente, daqueles insensatos cujo espírito se encontra alterado, mas não perdido de todo). "As leis não nos conseguem obrigar a fazer o que devemos. Ora o que são as leis senão preceitos entremeados de ameaças?" Antes de mais, as leis não nos conseguem persuadir precisamente pelo facto de nos ameaçarem, enquanto os preceitos não pretendem coagir-nos, mas sim apelar à nossa obediência. Depois, enquanto as leis visam afastar-nos do crime, os preceitos exortam-nos ao nosso dever. Podemos dizer mesmo que as leis favorecem os bons costumes, desde que pretendam não só impor como também instruir. Neste ponto, não concordo com Posidónio, quando este afirma: "Não aprovo Platão quando ele acrescenta às leis princípios teóricos. Uma lei, convém que seja breve, para mais facilmente ser entendida pelo homem comum. Deve ser como uma voz emanada da divindade, deve ordenar e não discutir. Nada me parece mais abstruso e inábil do que uma lei com prólogo. Aponta-me, indica-me o que queres que eu faça; não pretendo aprender, mas sim obedecer." As leis são, em todo o caso, úteis, e por isso se vê proliferarem os maus costumes nas cidades que dispõem de más leis. "Mas as leis não aproveitam a toda a gente." Também a filosofia não! E isso não significa que ela seja inútil ou ineficaz na formação do espírito. E o que é, afinal, a filosofia senão a lei que rege a totalidade da vida? Mas admitamos que as leis não têm utilidade: isso não implica que os preceitos também não tenham utilidade. Ou então, deveremos negar utilidade aos tratados de consolação, de dissuasão, de exortação, de admoestação, de exaltação. Tais tratados ministram variados tipos de preceitos, e graças a eles consegue chegar-se a um estado de espírito perfeitamente equilibrado. Nada nos induz mais no espírito os princípios justos, nada reconduz melhor ao bom caminho os hesitantes ou os propensos ao mal do que a convivência com as pessoas de bem; vê-las frequentemente, escutá-las frequentemente é algo que a pouco e pouco se nos vai gravando no íntimo, a ponto de actuar com o vigor de preceitos. Que digo, o simples encontro com os sábios é proveitoso, há sempre algo de profícuo na presença de um grande homem, ainda que em silêncio. Não me é fácil explicar-te até que ponto isso pode ser útil, muito embora compreenda claramente em que medida me foi de facto útil! "Há pequenos insectos" — diz Fédon — "cuja mordedura se não sente, tanto é subtil e disfarçada a sua periculosidade; apenas o inchaço revela

que houve mordedura, embora no próprio inchaço se não distinga qualquer ferida." O mesmo te sucederá se conviveres com os sábios: tu não darás conta de como e quando tal convívio te está sendo útil, mas virás a compreender que te foi útil. "Onde pretendes chegar?" A isto: que os bons preceitos, se te acompanharem com frequência, te serão de tanta utilidade como os bons exemplos. Diz Pitágoras que ganham uma alma nova os crentes que entram no templo, contemplam de perto a imagem dos deuses e aguardam a revelação de algum oráculo. Quem negará que há preceitos capazes de impressionarem fortemente mesmo as pessoas menos esclarecidas? Como por exemplo estes, tão parcos de palavras quanto ricos de conteúdo: "Nada em excesso". "Alma avara, nenhum lucro a sacia". "Espera dos outros o que aos outros fizeres". Estas máximas atingem-nos como uma pancada, sem permitirem que duvidemos ou nos perguntemos porquê! Mesmo sem recurso à razão, a sua verdade aparece-nos com transparência. Se o respeito refreia a arrogância e reprime os vícios, porque não hão-de os preceitos conseguir o mesmo? Se uma repreensão impõe um sentimento de vergonha, porque não há-de a preceptística conseguir o mesmo, usando os seus preceitos sem recorrer à violência? É bem mais profícua, naturalmente, e penetra mais a fundo uma preceptística que apoie os seus preceitos na razão, que não omita os motivos por que se deve agir desta ou daquela maneira, que indique os frutos ao alcance de quem aceita e obedece aos preceitos. Se o uso da autoridade é útil, também o é o da preceptística; ora o uso da autoridade é útil, logo também o é o da preceptística. A virtude reveste dois aspectos: um, a contemplação da verdade; outro a acção. O estudo teórico leva-nos à contemplação, a preceptística conduz-nos à acção. Uma acção justa exercita e revela a virtude. Quando alguém quer agir, se a exortação lhe pode ser útil, também o conselho o será. Por conseguinte, se uma acção justa é necessária à virtude, e se a preceptística aponta quais são as acções justas, então a preceptística também é necessária. Duas coisas há que sobretudo contribuem para nos dar força de ânimo: a fé na verdade, a confiança em nós mesmos. Ora, a preceptística consegue incutir uma e outra. Começamos por crer na verdade e, quando cremos nela, o nosso espírito ganha ânimo e elevação, e enche-se de autoconfiança; a preceptística, portanto, não é supérflua. M. Agripa, homem de forte carácter, o único daqueles a quem as guerras civis deram fama e poder que pôs a sua fortuna ao serviço do bem público, costumava dizer que devia muito a esta máxima: "Quando há concórdia, mesmo as pequenas nações prosperam; quando há discórdia, até as maiores se arruinam." Graças a ela, dizia, é que se tornara um irmão e um amigo excelente. Ora se máximas deste tipo, quando perfeitamente interiorizadas, são capazes de formar o carácter, como não há-de conseguir o mesmo resultado aquela parte da filosofia que consiste precisamente em tais máximas? A virtude assenta em parte na teoria, e em parte na prática. É necessário não só aprender mas também confirmar pela acção aquilo que se aprendeu. Uma vez que assim é, são-nos proveitosos não só os princípios da sabedoria como igualmente os seus preceitos, os quais exercem, por assim dizer,

direito de coerção e direito de exílio sobre as nossas paixões. "A filosofia" — continua Aríston — "divide-se em dois pontos: o conhecimento teórico, a formação do carácter. Aquele que estuda a teoria e aprende a distinguir o que deve fazer-se e o que deve evitar-se só se torna um sábio quando, graças àquilo que aprendeu, uma transfiguração se opera no seu espírito. Essa terceira parte da filosofia, que é a preceptística, comparticipa das outras duas, isto é, de doutrina e de formação; é, portanto, supérflua como forma de realizar a virtude, uma vez que as duas outras são bastantes". Se admitirmos que isto é verdade, então também a consolação é supérflua (pois também ela comparticipa das duas outras partes da filosofia), bem como a exortação, a persuasão e a própria argumentação, pois esta, para se desenvolver, pressupõe desde logo um carácter completa e perfeitamente formado. No entanto, se bem que estes tipos de discurso procedam de uma perfeita disposição do espírito, é certo que uma perfeita disposição do espírito também é procedente daqueles; ou seja, esta simultaneamente origina-os e é originada por eles. De resto a tua objecção é válida para um homem que já atingiu a perfeição e o mais alto grau de felicidade humana. Só tarde, todavia, se atinge um tal estádio; entretanto, a um indivíduo ainda imperfeito mas em progresso, há que indicar a via correcta de agir. Talvez a sabedoria, por si só, mesmo sem conselhos, possa indicá-la a si mesma, porquanto já conduziu a alma a um ponto tal que lhe é impossível mover-se senão segundo a justiça. Os espíritos mais fracos, contudo, necessitam de alguém que os guie, dizendo: "Deves evitar isto, deves fazer aquilo". Além disso, se quisermos esperar a altura em que, por nós mesmos, saibamos qual o melhor modo de agir, iremos entretanto cometendo erros, e esses erros impedir-nos-ão de atingir um ponto em que possamos estar contentes connosco; devemos deixar-nos guiar enquanto ainda estamos aprendendo a guiar-nos por nós mesmos. Também as crianças aprendem a escrever pelo exemplo: pega-se-lhes nos dedos, a mão do mestre guia-os sobre os desenhos das letras, depois diz-se-lhes que imitem o modelo apresentado, e que por ele corrijam a sua caligrafia. Um tal auxílio deve ser dado ao nosso espírito enquanto aprende a guiar-se por um modelo. Estes argumentos demonstram como não é supérflua esta parte da filosofia. Falta agora ver se por si só é bastante para a formação do sábio. Esta questão tratá-la-emos em outra oportunidade. Por agora, e deixando os argumentos, não é simplesmente claro que necessitamos todos de um conselheiro que nos acautele contra os preconceitos do vulgo? Palavra alguma nos chega impunemente aos ouvidos: uns prejudicam-nos por nos desejar bem, outros prejudicam-nos por nos amaldiçoar. As imprecações destes incutem em nós falsos receios, a simpatia daqueles, na melhor das intenções, aconselha-nos o mal, enquanto nos incita a procurar bens distantes, incertos, efémeros, quando podemos achar a felicidade ao pé da porta. Repito: não somos livres de seguir o caminho justo. Os próprios pais nos desviam para o mal, os escravos também. E os erros de cada um não recaem só sobre si, antes pegam a insânia ao próximo e por este se deixam reciprocamente contaminar. Os vícios de cada um são-no

também da sociedade, pois foi a sociedade que os gerou. Se alguém incita outro ao mal, tende para o mal ele próprio; aprende más condutas, ensina-as em seguida, e atinge-se a perversidade generalizada quando numa sociedade se concentra o que há de pior em cada indivíduo. Arranjemos, portanto, um protector que de vez em quando nos puxe as orelhas, que dissipe as opiniões do vulgo, que proteste contra as preferências da multidão. Enganas-te se pensas que os vícios nasceram connosco: vieram por acréscimo, foram incutidos em nós! Que frequentes admoestações nos ajudem a repelir as opiniões que à nossa volta se difundem! A natureza não nos predestinou para nenhum vício, antes nos gerou puros e livres. Não expôs à superfície nada que fosse susceptível de despertar a nossa avareza: pôs-nos debaixo dos pés o ouro e a prata, para que pisássemos e calcássemos algo que só merece ser pisado e calcado. A natureza ergueu-nos o rosto para o céu, para que tudo quanto criou de belo e magnificente fosse visto de cara ao alto: o nascer e o pôr das estrelas, o movimento vertiginoso do mundo que durante o dia nos revela a vista da terra e durante a noite a do céu; a marcha dos astros, tão lenta à escala do universo, mas tão rápida se pensarmos no espaço enorme que percorrem com velocidade constante; os eclipses do Sol e da Lua quando situados em oposição; e tantos outros fenómenos dignos de admiração, quer ocorram regularmente quer resultem de causas inesperadas, tais como os rastos de fogo durante a noite, os relâmpagos que, sem ruído de trovão, como que despedaçam o céu, as colunas, as traves e outras variedades de fogos celestes! Tudo isto colocou a natureza sobre as nossas cabeças, ao passo que escondeu o ouro e a prata, e também o ferro, o qual, por causa dos metais preciosos, nunca descansa em paz — sinal de que é por nosso mal que os obtemos! Nós é que expusemos à luz do dia esses metais que nos levam à guerra, nós é que rasgamos o ventre da terra para dele extrair a causa e o instrumento das nossas desgraças, nós é que imputámos à fortuna os nossos males, sem corar de colocarmos acima de nós aquilo que jazia nas profundezas telúricas. Queres saber até que ponto é ilusório esse fulgor que te deslumbra? Nada há mais sujo, nada menos brilhante do que esses metais enquanto jazem imersos, cobertos de lama. Como não seria assim, se eles são extraídos das trevas de intérminas galerias? Nada há mais informe do que eles quando são trabalhados e depurados das suas impurezas. Repara ainda nos operários cujas mãos os limpam de toda a terra impura que trouxeram das minas, e verás quanta sujidade neles se acumula. Esses metais, contudo, ainda contaminam mais as almas do que os corpos, mais sujidade se encontra nos seus donos do que nos trabalhadores. É por isso que é imprescindível receber conselhos, ter alguém que desperte em nós um espírito justo, ouvir, enfim, no meio do tumultuoso estrépito da falsidade — ouvir uma voz! E que voz será essa? Uma precisamente que murmure palavras salutares aos teus ouvidos ensurdecidos pelo desenfreado clamor da ambição, que te diga não haver motivo para invejar aqueles a quem a multidão considera grandes e afortunados; não haver motivo para que a aprovação do vulgo destrua em ti a sã disposição de um

espírito justo; não haver motivo para que os adornos da púrpura e dos fasces te façam aborrecer a tua tranquilidade de espírito; não haver motivo para julgares que é mais feliz do que tu (a quem o lictor afasta do caminho) aquele diante de quem se abrem alas. Se queres exercer uma autoridade, útil a ti mesmo e não gravosa para alguém, então reprime os vícios. Muitos há que ateiam fogo a cidades, que destroem monumentos poupados pelos séculos e seguros durante — gerações, que erguem muros de cerco altos como cidadelas e que arrasam com aríetes e outras máquinas muralhas de enorme altura. Muitos há que fazem avançar exércitos e perseguem com violência os inimigos, que atingem o alto banhados em sangue de massacres. Todos estes, para vencerem o adversário, deixaram-se vencer pela cobiça. Ninguém consegue resistir ao seu avanço, tal como eles não resistem à ambição e à crueldade! Uma vontade furiosa de devastar terras alheias incita o infeliz Alexandre e leva-o até remotas paragens. Ou consideras tu são de espírito um homem que começou a sua carreira infligindo sucessivos golpes à Grécia, a terra em que fora educado, e que roubou a cada cidade o seu bem mais caro, forçando Esparta à servidão e Atenas ao silêncio? E não contente com a destruição de tantas cidades, já conquistadas ou compradas por Filipe, foi ainda destruir outras em outras terras, levando as suas armas a todo o globo. Em parte alguma sossegou a sua crueldade fatigada, à maneira das bestas feras que matam mais do que a fome exige. Muitos reinos se amontoaram para formar o seu império, ante ele tremem tanto os Gregos como os Persas, e muitas nações que Dario conservara livres caem sob o seu jugo. Atravessa o oceano a caminho do oriente, incapaz de suportar que a sua marcha vitoriosa se detenha onde pararam Hércules e Baco, intenta forçar a própria natureza. Avança, não porque o queira, mas porque é incapaz de parar, tal como os objectos em queda que só param quando chegam ao chão! Também não foram a virtude ou a razão que persuadiram Gneu Pompeio à guerra no estrangeiro ou à guerra civil, mas sim uma paixão insana por uma falsa grandeza. Ora marchava sobre a Hispânia contra as forças de Sertório, ora ia reprimir a pirataria e pacificar o Mediterrâneo: tudo era apenas pretexto para prolongar o seu poder. Que força o fez ir até à África, até ao Norte, até ao reino de Mitrídates, até à Arménia, até aos recônditos da Ásia? Somente uma infinita vontade de poderio, pois era ele o único que não se considerava suficientemente grande! O que moveu G. César a provocar a sua própria queda e a da república? A glória, a ambição, uma vontade extrema de superar os demais. Não podia admitir um único homem acima de si, ao passo que a república era forçada a aguentar dois! Pensas tu que G. Mário, cônsul uma só vez (pois só uma vez obteve o consulado, das outras todas usurpou-o!), ao esmagar os Teutões e os Cimbros, ao perseguir Jugurta pelos desertos da África, era movido a afrontar tantos perigos por instinto da virtude? Mário dirigia o exército, mas quem dirigia Mário era a ambição. Estes homens, ao abalarem tudo e todos, eram eles próprios abalados, à maneira dos tornados que fazem girar tudo o que agarram mas são eles os primeiros a girar e por isso mesmo se abatem com tanto maior

força quanto carecem de qualquer força que os reprima; assim, se foram causadores da desgraça de muitos, acabaram por sentir também eles o efeito da força perniciosa com que causaram o infortúnio alheio. Não penses que alguém pode ser feliz à custa da infelicidade dos outros. Todos estes exemplos que nos enchem os olhos e os ouvidos, devemos desmontá-los, devemos purificar o espírito de tantos falsos discursos que o ocupam; devemos introduzir a virtude no espaço que aqueles ocupavam, para que ela destrua as mentiras e tudo quanto falsamente nos seduz, para que ela nos afaste da multidão a que damos excessivo crédito e reinstale em nós opiniões justas. Nisto consiste a sabedoria: em regressar à natureza, em retornar ao ponto donde nos afastou o erro do vulgo! Uma grande parte da sanidade de espírito consiste em virar as costas aos conselheiros de insensatez, em ir para bem longe dessa convivência reciprocamente nociva. Para ver até que ponto isto é verdade, observa o diferente comportamento das pessoas quando em público e quando isoladas. Não é que por si só a solidão nos reconduza à inocência, tal como a vida no campo não nos ensina a frugalidade; mas, quando não há testemunhas e espectadores, os vícios, cujo principal aliciante consiste em atrair as atenções, perdem intensidade. Quem se vai vestir de púrpura senão para se exibir? Quem usa baixela de ouro para comer sozinho? Quem, estendido sozinho no campo à sombra de uma árvore, faz estadão de todo o seu luxo? Ninguém se adorna para se autocontemplar, nem sequer para se apresentar diante de alguns amigos e familiares; adequa, sim, o aparato dos seus vícios às dimensões da multidão que o observa! É assim mesmo: se alguém admira ou conhece o objecto das nossas loucuras, ainda mais nos comprazemos nelas. A falta de ocasião para os exibir afastar-nos-á de desejos insensatos. Ambição, luxo, excessos, precisam de um palco: tira-lhes o público, sanarás esses vícios. Por isso mesmo, quando estivermos no meio do estrépito da cidade, tenhamos ao lado um conselheiro que, ao contrário dos apreciadores de enormes patrimónios, elogie antes os que são ricos com pouco e possuem 'bens à escala das necessidades. Ao contrário dos que exaltam a reputação e o poder, fale ele para defender o ócio dedicado ao estudo e o retorno a si próprio do espírito liberto das preocupações exteriores. Explique de que modo aqueles a quem o vulgo considera afortunados vivem receosos e incertos entre as invejas que a sua posição suscita e têm de si uma opinião bem diferente da que os outros deles fazem, pois o que aos outros se apresenta como uma altura é para os próprios um precipício! Por isso eles perdem coragem e estremecem cada vez que olham a sua grandeza à beira do abismo: eles conhecem os caprichos da fortuna, e sabem que quanto maior é a altura mais fácil é a queda. Arreceiam-se então dos bens que haviam desejado; a sua fortuna, que os tornava gravosos aos demais, torna-se mais gravosa ainda para eles próprios. Nessa altura põem-se a louvar o ócio sem peias nem preocupações, o esplendor causa-lhes repulsa, procuram fugir à sua situação antes da queda. Então, e só então, verás como o medo os leva à filosofia, como uma fortuna oscilante os conduz a resoluções sensatas. Parece que a boa fortuna

e o bom senso são coisas incompatíveis entre si: o facto é que somos mais sábios na adversidade, ao passo que a prosperidade nos afasta do justo caminho.

CARTA 95

Pedes-me que trate de uma matéria que há tempo te disse dever ser adiada para tempo oportuno, e dedique uma carta a expor se aquela parte prática da filosofia a que os gregos dão o nome de paraenetice e nós o de praeceptiua basta só por si para se atingir a plena sabedoria. Sei que não me levarias a mal se eu me recusasse ao teu pedido. Por isso mesmo vou mais longe, e acedo ao que pedes, até porque quero que se cumpra o ditado: "Não te ponhas a pedir o que não pretendes obter!" É que sucede muitas vezes nós pedirmos com empenho coisas que recusaríamos se alguém no-las oferecesse. Por ligeireza? Por excesso de gentileza? Seja qual for a razão, apliquemos-lhe um castigo: acedamos largamente ao pedido. Muitas coisas nós desejamos parecer querer quando de facto as não queremos. Numa leitura pública, um autor levou uma vez uma obra histórica enorme, escrita em letra miudinha, num volume densíssimo, e, depois de ler a maior parte, disse: "Se querem, fico por aqui." Ora os auditores, embora o seu único desejo fosse que o homem se calasse imediatamente, gritaram em coro: "Continua a leitura, continua!" Muitas vezes, também, queremos uma coisa mas escolhemos outra, e nem sequer aos deuses confessamos a verdade; o que vale é que os deuses ou não nos atendem ou têm pena de nós! Quanto a mim, vou proceder sem qualquer compaixão: vou mandar-te uma carta gigantesca! Se te custar muito lê-la, não terás mais do que dizer: "Bonito serviço que eu arranjei!", e põe o teu nome entre o daqueles homens que se desfizeram em galanteios para casar com uma megera, ou se fartaram de suar para conseguir riquezas e nelas só encontraram angústias, ou usaram todos os truques e esforços para obter cargos públicos em que se sentem destroçados, em suma, inclui-te na lista dos artífices dos próprios dissabores! Mas deixemos os preâmbulos e entremos na matéria. Certos autores afirmam: "Uma vida feliz consiste numa série de acções justas; os preceitos induzem à prática de acções justas, logo, os preceitos bastam para que consigamos uma vida feliz." A verdade é que os preceitos nem sempre induzem à prática de acções justas, mas apenas quando o espírito lhes obedece; de outro modo, se a alma está dominada por opiniões incorrectas, em vão recorreremos aos preceitos da filosofia. Também pode suceder que as pessoas pratiquem acções justas, mas sem terem consciência de que as suas acções são justas. Ninguém, a não ser que formado a partir da base e totalmente orientado pela razão, pode estar apto a conhecer todos os seus deveres e saber quando, em que medida, com quem, de que modo e por que razão deve agir. Não pode conformar-se à moral de toda a sua alma, nem com constância e boa vontade sequer: continuamente há-de hesitar, de tergiversar. Afirmam também: "Se a acção moral decorre dos preceitos, então os preceitos bastam para atingir a vida feliz; ora a premissa é válida, logo, a conclusão também o é." A esta tese objectamos nós: as acções morais decorrem também

dos preceitos, mas não dos preceitos exclusivamente. Mais outra afirmação: "Se às restantes artes bastam os preceitos, também bastarão à sabedoria, pois esta é a arte da vida. Como se ensina o ofício a um piloto? Dizendo-lhe 'que manobre o leme desta maneira, que recolha as velas deste modo, que aproveite assim o vento favorável, que faça frente assim ao vento contrário, que tire partido assim do vento que ora sopra daqui ora dali'. Os preceitos também chegam para formar os demais artífices, e portanto também serão suficientes no caso do artífice da arte de viver." Todas estas artes ocupam-se de elementos acessórios da vida, não da vida na sua totalidade; muitas causas exteriores — a esperança, a ambição, o medo — podem impedir essas artes de actuar livremente. Mas a arte que faz da vida a sua ocupação não conhece obstáculo que possa impedi-la de se exercer, pois sabe despedaçar todos os impedimentos e afastar todos os obstáculos. Queres entender bem em que se distingue a condição desta arte da de todas as demais? É que nestas é mais desculpável cometer um erro de propósito do que por acaso, enquanto na sabedoria a pior falta consiste em errar deliberadamente. Eu explico-me melhor: um gramático não corará se fizer um solecismo propositadamente, mas corará se o fizer sem querer; um médico que não perceba que o doente se está apagando mostra-se mais incompetente na sua arte do que se percebe mas dissimula a situação; em contrapartida, na nossa arte da vida o defeito é tanto mais grave se for voluntário. Acrescenta a isto que muitas artes — e, sobretudo, aquelas que de entre todas são as mais liberais — assentam numa série de princípios teóricos, e não apenas em preceitos de ordem prática. É o caso da medicina; por isso mesmo é que é possível distinguir a escola de Hipócrates da de Asclepíades e da de Temisão. Mais, não há qualquer ciência especulativa que não tenha o seu corpo de princípios básicos — ou seja, aquilo a que os gregos chamam δόγματα (dógmata) e que, em latim, podemos designar por decreta, seita ou placita: por exemplo, os princípios em que assenta a geometria ou a astronomia. A filosofia, por seu lado; é em parte especulativa e em parte activa, pois tanto se embrenha na contemplação como se actualiza através da acção. Se, portanto, imaginas que ela apenas se cinge ao plano da acção terrena estás perfeitamente enganado. A filosofia dir-te-á: "Eu perscruto a totalidade do universo, não me limito à companhia dos mortais, contentando-me em persuadir-vos ou dissuadir-vos de agir desta ou daquela maneira; outras tarefas mais altas me aguardam, muito acima da esfera humana: "a suprema razão do universo e dos deuses irei expor-te, e revelar-te a constituição do mundo; donde extrai a natura todos os seres, os desenvolve e cria, e onde a mesma natura por fim os seres dissolve", para usar as palavras de Lucrécio. Daqui se conclui que a filosofia, na medida em que é contemplativa, tem os seus princípios teóricos de base. Não é verdade que ninguém será capaz de agir sempre correctamente se não tiver um conjunto de princípios que lhe indiquem qual a acção correcta em todas as circunstâncias? Ora, não poderá proceder convenientemente quem apenas conhecer preceitos de ordem particular, e não de aplicação universal. Os preceitos indicados em função de circunstâncias

particulares são, em si mesmos, insuficientes, carecem — passe a expressão de raiz. Existem princípios básicos capazes de nos robustecerem, de nos assegurarem confiança e tranquilidade de espírito, de abarcarem tanto a totalidade da vida humana como a totalidade do universo. Entre os princípios básicos da filosofia e os preceitos práticos existe a mesma diferença que entre as letras e os membros da frase: estes são constituídos por letras, as quais originam tanto os membros de frase como a totalidade das frases possíveis! Vejamos outra tese. "A antiga sabedoria limitava-se a preceituar o que os homens deviam fazer ou evitar, e o certo é que antigamente os homens eram de longe melhores do que hoje; quando começou a haver eruditos começaram a escassear os homens de bem; a virtude simples e transparente de outrora metamorfoseou-se numa ciência obscura e feita de subtilezas que nos ensina a discutir, mas não a viver." Tendes decerto razão, houve sem dúvida essa antiga sabedoria, tosca evidentemente nas suas origens, como de resto sucedeu com as outras técnicas que, com o tempo, se foram tornando cada vez mais aperfeiçoadas. Nessa época, porém, os homens não careciam ainda de remédios fortes. A perversidade ainda não tinha atingido a intensidade e a dispersão a que chegou nos dias de hoje: para vícios simples eram suficientes remédios simples! Actualmente, carecemos de uma protecção tanto mais enérgica quantos mais violentos são os vícios que nos afligem. A medicina, antigamente, limitava-se a investigar umas quantas ervas que estancassem as hemorragias e fizessem as feridas cicatrizar. Depois, foi gradualmente evoluindo até chegar à actual multiplicidade de técnicas. Não admira, aliás, que nesses tempos a medicina tivesse tão diminuto campo de aplicação: os corpos eram ainda rijos, sólidos, a alimentação era natural, não corrompida ainda pelos prazeres da gastronomia. Mas, depois, a comida tornou-se numa forma, não de satisfazer, mas sim de aguçar o apetite, inventaram-se mil e um condimentos para estimular a gula; os alimentos desejados com o estômago vazio redundam em carga insuportável quando enchemos o estômago. Resultado: a palidez, a excitação dos nervos ensopados em vinho, o ar macilento — mais preocupante quando provém de indigestão do que de fome. Mais: a incerteza no andar, a marcha aos tropeções, como quando se está embriagado. E também o suor espalhado por todo o corpo, o ventre dilatado graças ao mau hábito de exceder a sua capacidade. E também o rosto esverdeado pelo derramamento da bílis, a corrupção das vísceras em putrefacção, os dedos deformados pela perda de flexibilidade nos tendões, os nervos entorpecidos e sem sensibilidade, ou, pelo contrário, em contínuos estremeções. Para quê mencionar ainda as sensações de náusea, as moléstias dos olhos ou dos ouvidos, o formigueiro na cabeça que parece estoirar, as afecções provocadas por toda a espécie de úlceras internas? Mas temos ainda os inúmeros tipos de febres: há febres súbitas e altíssimas, há outras, fracas, mas contínuas e desgastantes, outras que vêm acompanhadas de arrepios e de grandes tremores no corpo. Para quê citar ainda outras incontáveis doenças, tormentos resultantes da vida luxuriosa?! De todos estes males estavam isentos os homens de outrora, não

corrompidos ainda pela artificialidade, homens que sabiam dominar-se e cuidar de si. Endureciam o corpo no trabalho, no esforço a sério, o cansaço vinha-lhes das caminhadas, da caça, do trabalho da terra; a alimentação de que dispunham era tal que apenas a esfomeados podia agradar! Por isso mesmo não tinham necessidade de grande aparato medicinal, de todo este moderno arsenal de instrumentos e pomadas! Uma vida simples dava-lhes uma saúde simples: as variedades gastronómicas trouxeram consigo a multiplicidade das doenças. Vê bem a mistura de iguarias que o nosso luxo gastronómico — e para tal devasta a terra e o mar! — consegue fazer passar por um só esófago! Necessariamente, comidas tão antagónicas entre si colidem umas com as outras, provocam más digestões com toda a gama de esforços que exigem ao estômago. Não admira, pois, que de alimentos de tão diversa natureza resultem doenças multiformes, que iguarias provenientes de opostos reinos da natureza e forçadas a coabitar num único estômago provoquem indigestões. Em suma, a vida moderna arrasta consigo doenças não menos modernas! O maior médico de sempre — e fundador da medicina como ciência — dizia que as mulheres estavam ao abrigo da queda do cabelo e de dores nos pés: ora, hoje vemo-las sem cabelo e com gota nos pés! Não que a natureza das mulheres sofresse alguma mutação. Só que foi ultrapassada, e, como elas se igualaram aos homens em matéria de excessos, passaram a sofrer dos mesmos distúrbios físicos que os homens. Não fazem menores noitadas nem bebem menos do que eles; no consumo de óleo e de vinho rivalizam plenamente com os homens. Tal como eles, "restituem" pela boca as iguarias que o estômago rejeita e aliviam-se, vomitando, do vinho consumido; tal como eles, chupam bocados de gelo para aliviar a azia. Em matéria de sensualidade também em nada cedem aos homens: elas, que nasceram para ser passivas (possam os deuses e deusas castigá-las como merecem!), tão longe se aventuraram na via da licenciosidade que agora, com os homens, são elas quem desempenha o papel activo! Porquê admirar-nos então que Hipócrates, a glória da medicina, o maior conhecedor da natureza humana, seja assim apanhado a mentir, dada a presente abundância de mulheres calvas e atacadas da gota?! Elas perderam as regalias próprias do seu sexo e, renunciando à feminilidade, viram-se condenadas às moléstias dos homens. Antigamente, os médicos não sabiam dosear a alimentação nem usar o vinho para tratar problemas de circulação, não sabiam fazer sangrias nem tratar doenças crónicas com banhos de vapor, não sabiam usar ligaduras para puxar até às extremidades os excessos de reuma nas pernas ou nos braços. Não era necessário congeminar muitos tipos de tratamento, pela simples razão de que eram reduzidas as variedades de doença. Nos dias de hoje, como progrediram as deficiências de saúde! Pelos prazeres que nos proporcionamos, pagamos um juro que ultrapassa todos os limites legítimos! Não te admires com o número imenso das moléstias: conta o número dos cozinheiros! As actividades intelectuais estão paradas, os mestres dos estudos liberais sentam-se nos seus cantos sem assistência, nas escolas dos retores e dos filósofos é o deserto; em contrapartida, vê como estão cheias as cozinhas, vê a

multidão que se acotovela nas casas pródigas em festins! E já nem falo dos infelizes rebanhos de escravos que, acabado o banquete, têm à sua espera as infâmias de alcova; já nem falo das multidões de jovens "queridos" agrupados segundo a raça e a cor, dentro de cada grupo todos com o mesmo peso, todos com a barba nascente à mesma medida, todos com o mesmo tipo de cabelo, não vá algum que tenha cabelo liso aparecer misturado com os de cabelo encaracolado! Já nem falo da multidão dos pasteleiros, já nem falo dos escravos de mesa que, numa correria, se põem a servir a ceia ao sinal do senhor. Ó grandes deuses, que quantidade de gente mobiliza um único estômago! Pensas tu que os cogumelos, esse voluptuoso veneno, não provoca maleitas a longo prazo, mesmo que o efeito não seja imediatamente perceptível? Julgas que as ostras, esses animais de carne mole engordados na lama, não causam um lamacento peso no estômago? Não achas que o garum que importamos, esse molho apodrecido e precioso de peixes repelentes, nos queima os interiores com a sua salmoura deteriorada? Não entendes que todo esse sabor a podre que a azia nos faz vir à boca, se forma nas nossas vísceras com prejuízo para a saúde? Vê como são fétidos e pestilentos os arrotos, vê as náuseas que acompanham a permanente saturação! Por aí verás que os alimentos, em vez de serem digeridos, estão mas é a apodrecer!... Lembro-me de há tempos se falar muito numa célebre travessa em que os cozinheiros juntaram — para sua ruína! — todos os manjares que os gastrónomos costumam comer ao longo do dia: vieiras, búzios, ostras, tudo partido em bocadinhos... ouriços... e rodovalhos sem espinhas! Até já se tem preguiça de comer os petiscos um a um: faz-se uma mistura de todos os sabores. Faz-se no prato, em suma, o que deveria fazer-se no estômago. Só falta ver qualquer dia servir a comida já mastigada! Então não dá muito menos trabalho tirar as conchas e as espinhas, e pôr o cozinheiro a fazer o trabalho dos dentes? "É muito aborrecido saborear cada coisa de sua vez: junte-se tudo, saboreie-se tudo de uma só vez! Para que hei-de eu estender a mão para um prato simples? Venha tudo ao mesmo tempo, misturem-se numa só massa os acompanhamentos de diversos pratos! Saibam quantos costumam dizer que a exibição de pratos variados é uma prova de luxo e ostentação, que a comida não é para ser vista, mas sim saboreada. Ponha-se numa travessa só o que se costuma pôr em várias, tudo indiferentemente misturado; não haja diferenças: ostras, ouriços, búzios, rodovalhos — sirva-se tudo cozinhado e misturado num só prato!" Um vomitado não formaria uma massa mais confusa! E, do mesmo modo que as comidas chegam a esta confusão, também as doenças que elas ocasionam não são individualizadas, mas sim confusas, várias, multiformes; para lhes fazer frente, teve a medicina de multiplicar também as formas de tratamento e de observação. Idênticas considerações devo fazer acerca da filosofia. Também esta foi, em tempos, menos complicada, quando as faltas dos homens eram menos graves e podiam sanar-se com cuidados ligeiros. Mas contra a enorme perversão actual dos costumes há que tentar todos os recursos. E, mesmo assim, bom seria que esta pestilência fosse levada de vencida! É que hoje a loucura não

se limita à vida privada, invade igualmente a vida pública. Nós punimos os assassínios, castigamos um homem que mata outro: então e as guerras, os criminosos massacres de populações, que são tomados como motivo de glória? A ganância e a crueldade não conhecem limites. Ainda assim, menos nocivas e menos monstruosas elas são quando exercidas às escondidas e por particulares: hoje, é através de decretos senatoriais e de plebiscitos que se exerce a ferocidade, é a lei que manda fazer-se a nível do Estado o que proíbe a nível particular! Um crime que, cometido às ocultas, incorreria em pena capital, suscita louvores quando praticado por militares! A espécie humana — raça branda por natureza! — não tem pejo em satisfazer-se com o sangue do próximo, em iniciar guerras e deixá-las em herança às gerações seguintes, quando até as feras irracionais vivem em paz entre si. Para lutar contra uma loucura tão violenta e tão largamente difundida a filosofia tornou-se mais complexa, teve de ganhar um acréscimo de forças proporcional ao acréscimo dos males que combate. Era fácil censurar alguém que cedia um pouco à bebida ou buscava na comida um certo requinte; para conduzir uma alma nestas condições à frugalidade de que apenas ligeiramente se afastara não era necessária muita energia; "hoje exige-se rapidez de mão e todos os recursos da arte!" O que se busca é apenas o prazer! Nenhum vício se conserva dentro dos seus limites: o luxo degenerou em ganância! O desprezo pela moral invadiu todos os domínios: nada se considera ignóbil quando se pode pagar o preço. O homem — que para o homem devia ser coisa sagrada — é exposto à morte apenas para servir de divertimento; já era sacrilégio treinar homens para ferirem e ser feridos — agora atiramo-los para o circo nus e inermes, basta-nos a simples morte como espectáculo! Por conseguinte, uma tal perversão de costumes exige uma técnica mais vigorosa do que o habitual para conseguir dominar estes vícios enraizados: temos de inculcar princípios capazes de extirpar por completo as falsas convicções em vigor. Se, concomitantemente com os princípios, usarmos também preceitos, consolações, exortações, talvez aqueles possam vir a prevalecer: só por si serão ineficazes. Se queremos manter os homens obedientes aos princípios, se queremos arrancá-los aos vícios que os dominam, há que ensinar-lhes primeiro o que é o mal e o que é o bem, há que dar-lhes a saber que, exceptuando a virtude, todas as coisas podem mudar de qualificativo, e merecerem umas vezes serem consideradas como más e outras como boas. Na vida militar, o mais forte vínculo é o respeito à hierarquia, o amor às insígnias, o repúdio da deserção; nestas condições é fácil conseguir tudo o mais que se queira dos recrutas que prestaram juramento. Do mesmo modo, nos homens que desejamos aliciar para a verdadeira felicidade, devemos inculcar os princípios de base, devemos meter dentro deles a virtude. É necessário que se sintam ligados a ela como por um temor supersticioso, é preciso que a amem, que queiram viver com ela, que não possam passar sem ela. "Que dizes? Então não tem havido homens que, mesmo não iniciados nas subtilezas da filosofia, se revelaram basicamente honestos e conseguiram grandes progressos limitando-se a obedecer

aos preceitos de ordem prática?" Não o nego; havia neles um natural favorável que assimilou na passagem os princípios salutares. Os deuses imortais também não aprenderam nenhuma espécie de virtude por serem naturalmente dotados de todas, por o "ser bom" fazer parte da sua natureza; igualmente entre os homens, alguns há que possuem naturalmente um excelente carácter e que assimilam sem necessidade de longa instrução os princípios tradicionais, que abraçam a via da moralidade desde o primeiro momento em que dela ouvem falar; do meio destes é que surgem aqueles génios que concitam em si toda a gama de virtudes, que produzem eles mesmos virtudes. Mas aos outros, àqueles que têm o espírito embotado, obtuso ou dominado por tradições erróneas, a esses há que raspar a ferrugem que têm na alma. Mais ainda: se transmitirmos os preceitos básicos da filosofia aos primeiros, rapidamente eles atingirão o mais alto nível, pois estão naturalmente inclinados ao bem; se o fizermos aos outros, os de natureza mais fraca, ajudá-los-emos a libertarem-se das suas convicções erradas. Por aqui podes ver como são necessários os princípios básicos. Temos instintos em nós que nos fazem indolentes ante certas coisas, e atrevidos perante outras; ora, nem este atrevimento nem aquela indolência podem ser eliminados se primeiro não removermos as respectivas causas, ou seja, a admiração infundada ou o receio infundado. Enquanto tivermos em nós esses instintos, bem poderás dizer: "estes são os teus deveres para com teu pai, ou para com os filhos, ou para com os amigos, ou para com os teus hóspedes" — o espírito de lucro será sempre uma causa de hesitações. Um homem bem pode saber que se deve lutar pela pátria, mas o medo convencê-lo-á do contrário; pode saber que se deve suar em benefício dos amigos até à última gota de suor, mas o comodismo impedi-lo-á de o fazer; pode saber que a maior ofensa para uma mulher casada é o marido ter uma amante, mas a sensualidade impeli-lo-á a arranjar uma. Por conseguinte, de nada servirá dar conselhos práticos se primeiro se não removem os obstáculos a que esses conselhos sejam seguidos, do mesmo modo que de nada serve pormos à vista e ao alcance de alguém armas que não poderá usar porque lhe não desamarramos primeiro as mãos! Para que a alma possa pôr em prática os conselhos que lhe damos, devemos primeiro desamarrá-la! Imaginemos alguém que procede como deve ser: pode não proceder assim com frequência, pode não proceder assim com constância, porque não sabe por que motivo procede como deve ser. Às vezes, por mero acaso ou em virtude da prática, podemos desenhar linhas rectas, mas não temos à mão uma régua que permita verificar se são realmente rectas as linhas que julgamos tais. Um homem que seja bom por acaso não dá garantias de que será sempre bom! Admito também que os preceitos possam levar o teu "aconselhando" a proceder segundo a moral, mas não lhe facultam a regra para sempre proceder de forma moral; e se não conseguem isto, também não conseguem levá-lo à virtude. Aconselhado, ele poderá agir segundo a moral, admito. Mas isso pouco significa, pois o mérito não está na forma como agimos, mas sim nas razões que nos levam a agir assim. Há coisa mais perniciosa e que mais contribua para dissipar um património equestre do que um

banquete de luxo? Há coisa que mais mereça os reparos do censor quando — para usar os termos dos nossos gastrónomos! — tal banquete é apenas em honra dos próprios e do seu "génio" individual? E, todavia, tem havido homens, modelos de frugalidade, que ofereceram banquetes inaugurais por um milhão de sestércios. Quer dizer, o mesmo banquete que, motivado pela gula, é desonroso, já escapa à censura se derivar da obrigação do cargo, porquanto, ao contrário do luxo ostentatório, a despesa do banquete inaugural é imposta pelo uso. Um dia, ofereceram a Tibério César um rodovalho de tamanho gigantesco — mas porque não dizer o peso, para fazer crescer a água na boca a uns tantos? -, com quatro libras e meia, segundo constou. César mandou-o ser posto à venda no mercado, dizendo: "Ficarei decepcionado com os meus amigos se este rodovalho não for comprado por Apício ou por P. Octávio!" Sucedeu que a realidade ultrapassou em muito as expectativas: organizou-se um leilão, saiu vencedor Octávio, que assim alcançou grande glória no seu círculo de amizades: comprou por cinco mil sestércios o peixe posto à venda por César e que o próprio Apício não conseguiu adquirir! Pagar uma tal soma foi um gesto vergonhoso da parte de Octávio, mas já o mesmo não digo do homem que comprou o peixe na intenção de o oferecer a Tibério, se bem que mesmo este homem mereça alguma censura por deixar-se seduzir por uma iguaria que entendeu ser digna de César. Outro exemplo: nós aprovamos alguém que se senta à cabeceira de um amigo doente. Mas suponhamos que o faz com mira na herança: torna-se um abutre à espera de um cadáver! As mesmas acções, portanto, podem ser desonrosas ou honestas, tudo dependendo da razão porque são feitas, dos princípios que as motivam. Ora, todas as acções serão honestas se nós as conformarmos à moralidade, se pensarmos que entre os homens o único bem é o bem moral e tudo quanto deste derive; todos os demais bens são efémeros. Devemos, por conseguinte, interiorizar esta convicção, que respeita à totalidade da nossa vida. É a tal convicção que eu chamo um princípio. Tal como for a natureza desta convicção, assim serão também as nossas acções e os nossos pensamentos, e tal como for a natureza destes, assim será também a nossa vida. Dar conselhos parcelares é insuficiente se queremos pôr no bom caminho a totalidade da vida. M. Bruto, no seu livro περὶ καθήκοντος, regista muitos preceitos práticos de utilidade para pais, filhos e irmãos, mas ninguém poderá obedecer a tais preceitos se não tiver uma regra de conduta geral em que se apoie. É necessário que nos propunhamos, como finalidade última, alcançar o sumo bem, e que todos os nossos esforços, acções e palavras se orientem por essa finalidade. Façamos como os marinheiros, que orientam a rota na direcção de uma determinada estrela. Sem uma finalidade, a vida torna-se um andar à deriva; mas se queremos propor-nos uma finalidade, começamos a sentir como são indispensáveis os princípios. Tu admites, acho eu, que não há maior vergonha do que andar sempre com dúvidas e hesitações, sem saber onde pôr os pés. O mesmo nos sucederá em todas as esferas da vida se primeiro não eliminarmos as causas que nos entravam e manietam a alma e a impedem de dar o melhor de si própria. Um tema habitual

da parenética é o culto a prestar aos deuses. Podemos aconselhar as pessoas a não acenderem lucernas ao sábado, porque nem os deuses têm falta de luzes nem os homens têm grande prazer na fuligem. Podemos impedir as pessoas de fazerem as visitas de saudação matinais ou de estacionarem à porta dos templos: estes deveres podem agradar às ambições humanas, mas para prestar culto à divindade basta conhecê-la. Podemos impedi-las de ofertarem a Júpiter toalhas e raspadores de banho, ou de oferecerem um espelho a Juno: a divindade não carece de instrumentos auxiliares, pela boa razão de que ela própria é auxiliar do género humano, sempre à disposição de todos os homens, onde quer que seja. Alguém que porventura oiça dizer qual o modo de proceder nos sacrifícios, ou seja aconselhado a manter-se afastado de superstições doentias, nunca progredirá efectivamente se não conceber no seu espírito a real natureza da divindade, a qual nada possui mas tudo concede, como ser desinteressadamente benéfico. A razão porque os deuses são benfazejos reside na sua própria natureza. Enganamo-nos se pensarmos que os deuses não querem fazer o mal: eles não o podem! Eles estão ao abrigo das injúrias, tal como são incapazes de as fazer, na medida em que fazer mal ou sofrer mal são duas coisas que mutuamente se implicam. A sua natureza, a mais excelsa e perfeita que existe, tal como os pôs ao abrigo de todos os perigos igualmente os tornou incapazes de constituírem um perigo. O primeiro acto de culto a prestar aos deuses é acreditar neles; seguidamente, reconhecer neles a majestade, e reconhecer também neles a bondade, sem a qual não há majestade possível; saber que são eles que presidem ao universo, que tudo governam graças ao seu poder, e que velam pela segurança da espécie humana mesmo quando não se preocupam com cada homem individualmente. Os deuses nem ocasionam o mal nem o sofrem; podem, todavia, castigar alguns indivíduos, reprimi-los, atribuir-lhes punições, ou mesmo, por vezes, puni-los, dando a aparência de fazerem bem. Se queres ser agradável aos deuses sê tu próprio bom! Prestar-lhes-ás culto em abundância se te limitares a imitá-los! Passemos a outra questão: o modo de tratarmos com o nosso semelhante. Como devemos agir, que preceitos ministrar? Que não derramemos sangue humano? Ao nosso semelhante devemos fazer o bem: aconselhar a não lhe fazer mal, que ridículo! Até parece que encontrar algum homem que não seja uma fera para os outros já é coisa merecedora de encômios... Vamos aconselhar a que se estenda a mão ao náufrago, se indique o caminho a quem anda perdido, se divida o pão com o esfomeado? Mas para que hei-de eu enumerar todos os actos que devemos ou não devemos praticar quando posso numa só frase resumir todos os nossos deveres para com os outros? Tudo quanto vês, este espaço em que se contém o divino e o humano, é uno, e nós não somos senão os membros de um vasto corpo. A natureza gerou-nos como uma só família, pois nos criou da mesma matéria e nos dará o mesmo destino; a natureza faz-nos sentir amor uns pelos outros, e aponta-nos a vida em sociedade. A natureza determinou tudo quanto é lícito e justo; pela própria lei da natureza, é mais terrível fazer o mal do que sofrê-lo; em obediência à natureza, as nossas

mãos devem estar prontas a auxiliar quem delas necessite. Devemos ter gravado na alma, e sempre na ponta da língua, o verso famoso: "sou homem, tudo quanto é humano me concerne!" Possuamos tudo em comunidade, uma vez que como comunidade fomos gerados. A sociedade humana assemelha-se em tudo a um arco abobadado: as pedras que, sozinhas, cairiam, sustentam-se mutuamente, e assim conseguem manter-se firmes! Já considerámos os deuses e os homens; vejamos agora como devemos lidar com as coisas. Quanto a este ponto, ministrar preceitos sem previamente explanarmos qual a opinião correcta a ter sobre cada coisa — pobreza, riqueza, glória, ignomínia, pátria, exílio — equivaleria a pura perda de tempo. Avaliemos cada coisa de per si, sem ligarmos às opiniões correntes, investiguemos o que cada coisa é de facto, e não o que os homens lhe chamam. Passemos às virtudes. Haverá filósofos que pretendem induzir-nos a dar grande valor à prudência, a praticarmos a virtude da coragem, a nos aplicarmos à justiça — se for possível — com maior empenho ainda do que às restantes virtudes. Pois bem: de nada servirão estes conselhos se nós ignorarmos o que é a virtude, se ela é una ou múltipla, se as virtudes são individualizadas ou interdependentes, se quem possui uma virtude possui também as restantes ou não, qual a diferença que existe entre elas. Um operário não precisa de investigar qual a origem ou a utilidade do seu trabalho, tal como o bailarino o não tem que fazer quanto à arte da dança: os conhecimentos relativos a todas estas artes estão circunscritos a elas mesmas, porquanto elas não têm incidência sobre a totalidade da vida. A virtude, porém, implica tanto o conhecimento dela própria como o de tudo o mais; para aprendermos a virtude temos de começar por aprender o que ela é. Uma acção não pode ser correcta se não for correcta a vontade, pois é desta que provém a acção. Também a vontade nunca será correcta se não for correcto o carácter, porquanto é deste que provém a vontade. Finalmente, o carácter não poderá atingir a perfeição se não compreender as leis que regem a totalidade da vida nem investigar qual o juízo correcto a fazer sobre cada coisa, em suma, se não aferir todas as coisas pela verdade. A serenidade não é apanágio senão de quem alcançou um conhecimento imutável e infalível sobre o mundo: os demais tomam agora uma decisão, depois arrependem-se e permanecem indecisos sem saber se hão-de levar ou não até ao fim os seus propósitos. A causa que os faz andar assim à deriva é eles guiarem-se pelo mais falível dos critérios: a opinião comum! Se queres que a tua vontade permaneça a mesma, terás de só desejar a verdade. Ora, à verdade não podemos chegar sem conhecermos os princípios básicos da filosofia, os quais incidem sobre a totalidade da vida. O bem e o mal, a moralidade e a imoralidade, a justiça e a injustiça, a piedade e a impiedade, as virtudes e o emprego das virtudes, a posse de bens úteis, a reputação e a dignidade, a saúde, a prestança física, a beleza, a acuidade dos sentidos — tudo isto exige da nossa parte uma correcta capacidade de avaliação. Há que saber quanta e qual a importância a conceder aos meios de fortuna. Tu, efectivamente, laboras em erro ao atribuir a certas coisas maior valor do que o devido, e laboras

tanto mais em erro quanto é certo que coisas consideradas entre nós como especialmente valiosas (riqueza, influência, poder) não valem, na realidade, sequer um sestércio. Ora, a isto não poderás chegar se ignorares a proposição de base através da qual acedemos à determinação do valor respectivo de cada coisa. Assim como as folhas, isoladamente, não podem estar viçosas e precisam de ramos em que se sustentem e de que recebam a seiva, assim também todos esses preceitos, desamparados, murcham; as podas só medram se plantadas! De resto, esses filósofos que pretendem abolir os princípios de base não percebem que, pelo próprio facto de os abolirem, estão afinal a confirmá-los. Ao fim e ao cabo, qual é a tese deles? Que os preceitos cobrem todos os aspectos da vida, que os princípios de base da filosofia são supérfluos. Mas — valham-me os deuses! — esta sua afirmação não equivale menos a um princípio de base do que se eu dissesse que podemos passar sem preceitos, como coisa supérflua, que devemos, pelo contrário, servir-nos dos princípios de base e aplicar-nos apenas ao seu estudo: esta mesma frase pela qual eu estava negando interesse aos preceitos é, ela mesma, um preceito!... Na filosofia há certas áreas que se contentam com uma breve explicação, outras necessitam de demonstração por vezes longa por se tratar de matéria muito complexa que apenas à custa de extrema atenção e inteligência se pode tornar evidente. Mas se as demonstrações são necessárias, necessários são também os princípios pelos quais, a partir dos argumentos, se apresenta sinteticamente a verdade. Há princípios que são evidentes, outros que são obscuros: são evidentes aqueles que para serem entendidos se contentam com os sentidos ou a memória; são obscuros os que se situam a um nível superior. A razão, de facto, não está limitada àquilo que é imediatamente evidente; na sua maior e melhor parte, aplica-se ao que escapa aos sentidos. Ora, o que escapa aos sentidos exige demonstração, e sem princípios de base não pode haver demonstração; logo, os princípios de base são indispensáveis. De uma mesma fonte nascem o senso comum e o correcto sentido da realidade: a apreciação exacta da natureza das coisas. Se, por falta dela, tudo na nossa alma anda à deriva, são indispensáveis princípios de base capazes de dar ao nosso espírito uma infalível capacidade de julgar. Em suma, quando aconselhamos alguém a tanto estimar um amigo como a si próprio, ou a pensar que um inimigo se pode transformar em amigo, quando o incitamos a aumentar o seu amor pelo primeiro e a refrear o ódio pelo segundo acrescentamos: "este procedimento é justo, é conforme à moral!". Ora, a razão que determina os nossos princípios de base contém em si as noções de "justiça" e de "moralidade", por conseguinte ela é indispensável, pois sem ela não podemos conceber tais noções. Combinemos, todavia, a dogmática com a parenética: se os ramos são inúteis sem a raiz, também a raiz pode tirar proveito dos ramos que dela brotam. Ninguém há que desconheça a utilidade das mãos, a sua função é manifesta; o coração, porém, o órgão que faz viver as mãos e comanda os seus movimentos e a sua acção, esse está oculto. Esta imagem reflecte o que se passa com os preceitos, os quais estão à vista de todos, enquanto os princípios de base da filosofia se encontram a nível

mais profundo. Tal como ao nível do sagrado ao que há de mais sagrado só os iniciados têm acesso, também no domínio da filosofia os princípios secretos só são revelados aos que são dignos de aceder ao santuário; em contrapartida, os preceitos e outras fórmulas do mesmo tipo estão abertas ao conhecimento mesmo dos profanos. Posidónio considera imprescindível não apenas a técnica "preceptiva" (já que nada me proíbe o uso deste vocábulo), mas ainda o uso da persuasão, da consolação e da exortação; a estas acrescenta ainda a investigação das causas, ou seja, a "etiologia", pois se os gramáticos, esses defensores da pureza do latim, se sentem no direito de chamar-lhe assim, não vejo porque motivo eu hei-de fugir ao emprego deste vocábulo. Diz Posidónio que também terá utilidade a descrição individual de cada virtude, isto é, o que ele chama etologia, e outros caracterismo, quer dizer, a indicação das características e do valor de cada virtude e de cada vício, e qual o modo de distinguir comportamentos aparentemente similares. Esta última técnica tem um alcance idêntico ao da parenética; só que, ao preceituar, dizemos: "Se queres ser temperado, age desta ou daquela maneira", ao passo que ao descrever diremos: "o homem temperado é o que faz esta acção e se abstém daquela outra". Por outras palavras, a diferença consiste em que num caso damos preceitos de virtudes, no outro apresentamos um modelo. Não nego que tais descrições, ou fichas de registo, para usar a linguagem dos publicanos, tenham a sua utilidade: exponham-se obras dignas de admiração, sempre aparecerá quem as imite! Consideras útil conhecer os argumentos que provam a excelência de um cavalo para que não sejas ludibriado ao comprar ou perder o teu tempo com uma pileca? Muito mais útil te será conhecer as características de uma alma nobre, características que, vendo-as em outros, poderás aplicar à tua pessoa. "Sem demora a cria de raça nobre pelos campos marcha altaneira, as tenras patas flectindo; antes dos demais põe-se a caminho, afronta as torrentes impetuosas sem receio, afoita-se a percorrer um trilho ignoto, e não treme ao ouvir vãos ruídos. Tem erecto o pescoço, fina a cabeça, breve o ventre, liso o dorso, e o peito animoso é musculado e forte... E, quando ao longe se ouve o sinal do combate, não pára quieto, erguem-se-lhe as orelhas, as pernas tremem e a custo reprime nas narinas a respiração ardente!" Tratando embora um assunto diferente, o grande Vergílio faz nestes versos a descrição do autêntico herói! Pelo menos não é diferente a imagem que eu faço do que seja um herói. Se eu quisesse descrever a atitude de M. Catão impávido entre os fragores da guerra civil, partindo ao ataque do exército inimigo que já descia dos Alpes, opondo o próprio peito à guerra civil — pois não o pintaria com outro rosto, não lhe atribuiria outra atitude. Ninguém decerto jamais mostrou maior coragem do que este homem que se ergueu ao mesmo tempo contra César e contra Pompeio, que desafiou por igual quer os cesarianos quer os pompeianos, mostrando que havia ainda um terceiro partido: o da república! Na realidade, é pouco dizer de Catão que ele "não treme ao ouvir vãos ruídos". Pois se ele não tremeu ao ouvir os ruídos autênticos, e bem próximos, da guerra, se ele ousou erguer livremente a

sua voz contra as dez legiões de César e as tropas auxiliares gaulesas, mais as suas armas bárbaras lado a lado com as romanas, para exortar a república a não abdicar da liberdade, a lutar até ao limite, já que preferível seria ser feito escravo à força do que aceitar a escravidão sem resistência! Que vigor, que energia de alma havia neste homem, que autoconfiança ele demonstrou num momento em que todos tremiam de pavor! Ele sabia ser o único cuja situação não estava em causa: a questão, de facto, não consistia em saber se Catão seria livre, mas sim se viveria entre homens livres; daí o desprezo com que ele encarava o perigo das armas. Quem quer que se sinta tomado de admiração pela invencível firmeza deste homem, inabalável mesmo entre a derrocada geral, sentirá vontade de exclamar: "o seu peito animoso é musculado e forte!... " Será útil não nos limitarmos a ver quais os traços, as características gerais que habitualmente identificam os homens de bem, mas antes expor em pormenor como eles de facto agiram: referir, por exemplo, a ferida mortal que Catão, como decisivo acto de coragem, infligiu a si mesmo, ferida por onde a liberdade republicana exalou o último suspiro; ou a sapiência de Lélio e a harmonia em que viveram ele e o seu amigo Cipião; ou os feitos sublimes, públicos e privados, do outro Catão; ou o banquete oficial oferecido por Q. Tuberão, com os seus leitos de madeira cobertos com peles de cabra em vez de colchas e a baixela de argila, usada diante do templo de Júpiter. Que significou um tal banquete senão a consagração da pobreza em pleno Capitólio? Ainda que eu não conheça mais nenhuma acção sua digna de o pôr na companhia dos Catões, esta, só por si, acaso não bastará? Isto não foi um banquete: foi uma censura pública! Até que ponto vai a ignorância dos homens que ambicionam a glória sem saber o que ela é nem a via para a alcançar! Nesse dia, o povo romano teve ensejo de contemplar muitas baixelas, mas só a de Tuberão o maravilhou. O ouro e a prata de todos os outros foram quebrados e fundidos mil vezes; os copos de barro de Tuberão, esses, durarão através dos séculos!

LIVRO XVI

Cartas 96-100

CARTA 96

Continuas então a indignar-te ou a lamentar-te disto ou daquilo, sem entenderes que o único mal efectivo é o próprio facto de tu te indignares ou te lamentares?! Se queres saber a minha opinião, eu entendo que nenhum motivo de aflição existe para o homem além da própria circunstância de ele julgar que a natureza contém em si motivos de aflição. No dia em que eu deixar de poder suportar o que quer que seja, deixarei de poder suportar-me a mim mesmo. Falta-me a saúde: é parte do meu destino. Os escravos adoeceram: os rendimentos foram-se, a casa abriu rachas, caíram sobre mim prejuízos, ferimentos, preocupações, perigos: tudo isso é natural. Direi mesmo mais: é inevitável! São condições a que estamos obrigados, e não meros acidentes. Se tens alguma confiança em mim, revelar-te-ei totalmente os meus mais íntimos sentimentos: eu formei o meu carácter no meio de toda a espécie de circunstâncias aparentemente desfavoráveis e duras; mas não me limito a ceder à vontade dos deuses, dou-lhes mesmo a minha concordância; submeto-me espontaneamente, e não apenas por tal ser inevitável. Nunca me acontece nada que eu receba com amargura ou de má cara; não há imposto algum que eu pague contra vontade. Ora, todas as ocorrências que nos causam gemidos ou receios são somente os impostos que a vida nos exige. De tais impostos, meu caro Lucílio, não poderás esperar, nem sequer pedir, isenção! Andaste aflito com uma dor na bexiga, recebeste notícias pouco consoladoras, tens sofrido contínuos prejuízos — irei mesmo mais longe, estiveste em risco de vida. E então, quando desejavas chegar a velho não sabias que tudo isso estava implícito no teu desejo? Numa longa vida encontra-se de tudo, tal como numa estrada longa se encontra poeira, lama e chuva. "Eu desejava viver, sim, mas ao abrigo de todas essas contrariedades!" Ah, que palavras tão efeminadas, tão indignas de um homem! Vamos a ver como tu aceitas este voto que eu te faço — e faço-o não só de boa vontade mas com a melhor das intenções: possam todos os deuses conseguir que a fortuna nunca te cubra com as suas boas graças. Pergunta a ti próprio, no caso de algum deus te proporcionar a opção, se preferirias viver num mercado ou num acampamento militar. É que viver, Lucílio, é uma milícia! Os homens que são mandados para a frente, que realizam marchas forçadas e duras por montes e vales, que afrontam

as missões mais arriscadas, esses são os heróis, são os soldados de elite; aqueles que se deixam ficar cobardemente numa vergonhosa ociosidade, enquanto os camaradas afrontam o risco, não passam de "umas rolinhas" que se escondem dos ataques!

CARTA 97

Enganas-te, caro Lucílio, se pensas que o luxo, o desprezo pelos bons costumes e aquilo que cada um em geral critica na sua própria época são vícios do nosso tempo: tudo isso é próprio dos homens, não das épocas. Nenhuma era esteve isenta de culpa. Se te puseres a avaliar o desregramento de cada época, (envergonho-me de o dizer!), nunca ele foi mais patente do que no tempo de Catão. Haverá quem possa acreditar que houve tentativas de suborno no julgamento em que P. Clódio compareceu como réu devido ao adultério cometido durante os Mistérios com a mulher de César, com total violação dos rituais do sacrifício dito "em interesse do povo", durante o qual era tão rigorosa a exclusão dos homens do recinto sagrado que até se tapavam as pinturas representando animais machos? Pois não só foi oferecido dinheiro aos juízes como ainda — o que ultrapassa em abjecção o próprio suborno — se praticou estupro (para cúmulo!) sobre matronas e adolescentes da nobreza! Foi menos desonroso o crime do que a absolvição: o réu de adultério compartilhou os seus adultérios e não se sentiu seguro da absolvição antes de ter tornado os juízes iguais a si. E tudo isto sucedeu durante um processo em que, se mais não houvera, Catão comparecera como testemunha. Cito-te as próprias palavras de Cícero, pois o caso excede quanto se possa crer: "Convocou os juízes para sua casa, prometeu, garantiu, ofereceu. Mais ainda (ó bons deuses, que perversidade!), passar a noite com determinadas mulheres e em entrevistas galantes com adolescentes da nobreza foi prenda suplementar oferecida a vários juízes." Já nem vale a pena deplorar o salário, o pior de tudo foi o suplemento. "— Interessa-te a mulher daquele indivíduo austero? Queres antes a deste ricaço? Arranjarei modo de dormires com ela. Se não cometeres um adultério, podes condenar-me! Esta beldade que tu pretendes aparecerá. Prometo-te uma noite com ela, e sem tardar muito: antes que passem vinte e quatro horas, a minha promessa estará cumprida." Tem mais que se lhe diga distribuir adultérios do que cometê-los; aquilo é o que se chama uma notificação às mães de família! Os juízes de Clódio pediram ao senado uma escolta, coisa que só seria necessária se eles estivessem dispostos a condená-lo, e obtiveram-na, o que fez Cátulo dizer-lhes espirituosamente, depois de absolvido o réu: "- Para que nos pedistes a escolta? Foi para não vos roubarem o dinheiro?" Entre estes remoques, Clódio saiu-se impunemente; adúltero antes do julgamento, proxeneta durante o julgamento, evitou a condenação de um modo mais infamante do que aquele por que a tinha merecido. Achas que poderá haver costumes mais corruptos do que estes, em que a lubricidade nem sequer era refreada pela religião, nem pelos tribunais, em que durante o inquérito instaurado por

Senatusconsulto se cometeram mais delitos do que os que faziam o objecto do inquérito? A questão era se, depois do adultério, alguém podia viver em segurança; verificou-se que em segurança ninguém podia viver sem adultério! Eis ao que se chegou nos tempos de Pompeio e César, de Cícero e Catão, daquele mesmo Catão ante cuja presença a multidão se recusou a admitir a comparência, nas festas de Flora, das habituais prostitutas nuas..., se é que devemos acreditar que esses homens eram mais rigorosos como espectadores do que como juízes! Casos destes dar-se-ão, como se têm dado; o desregramento das cidades pode ocasionalmente diminuir pelo medo da autoridade, mas nunca espontaneamente. Não há, portanto, razão para pensares que nós nos distinguimos por excesso de licenciosidade e falta de respeito pela lei. A nossa juventude é mais saudável do que a dos tempos em que o réu negava o seu adultério perante os juízes mas os juízes confessavam o seu diante do réu, em que se cometia estupro para poder prosseguir o julgamento, em que Clódio — caído em boas graças devido aos vícios que o conspurcavam — fazia ofício de alcoviteiro durante a própria instrução do processo. Quem poderá crer que um homem a quem um adultério devia fazer condenar foi, afinal, absolvido graças a vários adultérios? Qualquer época tem os seus Clódios, mas nem todas produzem Catões! Facilmente enveredamos pelo mal, em que nunca faltará guia ou companheiro, embora para progredir no mal não faça falta guia ou companheiro. Para o vício há, não apenas uma tendência, mas um verdadeiro instinto cego, que torna muitos homens incapazes de qualquer correcção; em qualquer outra arte as imperfeições são motivo de vergonha para o respectivo artífice, o qual se sente confuso ante o seu erro; as imperfeições na arte da vida, essas são motivo de prazer! Um timoneiro não se alegra quando o barco se vira, um médico não se alegra quando o doente morre, um orador não se alegra se o réu é condenado por culpa do advogado, mas, inversamente, qualquer vício é fonte de prazer para quem o possui: àquele, agrada-lhe o adultério, cujas dificuldades mais lhe acendem o apetite; aquele outro compraz-se na falcatrua e no roubo, e o seu crime só lhe causa desagrado quando não lhe sorri a fortuna. Uma depravada habituação conduz a este resultado. De resto, para veres como mesmo os espíritos propensos aos piores crimes conservam a noção do bem (não ignoram que agem mal, mas não ligam) repara como todos dissimulam os seus actos e, quando as coisas lhes correm a contento, gozam os benefícios do crime mas nunca revelam o que fizeram! A consciência tranquila aspira a surgir ante a vista de todos; a maldade, essa, até as trevas receia. Em meu entender, teve toda a razão Epicuro quando disse: "Um criminoso pode ter a sorte de conservar-se oculto, mas não pode estar seguro de assim permanecer." Talvez percebas melhor a ideia se eu disser por outras palavras: é inútil aos criminosos ocultarem-se, pois ainda que tenham a sorte de encontrar um esconderijo nunca se podem sentir totalmente confiados. É assim mesmo, um crime pode conservar-se escondido, mas nunca pode alcançar a segurança. Não creio que, ao resolver deste modo o problema, eu vá contra os princípios da nossa escola. E

porquê? Porque o primeiro e maior castigo de um criminoso é ter cometido o acto, e nenhum crime, por muito que a fortuna o adorne com os seus dons, o proteja e o reivindique, escapa ao castigo, uma vez que o próprio crime constitui a punição por esse crime. Além disso, persegui-lo-ão estreitamente as penas do segundo grau: o medo contínuo, o pavor, o nunca confiar na aparente segurança. Porque havia eu de libertar deste suplício a iniquidade? Porque não hei-de deixá-la sempre em suspenso? Mas devemos discordar de Epicuro no ponto em que ele diz que nada é justo por natureza, e que devemos evitar os crimes porque nos é impossível evitar o medo; mas podemos estar de acordo em que os maus actos são castigados pela consciência de os ter cometido, e que tanto maior é o grau de tortura que se lhes segue por ser contínua a angústia que oprime e atormenta a consciência, a tal ponto que nem sequer consegue confiar nas garantias de segurança que se lhe oferecem. Isto prova precisamente, Epicuro, que é natural em nós a repugnância pelo crime, pois mesmo na mais completa segurança ninguém consegue escapar ao medo. A sorte pode evitar a muitos o castigo, mas a ninguém evita o medo. E porquê, senão porque é inata em nós a aversão por qualquer acto condenado pela natureza? Por isto nunca podem confiar no seu esconderijo nem mesmo os que estão bem escondidos, porque a consciência os acusa e os mostra a si — mesmos como são. Tremer de medo, aqui está o sinal que distingue os criminosos. Imperfeita seria a espécie humana (pois muitos crimes escapam à Lei, à justiça, às penas estabelecidas) se a natureza não fosse a primeira a exigir desde logo reparação, e se o medo não actuasse como sucedâneo do castigo.

CARTA 98

Acredita que ninguém é feliz quando treme pela sua felicidade. Não se apoia em bases sólidas quem tira a sua satisfação de bens exteriores, pois acabará por perder o bem-estar que obteve. Pelo contrário, um bem que nasce dentro de nós é permanente e constante, e vai sempre crescendo até ao nosso último momento; todos os demais bens ante os quais se extasia o vulgo são bens efémeros. "E então? Quer isso dizer que são inúteis e não podem dar satisfação?" É evidente que não, mas apenas se tais bens estiverem na nossa dependência, e não nós na dependência deles. Tudo quanto cai sob a alçada da fortuna pode ser proveitoso e agradável na condição de o seu beneficiário ser senhor de si próprio em vez de ser servo das suas propriedades. É um erro pensar-se, Lucílio, que a fortuna nos concede o que quer que seja de bom ou de mau; ela apenas dá a matéria com que se faz o bom e o mau, dá-nos o material de coisas que, nas nossas mãos, se transformam em boas ou más. O nosso espírito é mais poderoso do que toda a espécie de fortuna, ele é quem conduz a nossa vida no bom ou no mau sentido, é nele que está a causa de nós sermos felizes ou desgraçados. Um homem mau faz tudo redundar em mal, mesmo quando aparentemente as coisas se apresentavam excelentes; um espírito justo e íntegro sabe corrigir os erros da fortuna, sabe, pela sua mesma sabedoria, temperar as ocorrências adversas e difíceis de

suportar; um tal espírito é capaz de acolher a felicidade com gratidão e temperança, de enfrentar a adversidade com firmeza e coragem. Imaginemos um homem experiente, que não faz nada sem ter analisado totalmente a questão, que nunca tenta nada que esteja acima das suas forças: tal homem nunca alcançará aquele supremo e completo bem acima de todas as contingências se não se sentir seguro em face da insegurança. Se observares os outros (já que costumamos ser melhores juízes em causa alheia), ou se te analisares a ti próprio sem parcialidade, serás forçado a admitir que aqueles bens que tens por desejáveis e preciosos te serão inúteis se previamente não te preparares para a falibilidade do acaso e do condicionalismo que o acompanha, se, com insistência mas sem amargura, repetires a ti próprio em cada contrariedade que "os deuses decidiram de outro modo!"... Melhor ainda, por Hércules!, deixa-me arranjar um verso mais enérgico e correcto para robustecer o teu espírito: sempre que te aconteça alguma coisa contrária à tua expectativa diz a ti mesmo que os deuses tomaram uma decisão superior! Com semelhante disposição de espírito, nada terás a temer. Esta disposição de espírito consegue-se pensando na instabilidade da vida humana antes de a experimentarmos em nós, olhando para os filhos, a mulher, os bens como algo que não possuiremos para sempre, e evitando imaginarmo-nos mais infelizes um dia que deixemos de os possuir. Será a ruína do espírito andarmos ansiosos pelo futuro, desgraçados antes da desgraça, sempre na angústia de não saber se tudo o que nos dá satisfação nos acompanhará até ao último dia; assim, nunca conseguiremos repouso e, na expectativa do que há-de vir, deixaremos de aproveitar o presente. Situam-se, de facto, ao mesmo nível a dor por algo perdido e o receio de o perder. Isto não quer dizer que te esteja incitando à apatia! Pelo contrário, procura evitar as situações perigosas; procura prever tudo quanto seja previsível; procura conjecturar tudo o que pode ser-te nocivo muito antes de que te suceda, para assim o evitares. Para tanto, ser-te-á da maior utilidade a autoconfiança, a firmeza de ânimo apta a tudo enfrentar. Quem tem ânimo para suportar a fortuna é capaz de precaver-se contra ela; mas nada de angústias quando tudo estiver tranquilo! O cúmulo da desgraça e da estupidez está no medo antecipado: que loucura é esta, ser infeliz antecipadamente? Em suma, para numa palavra te resumir o que eu penso e te descrever como são estes homens que, à força de se preocuparem, só conseguem fazer mal a si próprios: tanta falta de moderação eles mostram em plena desgraça como antes dela! Quem sofre antes de tempo sofre mais do que o devido; uma mesma incapacidade leva-o a não prever a presença da dor onde não a espera; uma mesma imoderação fá-lo imaginar permanente a sua felicidade, imaginar que os bens que o acaso lhe deu não só hão-de perdurar como também de multiplicar-se; esquecido do trampolim que é a vida humana, convence-se de que no seu caso, por excepção, o acaso deixará de se fazer sentir. Por isto mesmo eu dou toda a razão a Metrodoro quando, numa carta dirigida à irmã por ocasião da morte de um filho de nobre carácter, lhe disse: "Todo o bem relativo aos mortais é mortal." Ele refere-se àqueles bens que correntemente os homens

procuram alcançar, porquanto o verdadeiro bem — a sabedoria e a virtude — é seguro e eterno; é este bem, aliás, a única coisa imortal que é concedida aos mortais. Estes, porém, são tão falhos, tão esquecidos do caminho que seguem, do termo para que cada dia os vai arrastando, que se admiram quando perdem alguma coisa — eles que, mais tarde ou mais cedo, hão-de perder tudo! Tudo aquilo de que és considerado dono está à tua mão, mas sem ser verdadeiramente teu; um ser instável nada possui de estável, um ser efémero nada possui de eterno e indestrutível. Perder é tão inevitável como morrer; se bem a entendermos, esta verdade é uma consolação para nós. Perde, pois, imperturbavelmente: tudo um dia morrerá. Que socorro podemos conseguir contra todas as nossas perdas? Apenas isto: guardemos na memória as coisas que perdemos sem deixar que o proveito que delas tiramos desapareça também com elas. Podemos ser privados de as possuir, nunca de as ter possuído. É extremamente ingrato quem pensa que já nada deve porque perdeu o empréstimo! O acaso privou-nos do objecto, mas deixou em nós o uso e proveito que dele tiramos, e que nós deixamos esquecer pelo perverso desejo de continuar a possuí-lo! Diz a ti próprio que "tudo o que se nos afigura terrível pode ser superado". Muitos têm havido que triunfaram de um ou de outro obstáculo: Múcio triunfou do fogo, Régulo da cruz, Sócrates do veneno, Rutílio do exílio, Catão do suicídio pela espada; triunfemos nós também de qualquer coisa! Também muitos têm existido que desprezam aqueles bens por cuja beleza e promessa de bem-estar o vulgo se deixa atrair. Fabrício recusou a riqueza quando general, recusou-a quando censor; Tuberão entendeu que a pobreza não o deslustrava, nem a ele nem ao Capitólio, quando, ao utilizar no banquete público uma baixela de barro, demonstrou que os homens se deviam contentar com os utensílios de que até os deuses se serviam. Sêxtio, o pai, recusou as magistraturas, ele que, pelas suas qualidades inatas merecia chefiar a República, e não aceitou a banda larga que o divino Júlio lhe oferecia; bem consciente estava de como o que pode dar-se pode igualmente tirar-se! Façamos nós também algo que mostre grandeza de alma; sejamos nós também um exemplo. Porquê perder a coragem? Porquê perder a esperança? O que outros puderam, também nós o podemos, desde que limpemos o nosso espírito e sigamos a natureza, pois a quem dela se afasta só resta ser presa de desejos e receios, só resta a servidão perante o efémero. É possível voltarmos ao bom caminho, recobrarmos a nossa integridade; recobremo-la, pois, para sermos capazes de fazer frente à dor por onde quer que ela nos ataque o corpo, para podermos dizer à fortuna: "Estás lidando com um homem! Procura quem tu possas vencer!" * * * Com discursos como este, ou semelhantes a este, apazigua-se a intensidade da úlcera, que aliás faço votos por que se reduza e se cure ou, pelo menos, estacione e vá envelhecendo com o nosso homem! Por ele próprio, aliás, eu nada receio; nós é que ficamos a perder quando ficarmos sem a presença deste ilustre velho. Ele continua cheio de vida, e se deseja que esta se prolongue não é por si, mas por aqueles a quem a sua presença é útil. O facto de continuar vivo é uma

liberalidade da sua parte. Outro qualquer já teria posto fim a semelhante sofrimento. Ele, porém, entende que tão vil é fugir da morte como buscar refúgio na morte. "Que dizes? Se as condições a isso aconselharem não se deve sair voluntariamente desta vida?" Claro que sim, quando o homem já não for de utilidade para alguém, quando a sua sobrevivência só servir como pasto para a dor. Este caso, amigo Lucílio, é uma lição prática de filosofia, uma experiência real: observa que coragem um homem experimentado tem de usar em luta com a morte e com a dor, quando se vê assediado por uma e golpeado pela outra. Há que aprender a agir vendo alguém a agir. Até agora, servi-me de argumentos para discutir se é possível a resistência à dor, ou se a proximidade da morte basta para quebrantar mesmo as almas fortes. Mas para quê palavras? Considera este caso real: ao nosso amigo, nem a morte o torna mais resistente à dor, nem a dor mais resistente à morte. Contra ambas é em si apenas que ele confia, nem padecendo pacientemente com esperança na morte, nem morrendo voluntariamente por saturação da dor; limita-se a ir suportando esta enquanto vai aguardando por aquela!

CARTA 99

Venho enviar-te uma cópia da carta que escrevi a Marulo aquando da morte de um filho de tenra idade — morte que, dizia-se, ele suportou, com quase nula coragem! Nesta carta não segui o nosso processo habitual, nem achei por bem falar-lhe brandamente, pois o nosso homem mais merecia ser repreendido que consolado. Uma pessoa que fica perturbada e mal consegue aguentar um golpe profundo tem de ir recuperando a pouco e pouco, até que a dor vá esmorecendo ou pelo menos perca a violência inicial. Mas a estes homens que fazem do pranto um dever há que chamá-los à ordem directamente e ensinar-lhes até que ponto as lágrimas podem denotar insensatez. "Estavas à espera de consolo? Pois vais apanhar uma descompostura! Tanta cobardia tu mostras pela morte do teu filho? Que farias se tivesses perdido um amigo? Faleceu-te um filho, de futuro incerto, de pouca idade; perdeu-se apenas um breve espaço de tempo! Nós próprios buscamos motivos de sofrimento, ansiosos por nos queixarmos da fortuna mesmo sem razão, como se não fosse seu papel dar-nos justos motivos de queixa; agora tu, valham-me os deuses!, já me parecias homem de coragem mesmo ante os males reais, quanto mais perante estes simulacros de desgraça que levam os homens a gemer por mera obediência à tradição!... Mesmo que tivesses sofrido a perda de um amigo (o que seria o máximo dos infortúnios), mesmo assim devias aplicar toda a tua energia em mostrar-te mais alegre por o ter possuído do que triste por o ter perdido. Muita gente há, contudo, que não sabe avaliar todo o bem de que lhe foi dado gozar. Entre outros defeitos, este tipo de dor possui ainda mais um: não só se revela inútil como ingrato. Lá porque te faleceu um excelente amigo quer isto dizer que foi nula a sua acção? Tantos anos de vida em comum, de íntima comunhão de interesses, resultaram em nada? Ao falecer o amigo faleceu igualmente a amizade? Porque sofres

agora de o teres perdido se de nada te serve teres gozado o seu convívio? Acredita-me: daqueles a quem amámos, mesmo quando o destino nos roubou a sua companhia, uma parte importante permanece em nós; pertence-nos a passagem do tempo, pois nada goza de maior segurança do que o passado. Nós mostramo-nos ingratos em relação ao que nos foi dado por esperarmos sempre no futuro, como se o futuro (na hipótese de lá chegarmos) não se transformasse rapidamente em passado. Quem goza apenas do presente não sabe dar o correcto valor aos benefícios da existência; quer o futuro quer o passado nos podem proporcionar satisfação, o primeiro pela expectativa, o segundo pela recordação; só que enquanto um é incerto e pode não se realizar, o outro nunca pode deixar de ter acontecido. Que loucura é esta que nos faz não dar importância ao que temos de mais certo? Mostremo-nos satisfeitos por tudo o que nos foi dado gozar, a não ser que o nosso espírito seja um cesto roto onde o que entra por um lado vai logo sair pelo outro! "Há inúmeros exemplos de homens que perderam filhos jovens sem soltar uma lágrima, que, ao voltarem do funeral, se dirigiram para o Senado ou qualquer outro serviço público, e logo se lançaram ao trabalho. E assim é que é: primeiro, porque é inútil sofrer quando não se ganha nada com isso; segundo, porque é injusto lamentarmo-nos por algo que aconteceu a um, mas que há-de acontecer a todos; finalmente, porque não há forma mais estúpida de queixume do que a saudade — e sentir saudades é quase a mesma coisa que chorar um morto! Por isso mesmo — porque nós iremos atrás dos falecidos — tanto maior energia de alma devemos mostrar. Repara na rapidez com que passa o tempo, atenta na exiguidade desta ínfima fracção que nós percorremos a toda a velocidade, considera todos estes seres, humanos que se dirigem em massa para um mesmo ponto, separados uns dos outros por intervalos brevíssimos mesmo quando se nos afiguram muito longos: o filho que tu julgas ter morrido apenas partiu à tua frente! Haverá algo de mais estúpido do que chorá-lo por te ter precedido numa viagem que tu também hás-de fazer? Alguém chora por qualquer coisa que sabe de certeza vir a acontecer? Se não pensamos que o homem é mortal estamos a iludir-nos a nós mesmos. Alguém chora por qualquer coisa que sempre disse ser inevitável? Quem se lamenta por alguém ter morrido está a lamentar a existência do homem. Todos nós estamos submetidos às mesmas leis: quem nasce tem por força de morrer. Não partimos todos juntos, mas o fim é igual para todos. O espaço que medeia entre o primeiro e o último dia da nossa vida é incerto e variável: se pensarmos nas doenças, até uma criança pode ter uma vida longa; se atentarmos na rapidez do tempo, até a vida de um velho é curta. Nada temos que não seja instável, ilusório, mais transitório do que o próprio tempo; tudo o que é humano se altera e, se a fortuna o quiser, se converte no seu oposto; na imensa voragem da existência humana a única certeza que temos é a morte; e apesar disso todos se queixam da única coisa que não engana ninguém! "Mas ele morreu ainda criança!" Bom, eu não direi que seja preferível deixar rapidamente esta vida. Mas observemos o caso de um velho e repara quão exíguo é o tempo que ele tem de vantagem sobre a criança.

Representa no teu espírito toda a vastidão das profundezas do tempo até atingires a dimensão do universo, compara depois a essa imensidão aquilo a que nós chamamos o tempo de uma vida humana e verás até que ponto é diminuta essa extensão por que nós ansiamos e que fazemos por prolongar. E desse breve espaço quanto não cabe a lágrimas e angústias? Quanto, ao desejo da morte prematura, à doença, ao medo? Que espaço não ocupam os anos inúteis da inexperiência? Metade da vida passamo-la a dormir. Junta a isto os sofrimentos, as dores, os perigos e verás como, mesmo numa vida assaz longa, é muito pouco aquilo que vivemos. Quem te garante que não foi afinal mais feliz o teu filho ao ser-lhe dado partir depressa daqui, e terminar o seu percurso antes de se cansar dele? A vida em si não é nem um bem nem um mal, mas apenas o local onde se encontra o bem e o mal. Ele nada perdeu, portanto, senão uma contingência — com maior probabilidade de insucesso! Ele poderia vir a ser um homem comedido e avisado, poderia, sob a tua orientação, vir a tornar-se um bom carácter; mas também poderia (causa de justas apreensões!) vir a tornar-se igual à maioria. Vê todos esses jovens de excelente família que, por pura extravagância, vão combater no circo; vê todos esses outros que nada mais fazem senão excitar os mais baixos prazeres em si e nos outros, numa libertinagem generalizada, e que nunca chegam ao fim do dia sem uma bebedeira ou qualquer outra insigne perversão: nestes casos é bem evidente que teria havido melhores motivos para temer do que para esperar! Não deves, portanto, buscar tu próprio razões para sofrer, nem aumentar com a tua revolta o que não passou de ligeira contrariedade. Não te estou incitando a que faças um grande esforço para reagir: não penso tão mal de ti que considere ser teu dever recorrer a todas as forças da virtude contra este caso. De facto, a morte do teu filho não é uma verdadeira ferida, mas somente um arranhão; tu é que transformas o arranhão em ferida. Não tenho dúvidas de que a filosofia te terá sido de grande utilidade no dia em que conseguires recordar com tranquilidade um filho que ao morrer conhecia melhor a ama do que o próprio pai! "Quer isto dizer que eu te esteja persuadindo à dureza, a manter o rosto empedernido mesmo durante o funeral, a não sentir o mínimo aperto na alma? De modo nenhum! Seria prova não de virtude mas de desumanidade contemplar os parentes mortos com o mesmo olhar que se contemplavam os parentes vivos, ou não sentir qualquer comoção pela primeira separação dos familiares. Ainda mesmo, aliás, que eu quisesse proibir tais sentimentos, a natureza tem as suas leis e, embora procuremos evitá-las, as lágrimas caem e, caindo, aliviam o espírito. O que eu pretendo é que deixemos as lágrimas correr, mas sem nos forçarmos ao pranto; choremos apenas em proporção com os nossos sentimentos, e não em obediência a tradições. Não prolonguemos artificialmente a nossa tristeza, não a estiquemos segundo o padrão comum. A ostentação da dor exige mais de nós do que a própria dor: sozinhos, a quanto monta a nossa tristeza?! Quando as pessoas se sabem ouvidas gemem com mais força e, enquanto se conservam caladas e tranquilas isoladamente, derramam nova

enxurrada de lágrimas mal vêem outros a aproximar-se; é nesta altura que se lembram de arrepelar a cabeça (coisa que poderiam ter feito mais à vontade quando sozinhas!), que desejam morrer, que se revolvem no leito; quando não há espectadores, a dor passa logo! Tal como em tudo o mais, também nestas circunstâncias nos deixamos levar pelo vício da imitação dos outros e actuamos, não conforme devemos, mas sim conforme é costume. Abandonamos a lei natural e confiamo-nos ao critério das massas — mau conselheiro em tudo e modelo de inconstância nestes casos, como de resto em todos! Quando elas vêem alguém suportar com coragem a sua dor, chamam-lhe desumano e sem coração; quando vêem alguém cair por terra e abraçar-se ao cadáver, dizem-no efeminado e fraco. Na realidade, tudo deve ser aferido pelo critério da razão. Nada há mais estúpido do que querer ganhar a reputação de sofredor e fazer ostentação de lágrimas; lágrimas que, num homem sábio, eu entendo que podem ser consentidas ou espontâneas. Já te explico a diferença. Quando nos chega a notícia dolorosa de um falecimento, quando seguramos nos braços o cadáver que nos aprestamos a entregar às chamas, as lágrimas tombam por uma necessidade natural, o espírito, atingido pela força da dor, abala-nos todo o corpo e, portanto, também os olhos, dos quais espreme, por assim dizer, a humidade neles habitual. Estas lágrimas caem sob pressão mesmo contra a nossa vontade. De tipo diferente são aquelas lágrimas que nós deixamos correr quando recordamos os entes queridos já falecidos: sentimos algo de doce na tristeza com que relembramos as suas palavras alegres, a sua conversação risonha, a sua prestimosa familiaridade; os olhos então afrouxam, numa como que satisfação. As lágrimas deste tipo, consentimo-las; as outras, somos forçados a elas. Não há, por conseguinte, motivo algum para que tu retenhas ou soltes as lágrimas em função de quem te rodeia ou se senta ao pé de ti: nunca as lágrimas são tão indignas (quer tombem quer não) como quando são representadas! Deixa-as correr espontaneamente. Pode-se chorar sem perder a tranquilidade e a compostura; muitos sábios houve que choraram sem perda da sua autoridade, antes com tal comedimento que, mesmo chorando, deram mostra tanto de humanidade como de dignidade. É possível, repito, obedecer à natureza sem perder o decoro. Tenho visto pessoas que assistem ao funeral de parentes impondo respeito, mostrando no rosto todo o amor que tinham pelo falecido mas sem armarem minimamente ao sofrimento: em suma, com o comportamento exigido por uma emoção autêntica. Mesmo na dor há que manter a decência; o sábio deve conservá-la e observar nas lágrimas o mesmo justo limite que em tudo o mais. Os insensatos, esses tão exagerados são na alegria como na dor. "Aceita com equanimidade o inevitável. Acaso te sucedeu algo de extraordinário, de inédito? Quantos outros estão preparando um funeral, comprando roupas de luto, quantos estão agora chorando já depois da morte do teu filho? Quando pensares que ele morreu criança, pensa também que ele era um ser humano e como tal marcado pela incerteza, um ser humano a quem a fortuna não deixou chegar à velhice, antes despediu desta vida quando bem lhe

pareceu. Fala dele sempre que tiveres ocasião, conserva a sua memória tanto quanto puderes, e essa memória tanto mais frequentemente te acudirá quanto mais o puder fazer sem azedume; ninguém tem prazer em fazer companhia a um homem triste, ninguém pode passar a vida na tristeza. As conversas dele, as brincadeiras de infância que fazia, se tu as escutaste com prazer, relembra-as frequentemente; afirma com decisão que ele poderia ter realizado todas as esperanças que tu conceberas no teu espírito de pai. Esquecer os parentes e enterrar as recordações juntamente com os corpos, chorar com abundância mas não recordar minimamente os desaparecidos só denota uma alma desumana. Afectos destes são próprios das aves ou das feras, que amam com extrema energia, quase com fúria, mas cujo amor se extingue totalmente quando os companheiros morrem. Uma tal atitude não é própria de um homem sensato, mas sim conservar a lembrança embora cessando o sofrimento. "Não aprovo de forma alguma o que diz Metrodoro, que há uma certa forma de prazer inerente à tristeza, prazer esse que se deve obter simultaneamente com ela". Tenho aqui citadas as próprias palavras de Metrodoro: 'Das cartas de Metrodoro à irmã:' — 'Há um certo prazer que nasce simultaneamente com a dor, e que é preciso captar no próprio momento'. Não duvido um instante do que tu pensarás de tais palavras. Haverá algo de mais indigno do que sentir prazer no meio da dor, melhor dizendo, graças à dor, e buscar no meio das lágrimas uma fonte de satisfação? E são estes homens os que nos acusam de rigidez; que censuram a dureza dos nossos princípios quando nós dizemos que a dor ou não deve encontrar acolhimento no nosso espírito ou deve ser dele expulsa quanto ames! O que é mais incrível e desumano: não sentir dor pela perda de um amigo ou fazer dessa dor um motivo de prazer? Os nossos princípios são perfeitamente correctos: quando o nosso afecto tiver pago o tributo às lágrimas, tiver, passe a expressão, "desnatado" o desgosto, há que não deixar o espírito mergulhado na dor. E dizem os epicuristas que devemos misturar o prazer com a dor! Isto é o mesmo que consolar os garotos com um bolo, ou fazer os bebés deixarem de chorar dando-lhes leite! Nem no próprio instante em que um filho arde na pira ou um amigo solta o último suspiro eles querem que o prazer cesse, mais, querem fazer do sofrimento uma excitação! O que será mais correcto: eliminar a dor do espírito ou fazer o prazer acompanhar a dor? 'Acompanhar'? Mais do que isso: originar-se na própria dor! Há uma certa forma de prazer inerente à tristeza, diz Metrodoro. Que nós, estóicos, digamos isso está certo, mas vós, epicuristas, não tendes tal direito. Para vós não existe senão um bem, o prazer, e um mal, a dor: como é então possível haver ligação entre o bem e o mal? Mas imaginemos que há: seria este o melhor momento para ela se verificar? Vamos perscrutar a dor a ver se nas suas imediações há algo de agradável e aprazível? Certos remédios, salutares quando aplicados em determinadas partes do corpo, não podem ser utilizados noutras por repugnantes ou indecentes; um processo que em certas áreas do corpo seria benéfico e não atentaria ao pudor torna-se inconveniente dado o local em ferida: vós não tendes vergonha de querer

remediar a dor com o prazer? A dor é uma ferida que tem de curar-se com mais dignidade! Seria preferível mostrar como nenhuma sensação de mal pode afectar quem já morreu, pois só pode ser afectado quem não está morto. Nenhuma coisa, repito, pode lesar quem já nada é; se alguém é lesado, é porque está vivo. O que imaginas tu poder causar mal a alguém: já não ser alguém, ou ser ainda alguém? Uma pessoa não pode ser atormentada nem pelo facto de não ser (pois quem nada é nada sente) nem pelo facto de ser, pois desconhece o principal óbice da morte, que é precisamente o não ser. Digamos, portanto a um homem que chora com saudades de um filho arrebatado na primeira infância: no que concerne à brevidade da existência, todos nós, jovens ou velhos, em comparação com o universo, estamos em pé de igualdade. O que nos cabe de toda a sucessão dos tempos é menos que uma ínfima parte, porque uma parte, mesmo ínfima, é uma parte, enquanto o tempo da nossa vida é praticamente nulo. Mas, ó loucura humana!, que planos grandiosos nós fazemos para esta nulidade que é a existência! "Dirijo-te esta carta não porque tu esperes de mim um consolo já tão tardio (sei muito bem que tu já decidiste o que havias de ler ou não), mas sim para te censurar por, embora por pouco tempo, teres andado alheado de ti mesmo; e também para te aconselhar a que, de futuro, ganhes mais coragem contra a fortuna e consideres os seus golpes não apenas como possíveis, mas como inevitáveis e contínuos."

CARTA 100

Dizes-me na tua carta que leste com a maior avidez os livros de Papírio Fabiano intitulados "Da Política" mas que eles não corresponderam à tua expectativa; e, esquecendo-te de que se trata de um filósofo, vais ao ponto de criticar nele a colocação das palavras. Imagina que tens razão, e que ele, em vez de construir rigorosamente as frases, como que as deixa correr. Para começar, este tipo de estilo tem o seu atractivo, a frase lenta e fluida possui a sua própria beleza; entendo eu que há uma grande diferença entre um estilo sacudido e um estilo fluente. Acrescenta que mesmo neste ponto há uma diferença fundamental, como te vou mostrar: Fabiano não me parece "verter" frases, mas sim deixá-las fluir, e o resultado é um estilo amplo, sem rugosidades, mas ao mesmo tempo não desprovido de energia. Um estilo que se apresenta francamente como não trabalhado nem rebuscado em excesso. Mas aceitemos que é correcta a tua maneira de ver: a intenção dele era castigar os costumes, não a linguagem; escreveu a sua obra para as almas, não para os ouvidos. De resto, se o ouvisses ler ele próprio o texto, não terias oportunidade de atentar nos pormenores, de tal modo te entusiasmaria o conjunto. É certo que muita coisa nos agrada pela energia da leitura 'mas perde parte do valor quando observada depois de passada a escrito; mas tem também a sua importância suscitar o interesse logo à primeira vista, ainda que uma análise venha a encontrar motivos de crítica. Se mo perguntares, dir-te-ei que tem mais valor o homem capaz de arrebatar os aplausos do que o que sabe como merecê-los, embora eu saiba que este último

goza de maior segurança e pode confiar no futuro mais decididamente. Ao filósofo não convém a excessiva preocupação com o estilo: como poderia ser corajoso e firme perante o risco da própria vida um homem angustiado com as palavras? No seu estilo, Fabiano não revelava negligência, mas segurança. Por isso não encontrarás nele qualquer vulgaridade: ele escolhe, não cata as palavras que emprega, nem as coloca, em obediência à moda, segundo uma ordem antinatural, mas consegue dar-lhes brilho embora recorrendo ao vocabulário comum. Os seus períodos são cheios de profundo sentido, conquanto sejam amplos e não limitados ao espaço de uma sentença. Podemos verificar que alguns estão pouco limados, outros com deficiente estrutura, outros ainda pouco conformes aos requintes da moda actual: mas quando considerarmos o conjunto não encontraremos obscuridades resultantes do excesso de concisão. Admito que lhe falte a variedade dos tons do mármore ou das canalizações complicadas que levam a água a todos os quartos; também não é o tugúrio de um indigente, nem o luxo decorativo de quem se não contenta com a beleza austera: é, sim, aquilo a que soe chamar-se uma casa bem construída! E não te esqueças de que nem todos têm a mesma opinião sobre o estilo. Uns querem-no desordenado e hirsuto, outros preferem-no de tal modo áspero que desfazem de propósito as frases espontaneamente escorreitas, interrompem abruptamente o ritmo contra todas as expectativas do leitor. Lê a prosa de Cícero: as suas frases são perfeitas, as inflexões não são bruscas, o ritmo é agradável sem ser efeminado. Em contrapartida, as de Asínio Polião são desiguais, sacudidas, e acabam quando menos se espera. Além disso, as de Cícero terminam todas naturalmente, as de Polião parecem cair de borco, com excepção de umas quantas que obedecem a um ritmo certo, aliás sempre do mesmo modelo. Dizes ainda que a prosa de Fabiano te parece rasteira, pouco sublime. Aí está um defeito de que eu o acho isento. A meu ver, a sua prosa não é rasteira, mas tranquila, adequada ao seu carácter calmo e regrado; assemelha-se a um terreno plano, sem barrancos. Falta-lhe o vigor da eloquência, os grandes rasgos tão do teu agrado, o choque inesperado das sentenças; tomada, contudo, no seu conjunto é escorreita, penses o que pensares dos adornos do seu estilo. Talvez o seu modo de escrever careça de dignidade, mas comunica-a a nós. Indica-me, aliás, qual o autor que tu julgas superior a Fabiano. Cícero, por exemplo, cujas obras filosóficas são quase tão numerosas como as de Fabiano? Aceito. Mas lá por se não ter uma estatura gigantesca não se é obrigatoriamente um anão! Asínio Polião? Aceito, mas com uma reserva: só ter dois à sua frente é uma excelente posição em matéria tão relevante. Podes citar ainda Tito Lívio, já que ele escreveu diálogos de interesse tanto filosófico como histórico, além de obras expressamente dedicadas à filosofia. Aceito ainda este exemplo. Vê, todavia, a quantos Fabiano excede, ele que é ultrapassado apenas por três autores, e três autores que são os mais brilhantes estilistas. É verdade que Fabiano não é excelente em todos os aspectos. O seu discurso, embora elevado, carece de força; embora abundante, não é violento e impetuoso, é correcto, embora sem ser brilhante. "Falta-lhe" —

dirás tu — "aspereza na condenação dos vícios, energia ao minimizar os perigos, altivez ao afrontar a fortuna, agressividade ao invectivar a ambição. Eu quero que se condene o luxo, que se exponham ao ridículo os desejos, que se refreie a violência, tudo num estilo que combine a agressividade da oratória, a grandiosidade da tragédia, a mordacidade breve da comédia." O que pretendes é meter Fabiano em cuidados com algo de somenos importância: as palavras, quando o que ele faz é aplicar-se à grandeza do assunto; a eloquência segue-o como uma sombra, quase sem ele dar por isso. O seu discurso não aflora, sem dúvida, todos os pontos, carece de síntese, nem todas as palavras são estimulantes e certeiras, admito. Muitas frases passam ao lado do alvo, por vezes o estilo deixa-nos indiferente, por ineficaz. Mas em cada página há sempre algo de luminoso, há uma vastidão imensa, mas que não cansa. Há, enfim, nele um mérito inigualável: é evidente que tudo quanto escreveu foi sentido. Percebe-se que ele agiu assim para o leitor saber o que lhe agradava a ele, e não para ele agradar ao leitor. Tudo quanto escreveu visa ao progresso moral, à sabedoria, sem de nada lhe interessarem os aplausos. Não duvido que seja este o carácter dos seus escritos, embora deles tenha uma recordação já remota e conserve uma ideia global não resultante do contacto recente com a obra. Sucede geralmente assim quando o conhecimento vem de longe. Pelo menos, quando eu assistia às suas lições era assim que eu os via: não sem defeitos, mas com conteúdo, capazes de entusiasmarem um jovem de bom carácter e de nele suscitarem quer o espírito de emulação quer a esperança de conseguir superar o mestre, o que se me afigura a mais eficaz forma de exortação. De facto, é contraproducente despertar a vontade de imitar negando a esperança de o conseguir. Além disso, tinha uma linguagem abundante, sem nada de especial a nível de pormenor, mas excelente na globalidade.

LIVROS XVII-XVIII

Cartas 101-109

CARTA 101

Cada dia, cada hora nos mostra até que ponto nós não somos nada e descobre sempre novos argumentos para chamar a atenção de quem se esquece da fragilidade humana, e faz planos para a eternidade, vendo-se de chofre coagido a pensar na morte. Já estás tu a perguntar-me onde é que eu pretendo chegar com este proémio! Tu conhecias Cornélio Senecião, um cavaleiro romano brilhante e obsequioso que se fizera a si mesmo partindo quase do nada a ponto de ser previsível a prossecução de uma carreira auspiciosa, pois a dignidade social é mais fácil de continuar a aumentar que de iniciar a ascensão. A riqueza igualmente tarda sobretudo a chegar às pessoas de nível modesto, mas desde que ultrapasse um pouco esse nível nunca mais pára. Senecião já estava à beira de se alçar a uma grande fortuna, meta a que o conduziam duas qualidades extremamente eficazes: habilidade para obter riqueza, talento para a conservar. Qualquer uma delas, aliás, bastaria para fazer dele um homem rico. Pois este homem de extrema parcimónia, tão escrupuloso na administração dos bens como nos cuidados com a saúde, depois de me ter visitado pela manhã conforme era costume, depois de ter passado o dia inteiro até à noite à cabeceira de um amigo doente e sem esperança de recuperação, depois de ter jantado com boa disposição — foi atacado por um tipo de doença galopante, uma angina, e só com grande dificuldade conseguiu respirar até ao dia seguinte, com a garganta apanhada. No espaço de pouquíssimas horas, depois de ter desempenhado todos os deveres de um homem de perfeita saúde, caiu morto! Um homem que possuía bens de fortuna em terra e no mar, que enveredou pela administração pública para não deixar por experimentar alguma forma de obter proveitos, foi arrebatado desta vida no próprio momento em que tudo lhe corria bem e os bens pecuniários se acumulavam sobre ele. "Enxerta agora, Melibeu, as pereiras, dispõe em fila as vides!" Como é estúpido fazer planos para uma longa vida quando não se é sequer senhor do dia seguinte! Como são insensatos todos quantos formulam esperanças a longo prazo: hei-de comprar, hei-de construir, hei-de emprestar dinheiro e cobrá-lo com juros, hei-de fazer carreira na política — e logo me guardarei para a vida privada quando estiver velho, mas bem provido de meios!... Podes crer no que te digo: mesmo os favorecidos da fortuna

carecem de segurança. Ninguém deve fazer projectos para o futuro, pois mesmo o que nós seguramos nos escapa das mãos, mesmo a hora que vivemos qualquer acaso a interrompe. O tempo escoa-se segundo uma lei racional, mas obscura para nós; que me adianta saber que tudo se processa segundo a lei da natureza se para mim reina a incerteza? Nós planeamos regressar à pátria após longas viagens marítimas, ao fim de termos percorrido as costas de terras estrangeiras; planeamos receber sobre o tarde os salários do serviço militar; a obtenção de cargos ou de proveitos através da prestação de serviços — e com tudo isto temos a morte ao nosso lado. E porque só pensamos na morte dos outros, os exemplos da nossa condição mortal, que de vez em quando nos surgem, apenas nos preocupam durante o tempo em que os temos sob os olhos. Não é uma autêntica estultícia admirarmo-nos de que possa ocorrer tim dia algo que, afinal, sucede quotidianamente? Quando o termo da nossa vida se situa no ponto exacto que lhe apontou a inexorável lei do destino, embora nenhum de nós saiba a que distância se encontra desse termo! Formemos, portanto, a nossa alma como se já estivéssemos no fim da vida. Não adiemos: ponhamos em dia as nossas contas com a vida! O principal defeito da vida é ela estar sempre por completar, haver sempre algo a prolongar. Quem, todavia, quotidianamente der à própria vida "os últimos retoques" nunca se queixará de falta de tempo; em contrapartida, é da falta de tempo que provém o temor e o desejo do futuro, o que só serve para corroer a alma. Não há mais miserável situação do que vir a esta vida sem se saber qual o rumo a seguir nela; o espírito inquieto debate-se com o inelutável receio de saber quanto e como ainda nos resta para viver. Qual o modo de escapar a uma tal ansiedade? Há um apenas: que a nossa vida não se projecte para o futuro, mas se concentre em si mesma. Só sente ansiedade pelo futuro aquele cujo presente é vazio. Quando eu tiver pago tudo quanto devo a mim mesmo, quando o meu espírito, em perfeito equilíbrio, souber que me é indiferente viver um dia ou viver um século, então poderei olhar sobranceiramente todos os dias, todos os acontecimentos que me sobrevierem e pensar sorridentemente na longa passagem do tempo! Que espécie de perturbação nos poderá causar a variedade e instabilidade da vida humana se nós estivermos firmes perante a instabilidade? Apressa-te a viver, caro Lucílio, imagina que cada dia é uma vida completa. Quem formou assim o seu carácter, quem quotidianamente viveu uma vida completa, pode gozar de segurança; para quem vive de esperanças, pelo contrário, mesmo o dia seguinte lhe escapa, e depois vem a avidez de viver e o medo de morrer, medo desgraçado, e que mais não faz do que desgraçar tudo. Dele resulta aquele voto de Mecenas, por completo destituído de dignidade, pois até o leva a admitir a degradação física, a perda das faculdades, até mesmo o suplício atroz da cruz desde que, mesmo entre estes flagelos, a sua existência se prolongue: "Tirai-me a força das mãos, fazei-me coxo de um pé, ponham-me grossa corcunda, tirai-me os dentes que abanam: só quero é que a vida dure! Prolongai-ma, mesmo que eu à dura cruz esteja atado!" O poeta deseja uma existência que consideraria o cúmulo da

miséria se lhe tivesse calhado em sorte, anseia pelo prolongamento do suplício... como se isso fosse viver! Eu julgá-lo-ia o mais desprezível dos seres se ele desejasse apenas viver até ao momento do suplício! Um homem que afirma: "Podem degradar-me à vontade, desde que a vida permaneça no meu corpo, embora decadente e inutilizado; podem mutilar-me à vontade, desde que, embora monstruoso e disforme, me reste ainda um pouco de vida; podem amarrar-me à vontade a uma dura cruz, podem imobilizar-me nela!" Tem assim tanta importância aguentar a própria ferida e ficar com o corpo distorcido no patíbulo, desde que se adie por algum tempo o fim do suplício, que é, afinal, a única coisa boa na tortura? Tem assim tanto interesse continuar arrastando a existência? A um homem destes que outra coisa desejar senão que os deuses lhe façam a vontade? Que significa esta incrível indignidade de um 'poema tão efeminado? Que significa esta contemporização com o medo estultíssimo da morte? Que significa esta abjecta mendicidade de um pouco mais de vida? Como imaginar que diante de um tal homem Vergílio recitou um dia o seu verso "a tal ponto te parece desgraçada a morte?" Mecenas deseja até os últimos suplícios, pede que lhe seja prolongada, alargada uma situação das mais penosas. E a troco de quê? De uma vida mais longa, apenas. Mas uma morte lenta, que espécie de existência significa? É possível encontrar alguém que deseje apodrecer entre as torturas, morrendo membro por membro, que prefira exalar a alma lentamente, gota a gota, em vez de o fazer de uma vez só? É possível encontrar alguém que deseje arrastar uma existência pejada de suplícios, amarrado à triste madeira da cruz, sem forças, com o corpo deformado, os ombros e o peito reduzidos a uma massa disforme e repugnante, alguém que poderia ter morrido de muitas maneiras sem ser na cruz? Em face disto, podes dizer-me que não é uma dádiva da natureza a necessidade da morte! E muitos homens há que estariam dispostos a passar por coisas muito piores ainda! Para viver um pouco mais, não faltaria quem se dispusesse a trair um amigo, como não faltaria quem entregasse por sua própria mão os filhos ao deboche desde que pudesse contemplar por mais algum tempo a luz do dia, cúmplice dos seus crimes! Há que remover de vez o desejo de viver, e tomar consciência de que é irrelevante a data em que passamos por algo — a morte — por que é inevitável passar. Importa, sim, é a qualidade, não a duração da nossa vida; e, frequentemente, para viver bem, até é preferível não viver muito tempo!

CARTA 102

É bastante incomodativo acordar alguém que está tendo um sonho agradável, pois se lhe rouba um prazer, falso, é certo, mas de efeito similar a um verdadeiro. O mesmo efeito de ruptura me provocou a tua carta: afastou-me da reflexão (e bem adequada era ela!) a que eu estava entregue, e na disposição de a prosseguir enquanto pudesse. Era minha intenção investigar a questão da imortalidade das almas, ou antes, pelos deuses!, acreditar nessa ideia! Sentia-me receptivo à opinião dos grandes homens que, mais do que provar, nos prometem

tão gratas perspectivas. Entregava-me a essa magnífica esperança, já sentia tédio de mim mesmo, já estava pleno de desprezo pelos restos de uma existência mutilada, como homem que se prepara para entrar no tempo sem limite e apropriar-se de toda a eternidade, quando fui subitamente acordado pela tua carta e me vi roubado ao meu tão belo sonho. Mas hei-de retomá-lo e completá-lo quando terminar a resposta que te devo. Afirmas, no princípio da carta, que eu não desenvolvi na totalidade a argumentação com que tentei provar-te a tese estóica segundo a qual a reputação de que gozamos após a morte é um bem. Em tua opinião eu não solucionei a dificuldade com que se pretende rebater a nossa posição: "Nenhum bem" — dizem — "resulta de soluções de continuidade; ora, a reputação assenta numa solução de continuidade." O problema que me pões, caro Lucílio, pertence a outro aspecto da mesma tese, e por isso mesmo eu o deixei de lado, não só a este mas a outros ainda com ela relacionados. Como sabes, há pontos em que a moral e a lógica se interpenetram. Eu tratei, portanto, daquela parte da questão que directamente tem a ver com a moral ou seja, se é absurdo e supérfluo projectar as nossas preocupações para lá do dia da morte, se os nossos bens desaparecem simultaneamente connosco, se nada resta do homem que cessou de existir, ou ainda se, de uma coisa de que nos não aperceberemos quando ela suceder, é possível, antes que suceda, perceber ou ambicionar o que ela possa valer. Todas estas questões dizem respeito à moral, por isso tratei-as na altura conveniente. Os argumentos que os dialécticos invocam contra esta tese tiveram de ser deixados de lado, e por isso eu não me referi a eles. Agora, uma vez que estás com vontade de saber tudo, vou primeiro expor-te em bloco os seus argumentos, e em seguida refutá-los-ei um por um. Preciso, contudo, de focar alguns pontos prévios, ou não se compreenderá a refutação que vai seguir-se. E os pontos prévios são estes: há certos corpos que são contínuos, por exemplo, um homem; outros são compostos, como um navio, uma casa, em suma tudo o que consta de diversas partes ligadas de modo a formar um todo; outros ainda são formados de unidades não contíguas, de membros isolados entre si, como o exército, o povo, o senado. As unidades que compõem este tipo de corpos podem estar ligadas umas às outras por direito ou obrigação, mas por natureza são unidades discretas. Há ainda outros pontos prévios a acrescentar: nós entendemos que nenhum bem é formado de unidades discretas; que um só e mesmo espírito deve impregnar e dirigir cada um dos bens, que o elemento determinante de cada bem é um e só um. Quando quiseres, este ponto pode ser objecto de uma demonstração individual; entretanto foi necessário referi-lo, já que os nossos adversários nos querem combater com as nossas próprias armas. Primeira objecção: "Dizeis que nenhum bem é resultado de elementos discretos; contudo, a reputação dos homens de bem é o resultado da opinião pública favorável. De facto, tal como a fama não resulta do apreço de um só homem nem a má fama do mau conceito de um só homem, assim também a reputação não significa ser tido em boa conta por um só homem; para que a reputação se forme é necessário o consenso de muitos homens de valor e

respeitabilidade. Ela resulta, por conseguinte, do juízo formado por vários indivíduos, ou seja, por elementos discretos; logo, a reputação não é um bem." Segunda objecção: "A reputação é o louvor atribuído a um homem de bem por outros homens de bem; o louvor é um conjunto de palavras, de sons com um determinado significado; ora um conjunto de sons, embora proferido por homens de bem, não é um bem. Nem tudo quanto um homem de bem faz é um bem; ele pode dar palmas, pode assobiar, mas por muito que o admiremos e louvemos em tudo, ninguém vai chamar 'bem' às palmas ou aos assobios, assim como não chamamos aos espirros ou à tosse. Por conseguinte, a reputação não é um bem." "Para terminar, dizei-nos se se trata de um bem daquele que atribui ou daquele que recebe os louvores. Se dizeis que é um bem do que recebe os louvores, fazeis uma afirmação tão ridícula como dizer que me diz respeito a boa saúde dos outros. Ora, louvar quem o merece é uma acção digna; logo, se o louvor é um bem, pertence àquele que pratica a acção, ou seja, àquele que louva os outros, e não àquele que recebe os louvores, como vós queríeis demonstrar!" Vou responder a estas objecções uma por uma. Em primeiro lugar, se um bem pode ou não resultar de elementos discretos, é uma questão em aberto: há argumentos válidos num e noutro sentido. De resto, porquê dizer que a reputação implica muitos votos favoráveis? Pode perfeitamente contentar-se com o juízo de valor de um único homem de bem: um homem de bem julga -nos, a nós, homens de bem. "Como é isso?" - perguntará o nosso oponente. — "Então a fama, boa ou má, pode depender apenas do apreço ou da maledicência de um só homem? Também a glória, só a concebo como um fenómeno colectivo que exige a opinião unânime de muita gente." É diferente o condicionalismo num caso e noutro. Porquê? Porque se um homem de bem fizer bom juízo a meu respeito a minha situação é a mesma que seria se todos os homens de bem fizessem idêntico juízo, como de facto fariam se me conhecessem. Todos eles fazem um juízo absolutamente idêntico, e identicamente assente na verdade. Não é possível estarem em desacordo; logo, é como se todos tivessem uma só opinião, já que lhes não é possível ter opiniões diversas. No que toca à glória ou à fama, uma opinião apenas já não é suficiente. No primeiro caso, o juízo de um só pesa o mesmo que o de todos, já que todos, se interrogados um por um, formulariam o mesmo juízo; no segundo, encontramos juízos diversos emitidos por personalidades dissemelhantes. O acordo é difícil, a cada passo se encontrarão dúvidas, hesitações, suspeitas. Achas possível que todos sejam unânimes num juízo quando cada um nem sequer é sempre da mesma opinião? No primeiro caso está em causa a verdade, e a verdade tem sempre a mesma força e o mesmo rosto; no segundo, é a opiniões falsas que se dá crédito. Ora, as opiniões falsas carecem de constância, estão em permanente oscilação e dissidência. "Um louvor não é mais do que palavras, e as palavras não são um bem." Quando se diz que a reputação é o louvor dos homens de bem formulado por homens de bem não estamos pensando nas palavras, mas sim no pensamento. Ainda que um homem de bem esteja em silêncio, se pensar que

alguém é digno de louvor, o louvor está dado. Aliás, uma coisa é o louvor, outra o discurso laudatório. Este é que recorre à expressão sonora; por isso é que, nas cerimónias fúnebres, se fala, não de "louvor", mas de "discurso laudatório", isto é, actualizado pela recitação oral. Quando dizemos que um homem merece louvores não lhe estamos prometendo palavras de apreço, mas sim pensamentos de apreço. Por isso há louvor mesmo quando em silêncio se pensa bem e se louva intimamente um homem de bem. Como disse, aliás, o louvor tem a ver com a alma e não com as palavras, que se limitam a exprimir e a transmitir ao conhecimento do público o louvor que a alma concebeu. Louvar significa julgar alguém digno de louvores. Quando o nosso poeta trágico afirma como é excelente "ser louvado por um homem louvado", emprega "homem louvado" no sentido de "homem digno de louvor". E quando um outro poeta da mesma época escreve que "o louvor dá vida às artes" não se está referindo aos encómios do público, que outra coisa não fazem senão corrompê-las; nada de facto contribuiu tanto para a degradação não só da eloquência como de todas as outras artes destinadas à audição como os aplausos das multidões. A fama não dispensa a expressão oral, a reputação contenta-se com o juízo de valor e dispensa ser apregoada em alta voz; a sua plenitude não se altera quer se propague em silêncio ou nas vozes do mundo. A diferença que eu vejo entre a reputação e a glória é esta: a glória depende do veredicto da multidão, enquanto a reputação provém do das pessoas de bem "A quem pertence o bem que é a reputação, isto é, o louvor dado a um homem de bem por outro homem de bem: a quem o recebe ou a quem o dá?" A ambos! A mim, que sou louvado, porque a natureza me conduziu a amar todo o género humano, e por isso me alegro de fazer o bem e me sinto contente por ter encontrado quem, por gratidão, se disponha a explicar aos outros as minhas virtudes. Sentir gratidão é um bem de muitos, mas meu também. A formação da minha alma leva-me a sentir como meu o bem dos outros, em especial o daqueles a quem eu ocasionei algum bem. Mas é também um bem que pertence a quem dá louvores, já que fazê-lo só é possível pela virtude e toda a acção da virtude é um bem. Deste bem ficaria privado quem me dá louvores se a minha acção não fosse de molde a merecê-los. Por conseguinte, receber merecidamente louvores é um bem que pertence a ambos, exactamente como uma sentença justa é um bem tanto daquele que a proferiu como daquele em cujo benefício foi proferida. Acaso duvidas de que a justiça seja um bem tanto para quem possui essa virtude como para quem, graças a ela, vê restabelecidos os seus direitos? Louvar quem o merece é um acto de justiça; consequentemente, é um bem que pertence a ambos. Creio que já dei resposta suficiente a esses teus sofistas. Mas o nosso objectivo não deve ser discutir subtilezas e fazer descer a filosofia da sua majestade até estas minudências. Não será preferível caminhar por uma via ampla e direita em vez de estar a inventar atalhos sinuosos de que só a grande custo nos livramos? Todas estas discussões não passam de jogos de eruditos brincando às escondidas! Afirma, antes, que é próprio da natureza do homem alargar o seu pensamento a todo o universo. A

alma humana é qualquer coisa de grande e de nobre, e não admite que se lhe imponham outros limites senão os que lhe são comuns com a própria divindade. Desde logo a alma não se contenta com uma pátria diminuta, seja Éfeso, ou Alexandria ou qualquer outra cidade de ainda maior população ou mais esplendorosos edifícios. Para a alma, "pátria" são todos os espaços abarcados pelo universo, é toda esta esfera dentro da qual se encontram os mares e as terras, dentro da qual o ar separa e une ao mesmo tempo o divino e o humano, e na qual inúmeras forças divinas em perfeita ordenação, cumprem atentamente as respectivas funções. Para além disso a alma também se não confina a um exíguo período de tempo. "Todas as eras" — diz ela — "me pertencem. Século nenhum permanece fechado aos espíritos superiores, tempo nenhum se mostra inacessível ao pensamento. Quando chegar o dia em que se decomponha esta mistura de divino e de humano deixarei o corpo aqui onde o encontrei, e irei unir-me aos deuses. Aliás, nem agora estou desligado deles, apenas me limita os movimentos o peso da existência terrena." O tempo que demora esta existência mortal não é para a alma senão o prelúdio de uma vida melhor e mais duradoura. Tal como o ventre materno nos guarda por dez meses e nos prepara, não para nele permanecer mas sim para sermos como que lançados no mundo assim que estamos aptos a respirar e a aguentar o ar livre, também ao longo do espaço de tempo que vai da infância à velhice nós vamos amadurecendo com vista a um novo parto. Espera-nos um outro nascimento, uma outra ordem das coisas. Por enquanto, não suportamos a vista do céu senão a uma certa distância. Encara, portanto, com coragem a tua hora decisiva, a hora derradeira apenas para o corpo, não para a alma. Os objectos que tens à tua volta, olha-os como bagagens numa hospedaria: tu tens de passar adiante. A natureza revista-te à saída, tal como te revistou à entrada. Não podes levar contigo mais do que trouxeste, pelo contrário, tens mesmo que despojar-te de uma boa parte do que trazias ao entrar nesta vida: ser-te-á tirado o teu último revestimento, a pele que te envolvia; ser-te-ão tirados a carne e o sangue que se espalhava e fluía por todo o corpo; ser-te-ão tirados os ossos e os tendões que serviam de sustentáculo aos tecidos moles. Esse dia que tu tanto temes, como se fora o último, marca o teu nascimento para a eternidade. Depõe o teu fardo; porque hesitas, como se não tivesses já um dia abandonado um corpo dentro do qual te ocultavas?! Estás indeciso, relutante: também nesse dia foi preciso um esforço violento da tua mãe para que tu saísses. Gemes, choras: o choro é próprio do recém-nascido, só que nessa altura tinhas desculpa, como ser ignorante e inexperiente. Quando saíste do quente e suave ventre materno começaste por sentir o sopro livre do ar, chocou-te depois a dura pressão das mãos, e, tenra criança que eras, ignorante de tudo, olhaste espantado um mundo desconhecido. Agora, porém, já não é para ti novidade separares-te de um corpo de que antes fazias parte. Deita fora sem hesitação esses membros inúteis, põe de lado esse corpo em que por tanto tempo habitaste. Esse corpo será dilacerado, esmagado, destruído: porquê afligires-te? Sempre foi costume deitar fora as membranas que envolvem o recém-nascido! Porque te apegas a

isso como coisa realmente tua? Estás revestido de um corpo, mas um dia virá em que o despirás, em que deixarás a companhia de um ventre sujo e fétido. Desliga-te dele quanto puderes, e desde já afasta-te do prazer que não seja [lacuna] e estritamente necessário; alheia-te deste mundo, e começa desde já a meditar em algo de mais profundo e sublime. Um dia virá em que se te desvelarão os segredos da natureza, em que se dissipará esta bruma e a toda a volta uma luz radiosa incidirá sobre ti. Procura imaginar a intensidade do brilho de tantos astros juntando num só clarão a sua luz. Sombra alguma maculará a serenidade do céu; todos os recantos do universo luzirão com igual esplendor: a alternância do dia e da noite só se verifica ao nível da nossa atmosfera inferior. Quando contemplares com todo o teu ser a totalidade da luz — essa luz que agora reduzidamente recebes pelas estreitas aberturas dos teus olhos e que, mesmo assim, e de longe, tanto admiras! — dirás que até agora tens vivido em plena treva. Que aparência terá para ti a luz divina quando a contemplares no seu lugar próprio? Este pensamento não permite que se instale na alma o que quer que seja de sórdido, de rasteiro, de cruel; afirma-nos que há deuses, testemunhas dos nossos actos; ordena-nos que mereçamos a sua aprovação, que nos preparemos para o futuro, que nos prometamos a eternidade. E a quem concebe no seu espírito a ideia da eternidade, nenhum exército atemoriza, nenhum clarim guerreiro assusta, nenhuma ameaça causa medo! E como não se há-de estar livre do medo quando se espera a morte? Mesmo quem pensa que a alma só perdura enquanto se mantém vinculada ao corpo e que, quando ambos se separam, logo ela se desintegra, mesmo quem assim pensa age de modo a poder continuar a ser útil depois de morto. Embora o homem em si não o possamos ver mais, "a grande virtude do herói, a grande nobreza da sua raça continua a viver no nosso espírito. Pensa na grande utilidade que para nós têm os bons exemplos, e concluirás que a lembrança dos grandes homens não é menos útil do que a sua presença!

CARTA 103

Porque tomas tu essas precauções todas contra incidentes que, se podem eventualmente ocorrer, podem igualmente nunca vir a verificar-se? Estou-me referindo a incêndios, desmoronamentos e outras calamidades que se podem abater sobre nós, mas sem o propósito deliberado de nos causarem mal. Melhor farias em procurar evitar os perigos reais que nos espreitam na intenção de nos apanhar à traição. Naufragar, cair de um carro — são desastres eventualmente graves, mas raros. Nas relações humanas, porém, o perigo é coisa de todos os dias. Deves precaver-te bem contra este perigo, deves estar sempre de olhos bem abertos: não há nenhum outro tão frequente, tão constante, tão enganador! A tempestade ameaça antes de rebentar, os edifícios estalam antes de cair por terra, o fumo anuncia o incêndio próximo: o mal causado pelo homem é súbito e disfarça-se com tanto mais cuidado quanto mais próximo está. Fazes mal em confiar na aparência das pessoas que se te dirigem: têm rosto humano, mas

instintos de feras. Só que nestas apenas o ataque directo é perigoso; se nos passam adiante não voltam atrás à nossa procura. Aliás, somente a necessidade as instiga a fazer mal; a fome ou o medo é que as forçam a lutar. O homem, esse, destrói o seu semelhante por prazer. Tu, contudo, pensando embora nos perigos que te podem vir do homem, pensa também nos teus deveres enquanto homem. Evita, por um lado, que te façam mal; evita, por outro, que faças tu mal a alguém. Alegra-te com a satisfação dos outros, comove-te com os seus dissabores, nunca te esqueças dos serviços que deves prestar, nem dos perigos a evitar. Que ganharás tu vivendo segundo esta norma? Se não evitas que te façam mal, pelo menos consegues que te não tomem por tolo. Acima de tudo, porém, refugia-te na filosofia: ela te protegerá no seu seio, neste templo sagrado viverás seguro ou, pelo menos, mais seguro. Não dão encontrões uns nos outros senão os que caminham pela mesma estrada. Não deverás, todavia, fazer alarde da tua filosofia; muitos dos seus adeptos viram-se em situações perigosas por a praticarem com excessiva altivez e obstinação. Usa-a tu para te livrares dos teus vícios, não para exprobares os dos outros. Que ela te não leve a viver ao invés de todos os demais, nem a parecer condenar tudo aquilo que não praticas. É possível ser sábio sem jactância e sem provocar hostilidades.

CARTA 104

Fui para a minha quinta de Nomento para fugir... imagina a quê? À cidade? Não, a um acesso de febre, de uma febre bastante insidiosa que já começara a agarrar-me com força. O médico dizia que os indícios lá estavam: pulsação acelerada e irregular, completa alteração do ritmo normal. Assim, mandei imediatamente aprestar o carro e, embora Paulina me tentasse reter, teimei em partir para o campo. Veio-me à boca um dito do meu estimado Galião que um dia, ao apanhar na Acaia um acesso de febre, embarcou de imediato clamando que o mal estava no clima e não no seu corpo. Repeti estas mesmas palavras à minha Paulina, que está sempre a recomendar-me cuidado com a saúde. E como eu sei que a sua existência está totalmente dependente da minha, para velar por ela tenho de começar a velar por mim próprio. A velhice já me tornara capaz de afrontar mil e um perigos; agora estou perdendo o benefício da idade, pois veio-me à ideia que neste velho que eu sou existe um adolescente que é necessário poupar. Em suma, não consigo de Paulina que me ame com mais coragem, mas ela consegue de mim que eu me cuide com mais atenção. Há que respeitar os afectos nobres. Por vezes, mesmo em circunstâncias desesperadas, a nossa alma prestes a exalar-se deve ser refreada, retida mesmo no último instante, por muito que isso custe, se a honra dos familiares o exigir: um homem de bem tem de viver, não enquanto lhe apraz, mas enquanto a sua vida for necessária. Só um obstinado egoísta teima em morrer sem admitir que uma esposa ou um amigo lhe merecem o sacrifício de prolongar um pouco mais a existência. Quando o interesse dos familiares o exige, a alma deve impor a si mesma a vida; pode ter decidido o suicídio, pode mesmo já ter iniciado o processo: pois que desista e se ponha à

disposição dos que dela precisam. Demonstra um grande coração quem se resigna à vida no interesse dos outros, o que, aliás, muitos grandes homens têm feito. Considero ainda prova da maior consideração pelo próximo o facto de cuidarmos com maior atenção da nossa velhice (desta velhice cuja principal vantagem é o acréscimo de segurança e de ânimo com que encaramos a existência) caso verifiquemos que a nossa presença é agradável, útil, preciosa para qualquer familiar. Em si mesma tal atitude reveste-se de uma não despicienda alegria e compensação. Que pode um homem sentir de mais estimulante do que saber-se tão amado da própria mulher que, por isso apenas, a existência se lhe torna mais amável? E aqui tens como eu fico a dever à minha Paulina não só os seus cuidados mas ainda os meus próprios para comigo! Queres saber que resultado obtive com a minha decisão de sair de Roma? Mal me afastei do ar pesado da cidade, deste cheiro de cozinhas fumegantes em actividade, expelindo de mistura com toda a casta de impurezas os pestilentos vapores que nelas se concentram, imediatamente senti uma alteração na minha saúde. E o redobrar de energia que me invadiu ao chegar às minhas vinhas? Como animal solto no pasto, comecei a alimentar-me generosamente. Recuperei por completo. Foi-se a debilidade que me manietava o corpo e perturbava o espírito. Voltei ao trabalho de alma e coração. Para tanto a mudança de local não contribui grandemente se a alma não se entrega por completo a si mesma. Aliás, mesmo no meio das ocupações, é possível, caso se queira, conseguir um momento de solidão. Quem, pelo contrário, anda sempre a mudar de sítio em busca de tranquilidade encontrará sempre motivos de perturbação onde quer que esteja. Houve uma vez um homem que se queixou a Sócrates de nunca ter tirado proveito das suas viagens. "Não admira!" — respondeu o filósofo. "Viajaste sempre na companhia de ti próprio!" Como beneficiariam certas pessoas se conseguissem afastar-se de si mesmas! Na realidade, são elas a causa das próprias angústias, cuidados, aflições e receios. De que serve atravessar o mar andando sempre de uma cidade para outra? Se queres escapar aos males que te afligem, precisas de te tornar outro homem, e não de mudar de sítio. Imagina que vais parar a Atenas, a Rodes, ou a qualquer outra cidade à tua escolha. Que importância têm os costumes dessa cidade se tu levas para lá os teus próprios? Se consideras a riqueza como um bem sentir-te-ás atormentado pela pobreza, e pela pobreza imaginária, que é o pior de tudo! Embora sejam amplas as tuas posses, basta que outro possua mais do que tu para te sentires tanto mais carenciado quanto menos rico fores do que o outro. Se consideras como um bem a carreira das honras, a eleição de fulano ou a reeleição de cicrano para o consulado causar-te-á mal-estar: ver várias vezes o nome de alguém inscrito nos fastos encher-te-á de inveja. Tal será a tua louca ambição que até te parece não haver ninguém atrás de ti só porque há alguém à tua frente. Imaginarás que a morte é o maior dos males quando, afinal, o único mal que nela há é o medo que inspira antes de chegar. Sentir-te-ás aterrorizado não só diante de um perigo real mas até diante de um perigo imaginário. Em suma, sempre vãos cuidados te

abalarão o espírito. De que poderá servir "ter evitado tantas cidades argólicas, ter conseguido fugir pelo meio dos inimigos?" A própria paz será um manancial de receios. Quando o espírito se deixa aterrorizar, uma vez que seja, deixa de confiar na segurança e, quando ganha o hábito do terror irracional, torna-se incapaz de assegurar a própria conservação. Não evita os perigos, foge deles. Ora, nós estamos mais sujeitos ao perigo quando lhe viramos as costas! Tu considerarás como o maior dos males a perda de algum ente querido, o que é uma atitude tão insensata como pôres-te a chorar quando, às belas árvores que adornam a tua casa, começam a cair as folhas. Contempla o que te dá prazer tal como olhas para a folhagem verdejante: goza dela enquanto viçosa. Hoje um, amanhã outro, o acaso os irá abatendo, a esses entes queridos que são para ti o que há de melhor na vida; mas tal como suportas sem custo a queda das folhas porque elas hão-de renascer, suporta igualmente a sua perda, já que eles, se não renascem, hão-de ser substituídos. "Mas já não serão os mesmos!" Pois não! Nem sequer tu serás o mesmo. Cada dia, cada hora te vão modificando. O desgaste operado pelo tempo é mais visível nos outros, enquanto em ti age subrepticiamente e por isso passa despercebido. O tempo rouba-nos a presença dos outros, mas também nós vamos perdendo parte do que éramos. Em vez de meditares nesta realidade e assim conseguires remédio para as tuas feridas preferes deixar-te enredar pela angústia, entregando-te ora à esperança ora ao desespero? Se fores sensato, procura harmonizar as duas atitudes, nem entregando-te à esperança sem algo de desprendimento, nem ao desprendimento sem uma réstea de esperança. Que utilidade pode ter, para quem quer que seja, o simples facto de viajar? Não é isso que modera os prazeres, que refreia os desejos, que reprime a ira, que quebra os excessos das paixões eróticas, que, em suma, arranca os males que povoam a alma. Não faculta o discernimento nem dissipa o erro, apenas detém a atenção momentaneamente pelo atractivo da novidade, como a uma criança que pasma perante algo que nunca viu! Além disso, o contínuo movimento de um lado para o outro acentua a instabilidade (já de si considerável!) do espírito, tornando-o ainda mais inconstante e incapaz de se fixar. Os viajantes abandonam ainda com mais vontade os lugares que tanto desejavam visitar; atravessam-nos voando como aves, vão-se ainda mais depressa do que) vieram. Viajar dá-nos a conhecer novas gentes, mostra-nos formações montanhosas desconhecidas, planícies habitualmente não visitadas, ou vales irrigados por nascentes inesgotáveis; proporciona-nos a observação de algum rio de características invulgares, como o Nilo extravasando com as cheias de Verão, o Tigre, que desaparece à nossa vista e faz debaixo de terra parte do seu curso, retomando mais longe o seu abundante caudal, ou ainda o Meandro, tema favorito das lucubrações dos poetas, contorcendo-se em incontáveis sinuosidades, fazendo incessantemente ainda mais um circuito antes de enfim descansar no leito de que se aproxima. Mas viajar não torna ninguém melhor de carácter nem mais são de espírito. Teremos de nos aplicar ao estudo, de frequentar os mestres da filosofia, a fim de assimilarmos os princípios já

estabelecidos e investigar o que ainda está por descobrir. Só assim a alma se pode arrancar à mais dura servidão e alcançar a verdadeira liberdade. Enquanto ignorares a distinção entre o evitável e o desejável, o necessário e o supérfluo, o justo e o injusto, o moral e o imoral — nunca serás um viajante, mas apenas um ser à deriva. As tuas deambulações não te trarão qualquer proveito, já que viajas na companhia das tuas paixões, seguido sempre pelos males que te dominam. E bom era que estes males apenas te seguissem! Bom era que eles estivessem longe de ti! O que se passa, porém, é que os levas em cima, e não atrás de ti. Deste modo, onde quer que estejas, eles oprimem-te, destroem-te com a mesma virulência. Um doente precisa que se lhe indique um remédio, não um panorama. Se um homem parte uma perna ou faz uma entorse não vai pôr-se a passear de carro ou de barco: manda, sim, é chamar um médico que lhe ligue o membro partido ou ponha no seu lugar o osso deslocado. Ora bem: acaso pensas tu que uma alma quebrada ou torcida em tantos lugares pode tratar-se com uma simples mudança de ambiente? Não, esta doença é demasiado grave para curar-se com um passeio! A formação de um médico ou de um orador não se faz em viagem; a aprendizagem de qualquer arte não depende da geografia. Como pensar que a sabedoria, a mais importante das artes, se pode adquirir saltando daqui para acolá?! Podes crer que nenhuma viagem te põe ao abrigo do desejo, da ira, do medo; se tal fosse o caso, todo o género humano começaria em massa a viajar. Estes males não cessarão de atormentar-te, de desgastar-te ao longo das tuas viagens, terrestres ou marítimas, enquanto tiveres em ti as suas causas. Admiras-te que de nada valha fugir quando tens dentro de ti aquilo de que foges? Corrige o teu carácter, elimina os entraves que te tolhem, mantém os teus desejos nos limites do razoável; expurga da tua alma todo o resquício de maldade. Se queres gozar do prazer de viajar, trata antes de mais o teu companheiro de viagem! Terás sempre contigo a avareza enquanto conviveres com um mesquinho avarento; terás contigo o orgulho enquanto frequentares os soberbos; nunca te livrarás da crueldade na convivência de um torcionário; a camaradagem dos adúlteros não fará senão excitar os teus apetites eróticos. Se queres abandonar os vícios tens de afastar-te dos exemplos que convidam ao vício. O avarento, o sedutor, o sádico, o vigarista (que já bem nocivos te seriam se apenas te fizessem companhia!) estão mesmo dentro de ti. Junta-te à companhia dos homens de bem, convive com os Catões, com Lélio, com Tuberão. Se preferires também o convívio com os Gregos, junta-te a Sócrates ou a Zenão: o primeiro ensinar-te-á a morrer quando a necessidade o impuser, o segundo a fazê-lo antes que a necessidade o imponha. Convive com Crisipo ou com Posidónio: eles te darão o conhecimento das realidades humanas e divinas, eles te incitarão a agir, não apenas a falar com talento, a lançar palavras para deleite do auditório, mas a fortalecer a alma e a pô-la em condições de afrontar qualquer ameaça. O único porto onde pode abrigar-se esta vida agitada e conturbada está em saber desprezar as casualidades, em mantermo-nos firmes, em estarmos preparados para receber em pleno peito os golpes da fortuna sem

nos encolhermos nem virarmos as costas. A natureza dotou-nos de uma alma receptiva ao sublime; tal como a alguns animais dotou de ferocidade, a outros de astúcia, a outros de medo, também ao homem dotou de um espírito glorioso e elevado que busca como forma de vida não a mais segura mas sim a mais digna, à semelhança do universo, a quem, tanto quanto permite o andamento de seres mortais, procura imitar e emular; em cada passo em frente que dá, o homem sente-se alvo de incitamento e atenção. É senhor de tudo, está acima de tudo o mais; por isso mesmo nada há a que se submeta, nada que lhe pareça insuportável, nada que faça vergar a sua energia. "Formas de temível aspecto, a Morte, o Sofrimento;" nada temíveis, para quem as possa encarar com olhos de ver e for capaz de discernir para além da névoa que as encobre; também há muita coisa que de noite nos mete medo mas à luz do dia apenas dá vontade de rir. "Formas de temível aspecto, a Morte, o Sofrimento:" temíveis, não na realidade mas pelo aspecto, lhes chamou, e muito bem, o nosso Vergílio, ou seja, parecem temíveis sem o serem. O que há nelas, pergunto eu, que seja de facto tão terrível como a opinião vulgar pretende fazer crer? Diz-me, por favor, Lucílio: porque há-de um homem temer o sofrimento, porque há-de um ser humano recear a morte? Estou farto de encontrar pessoas que não acreditam que seja possível alguém fazer o que elas próprias são incapazes de fazer; segundo elas, as nossas doutrinas excedem as possibilidades da natureza humana. Dessas pessoas eu tenho melhor opinião do que elas próprias: todas elas são capazes de seguir a nossa teoria, só que não o querem. Ao fim e ao cabo, quem é que alguma vez a tentou seguir que se tenha visto traído por ela? Quem é que não a achou mais fácil de pôr em prática do que parecia? Não, não é porque a teoria seja difícil que não ousamos praticá-la; pelo contrário, por nós não ousarmos praticá-la é que ela se nos afigura difícil! E se quereis um exemplo concreto, tomai o caso de Sócrates, esse velho que suportou tudo quanto imaginar se pode, que passou todas as agruras da vida sem se deixar vencer pela pobreza (que os encargos domésticos consideravelmente agravavam) ou pelo esforço físico, ele que cumpriu na Íntegra todas as tarefas militares. Sem falar em tudo por que ele passou na sua vida familiar, quer o carácter intratável e a língua afiada da mulher, quer a rebeldia dos filhos que mais se assemelhavam à mãe do que ao pai, ou o que sofreu na guerra, durante o período dos tiranos ou sob uma democracia mais cruel ainda do que as guerras ou os tiranos. A guerra durara vinte e sete anos; findas as hostilidades, Atenas viu-se entregue às exacções dos trinta tiranos, na sua maior parte inimigos pessoais de Sócrates. Para cúmulo a condenação à morte, como resultado de gravíssimas acusações: Sócrates era acusado de desrespeito pela religião e de corromper a juventude, incitando-a contra os deuses, os próprios pais, o Estado. Resultado: a prisão e o veneno. Nada disto, contudo, abalou minimamente o ânimo de Sócrates, tal como lhe não alterou a fisionomia. Admirável, única, é verdadeiramente a glória deste homem! Até ao último momento ninguém viu que Sócrates se tornasse ou mais alegre ou mais triste; no meio da maior inconstância da fortuna ele manteve-se constante

até ao fim. Queres outro exemplo? Vê o caso de M. Catão, o jovem, com quem a fortuna se mostrou mais insistentemente hostil ainda, contrariando-o em todas as circunstâncias e, por fim, à hora da morte. Apenas conseguiu provar, contudo, que um homem de coragem pode viver, pode até morrer mesmo com a hostilidade da fortuna. Toda a existência de Catão decorreu ou no meio da agitação social armada ou quando já estava em gestação a guerra civil declarada. Também de Catão se pode dizer, como de Sócrates, que se eximiu pela morte à servidão, a menos que se pense que Pompeio, César e Crasso se conluiaram para defender a liberdade!... Ninguém viu mutação alguma em Catão no meio de todas as mutações da república; em todas as circunstâncias (como pretor, depois expulso da pretura, acusador público, magistrado provincial, perante a assembleia, no exército, ao morrer) permaneceu igual a si mesmo. Finalmente, no meio da agonia da república, com César a um lado à frente de dez legiões de elite e de todas as suas tropas auxiliares estrangeiras, e Gn. Pompeio de outro lado, ele sozinho bastou para fazer frente a todos; enquanto uns tomavam o partido de César e outros o de Pompeio, Catão foi o único que abraçou o partido da república. Se quiseres, num esforço de imaginação, representar no teu espírito a situação que se vivia na época, verás de um lado a plebe, a totalidade da massa empenhada na revolução, do outro lado as classes senatorial e equestre, tudo quanto de nobre e escolhido havia na cidade, e no meio, sozinhos, abandonados, Catão e a república! Serás tomado de admiração, digo-te eu, quando vires "o Atrida e Príamo, e Aquiles de ambos inimigo!" Catão acusa um como acusa o outro, procura que ambos deponham as armas. Ajuíza ambos os contendores dizendo que, se vencer César, opta pela morte, se Pompeio, pelo exílio. Que podia Catão temer se ele próprio não decretou para si mesmo, vencido ou vencedor, senão o que a ira dos inimigos lhe imporia? Foi, portanto, em obediência à sua decisão que ele morreu! Podes ver por este exemplo como os homens são capazes de suportar o cansaço: a pé, Catão conduziu o exército através dos desertos africanos. Podes ver como é possível suportar a sede: nas ardentes colinas de África, chefiando os restos de um exército vencido, sem dispor de abastecimentos, ele aguentou, sem despir a armadura, a falta de água, e quando ocasionalmente havia ensejo de beber um pouco, Catão era o último a fazê-lo. Podes ver como é possível desprezar as honras e a ignomínia: no mesmo dia em que foi rejeitado da pretura foi para o terreiro dos comícios jogar à bola! Podes ver como é possível não sentir medo algum dos poderosos: Catão desafiou simultaneamente Pompeio e César, quando toda a gente só se incompatibilizava com um deles para cair nas boas graças do outro. Podes ver como é possível desprezar tanto a morte como o exílio: foi Catão quem impôs a si mesmo o exílio, a morte e, entre um e outra, a guerra. Todos somos capazes de mostrar o mesmo ânimo em face destas circunstâncias, desde que dispostos a subtrair-nos ao jugo. Antes de mais nada, importa renunciar aos prazeres: tiram-nos a energia, efeminam-nos, abafam-nos de exigências para cuja satisfação temos de recorrer à fortuna. Depois, há que desprezar as riquezas — salário que

recebemos em troca de servidão. Ponhamos de lado o ouro, a prata e tudo o mais que enche as casas opulentas. A liberdade não se obtém de mão beijada, e se damos grande valor à liberdade teremos de dar reduzido valor a tudo o mais.

CARTA 105

Vou indicar-te quais as regras de conduta a seguir para viveres sem sobressaltos. Acho, no entanto, que tu deverás acolher estes meus conselhos com o mesmo espírito que o farias se eu te aconselhasse a maneira de conservar a saúde no território de Árdea. Passa em revista quais as maneiras que podem incitar um homem a fazer o mal a outro homem: encontrarás a esperança, a inveja, o ódio, o medo, O desprezo. De todas elas a mais inofensiva é o desprezo, tanto que muitas pessoas se têm sujeitado a ele como forma de passarem despercebidas. Quem despreza o outro calca-o aos pés, é evidente, mas passa adiante; ninguém se afadiga teimosamente a fazer mal a alguém que despreza. É como na guerra: ninguém liga ao soldado caído, combate-se, sim, quem se ergue a fazer frente. Quanto às esperanças dos desonestos, bastar-te-á, para evitá-las, nada possuires que possa suscitar a pérfida cobiça dos outros, nada teres, em suma, que atraia as atenções, porquanto qualquer objecto, ainda que pouco valioso, suscita desejos se for pouco usual, se for uma raridade. Para escapares à inveja deverás não dar nas vistas, não gabares as tuas propriedades, saberes gozar discretamente aquilo que tens. Quanto ao ódio, ou derivará de alguma ofensa que tenhas feito (e, neste caso, bastar-te-á não lesares ninguém para o evitares), ou será puramente gratuito, e então será o senso comum quem te poderá proteger. Esta espécie de ódio tem sido perigosa para muita gente; e alguns despertaram o ódio dos outros mesmo sem razões de inimizade pessoal. Para te protegeres deste perigo recorrerás à mediania da tua condição e à brandura do teu carácter: faz com que os outros saibam que tu és um homem que não exerce represálias mesmo se ofendido; não hesites em fazer as pazes com toda a sinceridade. Ser temido, é uma situação tão ingrata em tua própria casa como no exterior, tanto por parte dos teus escravos como por parte dos cidadãos livres. Para causar a tua ruína qualquer um dispõe de força que baste. E não te esqueças que quem inspira medo sente ele próprio medo: ninguém pode inspirar terror e sentir-se seguro! Resta considerar o desprezo: mas cada um, se deliberadamente se sujeitár a ele, se goza de pouca consideração porque quer, e não porque o mereça, tem na sua mão a faculdade de regular a sua intensidade. Os inconvenientes do desprezo podem ser atenuados ou pela prática de boas acções ou pelas relações de amizade com pessoas que tenham influência sobre alguém especialmente influente; será útil cultivar tais amizades, sem no entanto nos deixarmos enredar por elas, não vá a protecção sair-nos mais cara do que o próprio risco. Não há, contudo, forma mais eficaz de protecção do que remetermo-nos à vida privada, evitando o mais possível falar com os outros, e falando o mais possível apenas com nós próprios. A conversação tem um poder de atracção subreptício e sedutor, e leva-nos a revelar os nossos segredos com a mesma facilidade que a

embriaguez ou a paixão. Ninguém é capaz de calar tudo quanto ouviu, mas também não reproduz exactamente tudo quanto ouviu; e quem não é capaz de guardar para si a informação também não é capaz de manter secreto o nome do seu autor. Cada um de nós tem sempre alguém em quem deposita tanta confiança como em si próprio; no entanto, embora refreie a tagarelice natural e se contente em falar para um só ouvinte, o resultado é o mesmo que se falasse em público: em breve o que era segredo está transformado em boato! A segurança assenta na sua maior parte em nós nada fazermos de injusto. Os homens de carácter violento não conhecem na vida senão tumulto e ansiedade. O medo que sentem é proporcional aos prejuízos que causam, e a tranquilidade é coisa que não conhecem. Sentem-se ansiosos, numa ansiedade constante, quando fazem algo de mal; a própria consciência não os deixa continuar a agir, e por vezes obriga-os mesmo a prestar contas. Quem espera um castigo acaba por apanhá-lo, e quem merece castigo está sempre à espera dele. A má consciência pode, ocasionalmente, garantir uma certa segurança material, mas nunca a serenidade de espírito. O criminoso, mesmo que não seja apanhado, está sempre pensando na possibilidade de o ser, tem permanentes pesadelos, sempre que se fala de um crime qualquer ele pensa no seu próprio crime, que nunca lhe parecerá suficientemente esquecido, suficientemente ignorado. O criminoso, em suma, pode ter por vezes a sorte — embora nunca tenha a certeza — de o seu crime nunca ser descoberto!

CARTA 106

Se hoje levei mais tempo antes de responder à tua carta não foi porque as minhas ocupações mo impedissem. Não temas vir a ouvir-me dar uma desculpa destas! Eu tenho todo o vagar que quero, e, aliás, só não tem vagar quem não quer. Os afazeres não andam atrás de alguém: os homens é que se agarram aos afazeres, entendendo as suas ocupações como sinónimo de felicidade. Porque foi então que eu não te respondi imediatamente? Porque a questão que me colocaste se inseria no plano da obra que estou compondo: tu sabes bem que eu pretendo escrever um livro abarcando todo o âmbito da filosofia moral, no qual é minha intenção desenvolver todos os problemas com ela relacionados. Por isso hesitei entre adiar a resposta até chegar o momento de tratar no livro essa questão, ou conceder-te audiência desde já, embora não fosse a tua vez. Acabei por achar que seria mais simpático receber quanto antes um consulente vindo de tão longe! Assim, vou destacar do meu projecto global e ordenado esta questão, e, se outras questões do mesmo tipo me aparecerem, dar-te-ei conta delas sem esperar as tuas perguntas. Que questões são estas, afinal? Bom, são daquelas cuja resolução é mais aliciante do que propriamente útil, a exemplo daquela que me puseste na tua carta: "se o bem é um corpo?" Ora o bem actua, uma vez que nos é útil, e tudo quanto actua é um corpo. O bem move-nos a alma, de certa maneira dá à alma forma e limites, acções que são específicas dos corpos. Os bens do corpo são corpos; logo também os bens da alma o são uma vez que a alma é um corpo.

O bem próprio do homem é necessariamente um corpo, uma vez que o próprio homem é um ser corpóreo. Mentir-te-ia se dissesse que não são corpos os alimentos que o homem ingere, ou as mezinhas que toma para proteger ou recuperar a saúde; logo, o bem próprio do homem é um corpo. Acho que tu não hesitarás em reconhecer como corpos as paixões (e assim meto já aqui uma coisa que tu não me perguntaste) — tais como a cólera, o amor, a tristeza, a menos que tu duvides que elas nos alteram o rosto, nos enrugam a testa, nos alongam a face, nos tornam a cara encarniçada ou nos fazem ficar sem pinga de sangue. Pois bem: pensas que estes evidentes sinais do nosso corpo podem ser ocasionados sem ser por um corpo? E se as paixões são corpos, igualmente o são as doenças da alma, tais como a avareza, a crueldade, os vícios empedernidos e já absolutamente insanáveis; portanto, são corpos a maldade, em todas as suas variedades — malevolência, inveja, soberba; portanto, são corpos os bens, primeiro porque são os opostos dos vícios que assinalei, segundo porque se manifestam por sinais do mesmo tipo. Nunca reparaste como a coragem dá novo vigor ao olhar? Como a prudência reforça a atenção? Como o respeito acentua a modéstia e a calma? Como a alegria aumenta a serenidade? Como a severidade acentua a rigidez? Como a ternura aumenta a sensação de bem-estar? Consequentemente, tudo quanto altera a cor e a forma dos corpos é igualmente um corpo, o qual exerce naqueles a sua acção. De facto, todas as virtudes que eu enumerei são bens, assim como aquilo que delas resulta. E será possível duvidar que seja corpo tudo aquilo por que um corpo pode ser tocado? "Tocar e ser tocado — nada senão um corpo o pode fazer!", como diz Lucrécio. Ora, tudo quanto eu referi não poderia alterar o nosso corpo se lhe não tocasse; por conseguinte, todos são corpos. Mais ainda: tudo quanto tenha em si força suficiente para nos impelir, forçar, deter ou impedir de nos movermos — tem de ser um corpo. Pois bem: o medo não nos detém? A audácia não nos impele? A coragem não nos incita e dá ânimo? A temperança não nos refreia e faz recuar? A satisfação não nos exalta? A tristeza não nos abate? Em suma, tudo quanto nós fazemos, fazemo-lo sob ordens ou da maldade ou da virtude, e tudo quanto exerce poder sobre um corpo, tudo — é um corpo, tudo quanto dá força a um corpo — é um corpo! O bem de um corpo é corpóreo; o bem do homem é o bem de um corpo, logo, é corpóreo. Respondi ao que me pediste, fiz-te a vontade. Agora direi eu próprio o que já estou a imaginar que tu vais dizer: tudo isto é um jogo! Gasta-se o engenho com questões supérfluas: estas teorias não tornam os homens bons, apenas os fazem eruditos. "Saber" é algo de muito mais vasto, e também mais simples: não são precisas muitas letras para nos darem um espírito bem formado; nós é que estamos habituados a desperdiçar tudo, e a filosofia não foge à regra. Sofremos de intemperança em tudo, até no uso das letras. Estudamos para a escola, não para a vida.

CARTA 107

Que é feito da tua capacidade de prever? Onde está a tua sagacidade na apreciação das coisas? Onde está a tua grandeza de alma? Deixares-te afligir por uma questão tão mesquinha!... Os teus escravos entenderam que as tuas múltiplas ocupações lhes davam azo para se pôrem em fuga! Se os teus amigos te enganassem (continuemos, apesar de tudo, a dar-lhes o nome que a nossa ingenuidade lhes atribuiu, para lhes não chamarmos coisa pior) ausentaram-se dos serviços que te prestavam esses homens que não só não apreciavam a tua generosidade como ainda te imaginavam capaz de fazer mal a alguém. Nada disto se pode considerar um acontecimento insólito e inesperado. Sentir-se lesado por um caso destes é tão ridículo — como lamentar-se por ser salpicado no balneário, empurrado no meio da multidão ou sujo por um bocado de lama. A condição da vida humana assemelha-se à passagem por um balneário, uma multidão ou uma estrada: certos contratempos serão provocados, outros casuais. Não é coisa fácil, a existência. Iniciaste uma longa jornada: hás-de escorregar, de tropeçar, de cair, de te fatigar, de chamar (sem sinceridade!) pela morte! Aqui terás de abandonar o teu companheiro, além de levá-lo à sepultura, acolá de te precaveres contra ele, É através destas contrariedades que avaliaremos até que ponto é pedregoso este caminho da vida. Quem quiser morrer deve ter a alma preparada contra tudo; deve ter consciência de ter chegado ao local onde ressoa o raio, deve estar ciente de ter chegado lá onde "a dor e os remorsos vingadores puseram suas moradas, onde habitam as pálidas doenças e a dolorosa velhice. " Temos de viver com estes seres por companhia. Tu não podes escapar a estes males, mas podes aprender a desprezá-los — e para tanto bastar-te-á meditar neles sem cessar e conjecturar que todos eles podem ocorrer. Qualquer pessoa enfrenta valorosamente uma situação para a qual se preparou com antecedência, e resiste mesmo às circunstâncias difíceis se nelas tiver previamente pensado. Um indivíduo mal preparado, pelo contrário, fica em pânico à mínima contrariedade. Temos, portanto, de fazer com que nada nos caia em cima inopinadamente; e como as coisas nos parecem mais graves quando não são previstas, uma meditação contínua conseguirá que não te vejas em caso algum com a inexperiência de um recruta! "Fui abandonado pelos meus escravos!" Mas há quem tenha sido roubado, denunciado, morto, traído, maltratado, quem tenha sido envenenado ou caluniado. Aquilo de que te queixas aconteceu a muitos outros... afinal de contas são muitos e variados os males que nos podem atingir. Alguns, como dardos, ficam espetados em nós, outros vibram ao voar direito a nós, outros ainda vão apontados a outras pessoas, e ferem-nos por acaso. Não nos admiremos ante nenhuma das casualidades para que nascemos, e de que ninguém deve queixar-se, pois são iguais para todos. É como digo, iguais para todos, pois mesmo quando alguém escapa a um mal nem por isso deixa de lhe estar sujeito. Direito equitativo não é aquele de que todos efectivamente usam, mas sim o que é proclamado para uso de todos. Ordenemos à nossa alma que se mantenha tranquila e paguemos sem queixumes o tributo da nossa condição

mortal. O Inverno traz consigo o frio, logo nós devemos suportar o frio. O Verão traz consigo o calor, e nós temos de suportar o calor. O tempo incerto é nocivo à saúde, e nós temos de nos sujeitar à doença. Em qualquer lugar nos pode sair ao caminho uma fera, ou alguém mais perigoso do que todas as feras: um homem! A água destrói uma coisa, o fogo outra. Nós não podemos alterar estas condições da existência; podemos, contudo, assumir uma atitude de coragem, digna de um homem de bem, e graças a ela suportar com valor os golpes do acaso e submeter-mo-nos à lei da natureza. A natureza, aliás, com as suas alternâncias, torna mais suportável o mundo à nossa volta: a bonança sucede à tempestade; o mar agita-se, mas antes estivera calmo; os ventos não sopram continuamente; o dia segue-se à noite; uma parte do firmamento eleva-se acima do horizonte, enquanto a outra desce abaixo dele: em suma, o ritmo constante do universo é alterno. A esta lei deve conformar-se o nosso espírito; deve ceder, deve obedecer a tal lei. Deve ter a consciência — de que tudo o que acontece não pode deixar de acontecer, em vez de se atrever a censurar a natureza. A melhor atitude a tomar é a de aceitar o que não podemos alterar, e conformarmo-nos sem resmungar com os desígnios da divindade que rege o curso do universo: mau soldado é aquele que segue o seu general sempre a queixar-se! Por conseguinte aceitemos pressurosos e animados as suas ordens, não queiramos fugir ao curso desta máquina deslumbrante na qual estão entretecidos também os nossos sofrimentos. Dirijamos a Júpiter (o timoneiro que dirige esta imensidade) palavras semelhantes às que o nosso Cleantes usou nos seus magníficos versos, e que eu, seguindo o exemplo desse grande escritor que foi Cícero, me permito traduzir para a nossa língua. Se eles te agradarem, acolhe-os favoravelmente; se não te agradarem, fica pelo menos sabendo que eu procurei imitar o exemplo de Cícero. "Guia-me, ó pai que reges o excelso céu, para onde te aprouver: não hesitarei em obedecer-te; aqui estou, sempre pronto! Se resistir, terei de seguir-te gemendo, suportando de má vontade o que podia ter feito de bom grado. O destino guia quem o segue, arrasta quem lhe resiste!" Vivamos assim, falemos desta maneira! Que o destino nos encontre sempre prontos, sempre de boa vontade. Uma alma verdadeiramente grande é aquela que se confia ao destino. Mesquinho e degenerado, pelo contrário, é o homem que tenta resistir, que ajuíza mal da ordem do universo e que acha preferível corrigir os deuses do que emendar-se a si próprio!

CARTA 108

A questão que me pões é daquelas que apenas importa solucionar pelo simples prazer de as solucionar. Apesar de tudo, como tens prazer em conhecê-la, empenhas-te em a colocar, sem quereres esperar pela obra de conjunto que eu estou neste momento a compor dedicada à "Filosofia Moral". Vou, então, responder ao teu problema, mas não sem que antes te aconselhe como deves moderar esse apetite ardente de saber de que te vejo possuído, não vá ele, em vez de benéfico, ser nocivo à tua formação. Repara que as questões não devem ser

estudadas desordenadamente, nem convém tentar abarcar tudo de uma só vez; é gradualmente que chegarás à totalidade das nossas teorias. Importa também que não te esforces para além das tuas capacidades, nem tentes abarcar mais do que a tua preparação de momento te permite. Em suma, consagra-te ao estudo, não de tudo quanto te interessa mas sim de tudo quanto estás habilitado a entender. Se não desanimares, virás a conhecer tudo o que desejas, pois quanto mais conhecimentos o espírito absorve tanto mais capacidade vai adquirindo. Ainda guardo na memória um preceito que ouvi a Átalo nos tempos em que frequentava a sua escola (onde eu era sempre o primeiro a chegar e o último a sair); até mesmo durante os passeios do mestre eu o aliciava à discussão de um ou outro problema, aproveitando-me do facto de ele estar sempre pronto a ir ao encontro dos interesses dos seus discípulos. Dizia Átalo que "o docente e o discente se devem unir num propósito comum: o primeiro, ser útil ao discípulo, o segundo, tirar benefício do convívio com o mestre." De facto, quem convive diariamente com um filósofo obtém sempre algum benefício: ou o seu carácter se aperfeiçoa, ou se torna mais apto a aperfeiçoar-se. O poder da filosofia é tal que beneficia inevitavelmente não só os iniciados, mas até os que a conhecem ocasionalmente. Quem se põe ao sol, ainda que não seja essa a intenção, acaba por ficar bronzeado; a quem entra numa perfumaria e lá se demora algum tempo comunica-se-lhe um pouco do cheiro característico do local; do mesmo modo, quem convive, mesmo distraidamente, com um filósofo aprende sempre qualquer coisa de útil. Repara que eu digo "convívio distraído", e não "hostilidade preconceituosa". "Essa está boa! Se calhar não conhecemos casos de frequentadores, e por muitos anos, de escolas filosóficas que nem superficialmente sofreram a mínima influência!" Claro que conhecemos, frequentadores obstinados e assíduos, até; mas a esses chamo eu "hóspedes" dos filósofos, não "discípulos". Há quem vá à escola apenas para ouvir, mas não para aprender, tal como se vai ao teatro pelo prazer de escutar um belo discurso, uma bela voz ou uma bonita peça! Uma grande parte dos frequentadores das escolas filosóficas vai lá apenas para passar o tempo. Não o faz para aprender a defender-se de algum vício, para interiorizar alguma lei moral que conduza ao aperfeiçoamento do carácter; vai lá apenas pelo prazer de ouvir. Várias pessoas levam consigo o bloco de apontamentos, para anotar, não pensamentos, mas frases que depois repetem sem proveito para ninguém, do mesmo modo que as ouviram sem proveito próprio. Algumas contudo, entusiasmam-se com as máximas sublimes, ficam mesmo inflamadas, de rosto e de espírito, de paixão pelos oradores, numa excitação semelhante ao efeito das flautas sobre os eunucos frígios, que ficam fora de si como se por ordem divina. A tais pessoas, o que as arrebata e excita é a beleza dos pensamentos, e não a harmonia de palavras ocas. Ao ouvir uma enérgica dissertação contra o medo da morte ou uma corajosa diatribe contra a fortuna sentem de imediato o desejo de pôr em prática o que ouviram. As palavras penetraram até ao âmago, as pessoas comportar-se-ão de acordo com essas máximas — na condição de o respectivo

efeito lhes perdurar no espírito, na condição de essa nobre disposição se não chocar de imediato contra a influência, sempre deletéria, do vulgo. Poucos são, de facto, os que conseguem chegar a casa com a mesma disposição de espírito com que estavam na escola. Não é difícil levar um auditor ao desejo do bem; a todos nós a natureza deu, em potência, a semente da virtude. Todos nascemos com aptidão para toda a espécie de bem; a influência desse bom instigador de consciências desperta as capacidades latentes do espírito para a virtude. Não vês tu como o teatro em peso aplaude sempre que se ouve alguma daquelas máximas que todos unanimemente reconhecemos e aprovamos como verdadeiras? "Raras são as posses dos pobres, nulas as dos avaros. O avaro trata mal todos, e a si pior que a ninguém. " Até o mais sórdido dos espectadores aplaude ao ouvir estes versos, contente de ver os seus vícios assim condenados. Quanto maior não seria o aplauso se tais máximas fossem proferidas por um filósofo, sobretudo se tão nobres pensamentos fossem moldados em verso de modo a mais eficazmente a ideia ficar gravada no espírito dos não iniciados! Costumava dizer Cleantes que, "tal como o ar que expiramos produz um som mais forte se for expelido pelo longo e estreito tubo de uma trompa e sair por fim pela larga abertura da campânula, também as nossas ideias se tornam mais nítidas quando condensadas na forma rígida do verso". É menor a atenção que prestamos e o efeito que em nós produz a mesma coisa dita em prosa; quando uma ideia elevada é expressa numa forma métrica rígida, a mesma máxima parece, por assim dizer, lançada por músculos bem mais robustos. Fazem-se muitas dissertações sobre o desprezo pelas riquezas, compõem-se enormes discursos para ensinar aos homens que a verdadeira riqueza está na alma e não nos bens materiais, que é abastado o homem que sabe adaptar-se à sua pobreza e se sente rico com pouco, mas toca-nos mais o espírito ouvirmos o mesmo dito em verso: "Quanto menor é o desejo, menor é a carência; Tem tudo quanto quer quem só quer o indispensável." Ao ouvir estas ou outras frases similares somos de imediato atraídos a reconhecer a verdade; até mesmo pessoas a quem nada habitualmente satisfaz as admiram, aplaudem e manifestam ódio pela riqueza. Quando vires tais pessoas assim impressionadas será a altura de as pressionares, de insistires, de atacares — deixando-te de ambiguidades, silogismos e sofismas, e de todo o restante aparato de uma inútil subtileza. Fala contra a avareza, fala contra o luxo, e quando te aperceberes de que estás a acertar no alvo e a entusiasmar o ânimo do teu auditório insiste com ainda maior energia. É quase inacreditável o efeito produzido por um discurso semelhante, todo ele tendente a visar o proveito, a utilidade do auditório. Os espíritos ainda jovens deixam-se aliciar com a maior facilidade ao amor do bem e da justiça; sobre esses espíritos ainda maleáveis e pouco atingidos pela corrupção o apelo da verdade tem enorme força, desde que tenha um advogado à altura. Pela minha parte, quando ouvia Átalo a discursar contra os vícios, os erros e os males da vida, muitas vezes me senti compadecido do género humano; a pessoa de Átalo, considerava-a sublime, superior ao que de mais alto o homem pode atingir. Átalo via-se a si mesmo como um rei, mas a

mim parecia-me estar muito acima dos reis um homem que se arrogava o direito de os criticar. Quando ele se punha a enaltecer a pobreza e a mostrar até que ponto tudo quanto excede a utilidade se torna numa carga supérflua e difícil de suportar, dava-me frequentemente vontade de sair da escola reduzido à condição de pobre. Quando começava a ridicularizar os nossos prazeres e a enaltecer a castidade do corpo, a sobriedade da mesa e a isenção do espírito, não somente em relação aos prazeres ilícitos mas também aos meramente inúteis, a minha única vontade era cercear drasticamente os prazeres do estômago. Alguns desses impulsos, Lucílio, tenho-os conservado até hoje; decidira-me com toda a energia a abraçar na totalidade o modo de vida estóico, mas depois, inserindo-me na vida da sociedade, apenas guardei uns poucos desses bons costumes iniciais. Entre eles a abstenção, ao longo de toda a minha vida, de ostras e de cogumelos, pois, mais do que alimentos, são simples excitantes do paladar que assim como entram assim saem, e só servem para obrigar as pessoas, já cheias, a comer ainda mais (coisa excelente para os glutões que se atafulham para lá da sua capacidade)! Entre eles a rejeição, ao longo de toda a minha vida, do uso de perfumes, pois entendo que o melhor perfume do nosso corpo é a ausência de cheiro. Entre eles a recusa de ingerir uma gota de vinho. Entre eles o meu afastamento, ao longo de toda a vida, dos balneários, porquanto me parece um hábito inútil e sofisticado pôr o corpo a destilar e enlanguescer. Outros hábitos que a princípio rejeitara acabaram por voltar, mas de modo a que, mesmo não cortando com eles, os pratico com uma moderação próxima da quase total abstinência, o que é talvez mais difícil ainda: há certos costumes que é mais difícil moderar do que erradicar por completo. Uma vez que comecei a descrever-te o entusiasmo enorme, depois mitigado pela idade, com que em jovem me dediquei à filosofia, não sentirei vergonha em revelar-te também a paixão que Pitágoras despertou em mim. Sótion costumava explicar as razões por que Pitágoras, e mais tarde Sêxtio, se recusavam a comer carne de animais. As razões de um e de outro eram distintas, mas ambas dignas de admiração. Sêxtio entendia que o homem dispõe de alimentos suficientes sem precisar de causar mortes; além disso, quando se cria o prazer de dilacerar a carne dos animais, facilmente a crueldade se torna num hábito. Prosseguia afirmando a necessidade de se limitarem os prazeres dos sentidos, e concluía dizendo que a variedade de alimentos é nociva à saúde e contrária à nossa constituição física. Pitágoras, por seu lado, afirmava o parentesco absoluto entre todos os seres vivos, a ligação entre todas as almas e a respectiva transmigração de corpo para corpo. A crer no que ele diz, nenhuma alma perece nem cessa de agir senão durante o breve espaço de tempo em que passa de um corpo para outro. Ao fim de quanto tempo e através de quantas moradas transitórias a alma volta a incarnar num ser humano é assunto que deixo em suspenso. Para já, Pitágoras incutiu nos homens o medo de cometerem um crime, um parricídio, pois é possível inadvertidamente darmos com a alma de um parente e violar, matando-o ou comendo-o, o corpo em que de momento se alberga o espírito desse nosso

familiar. Após expor esta teoria, acrescentando-lhe argumentos próprios, Sótion exclamava: "Não acreditas que as almas transitem de uns corpos para outros e que aquilo a que chamamos morte é apenas uma migração? Não acreditas que nos animais domésticos, nas feras ou nos seres marinhos habita a alma que em tempos foi a de um homem? Não acreditas que no universo nada se extingue, apenas muda de lugar? Que não são apenas os corpos celestes que se movem por um circuito determinado, mas que também os seres vivos atravessam várias fases e as almas têm igualmente a sua órbita? Grandes homens têm acreditado nesta doutrina. Suspende, se quiseres, o teu juízo sobre ela, mas aceita na íntegra as suas consequências. Se a teoria é verdadeira, a abstenção de carne dar-te-á uma vida inocente; se é falsa, uma vida frugal. Em que é que te prejudica a aceitação destes princípios? Apenas te faço renunciar aos hábitos alimentares dos leões e dos abutres!" Estimulado por estas palavras comecei a deixar de comer carne, e ao fim de um ano esta dieta já se tornara não só fácil como até agradável de praticar. Cheguei mesmo a pensar que o espírito se me tornara mais ágil, embora hoje te não possa garantir se de facto o estava. E sabes porque me deixei disto? O meu tempo de juventude coincidiu com o acesso de Tibério César ao principado. Por essa época, praticavam-se em Roma vários cultos exóticos e considerava-se indício de adesão a tais superstições a abstenção da carne de certos animais º. A pedido insistente do meu pai, — não porque temesse alguma acusação, mas porque embirrava com a filosofia! —, voltei aos hábitos antigos, sem que, aliás, ele tivesse tido grande dificuldade em convencer-me a jantar melhor. Átalo costumava recomendar o uso de um colchão que resistisse ao peso do corpo, e, eu, mesmo depois de velho, continuo a deitar-me numa cama em que o meu corpo não deixa marcas. Contei-te tudo isto apenas para te provar como é grande o entusiasmo dos jovens ainda inexperientes por todas as formas de atingir e praticar o bem quando encontram alguém capaz de os exortar e estimular. Mas nem sempre o resultado é satisfatório, ou porque os mestres nos ensinam a argumentar e não a viver, ou porque os discípulos procuram os mestres não com a intenção de cultivarem a alma, mas sim de aguçarem o engenho. E assim é que a filosofia se transforma em filologia! Ora é da maior importância a intenção com que se aborda um assunto. Um aprendiz de gramático que estude Vergílio e encontre este belo verso "foge, irreparável, o tempo," não o faz com a intenção de meditar: "Temos de estar atentos; se não nos apressamos, ficamos para trás; o dia escoa-se veloz e faz-nos escoar com ele; somos arrebatados sem dar por isso; planeamos tudo com vista ao futuro, e ficamos inertes enquanto à nossa volta tudo se precipita!" Pelo contrário, limita-se a observar que Vergílio, sempre que alude à velocidade do tempo, emprega o verbo fugir!... "O tempo melhor da vida dos míseros mortais é o primeiro a fugir; surge logo a doença, a amarga velhice, o cansaço, e enfim arrebata-os da dura morte a crueldade." Quem tiver na mira a filosofia usará estes versos no sentido justo. Observará então: "Vergílio nunca diz que os dias marcham, mas sim que fogem, o que significa a forma mais veloz de

corrida; e também que os nossos melhores dias são os primeiros que nos escapam. Porquê então hesitarmos em apressar o passo, e ver se conseguimos acompanhar a rapidíssima velocidade do tempo? O melhor passa voando, cedendo o lugar ao pior." Numa ânfora o líquido mais puro é o primeiro a extravasar, deixando para o fim as impurezas, mais densas; também na nossa vida os primeiros anos são os melhores. Iremos nós deixar que eles se dissipem em interesse alheio, guardando para nós próprios apenas as borras? Guardemos no espírito esta frase, aceitemo-la como se proferida por um oráculo: tempo melhor da vida dos míseros mortais é o primeiro a fugir!" O melhor porquê? Porque o futuro é desconhecido. O melhor porquê? Porque em jovens podemos aprender, podemos encaminhar no melhor sentido um espírito ainda dúctil e moldável; porque esta fase da vida está apta a suportar o esforço, quer para exercitar o espírito por meio do estudo, quer para robustecer o corpo por meio do exercício físico. O tempo subsequente já é menos activo, menos enérgico mais próximo já do termo. Por isso mesmo não atendamos a solicitações irrelevantes e apliquemo-nos de alma e coração a este único objectivo: evitar só compreender tarde demais, quando já inteiramente ultrapassados, a natureza da marcha vertiginosa do tempo que de modo algum podemos deter! Que cada um de nós, portanto, acolha como sendo a melhor a primeira fase da vida e dela se aproprie como seu bem pessoal. Temos de agarrar o que procura fugir-nos. Aqui está o que não reflecte quem lê este poema com olhos de gramático, isto é, que os nossos melhores dias são os primeiros porque depois chegam as doenças, porque a velhice se aproxima e nos cai sobre a cabeça enquanto ainda nos imaginamos adolescentes; em vez disso, observa que Vergílio menciona sempre lado a lado a doença e a velhice, com toda a razão, aliás, já que a velhice não passa de uma doença incurável. Além disso notará também que o poeta atribui à velhice o epíteto de "amarga": "surge logo a doença, a amarga velhice." E noutro passo escreve: "Aí habitam as pálidas doenças, a amarga velhice. " Não é para admirar, aliás, que da mesma matéria cada um procure extrair o que interessa à sua especialidade: no mesmo prado em que o boi procura a erva, o cão persegue a lebre e a cegonha o lagarto! Se um filólogo, um gramático e um filósofo tomarem, cada um por seu lado a República, de Cícero, cada um deles lê-la-á segundo os seus interesses particulares. O filósofo espanta-se como é possível dizer-se tanta coisa contra a justiça. O filólogo, ao ler o mesmo texto, anotará que houve dois reis em Roma que não tiveram, respectivamente, pai e mãe.' De facto nada se sabe ao certo da mãe de Sérvio Túlio, enquanto Anco Márcio não teve pai, dizendo-se dele apenas que era neto de Numa. Notará, além disto, que o magistrado a que nós chamamos "ditador", e que como tal é designado pelos historiadores, era antigamente chamado "mestre do povo". Este título conserva-se ainda hoje nos livros dos áugures, e é confirmado também pelo título de "mestre de cavalaria" dado ao lugar-tenente nomeado pelo ditador. Não deixará de registar ainda que Rómulo morreu durante um eclipse do Sol; que até mesmo das decisões dos reis se podia apelar perante o povo, o que, segundo a opinião de

alguns, entre os quais Fenestela, se encontrava consignado nos livros pontificiais. Um gramático que folheie o mesmo volume começará por inserir no seu comentário certas formas usadas por Cícero tais como reapse, com o valor de re ipsa, ou sepse, como equivalente de se ipse. Depois referir-se-á a certos termos que modernamente caíram em desuso, por exemplo nesta frase de Cícero: "A sua interpelação fez-nos recuar quando já estávamos a atingir a linha de chegada (calx)". De facto, os antigos chamavam "linha de chegada" (calx) àquilo que hoje, no circo, se chama a "meta" (creta). Seguidamente o nosso gramático coligirá as citações de Énio, em especial os versos consagrados a Cipião Africano: "ao qual ninguém — cidadão ou inimigo — poderá compensar dignamente pelos seus esforços. " Deste passo conclui ele que entre os antigos a palavra ops não significava apenas "auxílio" (auxilium) mas também "esforços" (opera). Énio pretende dizer que ninguém, cidadão ou inimigo, foi capaz de dar a Cipião uma "compensação condigna pelos seus esforços." A seguir ficará todo ufano ao descobrir onde Vergílio se inspirou para escrever "sobre ele, enorme, ressoa a porta do céu." Énio, afirma, foi buscar esta imagem a Homero, e Vergílio a Énio, como se comprova com a presença na "República" de Cícero deste epigrama eniano: "Se alguém é dado ascender às moradas dos deuses, para mim só se abre a vasta porta do céu." Mas com esta conversa arrisco-me a assumir o papel de filólogo ou de gramático! Prefiro aconselhar-te a que escutes os filósofos ou leias as suas obras com o único propósito de atingires a felicidade, em vez de andares à cata de arcaísmos, de expressões figuradas, de metáforas atrevidas ou de figuras de estilo. Procura recolher, isso sim, preceitos que te sejam úteis, frases e lições cheias de sentido que possas desde logo pôr em prática. Façamos com que o nosso estudo transforme as palavras em acto. Ninguém, em meu entender, é mais prejudicial à humanidade do que aqueles que estudam a filosofia como um mister venal, e que vivem em total discordância com aquilo que apregoam. A sua própria pessoa é a mais completa prova da inutilidade do seu ministério, como homens sujeitos a todos os vícios que pretensamente combatem. Um mestre deste tipo é tão inútil como, em plena tempestade, um timoneiro enjoado! Entre a violência das ondas há que segurar com firmeza o leme, fazer frente à fúria do mar, subtrair as velas à ventania: para que servirá um piloto a vomitar, de cabeça à roda? As tempestades que nos afligem nesta vida não são bem maiores do que as que assaltam qualquer navio? Para quê palavreado, quando o importante é segurar o leme? Todas as tiradas que esses falsos mestres declamam ante multidões de ouvintes não lhes pertencem: são frases de Platão, de Zenão, de Crisipo, de Posidónio e de inúmeros outros notáveis pensadores. A única maneira de comprovar que essas teorias também lhes pertencem seria esta: viverem de acordo com o que apregoam! Por agora, cheguei ao fim do que tinha para te dizer. Quanto ao assunto que me tinhas pedido para tratar vou guardá-lo na íntegra para a próxima carta. Satisfarei então o teu desejo, pois agora corria o risco de abordar, já

cansado, uma matéria difícil e que exige total atenção e capacidade de concentração.

CARTA 109

Estás interessado em saber se um sábio pode ser útil a outro sábio. Nós definimos o sábio como um homem dotado de todos os bens no mais alto grau possível. A questão está pois em saber como é possível alguém ser útil a quem já atingiu o supremo bem. Ora, os homens de bem são úteis uns aos outros. A sua função é praticar a virtude e manter a sabedoria num estado de perfeito equilíbrio. Mas cada um necessita de outro homem de bem com quem troque impressões e discuta os problemas. A perícia na luta só se adquire com a prática; dois músicos aproveitam melhor se estudarem em conjunto. O sábio necessita igualmente de manter as suas virtudes em actividade e, por isso mesmo, não só se estimula a si próprio como se sente estimulado por outro sábio. Em que pode um sábio ser útil a outro sábio? Pode servir-lhe de incitamento, pode sugerir-lhe oportunidades para a prática de acções virtuosas. Além disso, pode comunicar-lhe as suas meditações e dar-lhe conta das suas descobertas. Nunca faltará mesmo ao sábio algo de novo a descobrir, algo que dê ao seu espírito novos campos a explorar. Os indivíduos perversos fazem mal uns aos outros, tornam-se mutuamente piores, na medida em que despertam a ira, favorecem o mau carácter, enaltecem os prazeres; tais indivíduos são mesmo tanto mais nocivos quanto mais partilham os seus vícios e juntam as suas forças maléficas com um objectivo comum. O contrário é igualmente válido: um homem de bem só pode ser útil a outro homem de bem. "De que modo?", perguntarás tu. Transmitir-lhe-á o seu contentamento, reforçará a sua autoconfiança; a contemplação mútua da respectiva tranquilidade fará aumentar em ambos a alegria. Além disso pode ainda proporcionar-lhe o conhecimento de certas matérias, já que mesmo um sábio não pode saber tudo. E mesmo que soubesse tudo, outro sábio pode muito bem descobrir um método mais rápido para atingir o conhecimento da natureza e facilitar-lhe o acesso a um meio de melhor formular uma visão global das coisas. Um sábio pode ser útil a outro sábio, e não somente graças às suas próprias forças, mas graças também às daquele a quem está auxiliando. Claro que o primeiro, mesmo entregue apenas a si próprio, é capaz de desempenhar perfeitamente o seu papel. Todavia, embora corra com a velocidade que lhe é própria, nem por isso deixará de lhe aproveitar uma voz de incitamento. Objecção possível: "Um sábio só pode ser útil a si mesmo, e não a outro sábio. A prova é que se este não tiver energia própria, a actuação do outro nada conseguirá." Pela mesma ordem de ideias, poderia dizer-se que não existe doçura no mel porquanto, se a pessoa que o vai comer não tem os órgãos gustativos aptos a detectar o sabor a doce, a sensação será desagradável. De facto, há pessoas que, por efeito de doença, acham o mel amargo. O importante é que ambos os sábios gozem de boa saúde, de modo a que um deles possa ser útil ao outro, e este, por sua vez, seja receptivo à utilidade que o primeiro lhe

proporciona. Outra objecção: "É inútil tentar aquecer um corpo que já está aquecido no mais alto grau; é igualmente inútil tentar ajudar quem já atingiu o supremo bem. Acaso um agricultor que dispõe de todas as alfaias necessárias vai pedir alfaias ao vizinho? Um soldado equipado com todas as armas com que vai partir para a luta porventura necessita de mais armamento? O mesmo se passa com o sábio: está suficientemente equipado, dispõe de armas suficientes para enfrentar a vida.'" A isto respondo eu que mesmo um corpo aquecido à mais alta temperatura necessita da proximidade de uma fonte de calor para manter essa alta temperatura. "Mas o calor" — continua a objectar-se — "mantém-se por si mesmo." Vejamos: para começar, há uma grande diferença entre os termos da tua comparação. O calor constitui uma unidade, o ser útil pode revestir diversas formas. Em segundo lugar, o calor não precisa da proximidade de fontes de calor para ser isso mesmo, calor, ao passo que o sábio não conseguirá manter o seu estatuto espiritual se não aceitar a companhia de alguns amigos que se lhe assemelhem e com os quais pratique em comum as suas virtudes. Acrescenta a isto que todas as virtudes são unidas entre si por uma espécie de amizade; por conseguinte, o sábio que estima as virtudes do seu semelhante e lhe comunica as suas para aquele as estimar está obviamente a ser-lhe útil. As qualidades similares são, para os seus possuidores, uma fonte de alegria, sempre que se trate de qualidades elevadas que saibam merecer o respeito recíproco. Mais ainda: ninguém pode estimular convenientemente o espírito de um sábio senão outro sábio, tal como só um homem pode estimular racionalmente outro homem. Do mesmo modo, portanto, que só pela razão se pode estimular o uso da razão, também só uma razão perfeita pode constituir estímulo para outra razão perfeita. Costuma dizer-se que nos são Úteis as pessoas que nos facultam certos bens moralmente indiferentes como dinheiro, favores, protecção e outras coisas apreciáveis ou necessárias à vida; neste sentido poderia dizer-se que mesmo um insensato seria capaz de ser útil ao sábio. Na realidade, ser útil consiste em estimular o espírito segundo a natureza por acção da própria virtude. E isto não pode ocorrer sem algum proveito quer para o espírito do estimulado quer para o daquele que lhe serve de estímulo, porquanto necessariamente quem põe em acção a virtude dos outros põe em acção também a sua própria. Ainda que não tomemos em consideração nem os bens supremos nem as causas que os geram, nem por isso os sábios deixam de ser mutuamente úteis uns aos outros. Encontrar outro sábio é, por si mesmo, um objectivo digno de um sábio, uma vez que, por natureza, todo o homem de bem estima toda a espécie de bem; assim, cada sábio dá a todo o homem de bem o mesmo valor que dá a si próprio. As necessidades da argumentação levam-me a passar desta questão a uma outra. Põe-se, de facto, o problema se o sábio deve tomar sozinho as suas deliberações ou se deve recorrer aos conselhos alheios. Recorrer aos outros é indispensável ao sábio quando se trata de assuntos relativos à vida pública, aos problemas domésticos, às questões, passe a palavra, próprias de seres mortais; nestes casos ele necessitará dos conselhos alheios ao mesmo título que um médico, um piloto,

um advogado ou um juiz de instrução. Também neste sentido um sábio pode ser útil a outro sábio, uma vez por outra, através das suas indicações. Naquelas matérias elevadas e divinas, também aí, conforme já disse, o sábio será útil graças à prática em comum do bem moral e à união que se estabelece entre os espíritos e os pensamentos. Além disso, é conforme à natureza acolhermos os amigos e alegrarmo-nos com os seus progressos como se nossos fossem. Se assim não procedêssemos, a nossa própria virtude, que só pelo exercício contínuo se pode manter, acabaria por estiolar. A virtude aconselha-nos a considerar a conjuntura presente, bem como a prever e deliberar sobre o futuro e a manter o espírito alerta: ora, manter o espírito alerta e vigoroso é mais fácil se tivermos alguém que nos assista. Para esse fim, o sábio procurará um homem já perfeito, ou pelo menos que caminhe na via da perfeição. Um homem assim perfeito será útil se contribuir para a deliberação com o exercício em comum da capacidade de juízo. É habitual dizer-se que os homens percebem melhor dos assuntos alheios que dos próprios. Isso só acontece, porém, àqueles que estão obcecados por um excessivo amor próprio e a quem o receio perante as dificuldades rouba o discernimento da acção justa. Só se começa a discernir bem quando se está em segurança e ao abrigo dos perigos. Há certos casos, contudo, em que até os sábios se apercebem melhor da situação dos outros que da sua. Além disso, um sábio em companhia de outro sábio poderá transformar em realidade a magnífica e humaníssima máxima que aconselha a "desejar e rejeitar exactamente as mesmas coisas"; assim, ambos percorrerão a mesma sublime órbita a par um do outro. Como vês, satisfiz o teu pedido, muito embora esta matéria tivesse o seu lugar próprio no livro de "Filosofia Moral" em que estou a trabalhar. Mas pensa bem naquilo que eu não me canso de te dizer: estas questões só servem para aguçarmos o engenho! Acabo por voltar sempre ao mesmo: para que serve tudo isto? Eu quero é que me tornem mais forte, mais justo e mais moderado. Não tenho vagar para ginástica, ainda careço de cuidados do médico! Para que pretendes tu que eu te forneça uma ciência inútil? Fizeste grandes promessas; pois bem, mantém-te fiel ao que prometeste. Diziam que eu permaneceria intrépido ainda que à minha volta reluzissem as espadas, ainda que a sua ponta afiada me tocasse já a garganta; diziam que eu continuaria a sentir-me em segurança ainda que à minha volta tudo estivesse a arder, ainda que um súbito furacão arrastasse o meu navio pelo mar fora: ajudem-me, então, a ser capaz de desprezar os prazeres e a glória. Mais tarde me ensinarão a desmontar sofismas, a resolver ambiguidades, a solucionar questiúnculas obscuras; por agora, ensinem-me apenas o indispensável.

LIVRO XIX

Cartas 110-117

CARTA 110

Estou-te saudando da minha quinta de Nomento. Oxalá estejas de boa saúde espiritual, isto é, oxalá os deuses te sejam todos propícios, pois não pode deixar de gozar do favor benevolente dos deuses quem consegue estar em paz consigo mesmo. Não tomes em consideração, de momento, a crença por alguns partilhada de que cada um de nós foi colocado sob a tutela particular de um deus, não de um deus de primeira ordem, é evidente, mas de um daqueles deuses de segunda classe a quem Ovídio chama "a "plebe divina". Não ligues a essa crença sem, no entanto, te esqueceres de que eram estóicos os nossos maiores, que a possuíam; a cada ser humano, de facto, eles atribuíram ou o seu "Génio" ou a sua "Juno"! Mais tarde veremos se os deuses se podem permitir o encargo dos negócios de cada um de nós; por agora quero que metas bem na ideia que, quer beneficiemos de protecção particular quer estejamos entregues a nós próprios e à fortuna, não é possível lançares a alguém uma imprecação mais terrível do que desejares-lhe que esteja de mal consigo próprio. Não há, de resto, razão para desejares a alguém que consideres digno de punição que os deuses lhe sejam hostis; esse alguém pode contar, isso te garanto, com a hostilidade divina, mesmo se aparentemente beneficia do seu favor. Põe a tua inteligência em acção, observa como é na realidade a nossa vida, e não o que dizemos ela ser, e verificarás que muitos males nos são mais benéficos do que prejudiciais. Quantas vezes um pretenso desastre não foi a causa inicial de uma grande felicidade! Quantas vezes, também, uma conjuntura saudada com entusiasmo não constituiu apenas um passo em direcção ao abismo — elevando um pouco mais ainda alguém em posição eminente, como se em tal posição pudesse estar certo de cair dela sem risco! A própria queda, aliás, não tem em si mesma nada de mal se tomares em consideração o limite para lá do qual a natureza não pode precipitar ninguém. Está bem perto de nós o termo de tudo quanto há, está bem perto, garanto-te, o limite desta existência donde o venturoso se julga expulso e o desgraçado liberto; nós é que, ou por esperanças ou por receios desmesurados, a fazemos mais extensa do que realmente é. Se agires com sabedoria, medirás tudo em função da condição humana, e assim limitarás o espaço tanto das alegrias como dos receios. Vale bem a pena privarmo-nos de duradouras alegrias

a troco de não sentirmos duradouros receios! Por que motivo procuro eu restringir este mal que é o medo? É que não há razão válida para temeres o que quer que seja; nós, isso sim, deixamo-nos abalar e atormentar apenas por vãs aparências. Nunca ninguém analisou o que há de verdade no que nos aflige, mas cada um vai incutindo medo nos outros; nunca ninguém se atreveu a aproximar-se do que lhe perturba o espírito e a averiguar a natureza real e fundamentada do seu medo. Daqui resulta o crédito que se dá a um perigo inexistente, que mantém a sua aparência porque ninguém o contesta a sério. Basta que nos decidamos a abrir bem os olhos para verificarmos como é diminuto, incerto e inofensivo aquilo que receamos. A confusão dos nossos espíritos corresponde perfeitamente à descrição de Lucrécio: "tal como as crianças no meio da escuridão tremem com medo de tudo, assim nós tememos em plena luz!" Pois bem, não seremos nós mais insensatos do que as crianças, nós que tememos em plena luz? A verdade, porém, Lucrécio, é que nós não tememos em plena luz, criamos, sim, trevas a toda a nossa volta! Não somos capazes de distinguir o que é bom e o que é mau; passamos toda a vida a correr, a tropeçar às cegas, e nem por isso somos capazes de parar ou de tomar atenção onde pomos os pés. Estás a imaginar como é coisa de loucos andar a correr no escuro! Valham-me os deuses! Não conseguimos mais nada senão termos de regressar de mais longe; sem saber para onde nos dirigimos, continuamos teimosamente a caminhar para onde o instinto nos leva. No entanto, se o quisermos, poderá fazer-se luz em nós. De um único modo: adquirirmos o conhecimento das coisas divinas e humanas, um conhecimento interiorizado, e não meramente superficial; meditarmos nessas ideias já adquiridas, comprovarmos a sua validade pela nossa própria experiência; investigarmos o que é bom e o que é mau, e a que coisas se atribui falsamente um ou outro destes adjectivos; averiguarmos em que consiste o bem e o mal éticos — e, finalmente, o que é a providência. E não ficará por aqui o campo aberto à inteligência humana: somos atraídos a lançar os olhos para lá do universo, a ver por onde ele se dirige, donde proveio e qual o termo para onde caminha velozmente este nosso mundo. Nós, todavia, afastámos o espírito desta contemplação divina para o rebaixar ao vil serviço da avareza; esquecemos o universo e os seus limites, bem como os deuses que o governam e movem, para nos dedicarmos a perfurar a terra e a dela extrair o que só nos faz mal, insatisfeitos com o que a terra espontaneamente nos oferece. Tudo quanto era realmente bom para nós, a divindade que nos deu o ser pô-lo à nossa mão; não esperou pelas nossas pesquisas para no-lo oferecer; em contrapartida, enterrou bem fundo tudo o que é nocivo. Só temos que nos queixar de nós mesmos: nós é que arrancámos violentamente da terra o que a natureza lá escondeu — e isso será a causa da nossa ruína. Entregámos o espírito ao prazer, quando a cedência ao prazer é a origem de todos os males; entregámo-nos à ambição da glória e a outros impulsos igualmente ilusórios e inúteis. Que posso eu agora aconselhar-te a fazer? Nada de inédito, pois não se trata de procurar remédios para novas doenças. Apenas isto, antes de mais nada: aprende a fazer tu próprio a distinção

entre o necessário e o supérfluo. O necessário tê-lo-ás sempre à mão, ao passo que o supérfluo exigirá de ti um contínuo e total empenhamento. Não tens muito de que te orgulhar pelo facto de renunciares com desprezo aos leitos dourados ou aos móveis talhados em pedras valiosas; desprezar o supérfluo, onde está a virtude? Admira-te a ti próprio, isso sim, quando conseguires desprezar o necessário! Poderes viver sem fausto digno de reis, não sentires vontade de comer um javali de mil libras de peso, ou uma travessa de línguas de flamingo, ou outras monstruosidades de uma gastronomia que se enjoa com o animal inteiro e apenas escolhe certas partes de cada bicho — não penses que isto é uma grande coisa! Eu admirar-te-ei, sim, quando fores capaz de desprezar o pão de segunda por estares convencido de que, em caso de necessidade, a erva tanto serve para o homem como para o animal, por teres a certeza de que os rebentos das árvores servem muito bem para encher um estômago — um estômago que atulhamos de iguarias preciosas como se todas elas lá ficassem para sempre! Não são precisos requintes para o encher. Que diferença faz o que lá se mete se tudo quanto lá entra é para sair depois? Gostas de ver à tua frente peças de caça ou frutos do mar; uns sabem-te tanto melhor quanto mais frescos te chegam à mesa; outras se, à força de serem engordadas artificialmente, escorrem gordura por todo o lado a ponto de quase lhes rebentar a pele! Enche-te de prazer o virtuosismo com que são preparados. Mas, deus meu!, todos estes manjares rebuscados e condimentados se transformam numa massa indistinta e repugnante quando se acumulam no estômago. Para desprezar o prazer da mesa, nada melhor do que ver em que, se transformam os alimentos! Ainda tenho na ideia estas palavras que Átalo pronunciou perante a admiração geral: "Durante muito tempo deixei-me fascinar pela riqueza. Ficava de boca aberta quando via aqui ou ali o brilho de objectos preciosos, imaginando que o seu valor intrínseco correspondia à aparência exterior. Um dia, assisti à exibição em cortejo dos preciosos tesouros de Roma: peças cinzeladas em ouro e prata e em materiais mais preciosos ainda do que o ouro e a prata, obras de cores preciosamente variegadas, tecidos importados de regiões para lá das nossas fronteiras, mais longínquas do que os povos nossos directos vizinhos; aqui uma multidão de escravos, além de escravas, todos admiráveis quer pelos adornos que traziam, quer pela sua própria beleza; e tantas outras coisas que a fortuna do império no seu apogeu decidiu passar em revista. 'Para que serve tudo isto' — exclamei eu — 'senão para excitar ainda mais as já violentas ambições dos homens? Para que serve toda esta ostentação de riqueza? É para aprender o significado da avareza que toda esta multidão aqui afluiu?' Por mim, garanto, saio daqui com menos desejos do que quando cheguei. Fiquei cheio de desprezo pela riqueza, não tanto por ser supérflua, como por ser ridícula. Não vês tu como no espaço de poucas horas todo o aparatoso cortejo desfilou, mesmo em marcha lenta e compassada? Havemos nós de levar a vida inteira ocupados num exercício que nem deu para encher um dia completo? Ainda me ocorreu outra ideia: estas preciosidades pareceram-me tão supérfluas para os seus possuidores como supérfluas eram

para os espectadores do cortejo. Isto é precisamente o que digo a mim próprio sempre que me cai diante dos olhos alguma semelhante exibição de luxo, quando deparo com um palacete sumptuoso, um adornado batalhão de escravos ou uma liteira transportada por esbeltos carregadores: 'Porquê toda essa admiração embasbacada? Não passa de aparato! Todas estas coisas nós vemo-las sem as possuir, agradam-nos mas são transitórias!' Atenta de preferência na riqueza genuína; aprende a contentar-te com pouco e repete com entusiasmo a máxima que diz que 'se tivermos água e farinha podemos rivalizar com a felicidade de Júpiter!' Digo-te mesmo mais: rivalizemos com ele mesmo que as não tenhamos; tão imoral é fazer depender a felicidade do ouro e da prata como da água e da farinha! 'Mas como sobrevivo eu sem uma coisa nem outra?' Queres que eu te diga qual o remédio para a miséria? A fome se encarrega de pôr fim à fome. Que diferença faz, afinal, se são imoderados ou exíguos os desejos de que te fazes escravo? Que importância tem a quantidade dos bens que a fortuna te nega? Até mesmo a água e a farinha dependem de uma vontade exterior a ti; o homem livre não é aquele sobre quem pouco poder tem a fortuna, mas sim o que escapa totalmente ao seu poder. É assim mesmo: terás de despojar-te de todo o desejo se quiseres rivalizar com Júpiter — que não conhece desejo algum!" Esta a lição que Átalo nos deu a nós, e a natureza dá a todos os homens. Se te dispuseres a meditar assiduamente nela conseguirás ser feliz, em vez de parecê-lo, e sê-lo aos teus próprios olhos e não aos dos outros.

CARTA 111

Perguntaste-me qual o termo latino para designar os sophismata. Muitos autores tentaram impor-lhes um nome, mas nenhum vingou, talvez porque, tal como a coisa não nos era familiar nem estava nos nossos hábitos, também ao nome se ofereceu resistência. De qualquer modo, o termo que se me afigura mais adequado é o usado por Cícero: cauillationes. Quem se entrega à respectiva prática, sem dúvida será capaz de arquitectar argumentos cheios de agudeza, mas sem qualquer utilidade para a sua vida, já que se não torna mais enérgico, mais moderado ou mais elevado por isso. Em contrapartida, quem fizer da filosofia uma terapêutica tornar-se-á forte de espírito, cheio de autoconfiança, atingirá uma altura inigualável e tanto maior quanto mais dela nos aproximamos: É o mesmo que sucede com as grandes montanhas, cuja elevação é menos evidente quando as vemos ao longe; ao aproximarmo-nos, reparamos como é íngreme o acesso até ao cume. Do mesmo modo é, caro Lucílio, o filósofo verdadeiro — em actos, não em palavras: situa-se num cume, imponente, majestoso, dotado de autêntica grandeza; não se ergue nem anda em bicos de pés, à maneira daqueles que procuram disfarçar a sua estatura e parecer mais altos do que são. O filósofo contenta-se com a sua grandeza. E como se não contentaria ao ter-se elevado a um ponto que a mão da fortuna não atinge? Por isso mesmo ele supera a condição humana e permanece idêntico a si mesmo em qualquer situação, quer a sua vida decorra sem problemas, quer sofra flutuações, quer singre entre

adversidades e perigos: uma tal firmeza não a podem proporcionar aqueles capciosismos de que acima falava. São uma brincadeira do espírito, sem a mínima utilidade, que fazem a filosofia descer da sua altura até ao chão. Não te proíbo que, ocasionalmente, te dediques a eles, mas apenas quando quiseres estar sem fazer nada. Eles têm, no entanto, este gravíssimo inconveniente: provocam um inegável prazer e detêm fixo neles o espírito pela sua aparente subtileza. Entretanto, há uma tão grande massa de questões a abordar, tal que a custo uma vida inteira chega para se aprender este único ponto: o desprezo pela vida. "Então, e a condução da nossa vida?" — perguntarás. Isso é uma segunda fase da tarefa: não pode conduzir bem a sua vida quem não tiver aprendido a desprezá-la.

CARTA 112

Gostaria imenso que esse teu amigo se decidisse a aceitar a formação cultural e moral que tu desejas para ele. Só que ele já está duro demais para isso. Melhor dizendo — e isto até torna as coisas mais difíceis! —, ele já está demasiado amolecido, sem forças devido aos maus hábitos que há muito contraiu. Vou dar-te um exemplo colhido na minha experiência prática. Não é qualquer videira que aguenta um enxerto. Se é velha já e carcomida, se demasiado doente e frágil, ou rejeita o ramo enxertado, ou então não o alimenta nem o deixa colar a si, nem se adapta à qualidade natural do enxerto. Por isso costumamos cortar a parte que está acima da terra para que, se o enxerto não resultar, possamos fazer uma segunda tentativa, aplicando-o desta vez na parte que ficou enterrada. Este homem que me recomendas na tua carta não tem a mínima energia, de tanto se ter abandonado aos vícios. Tornou-se simultaneamente mais fraco e mais endurecido: não consegue aceitar como guia a razão nem fazê-la frutificar em si. "Mas ele está cheio de vontade!" Não te convenças disso. Não digo que ele te esteja a mentir. Pode estar sinceramente convicto do seu desejo. Anda irritado agora com a sua libertinagem, mas não tardará muito a reconciliar-se com ela. "No entanto, ele afirma que a vida que leva o desgosta." Não digo o contrário! Quem se não desgosta? Os homens amam e odeiam ao mesmo tempo os próprios vícios. Por isso só me pronunciarei em definitivo sobre o teu amigo quando ele me der garantias de que criou horror à libertinagem: por enquanto, há entre ambos apenas um arrufo!

CARTA 113

Pedes-me que te escreva a expor a minha opinião sobre mais um problema debatido pelos nossos mestres estóicos, a saber, se a justiça, a coragem, a prudência e as demais virtudes são ou não seres animados. Caro Lucílio, com estes subtis raciocínios não conseguimos mais do que dar a aparência de exercitar o engenho com bagatelas e empregar os nossos ócios em discussões totalmente estéreis. Vou, no entanto, satisfazer o teu desejo e expor a opinião da nossa escola sobre o assunto. Mas declaro-te desde já que a minha opinião

pessoal é diferente; entendo mesmo que só os Gregos é que se podem permitir o luxo de certas discussões. Vamos lá, então ver quais são esses problemas que activaram os antigos, pensadores, ou talvez, melhor dizendo, que os antigos pensadores activaram. É ponto assente que a alma é um ser animado, pois é ela que faz de nós seres animados, e é do nome da alma que vem até a designação de "animais"; ora, a virtude não é outra coisa senão a alma dotada de uma determinada conformação; logo, a virtude é um ser animado. Por outro lado, a virtude realiza uma acção; ora, nada pode agir se não tiver movimento próprio; se a virtude tem movimento próprio — faculdade exclusiva dos seres animados — é porque é um ser animado. "Se a virtude é um ser animado" — objecta-se — "ela própria possui em si mesma virtude." Porque não há-de possuí-la? Assim como o sábio realiza tudo através da virtude, também esta o faz através de si própria. "Nessa ordem de ideias" — prossegue a objecção — "todas as artes, todos os nossos pensamentos, todos os nossos conhecimentos serão seres animados. Consequentemente, no espaço limitado do nosso espírito habitarão muitos milhares de seres animados; cada um de nós ou será ao mesmo tempo muitos seres animados ou conterá dentro de si muitos seres animados." Queres saber como se pode responder a esta objecção? Dizendo que cada uma das coisas mencionadas será um ser animado, mas sem que formem um conjunto de seres animados. Como é isso? Eu explico, mas tens de aplicar toda a atenção e subtileza de que fores capaz. Cada ser animado deve possuir uma substância individual, mas todos eles possuem apenas uma alma; por isso podem ser vistos cada um deles como um ser, mas não podem formar uma multiplicidade de seres. Eu, por exemplo, sou um ser animado e sou um homem sem que, no entanto, possas dizer que eu sou dois seres, porque, para eu ser dois, teria cada um deles de estar separado do outro. Por outras palavras, dois seres só podem ser tomados como de facto dois seres se forem completamente independentes um do outro. Tudo quanto é múltiplo dentro da unidade participa da natureza do uno, e portanto é uno. A minha alma é um ser animado, eu sou um ser animado — no entanto não somos dois seres! Porquê? Porque a minha alma é uma parte de mim. Um ser só será contado como um indivíduo se subsistir individualmente; enquanto for uma parte de outro ser não poderá ser considerado como um ser à parte, pela simples razão de que, para ser um ser à parte, teria de possuir uma individualidade própria, completa, fechada sobre si mesma. Já atrás te declarei que a minha opinião é diversa, porquanto, se se aceitar esta tese, teremos de admitir que não apenas as virtudes são seres animados mas que igualmente o são os vícios e as paixões, tal como a ira, o medo, a dor, a desconfiança. E não ficará por aqui: serão seres animados, ainda, todas as nossas frases e todos os nossos pensamentos. Ora, esta consequência é inaceitável, uma vez que aquilo que deriva do homem não é, só por isso, um homem. "Então, o que é a justiça?" - perguntam. A justiça é a alma conformada de uma determinada maneira. "Nesse caso, se a alma é um ser animado, também a justiça o é." De modo nenhum; a justiça é apenas uma certa conformação da alma, uma certa energia. A mesma

alma pode assumir diversos aspectos sem que pelo facto de agir em variados sentidos se torne em outros tantos seres animados; aquilo que é realizado pela alma não é só por isso um ser animado. Se a justiça, a coragem e as restantes virtudes são seres animados como é que as coisas se passam: deixam de ser de vez em quando seres animados, voltam depois a sê-lo de novo, ou são-no sempre? As virtudes nunca podem deixar de ser virtudes; logo, na nossa alma terão de agitar-se seres animados em quantidades enormes, enormíssimas mesmo! "Não são em grande quantidade," — dir-se-á — "porquanto dependem de um único ser — a alma — de que são partes constitutivas." Quer dizer: imaginamos que o aspecto da alma é semelhante ao da hidra de muitas cabeças que lutam e atacam cada uma por seu lado! Na realidade, cada uma dessas cabeças não é um ser animado, mas apenas a cabeça de um ser animado; a própria hidra, essa sim, é que é um ser animado. Ninguém diz que o leão ou a serpente que formam a Quimera são seres animados distintos mas apenas partes constitutivas de um ser; ora, cada parte não constitui um ser animado. O que é que pode levar a concluir que a justiça é um ser animado? "A justiça age e é útil, o que age e é útil possui movimento, e tudo quanto possui movimento é um ser animado." Isso é verdade se tiver movimento próprio; mas a justiça carece de movimento próprio, apenas tem o que lhe é transmitido pela alma. Todo o ser animado é, até morrer, aquilo que foi desde o início; até morrer, o homem continuará homem, o cavalo cavalo, e o cão cão; nenhum pode transformar-se em coisa diferente do que era. Aceitemos, por hipótese, que a justiça, isto é, a alma, conformada de uma certa maneira, é um ser animado. Ora, também a coragem isto é, a alma conformada de uma determinada maneira, é um ser animado. Mas qual alma? Aquela que ainda há pouco era "justiça"? Se se mantém com a conformação do primeiro ser animado não lhe é possível assumir a conformação de outro ser animado, mas terá de continuar com a conformação que assumiu de início. Além disso, uma só alma não pode pertencer simultaneamente a dois seres animados, quanto mais a vários. Se a justiça, a coragem, a moderação e as demais virtudes são seres animados como é possível que tenham uma só alma? Ou cada uma tem de ter a sua alma, ou então não são seres animados. Um só e mesmo corpo não pode pertencer em simultâneo a dois seres animados; até os mestres da escola o admitem. Ora, qual é o corpo da justiça? "A alma." E o corpo da coragem, qual é? "A mesma alma." Mas vimos que um único corpo não pode pertencer em simultâneo a dois seres animados. "É que a mesma alma" — dizem — "ora assume a conformação da justiça, ora a da coragem, ora a da moderação." Isto seria viável se quando houvesse "justiça" não existisse "coragem", ou se quando houvesse "coragem" não existisse "moderação"; o que se verifica, porém, é que todas as virtudes existem em simultâneo. Como é, então, que cada virtude é um ser animado se a alma é só uma e se a alma não pode originar mais do que um único ser animado? Em conclusão, nenhum ser animado é parte de outro ser animado; ora, a justiça é uma parte da alma, logo, não é um ser animado. Parece-me bem que não estou

fazendo outra coisa senão perder tempo com uma coisa evidente, com um problema mais digno de repúdio do que merecedor de discussão. Não existem dois animais exactamente iguais. Se os observarmos a todos um por um verificaremos que cada um tem uma cor, uma configuração e um tamanho peculiares. Entre os vários aspectos que nos fazem admirar o engenho do divino artífice parece-me ser de incluir também este: na imensa multiplicidade da natureza nunca ele repetiu o mesmo esquema; mesmo seres que parecem idênticos revelam-se distintos se os compararmos bem. Criou inúmeros tipos de folhas: não há nenhuma que não tenha a sua forma individual; criou inúmeras espécies de animais: não há dois que tenham as mesmas proporções, há sempre alguma diferença entre eles. Teve a preocupação de que todos os seres individuais tivessem diferenças que os distinguissem claramente. Ora todas as virtudes, dizeis vós, são idênticas; logo, não são seres animados. Todo o ser animado age por si próprio; a virtude, contudo, não faz nada por si própria, mas sim concomitantemente com o homem. Todos os seres animados ou são racionais como os homens ou os deuses, ou são irracionais como os animais, selvagens ou domésticos; as virtudes são inteiramente racionais, mas não são nem homens nem deuses; logo, não são seres animados. Todo o ser animado racional precisa, para agir, de ser previamente estimulado pela observação de algum objecto; em seguida, põe-se em movimento e por fim surge o assentimento que confirma o movimento adquirido. Vou explicar-te o que se entende por assentimento. Por exemplo, eu necessito de caminhar: apenas me ponho em marcha quando disse isso a mim mesmo e aprovei a minha decisão; se necessito de me sentar, é através de um processo semelhante que eu me sento. Este assentimento não se inclui no âmbito da virtude. Considera, por exemplo, a prudência: como pode ela dar o seu assentimento à proposição "necessito de caminhar"? Não lhe é possível, por natureza, fazer semelhante coisa. A prudência, de facto, prevê em função do homem que a possui; não em função de si mesma; ela não pode, por si, nem andar nem sentar-se! Logo, não pode dar o seu assentimento, e quem não pode dar o seu assentimento não é um ser animado -racional. Se a virtude é um ser animado tem de ser racional; mas como não é um ser racional não pode ser um ser animado. Se a virtude é um ser animado e se, por outro lado, todo o bem é virtude, então todo o bem é um ser animado! Os nossos mestres admitem esta proposição. Mas, por exemplo, salvar o pai é um bem, emitir um parecer sensato no senado é um bem, julgar com justiça é um bem, logo salvar o pai ou emitir uma opinião abalizada seriam seres animados. E os exemplos multiplicam-se de modo tal que se torna impossível suster o riso: manter um prudente silêncio é um bem, jantar é um bem, logo o silêncio e o jantar seriam seres animados! E já agora, pelos deuses!, não vou parar com a brincadeira e o gozo que me dão estas ineptas subtilezas. A justiça e a coragem, se são seres animados, devem necessariamente ser animais terrestres; ora, todo o animal terrestre está sujeito ao frio, à fome e à sede; logo, a justiça está com frio, a coragem está com fome, a clemência está com sede! Que me

resta fazer? Não hei-de perguntar a esses pensadores que aspecto têm todos estes seres animados? Parecem-se com um homem, com um cavalo, com uma fera? Se atribuírem a tais seres a mesma forma redonda que atribuem à divindade dá-me mesmo vontade de lhes perguntar se a avareza, a mania do luxo ou a loucura também serão redondas, já que todas elas são seres animados! E se disserem que sim senhor, que tudo isto é redondo, então eu pergunto-lhes se um passeio cauteloso também é um ser animado. Serão forçados a aceitar que sim, ou seja, hão-de declarar que um passeio é um animal, e redondo ainda por cima!... Não imagines que de entre os estóicos sou eu o primeiro a falar sem ser pelo manual, e a ter a minha opinião própria: Cleantes e o seu discípulo Crisipo não chegaram a acordo sobre o que se entende por "caminhada". Para Cleantes é como que uma corrente de ar que vem do princípio dominador da alma e desce até aos pés, para Crisipo é o próprio princípio dominador da alma. Que nos impede, portanto, de seguir o exemplo de Crisipo, reivindicar o direito a ter opinião própria e troçar de todos estes seres animados que nem o universo seria capaz de conter? "As virtudes" - dizem — "não formam uma multiplicidade de seres animados, são, no entanto, seres animados. Assim como um homem pode ser poeta e orador sem deixar de ser uno, também as virtudes são seres animados sem serem uma multiplicidade. São uma e a mesma coisa a alma, e a alma justa, a alma prudente e a alma corajosa, isto é, a alma posta em consonância com determinadas virtudes." Nestes termos, acaba-se a desavença e estamos todos de acordo. Também eu admito por agora que a alma seja um ser animado, embora reserve para mais tarde a análise do que pretendo dizer com isto. Mas nego que as acções da alma sejam seres animados. Se assim não for, teremos de considerar qualquer palavra ou qualquer verso como um ser animado. Se uma proposição correcta é um bem, e se todo o bem é um ser animado, segue-se que uma proposição é um ser animado. Um verso prenhe de sentido é um bem, e todo o bem é um ser animado, logo um verso é um ser animado. Por conseguinte "eu canto as armas e o herói" é um ser animado; só não podem dizer que é redondo porque tem seis pés de extensão! "Hércules me valha!" - dirás tu. — "Todo esse arrazoado não passa de uma teia completamente enredada!" Parto-me a rir ao pensar que um solecismo, um barbarismo ou um silogismo também são seres animados e ao imaginar com que aspecto os representaria se fosse pintor! E é isto o que nós discutimos — com o ar mais grave deste mundo?! Nem sequer posso exclamar como Célia "Oh, tristes bagatelas!", tão ridículas elas são. Não seria muito mais preferível ocuparmo-nos de coisas úteis e salutares, tal como investigar de que modo nos é possível atingir as virtudes, qual a via que conduz até elas? Em vez de me ensinarem se a coragem é ou não um ser animado, prefiro que me digam que nenhum ser animado pode ser feliz sem coragem, se não tiver armas que o defendam dos acasos da fortuna e se, através da meditação, não se tiver posto acima de todas as contingências antes ainda de nelas se ver envolvido. O que é a coragem? É uma barreira inexpugnável a defender a fraqueza humana; quem dela se rodeia pode resistir

em segurança a este violento cerco que é a vida, usando as suas próprias forças, as suas próprias armas. A este propósito gostaria de citar-te uma máxima do nosso Posidónio: "Não imagines nunca que poderás proteger-te com armas dadas pela fortuna; luta, isso sim, com as tuas. A fortuna não fornece a ninguém meios de defesa contra ela própria. Por isso é que os homens estão bem defendidos contra os inimigos, mas se vêem inermes perante a fortuna." Alexandre derrotou e pôs em fuga Persas, Hircanos, Indianos e todos os demais povos que desde o oriente se espalham até ao mar oceano; quando, porém, de uma vez ordenou a morte de um amigo, de outra perdeu um segundo amigo, Alexandre deitava-se às escuras, lamentando-se num caso do seu crime, no outro roendo-se de saudades. O vencedor de tantos reis e tantas nações deixava-se vencer pela ira ou pela amargura! E como não seria assim, se ele próprio julgava preferível conquistar o universo a dominar as suas paixões? Em que enorme teia de enganos se deixam enredar os homens que põem a sua ambição no desejo de estender a conquista para lá dos mares, que se julgam no cúmulo da felicidade quando ocupam militarmente imensas províncias, juntando novas terras às que já possuíam — e se não dão conta da forma de poder mais alta e divina que existe: o poder de nos dominarmos a nós mesmos! Quero que me ensinem também o valor sagrado da justiça — da justiça que apenas tem em vista o bem dos outros, e para si mesma nada reclama senão o direito de ser posta em prática. A justiça nada tem a ver com a ambição ou a cobiça da fama, apenas pretende merecer aos seus próprios olhos. Acima de tudo, cada um de nós deve convencer-se de que temos de ser justos sem buscar recompensa. Mais ainda: cada um de nós deve convencer-se de que por esta inestimável virtude devemos estar prontos a arriscar a vida, abstendo-nos o mais possível de quaisquer considerações de comodidade pessoal. Não há que pensar qual virá a ser o prémio de um acto justo; o maior prémio está no facto de ele ser praticado. Mete também na tua ideia aquilo que há pouco te dizia: não interessa para nada saber quantas pessoas estão a par do teu espírito de justiça. Fazer publicidade da nossa virtude significa que nos preocupamos com a fama, e não com a virtude em si. Não queres ser justo sem gozares da fama de o ser? Pois fica sabendo: muitas vezes não poderás ser justo sem que façam mau juízo de ti! Em tal circunstância, se te comportares como sábio, até sentirás prazer em ser mal julgado por uma causa nobre!

CARTA 114

Qual a causa que provoca, em certas épocas, a decadência geral do estilo? De que modo sucede que uma certa tendência se forma nos espíritos e os leva à prática de determinados defeitos, umas vezes uma verborreia desmesurada, outras uma linguagem sincopada quase à maneira de canção? Porque é que umas vezes está na moda uma literatura altamente fantasiosa para lá de toda a verosimilhança, e outras a escrita em frases abruptas e com segundo sentido em que temos de subentender mais do que elas dizem? Porque é que nesta ou naquela época se abusa sem restrições do direito à metáfora? Eis o rol dos

problemas que me pões. A razão de tudo isto é tão bem conhecida que os Gregos até fizeram dela um provérbio: o estilo é um reflexo da vida! De facto, assim como o modo de agir de cada pessoa se reflecte no modo como fala, também sucede que o estilo literário imita os costumes da sociedade sempre que a moral pública é contestada e a sociedade se entrega a sofisticados prazeres. A corrupção do estilo demonstra plenamente o estado de dissolução social, caso, evidentemente, tal estilo não seja apenas a prática de um ou outro autor, mas sim a moda aceite e aprovada por todos. Não é possível o espírito ter uma tendência e a alma ter outra. Se a alma é sadia, senhora de si, severa e comedida, o espírito será igualmente grave e sóbrio; quando a alma é viciosa, o espírito também degenera. Não vês tu que, se a alma é débil, as pessoas arrastam o corpo e só a custo se movem? Que, se a alma é efeminada, até no modo de andar se nota essa moleza? Que, se ela é, pelo contrário, ardente e forte, a marcha se torna acelerada? Que ainda, no estado de loucura, ou de cólera (que, aliás, é um estado semelhante à loucura) o movimento do corpo se torna caótico, descontrolado, sem sentido definido? Todos estes sintomas se tornarão mais evidentes ainda no que concerne ao espírito, já que este está totalmente impregnado pela alma, da qual recebe a sua forma, à qual obedece, a cuja lei se submete. O estilo de vida de Mecenas é por demais conhecido para que seja necessário eu descrever o modo como ele se passeava, os seus requintes predilectos, o seu exibicionismo, a sua recusa em ocultar os próprios vícios. Pois bem: não é verdade que o seu estilo era tão desprovido de firmeza como a sua túnica era desprovida de cinto? Não é verdade que as suas frases eram tão sofisticadas como o seu trajo, os seus acompanhantes, a sua casa, a sua mulher? Este homem podia ter sido um grande espírito se empregasse o seu talento num sentido mais correcto, se não sentisse repugnância em fazer-se entender, se não fosse tão prolixo. Vais ver como o seu estilo é retorcido, divagante, sem qualquer contenção — tal como a marcha de um ébrio! O que há de mais repugnante do que esta frase: "um rio de que uma cabeleira de bosques cobre as margens"? Ou esta outra: "aram o leito do rio com as suas barcas e deixam para trás os jardins, subindo a corrente"? E que dizer de um sujeito que "se enruga todo a piscar o olho à amante, a beija arrulhando como um pombo e desata aos suspiros como os tiranos dos bosques que agitam freneticamente a armação já fatigada"? "Em grupo, insaciáveis, escavam tudo em busca de comida e de garrafas, não nos largam a casa, vão passando a morte sempre à espera." "Um Génio que mal assiste à festa em sua honra." "O pavio de uma vela enegrecida;" "um bolo estaladiço." "A mãe ou a mulher servem de vestido à lareira." Porventura não é evidente, logo a uma primeira leitura, que o autor destas frases é o mesmo homem que percorria Roma sem pôr o cinto na túnica (e até quando, na ausência de César, ele ficava interinamente nas suas funções, era a este "homem sem cinto" que se ia pedir a palavra de ordem!); o mesmo homem que no tribunal, na tribuna rostral ou em qualquer reunião pública aparecia sempre com a cabeça coberta por um manto, só com as orelhas de fora, com a mesma aparência com que vemos nos mimos os escravos

fugitivos de algum ricaço? O mesmo homem que, mesmo no período mais aceso da guerra civil, quando Roma em armas vivia na ansiedade, se fazia escoltar em público por dois eunucos — mais homens mesmo assim do que ele próprio? O mesmo homem que celebrou milhentas vezes o seu casamento com a mesma mulher? Estas frases de Mecenas, tão artificialmente construídas, escritas tão sem cuidado, inventadas expressamente para chocar os hábitos de toda a gente, mostram bem como o seu carácter era também um misto de irreverência, de depravação, de originalidade. A benevolência é o maior título de glória que se lhe atribui: de facto, ele nunca usou a força, absteve-se do sangue alheio e não deu mostras do poder que possuía senão pela licenciosidade a que se entregava. O alambicado monstruoso do seu estilo destruiu no entanto esse título de glória, tornando visível que a sua característica era a moleza, e não a clemência. O tortuoso das suas frases, o ineditismo das suas expressões, as suas ideias chocantes — que às vezes têm algo de consistente, mas a que o estilo despoja de energia — tornam evidente a qualquer pessoa que o excesso de prosperidade lhe deu a volta à cabeça! Por vezes, este defeito é apanágio de um só homem, por vezes é de toda uma época. Quando a prosperidade generaliza os hábitos de luxo, começa-se por dedicar uma maior atenção ao aparato do vestuário; depois, vem a preocupação com a mobília, por fim todos os cuidados se dirigem para a própria casa: pretende-se que ocupe uma área idêntica à de uma herdade, que as paredes reluzam com mármores importados do outro lado do mar, que os tectos sejam decorados a ouro, que o brilho do pavimento corresponda ao dos caixotões do tecto. Passa-se em seguida ao luxo da mesa: aqui o requinte reside no ineditismo e na alteração da ordem por que se servem os pratos, servindo por exemplo em primeiro lugar o que se costuma deixar para a sobremesa, em suma dando aos convivas à entrada o que era usual servir-lhes à saída. Quando os espíritos se enfastiam com o que vem da tradição e julgam que uma coisa é reles só por ser habitual, também quanto ao estilo só se procura a novidade, umas vezes indo desenterrar palavras arcaicas e obsoletas, outras vezes criando neologismos ou dando às palavras significados inéditos, outras ainda — é esta a última moda! — tomando por opulência de estilo a audácia e a abundância das metáforas. Há autores que cortam a frase a meio na esperança de agradar ao público pelo facto de deixarem a ideia em suspenso, induzindo no auditório a ambiguidade; outros, em contrapartida, desenvolvem e esticam a frase até mais não poder; há-os ainda que sem chegar ao mau gosto declarado (o que é inevitável em escritores com tendência para o bombástico), não deixam por isso de tender para a prática de um gosto duvidoso. Por conseguinte, sempre que vires um estilo decadente cair nas boas graças do público, podes estar certo de que a moralidade anda também muito por baixo! Assim como o luxo excessivo nos banquetes ou no modo de vestir é sintoma de uma sociedade doente, também o barroquismo do estilo, quando se generaliza, mostra que os espíritos estão decadentes — pois é do espírito que nascem as palavras! Não deves espantar-te também ao veres o estilo decadente ser aplaudido não só pelas camadas mais

baixas da sociedade mas até mesmo pelos círculos ditos superiores: o que distingue umas camadas das outras é a toga, e não o espírito crítico! Já terás mais razões para te espantares de que se cubram de louvores não só os produtos viciosos mas também os próprios vícios. Isto é um fenómeno de sempre: ninguém impôs o seu talento sem concessões ao público. Podes citar-me qualquer autor famoso que te apeteça, e eu serei capaz de dizer-te quais os defeitos que os seus contemporâneos lhe desculparam ou dissimularam conscientemente. Posso citar-te muitos escritores cujos vícios em nada os prejudicaram, e alguns mesmo a quem os defeitos só aproveitaram. Posso afirmar-te que há autores famosíssimos, objecto de universal admiração que, se os expurgarmos dos seus defeitos, ficam reduzidos a nada, pois de tal modo neles se combinam os defeitos com as qualidades que, se eliminarmos aqueles, também estas se perderão. Não podes esquecer, aliás, que em questões de estilo não existe uma norma absoluta; o estilo varia ao sabor da moda, e a moda está sempre a mudar. Muitos escritores há que usam palavras próprias de outros tempos e só se exprimem na linguagem da Lei das Doze Tábuas; para eles Graco, Crasso e Curião são demasiado elaborados e modernos, pelo que preferem recuar até Ápio Cláudio e Coruncânio. Outros, em contrapartida, caem na vulgaridade à força de só quererem usar termos batidos e usuais. Uns e outros, cada um à sua maneira, dão provas de igual decadência estilística, tanto — Deus me valha! — como aqueles que só aceitam usar termos solenes, sonoros, poéticos e rejeitam aquelas palavras indispensáveis ao uso diário. Quer uns quer outros ultrapassam a justa medida, os primeiros usando mais adornos que o necessário, os outros menos do que o necessário. Os primeiros até depilam as pernas, os outros não depilam sequer os sovacos! Passemos à composição da frase. Quantos tipos de estilo queres tu que eu exemplifique com deficiências de composição? Uns preferem a frase sacudida e áspera, e quando algum desenvolvimento se vai processando com calma confundem deliberadamente a estrutura; detestam transições sem solavancos; acham que ferir os ouvidos com a falta de ritmo é sinal de força viril! Em outros, em vez de composição encontra-se uma autêntica melodia, tão dengoso e efeminado é o ritmo. E que dizer daquele estilo em que as palavras exigidas pelo sentido se vão fazendo esperar até só aparecerem mesmo no fim? E daquela frase, como era por exemplo a de Cícero, que se desenvolve lentamente, que vai deslizando sem sobressaltos e apresenta no fim uma estrutura rítmica sempre igual? E não apenas [lacuna] no que concerne às máximas havemos de considerar como defeito que elas sejam ridículas e pueris, ou então chocantes e deliberadamente imorais; defeito será também se são demasiado rebuscadas, ou demasiado adocicadas, se sabem a oco e não têm outro mérito além da sonoridade. Estes defeitos são originados, em geral, por um autor cujo estilo se considera modelar; os outros imitam-no, e assim o defeito se vai generalizando. Por exemplo, quando Salústio estava na moda considerava-se o suprassumo do estilo: as sentenças abruptas, as frases inesperadamente sincopadas, a concisão obscura. Lúcio Arrúncio, homem, aliás,

de rara parcimónia, autor de uma "História da Guerra Púnica", era um fervoroso admirador de Salústio e brilhante imitador do seu estilo. Em Salústio encontramos a frase "com dinheiro fez um exército", isto é, contratou soldados, pagando-os do seu próprio bolso. Arrúncio deu em apreciar tanto esta expressão que a empregou em todas as suas páginas. Num passo, diz ele "que fizeram os nossos pôr-se em fuga", noutro, afirma que "foi Hierão, rei de Siracusa, que fez rebentar a guerra", noutro ainda que "estas notícias fizeram os Panormitanos render-se aos Romanos." Isto é só uma pequena amostra; o livro dele está repleto de frases similares. Quer dizer, uma expressão que em Salústio era rara, tornou-se nele frequente, quase contínua. E com razão: Salústio forjou-a casualmente, Arrúncio rebuscava-a. Estás a ver as consequências de se tomar como modelo a imitar o que não passa de um tique de estilo. Salústio escreveu algures: "as águas invernosas". No primeiro livro da sua "Guerra Púnica" Arrúncio escreve que "de repente o tempo se tornou invernoso"; num outro passo, para dizer que o ano foi frio, diz: "o ano inteiro foi invernoso"; noutro lugar diz: "de lá enviou sessenta navios de transporte ligeiros, além dos soldados e dos marinheiros indispensáveis, sob uma nortada invernosa". E nunca mais deixou de meter este termo a torto e a direito! Salústio diz ainda a certa altura: "enquanto, em plena guerra civil, ele procura as famas de homem justo e bom". Arrúncio não se conteve: logo no primeiro livro escreveu que eram grandes as "famas" de Régulo! Estes defeitos, e outros que tais, induzidos pela imitação em certos escritores, não são só por si sintomas de degradação e corrupção espiritual; apenas se tais vícios são exclusivos de alguém, nascidos mesmo do carácter desse alguém, é que tu estarás autorizado a julgar a partir deles o carácter e as tendências do seu autor. O estilo de um homem colérico denotará cólera, tal como o de um indivíduo impulsivo denota excitação e o de um efeminado moleza e indecisão. Fenómeno idêntico é o que tu verificas em certos sujeitos que ora rapam a barba toda ou só em parte, que tosquiam o bigode, mas deixam crescer os pêlos mesmo à beira dos lábios, que usam capas de cores indecentes ou togas transparentes, ou seja, cuja única preocupação é fazer qualquer coisa que dê nas vistas: só pretendem chocar os outros, atrair os olhares, não se importando com censuras desde que se repare neles! Tal é o estilo de Mecenas e de todos os outros que incorrem em vícios de linguagem, não por casualidade, mas consciente e deliberadamente. A causa disto está numa grave perturbação da alma. Sob o efeito da bebida, a voz só começa a ficar empastada quando o cérebro cede ao peso do álcool e perde por completo o equilíbrio: semelhantemente, também esta espécie de embriaguez de linguagem só é verdadeiramente perniciosa quando a alma está em desequilíbrio. Cuidemos, portanto, da alma, pois dela provêm as nossas ideias, as nossas palavras, é ela quem regula a nossa aparência, a nossa fisionomia, o nosso modo de andar. Se a alma está sã e robusta, também o estilo será vigoroso, enérgico, viril, mas se perde o equilíbrio tudo o mais cairá por terra. "Quando o rei está incólume um só espírito reina, mas morto ele rompem-se os laços sociais! O nosso rei é a alma;

se esta permanece incólume, todas as nossas funções e deveres se realizam na mais perfeita ordem, mas se ela começa a oscilar, por pouco que seja, tudo o mais em nós é afectado. E quando a alma cede ao império do prazer, os nossos talentos e as nossas acções degradam-se, todos os nossos esforços carecem por completo de consistência. Já que me servi deste símile vou continuar com ele. A nossa alma pode comportar-se umas vezes como rei, outras como tirano. Um rei atento à estrita moralidade cuida da saúde do corpo que lhe está confiado, não dá a mínima ordem que seja imoral ou degradante. Mas um rei sem sentido de medida, ambicioso e debochado passa a merecer antes o nome odioso e cruel de tirano. Paixões desenfreadas apoderam-se da alma, espicaçam-na, inicialmente cumulando-a de gozo, tal como a populaça em período de larguezas (nocivas a médio prazo) se sacia enganadoramente, agarrando a mãos ambas bens que não poderá consumir. Mas quando a moléstia, sempre em crescendo, vai consumindo as forças, quando o deboche se introduz na medula e nos nervos, então compraz-se na contemplação de gozos que, pelos seus excessos, já se lhe tornaram inacessíveis: o espectáculo dos prazeres alheios é o prazer que lhe resta, torna-se testemunha e conselheira de libertinagens de que tem de abster-se devido aos excessos passados. E mais do que lhe fora grata a abundância de delícias, é-lhe agora amargo que todo o luxo gastronómico se afaste da sua boca e do seu estômago, que já não lhe seja dado rebolar-se entre uma multidão de pederastas e prostitutas! Para uma tal alma, ver-se privada de grande parte do seu gozo devido às debilidades do corpo — que desolação! Não é verdade, meu caro Lucílio, que toda esta insensatez é a consequência, por um lado, de que nenhum de nós tem a consciência da sua mortalidade e insignificância, por outro, e principalmente, de que nenhum de nós pensa que é apenas um entre muitos? Repara nas nossas cozinhas e nos cozinheiros que se atropelam à roda de todos os fogões: parece-te plausível que tanta agitação se destine a preparar comida para um único estômago? Repara nas caves onde pomos a envelhecer os vinhos produzidos ao longo de gerações: parece-te plausível que se guardem vinhos de tantas colheitas e de tantas regiões para um único estômago? Repara nas inúmeras zonas onde se trabalha a terra, nos milhares de colonos que a lavram e a cavam: parece-te plausível que todas as sementeiras da Sicília e da África se destinem a um único estômago? Se cada um de nós tomar as próprias medidas, se se convencer de que não pode consumir muito nem por muito tempo, todos poremos saudavelmente um freio aos nossos desejos. Nada, porém, te será mais útil para manteres em tudo a justa medida do que meditares continuamente na brevidade e incerteza da vida. Faças o que fizeres, nunca deixes de pensar na morte!

CARTA 115

Não gosto de te ver, meu caro Lucílio, tão excessivamente preocupado com as palavras e o estilo: tenho coisas mais importantes com que te ocupar o espírito. Preocupa-te com a matéria a tratar, e não com o modo como escreves. E quando

te puseres a escrever fá-lo para pores em ordem as tuas ideias, para interiorizares bem os teus pensamentos e como que lhes apores a tua assinatura. Quando vires alguém com um estilo rebuscado e cheio de adornos podes ter a certeza de que a sua alma apenas se ocupa igualmente de bagatelas. Uma alma verdadeiramente grande é mais tranquila e senhora de si a falar, e em tudo quanto diz há mais firmeza do que preocupação estilística. Tu conheces bem os nossos jovens elegantes, com a barba e o cabelo todo aparado, que parecem acabadinhos de sair da fábrica! De tais criaturas nada terás a esperar de firme ou sólido. O estilo é o adorno da alma: se for demasiado penteado, maquilhado, artificial, em suma, só provará que a alma carece de sinceridade e tem em si algo que soa a falso. Não é coisa digna de homens o cuidado extremo com o vestuário! Se nos fosse dado observar "por dentro" a alma de um homem de bem — oh! que figura bela e venerável, que fulgor de magnificente tranquilidade nós contemplaríamos, que brilho não emitiriam a justiça, a coragem, a moderação e a prudência! E não só estas virtudes, mas ainda a frugalidade, o autodomínio, a paciência, a liberalidade, a gentileza e essa virtude, incrivelmente rara no homem, que é a humanidade — também estas fariam jorrar sobre a alma o seu sublime esplendor! E mais ainda, a presciência, o juízo crítico e, acima de todas, a magnanimidade — oh! deuses, quanta beleza, quanta severa dignidade não acrescentariam à figura, quanta autoridade e graça se não juntariam nela! Ninguém contemplaria tal figura sem a declarar tão digna de amor como de respeito. Se alguém pudesse contemplar um tal rosto — bem mais imponente e radioso do que é habitual encontrar-se entre os homens —, não é verdade que ficaria estupefacto como se tivesse encontrado uma divindade, e suplicaria em silêncio que lhe fosse dado admirá-la sem sacrilégio? E que depois, avançando atraído pela bondade desse rosto, se poria a adorá-lo com súplicas? E, após contemplar longamente essa face tão sublime, tão acima do que habitualmente nos é dado ver entre os homens, esses olhos com um brilho tão suave mas ao mesmo tempo tão ardente — acaso não sentiria vontade de, num misto de temor e de admiração, soltar a célebre, exclamação de Vergílio: "Que nome te hei-de dar, donzela? Não é de mortal o teu rosto, nem é humana a tua voz!... Sê favorável, ó desconhecida, e auxilia-me nos meus esforços!" Ela nos assistirá e auxiliará, se estivermos dispostos a prestar-lhes culto. Para tanto não se exige a hecatombe de vigorosos touros, nem a oferenda de ouro e prata ou a deposição de esmolas no tesouro do templo: ao seu culto basta a devoção e rectidão da vontade! Repito: se nos fosse possível contemplar uma tal imagem, ninguém conseguiria deixar de se inflamar de amor por ela! Na realidade, todavia, muitos obstáculos se nos interpõem e, ou nos cegam o olhar com claridade excessiva, ou no-lo mantêm na obscuridade. No entanto, assim como o uso de certos medicamentos pode tratar os nossos olhos e restituir-lhes a acuidade, também nós, se nos decidirmos a tratar as maleitas dos olhos da alma, seremos capazes de dar pela presença da virtude ainda que esta se esconda num corpo deformado, meio oculta pela miséria, sob a aparência falaz de uma humilde posição social.

Daremos, repito, pela sua imensa beleza mesmo que escondida atrás de um exterior desagradável. Inversamente, também poderemos aperceber-nos da perversidade e da sordidez de uma alma doente, mesmo que rodeada do brilho intenso de riquezas espectaculares, mesmo que fira a nossa vista a enganadora luz das honras ou do exercício do poder! Ser-nos-á dado assim compreender como é desprezível tudo aquilo que admiramos à maneira das crianças, que dão o maior valor a qualquer brinquedo, e até preferem um colarzito comprado por três moedas à companhia dos pais ou dos irmãos! Que diferença há entre nós e os miúdos senão, como diz Aríston, que as nossas brincadeiras — loucuras bem mais caras do que as deles! — são antes os quadros e as estátuas? As crianças ficam todas contentes quando encontram na praia alguns calhaus coloridos; nós preferimos enormes colunas variegadas, importadas das areias do Egipto ou dos desertos do Norte de África para a construção de algum pórtico ou de um salão de banquetes com capacidade para uma multidão. Olhamos com admiração paredes recobertas de placas de mármore, embora cientes do material que lá está por baixo. Iludimos os nossos próprios olhos: quando recobrimos os tectos a ouro o que fazemos senão deleitar-nos com uma mentira? Sabemos bem que por baixo desse ouro se oculta reles madeira! Mas não são só as paredes ou os tectos que se recobrem de uma ligeira camada: também a felicidade destes aparentes grandes da nossa sociedade é uma felicidade "dourada"! Observa atentamente, e verás a corrupção que se esconde sob essa leve capa de dignidade. Desde que o dinheiro (que tanto atrai a atenção de inúmeros magistrados e juízes e tantos mesmo promove a magistrados e juízes!...), desde que o dinheiro, digo, começou a merecer honras, a honra autêntica começou a perder terreno; alternadamente vendedores ou objectos postos à venda, habituamo-nos a perguntar pela quantidade, e não pela qualidade das coisas. Somos boas pessoas por interesse, somos bandidos por interesse, praticamos a moralidade enquanto dela esperamos tirar lucro, sempre prontos a inverter a marcha se pensamos que o crime pode ser mais rendível. Os nossos pais habituaram-nos a dar valor ao ouro e à prata, e a cupidez que assim nos foi instilada ganhou raízes e foi crescendo connosco. Toda a gente, ao fim e ao cabo tão díspar em tudo o mais, está de pleno acordo quanto ao "vil metal": só a ele aspira, só a ele deseja para os seus, e é ele a coisa mais preciosa que encontra para oferecer aos deuses em acção de graças! A moralidade pública degradou-se a tal ponto que a pobreza é objecto de maldição e causa de opróbrio, desprezada pelos ricos e odiosa aos pobres. Junte-se a isto os cantos dos poetas, que lançam mais lenha na fogueira das nossas paixões ao exaltar a riqueza como o único adorno capaz de embelezar a vida. No entender deles nada há de melhor que os deuses imortais possam prodigalizar ou possuir eles próprios. "O palácio do Sol elevava-se sobre sublimes colunas, radioso graças ao brilho do ouro." Vê agora a descrição do carro do Sol: "De ouro era o eixo, de ouro o timão, em ouro era o aro das rodas, e de prata eram feitos os seus raios." Pois se até chamam "idade de ouro" à época que descrevem como a melhor da História!... Nos trágicos gregos também não faltam personagens que

trocam por qualquer lucro a honradez, a saúde, a reputação. “Chamem-me o pior dos bandidos, desde que me chamem ‘rico’. Todos queremos saber se ele é rico, ninguém se é homem de bem. Não te perguntam porquê e donde vens, mas sim quanto possuis. Em todo o lado um homem só vale pelo que tem. De nenhum bem a posse me desonra. A falta de posses, sim! Se rico, quero viver, se pobre, opto pela morte. Bela é a morte daquele que morre a fazer dinheiro!” “Ó dinheiro, supremo bem da espécie humana, prazer superior à presença de mãe extremosa, ou de filhos, ou de pai digno e benfazejo! Se tão doce é o brilho do olhar de Vénus, justo é o amor que ela ateia entre deuses e homens!” º Quando se acabaram de ouvir estes versos de Eurípides, todo o público se ergueu num repelão, disposto a expulsar da cena o actor e a tragédia, e só não o fez porque Eurípides correu em pessoa à frente dos espectadores, pedindo-lhes que esperassem até ver o que sucedia a esse apaixonado pelo ouro! Na peça, de facto, Belerofonte sofria o castigo que todo o homem sofre no drama da sua vida. A avareza nunca passa sem castigo, embora o pior dos castigos seja a sua própria existência. Que quantidade de lágrimas e tormentos ela exige! Que angústias sofrem os avaros, ora pelos bens que ambicionam, ora pelos que já possuem! Junta a isto a ansiedade que diariamente atormenta cada um em função da riqueza que guarda. A posse do dinheiro causa mais torturas do que a sua conquista. Quantos gemidos o avaro solta ante qualquer prejuízo que, por grande que seja, ele imagina sempre maior! Para ele, ainda quando a fortuna em nada diminui as suas posses, a não obtenção de um lucro é olhada como um prejuízo. "Mas todas as pessoas lhe chamam 'homem feliz', 'homem rico' — e bem gostariam de ser donas de tantos bens como ele." É verdade! E depois? Pensas que pode haver situação pior para um homem do que sentir-se simultaneamente miserável e objecto de inveja? Oxalá os candidatos à riqueza começassem por ouvir a opinião dos ricos; oxalá os candidatos às honras começassem por ouvir os ambiciosos que já atingiram o topo da carreira. Entretanto, todos vão criticando as ambições passadas só para formar outras novas. Ninguém, de facto, se satisfaz com a própria prosperidade por muito rapidamente que a alcance; todos se lamentam dos seus projectos, do modo como as coisas lhes correm, e acham sempre que afinal estavam melhor anteriormente. Ora aqui está um serviço que a filosofia te pode prestar e que, a meu ver, é um bem inestimável: fazer com que nunca te lamentes do que és! Um bem-estar tão firme que tempestade nenhuma o pode abalar — não é à custa de sábias combinações de palavras e de perfeita fluência no discurso que o conseguirás. Deixa as palavras correr como lhes apetecer, desde que a tua alma mantenha sólida a sua estrutura; que ela seja elevada, se conserve ao abrigo das falsas opiniões e por isso mesmo aprecie aquilo que o vulgo detesta. Faz com que a tua alma julge dos seus progressos em função dos seus actos e avalie o próprio saber pelo seu grau de independência em relação aos desejos e ao medo.

CARTA 116

Tem-se debatido com frequência se é preferível ter paixões moderadas ou não ter paixão alguma. Nós, os estóicos, rejeitamo-las por completo, os peripatéticos limitam-se a moderá-las. Eu por mim não vejo como é que uma doença, por ligeira que seja, se pode considerar boa e útil para a saúde! Mas não tenhas receio: não te vou proibir formalmente nada do que tu julgas imprescindível. Vou mostrar-me tolerante e compreensivo em relação às tendências que tu consideras necessárias, úteis ou agradáveis à vida: limito-me a subtrair-te ao vício. Se te proíbo o desejo, concedo-te a vontade, e assim poderás fazer a mesma coisa sem receios, com uma decisão mais firme, e até apreciarás mais os próprios prazeres, pois ser-te-á mais fácil gozá-los se os dominares do que se fores seu escravo. "É próprio da natureza humana" — dizes tu — "sofrer intensamente com a perda de um amigo: deixa-me, portanto, chorar lágrimas tão merecidas. É natural também que a opinião pública nos afecte, e que nos sintamos tristes se formos mal julgados: porque não me concedes o direito, tão legítimo, de recear que façam mau juízo de mim?" Não há vício que se não esconda atrás de boas razões; a princípio, todos são aparentemente modestos e aceitáveis, só que a pouco e pouco vão-se expandindo. Não conseguirás pôr fim a um vício se deixares que ele se instale. Toda a paixão é ligeira de início; depois vai-se intensificando, e à medida que progride vai ganhando forças. É mais difícil libertarmo-nos de uma paixão do que impedir-lhe o acesso. Ninguém ignora que todas as paixões decorrem de uma tendência, por assim dizer, natural. A natureza confiou-nos a tarefa de cuidar de nós próprios, mas, se formos demasiado complacentes, o que era tendência torna-se vício. Aos actos necessários juntou a natureza o prazer, não para que fizéssemos deste a nossa finalidade mas apenas para nos tornar mais agradáveis aquelas coisas sem as quais é impossível a existência. Se o procuramos por si mesmo, caímos na libertinagem. Resistamos, portanto, às paixões quando elas se aproximam, já que, conforme disse, é mais fácil não as deixar entrar do que pô-las fora. "Não me proíbas" - dizes tu — "que em certa medida eu seja sensível à dor ou ao receio." Repara: essa "certa medida" há-de procurar alargar-se e subtrair-se aos limites impostos pela tua vontade. O sábio pode permitir-se o direito de descuidar um pouco a vigilância sobre si próprio, pois sabe pôr fim às lágrimas e aos prazeres sempre que o queira. Nós, porém, faremos melhor em não avançar na paixão, já que não nos será fácil retroceder. Parece-me muito correcta a resposta que Panécio deu um dia a um jovem quando este lhe perguntou se o sábio se podia permitir o amor. "Pelo que toca ao sábio" — disse — "mais tarde veremos. Eu e tu, que ainda estamos muito longe de ser sábios, é preferível não nos arriscarmos a uma situação incerta, incontrolável, que pode sujeitar-nos a uma vontade alheia e a envilecer-nos. Se o amor nos sorri, deixamo-nos excitar pelo seu bom acolhimento; se nos rejeita, irrita-nos a sua altivez. Quer se nos mostre fácil quer difícil, a paixão amorosa é sempre nociva: as facilidades atraem-nos, as resistências provocam-nos. Por isso mesmo deixemo-nos ficar

quietos, cônscios das nossas próprias fraquezas. Não entreguemos o nosso débil espírito ao vinho, à beleza, à adulação ou a qualquer outra paixão que insidiosamente nos solicite. " O mesmo que Panécio respondeu a uma questão sobre o amor, digo eu a respeito de todas as paixões em geral: afastemo-nos quanto possível dos terrenos movediços, já que até em terra firme nos aguentamos com dificuldade! Já te estou imaginando a atirar-me à cara a objecção que toda a gente costuma fazer aos estóicos: "Demasiado grandes são as vossas promessas, como demasiado duros são os vossos preceitos. Nós somos pessoas vulgares, e não podemos renunciar a tudo. Somos sensíveis à dor, com moderação; sentimos desejos, mas com peso e medida; somos atreitos à cólera, mas capazes de nos deixarmos aplacar." Sabes porque é que consideramos impossível dominarmo-nos a nós mesmos? Apenas porque não acreditamos sermos capazes de o fazer. Mas não só! Há mais um factor a ter em conta: nós defendemos os nossos vícios porque os amamos, e preferimos desculpá-los a livrarmo-nos deles! A natureza deu-nos energia suficiente. A questão está em aproveitá-la, em juntar todas as nossas forças e pô-las ao nosso serviço ou, pelo menos, em não as virar contra nós mesmos. A falta de forças não passa de pretexto; o que temos na realidade é falta de vontade!

CARTA 117

Preparas-me uma boa tarefa e, sem dares por isso, metes-me numa dolorosa controvérsia: levantas uma série de questões fúteis nas quais eu nem posso discordar da Escola sem trair o que lhe devo, nem concordar com ela sem trair a minha consciência! Perguntas-me se é verdadeira a tese estóica segundo a qual a "sabedoria" é um bem, mas "ser sábio" já o não é. Primeiro, irei expor-te a opinião dos estóicos; em seguida, atrever-me-ei a dizer o que eu penso. Dizem os nossos que tudo quanto é bem é um corpo, porquanto tudo quanto é bem age, e tudo quanto age é um corpo. Tudo quanto é bem é útil; logo importa que aja de algum modo, para poder ser útil; se age, é um corpo. Eles dizem que a "sabedoria" é um bem; são consequentemente obrigados a considerá-la como corpórea. Quanto a "ser sábio" entendem que não exige a mesma condição. Trata-se aqui de uma coisa incorpórea, de um acidente de outra coisa que é a "sabedoria". Assim sendo, "ser sábio" não tem qualquer acção nem utilidade. "Como é isso?" — objectar-se-á. — "Então nós não dizemos que ser sábio é um bem?" Dizemo-lo, mas em referência àquilo de que está dependente, ou seja, da "sabedoria" em si mesma. Ouve, primeiro, a resposta que outros deram a esta tese. Depois será a vez de eu definir a minha posição em relação à escola, e fixar a minha maneira de ver. Dizem alguns: "Por essa ordem de ideias, 'viver com felicidade' também não é um bem. Queiram ou não, os estóicos terão de admitir que uma 'vida feliz' é um bem, mas que viver com felicidade já não é um bem." E outra objecção se faz ainda à nossa Escola: "Vós pretendeis ser sábios; logo, 'ser sábio' é algo que devemos desejar; se uma coisa deve ser desejada, essa coisa é boa." Os nossos vêem-se assim obrigados a forçar as palavras e a meter

no verbo expetere (desejar) uma sílaba contrária ao génio da língua. Se não te importas, eu vou inserir essa sílaba. O argumento ficará assim: "É desejado (expetendum) aquilo que é um bem, é desejável (expetibile) aquilo que obtemos quando atingimos um bem. Esse algo não o procuramos como se fosse um bem, mas é um acréscimo ao bem que foi procurado." Eu não sou da mesma opinião; penso que os nossos se viram reduzidos a este artifício por estarem manietados pela sua proposição de base, que lhes não permite alterar a formulação. Costumamos dar bastante valor às opiniões universalmente partilhadas, e como demonstração da verdade recorremos à prova do consenso universal. É assim que se prova a existência dos deuses, entre outros argumentos, pelo facto de toda a gente possuir uma ideia acerca dos deuses e de não haver povo algum, onde quer que seja, tão fora das leis e hábitos comuns que não acredite nos deuses, de um modo ou de outro. Quando discutimos sobre a eternidade das almas, não é pouco o peso que atribuímos ao consenso universal, pelo qual a humanidade revela o temor ou o culto que presta ao mundo dos mortos. Mas não vou fazer como os gladiadores vencidos que apelam para a benevolência do público; vou, sim, contestar, servindo-me das nossas armas próprias. O acidente que afecta um certo ser existirá fora desse ser ou faz parte integrante dele? Se faz parte integrante dele, é tão corpo como o ser de que é acidente. De facto, não pode haver um acidente sem que haja contacto; tudo quanto faz contacto é um corpo, não pode haver um acidente sem que haja acção; tudo quanto age é um corpo. Se o acidente está fora do ser, então é porque se retirou depois de o ter afectado; ora, tudo o que se retira tem movimento, e tudo o que tem movimento é um corpo. Estás à espera que eu diga que "corrida" e "correr", "calor" e "estar quente", "luz" e "luzir" são uma e a mesma coisa! Não, eu admito que haja diferença entre os membros de cada par de conceitos, não admito é que sejam de diferente natureza. Se a saúde é indiferente, estar de boa saúde também é indiferente; se a beleza é indiferente, ser belo também o é. Se a justiça é um bem, ser justo é-o igualmente; se a imoralidade é um mal, também é mal ser imoral, da mesma maneira — por Hércules! — que, se as cataratas são um mal, também é um mal sofrer de cataratas! Em suma, nenhuma das duas coisas pode existir sem a outra: quem é sábio possui sabedoria; quem possui sabedoria é sábio. Não pode, por conseguinte, duvidar-se que tal como um dos termos for assim será o outro, o que leva alguns filósofos a pensar que ambos são uma e a mesma coisa. Gostaria ainda de colocar esta questão: uma vez que tudo é ou mal, ou bem, ou indiferente, em que categoria devemos incluir o "ser sábio"? Afirmam que não é um bem; mal não é, evidentemente; portanto deverá ser intermédio. Ora, nós consideramos como intermédios e indiferentes aqueles atributos que tanto afectam um indivíduo bom como um mau, por exemplo, a riqueza, a beleza, a nobreza. Ora este predicado — "ser sábio" — só pode pertencer a um indivíduo bom; logo, não é indiferente. Igualmente, não pode ser um mal, já que não pode pertencer a um indivíduo mau; logo, é um bem. É um bem aquilo que só um indivíduo bom pode possuir; a qualidade de "ser sábio" só

um indivíduo bom a pode possuir; logo, é um bem. Dizem que "ser sábio" é um acidente da "sabedoria". Mas isto a que se chama "ser sábio" é causa ou consequência da "sabedoria"? Quer seja causa quer seja consequência, em ambos os casos é um corpo, porquanto quer o que é causado quer o que causa é um corpo. Se é um corpo, então é um bem, já que a única coisa que o impedia de ser um bem era o facto de ser incorpóreo. Na opinião dos peripatéticos não existe qualquer diferença entre a "sabedoria" e o "ser sábio" porquanto cada um dos termos contém em si o outro. Ou será que não consideramos que "é sábio" apenas aquele que possui "sabedoria"? Poderemos pensar, porventura, que alguém "seja sábio" sem possuir "sabedoria"? Os antigos dialécticos distinguiram as duas noções, e foi deles que esta dicotomia chegou até aos estóicos. Vou dizer-te em que é que ela consiste. Uma coisa é "um campo", outra coisa é "possuir um campo". É evidente: "possuir um campo" é algo que respeita ao possuidor, não ao campo. Semelhantemente, uma coisa será a "sabedoria", outra coisa o "ser sábio". Admites, creio eu, que se trata de duas coisas distintas, uma coisa que é possuída e alguém que a possui: a "sabedoria" é possuída, aquele que "é sábio" possui. A sabedoria consiste num espírito perfeito, ou levado ao mais alto grau de elevação; é, numa palavra, a arte da vida. Em que consiste o "ser sábio"? Não posso dizer "um espírito perfeito", mas sim o estado em que se encontra aquele que possui um espírito perfeito. Uma coisa, pois, é um "espírito justo", outra, por assim dizer, é "possuir um espírito justo". Prosseguindo o seu raciocínio dizem eles: "Há várias espécies de corpos, como por exemplo 'um homem', 'um cavalo'; essas espécies são acompanhadas de movimentos da alma que nomeiam esses corpos. Tais movimentos têm algo de específico distinto dos corpos. Por exemplo: vejo Catão a passear; os sentidos mostram-me o facto, o meu espírito crê nele. Aquilo que eu vejo, aquilo a que apliquei os olhos e o espírito, é um corpo. Em seguida digo: Catão está passeando'. Ora, estas minhas palavras já não são um corpo, são a enunciação de algo acerca de um corpo, são aquilo a que uns chamam o 'falado' (effatum), outros o 'enunciado' (enuntiatum), outros o 'dito' (dictum). Assim, quando dizemos 'sabedoria' entendemos que nos referimos a algo de corpóreo; quando dizemos alguém é sábio estamos fazendo uma afirmação acerca de um corpo. Existe, portanto, uma grande diferença entre nomear um ser ou falar acerca de um ser." Imaginemos, por agora, que se trata de duas coisas diferentes (repara que ainda não estou expondo a minha opinião!): o que é que impede a segunda de ser diferente e de, não obstante, ser um bem? Dizia há pouco que uma coisa é um campo, outra é ter um campo. O que é óbvio: são de natureza diferente o possuidor e a coisa possuída, uma vez que esta é uma porção de terra e aquele é um homem. Mas no caso de que temos estado a tratar ambos os termos — aquele que possui sabedoria, e a sabedoria em si mesma — partilham de idêntica natureza. Além disso, no primeiro caso o objecto possuído e o possuidor são dois seres distintos; no segundo caso, coisa possuída e possuidor coexistem no mesmo ser. Um terreno é possuído à face da Lei, a sabedoria é-o por natureza;

aquele pode ser alienado, entregue a outro dono, esta nunca se aparta do seu possuidor. Consequentemente, não podemos pôr no mesmo plano duas situações tão distantes entre si. Eu tinha começado a dizer que se podia tratar de duas coisas sem que ambas deixassem por isso de ser boas; assim, a "sabedoria" e o "homem sábio" são duas coisas, e ambas se consideram como boas. Tal como nada impede que quer a "sabedoria" quer o "possuidor de sabedoria" sejam um bem, também nada impede que a "sabedoria" e o facto de "possuir sabedoria", ou seja, o "ser sábio", sejam um bem. Para que quero eu "possuir sabedoria"? Para "ser sábio"! Não será então um bem uma coisa sem a qual a outra também não poderia ser um bem? Vós mesmo dizeis, e bem, que não seria aceitável a "sabedoria" desligada da sua aplicação prática. Ora, em que consiste a aplicação prática da "sabedoria"? Em "ser sábio"; é isto o que há de mais importante naquela, tanto que, se esta não existisse, a primeira se tornaria uma coisa supérflua. Se a tortura é um mal, então ser torturado é também um mal ' porquanto aquela não pode ser julgada um mal caso se não verifique a situação que ela implica. A "sabedoria" consiste no estado próprio de um espírito perfeito; ora, como é possível não considerar um bem aquilo que, sem aplicação prática, não é um bem? Devemos tentar alcançar a "sabedoria"? A resposta é sim. Devemos procurar realizar praticamente a sabedoria? A resposta é sim. Tu não admitirias alcançar a sabedoria se te fosse proibido pô-la em prática. Aquilo que devemos tentar obter é um bem. O "ser sábio" consiste na aplicação prática da sabedoria, tal como o "discursar" ou o "ver" são a aplicação prática da "eloquência" ou da "visão". O "ser sábio", portanto, é a aplicação prática da "sabedoria", e a aplicação prática da sabedoria é algo que devemos realizar; devemos, pois, tentar "ser sábios"; e, se o devemos tentar, é porque é um bem. Já há tempo que me censuro a mim mesmo por, imitando aqueles a quem critico, gastar palavras a discutir uma questão evidente. Quem há, de facto, que possa duvidar de que, se o calor é um mal, também ter calor seja um mal, ou de que, se a vida é um bem, também viver seja um bem? Todas estas questões andam à volta da sabedoria, não consistem no seu cerne; ora, é com este que nós devemos preocupar-nos. E se, porventura, nos sabe bem divagar, há na sabedoria domínios muito mais vastos e profundos: investiguemos a natureza dos deuses, o princípio que alimenta os astros, os percursos tão diversos percorridos pelas estrelas; investiguemos se os seus movimentos determinam o curso da nossa vida, se é delas que provém a energia que anima todos os corpos e todas as almas, se os fenómenos que consideramos casuais estão afinal em obediência a alguma lei e se, portanto, no universo nada se produz por acaso e fora de uma ordem determinada. Tais questões, embora já não digam respeito à formação do carácter, elevam o espírito, alçam-no à grandeza das próprias questões que investiga; os problemas de que há pouco discutia, pelo contrário, rebaixam-no, deprimem-no e, ao invés do que julgais, não o exercitam, antes o debilitam. Reparai bem: é justo desperdiçar a atenção que deveríamos dar aos assuntos mais importantes e sublimes com estas questões, não direi falsas, mas, sem

dúvida alguma, inúteis? O que ganho eu em saber se "sabedoria" e "ser sábio" são ou não duas coisas distintas? Que me adianta saber que a primeira é um bem, mas a segunda não o é? Façamos uma loucura, tiremos as duas coisas à sorte: tu ficarás com a "sabedoria", a mim caber-me-á "ser sábio". Resultado: um empate! Mais útil será então indicar-me a via pela qual atinjo um ou outro objectivo. Diz-me o que eu devo evitar, o que devo procurar, quais os estudos que darão forças às debilidades do meu espírito, de que modo poderei repelir para longe os impulsos que se me atravessam na frente e tentam arrastar-me, de que modo poderei fazer frente a tantos males, de que modo poderei obviar às desgraças que se abateram sobre mim, ou àquelas em que eu próprio me deixei cair. Ensina-me a suportar a adversidade sem gemer ou a felicidade sem causar gemidos ao próximo; ensina-me a não aguardar o último e inevitável mal, mas sim a buscá-lo eu mesmo quando me parecer oportuno. Nada me parece mais imoral do que desejar a morte, pois, se tu queres viver, para quê desejares morrer? E se o não queres, para quê pedir aos deuses o que eles te concederam logo ao nascer? Que hás-de morrer um dia, ainda que o não queiras, é o que tens de mais certo; e se o quiseres, está na tua mão fazê-lo. A primeira hipótese é inevitável, a segunda facultativa. Li um dia destes no prólogo de um autor aliás de mérito, esta frase repugnante: "Oxalá eu morra quanto antes!". Insensato homem: não desejas mais do que a tua sorte! "Oxalá eu morra quanto antes!" Talvez ao dizer estas palavras tenha chegado a velho de chofre!... De outro modo, o que te detém? Ninguém te impede: sai desta vida como te aprouver, escolhe o local da natureza que eleges para porta de saída. Estou-me referindo aos elementos de que se compõe o universo — água, terra, ar; qualquer deles, tal como é condição necessária à vida, assim é caminho seguro para a morte. "Oxalá eu morra quanto antes!" Que entendes tu por "quanto antes"? Qual o dia que escolhes? Pode ser que o alcances mais cedo do que tu contas. Palavras destas denunciam um espírito débil que pretende suscitar pena, mostrando-se assim cansado da vida. Quem chama pela morte é porque não quer morrer! Pede aos deuses que te dêem vida e saúde; e se preferes morrer, a morte tem pelo menos a vantagem de pôr cobro aos desejos. São estes, caro Lucílio, os problemas em que devemos meditar para robustecer o nosso espírito. Nisto consiste a "sabedoria", nisto o "ser sábio", e não em desperdiçar inúteis subtilezas com problemas ocos e fúteis. Então a fortuna coloca diante de ti tantas questões que ainda não resolveste e tu metes-te em casuísticas? Que estupidez esgrimir no vazio quando já se ouviu o sinal da batalha! Põe de lado essas armas de brinquedo, é altura de usares armas a sério! Diz-me como conseguir que nem tristezas nem receios me perturbem o ânimo, de que modo poderei alijar esta carga de secretos desejos. É preciso agir! "A sabedoria é um bem, ser sábio não é um bem": discutir isto é fazer com que não nos tomem por sábios, é expor ao ridículo todos os nossos estudos como se não passassem de especulações vazias. Demos por resolvida esta, e ponhamos outra questão: será que a sabedoria ainda não atingida é um bem? Pergunto-te eu: é ou não óbvio que os celeiros não sentem ainda a carga das futuras

colheitas, ou que as crianças, por fortes e vigorosas que sejam, não têm ainda a noção da sua futura adolescência? O doente, enquanto doente, em nada beneficia da saúde que há-de recuperar, tal como um corredor ou um lutador não se retemperam graças ao descanso que só obterão muitos meses depois. Quem ignora que uma coisa futura não pode ser um bem pelo próprio facto de ainda estar para vir? Uma coisa que seja um bem é de utilidade imediata; e para uma coisa ter utilidade é preciso que já exista. Se não tem utilidade, não é um bem; se tem utilidade, então já existe. Eu hei-de ser sábio um dia; quando o for, isso será um bem; entretanto, não. Qualquer coisa deve primeiro existir, em seguida virá a sua qualidade. De que modo, pergunto eu, pode ser um bem aquilo que não existe ainda? Que melhor prova te posso dar de que uma coisa não existe do que dizer "ela há-de existir"? Aquilo que há-de vir é evidente que ainda não veio. A Primavera há-de aparecer; eu sei, contudo, que neste momento é Inverno. O Verão há-de aparecer; eu sei, contudo, que não estamos no Verão. A melhor prova que eu encontro para a não existência de alguma coisa é o facto de ela ser futura. Hei-de ser sábio, assim o espero, mas entretanto não sou sábio; se conseguisse obter aquele bem, ficaria livre deste mal. Há-de acontecer que eu seja sábio: daqui não te é lícito concluir desde já que sou um sábio. Não posso simultaneamente encontrar-me na posse desse bem futuro e deste mal presente; estes dois estados não coexistem, o mal e o bem não podem ao mesmo tempo encontrar-se no mesmo indivíduo. Deixemos estas engenhosíssimas frioleiras e abordemos com vigor aqueles temas que nos serão de utilidade na vida. Um homem que vai, preocupado, buscar a parteira para a filha já com as dores não fica parado a ler as informações oficiais ou o programa dos jogos; um homem que corre para a sua casa em chamas não fica a olhar o tabuleiro das damas, a ver como se liberta uma peça bloqueada. Ora a ti, ó céus!, de todo o lado te chegam notícias alarmantes: a casa a arder, os filhos em perigo, a tua terra atacada, os teus bens saqueados! Junta ainda os naufrágios, os tremores de terra, tudo o mais que nos pode afligir. E tu, dilacerado por estas calamidades, gastas o tempo com meros prazeres do espírito!... Preocupa-te a diferença que há entre a "sabedoria" e o "ser sábio"... Colocas e resolves problemas de dialéctica, enquanto uma tal avalancha se precipita sobre ti! A natureza não foi tão generosa e pródiga no tempo que nos deu a ponto de nos permitir desperdiçá-lo. Vê como mesmo as pessoas mais metódicas perdem imenso tempo: uma parte gasta-se nos cuidados com a saúde, própria ou dos familiares; outra vai-se em actividades particulares ou públicas; metade da nossa vida é entregue ao sono. E, deste tempo tão limitado e veloz que nos devora, havemos nós de gastar a maior parte em pura perda?! Nota ainda que facilmente o nosso espírito se habitua a procurar um prazer, e não uma cura, ou seja, a fazer da filosofia uma distracção, quando ela é uma terapêutica. Não sei qual seja a diferença entre "sabedoria" e "ser sábio": sei é que me é indiferente sabê-lo ou ignorá-lo. Diz-me: quando ficar a saber a distinção entre "sabedoria" e "ser sábio", passarei a ser sábio? Porquê então enredar-me entre os termos da sabedoria de preferência aos seus actos?

Faz com que eu seja mais forte, mais seguro, coloca-me à altura do destino, ou acima dele: Poderei estar acima do destino se encaminhar para esse fim todos os meus estudos.

LIVRO XX

Cartas 118-124

CARTA 118

Exiges-me que aumente o ritmo das minhas cartas. Façamos as contas: verás que não estou em dívida para contigo. Tinha ficado acordado entre nós que as tuas cartas precederiam as minhas, ou seja, tu escrevias-me e eu respondia. Apesar disto não vou fazer-me difícil, pois sei que serás um devedor de confiança! Cá estou então a escrever-te, antecipadamente, mas sem fazer o que Cícero, esse mestre da eloquência, pedia a Ático que fizesse: que, mesmo sem ter assunto, escrevesse o que lhe viesse à ideia. Comigo nunca haverá falta de matéria a desenvolver. Já sem falar daqueles temas que preenchem as cartas de Cícero: qual o candidato em campanha eleitoral; quem se apresenta como candidato de um grupo, e quem o faz contando apenas consigo mesmo; quem procura aceder ao consulado com esperança no auxílio de César, quem se apoia em Pompeio, quem se fia no poder da corrupção; até que ponto Cecílio é um agiota implacável, ele, a quem nem os parentes conseguem arrancar uma moeda por menos de doze por cento de juro! É mais importante cuidar dos nossos próprios males que dos alheios: analisarmo-nos com o maior empenho, verificarmos a quantas situações somos candidatos... e não nos deixarmos eleger! Isto, meu caro Lucílio, é que se chama proceder com nobreza, agir com segurança e liberdade: nada pedirmos para nós, atravessar incólumes todos os comícios da fortuna! Quando, convocadas todas as tribos, os candidatos, cada um por seu lado, se angustiam com o resultado das eleições — um vai prometendo directamente dinheiro aos eventuais votantes, outro faz o mesmo por intermédio de um testa-de-ferro, outro cobre de beijos as mãos daqueles mesmos a quem, caso seja eleito, não consentirá que lhe apertem a mão, mas todos aguardam com ansiedade a proclamação oficial dos resultados —, já imaginaste como é delicioso ficar à margem a observar toda essa negociata, sem pretender comprar ou vender nada? Maior, muito maior satisfação ainda terá quem não observar à distância apenas os comícios pretoriais ou consulares, mas também esses outros, bem mais importantes, em que todos os homens se dirigem à fortuna com pedidos: um quer a honraria anual de uma magistratura, outro uma forma vitalícia de poder, outro o sucesso na guerra e o consequente triunfo, outro a riqueza, outro um casamento e filhos, outro a saúde para si e para os seus! Só

uma grande alma será capaz de nada pedir, de nada implorar, de, pelo contrário, dizer: "Nada me interessas, Fortuna! Estou fora do teu alcance. Sei bem como tu repeles os Catões e exaltas os Vatínios! Nada peço para mim." Chama-se a isto cortar pela base o poder da Fortuna. Aqui tens o que posso dizer-te constantemente, a matéria que poderei estar sempre a debater, pois ambos vemos à nossa roda inúmeros milhares de pessoas inquietas que, a fim de obterem algo de altamente nocivo, andam com perseverança a praticar o mal, sempre à procura de coisas que logo a seguir deixam de lhes interessar, ou mesmo as enchem de repulsa! Já viste alguém contentar-se com uma coisa que, antes de a obter, lhe parecia mais que suficiente? A felicidade, ao contrário da opinião corrente, não é ambiciosa, mas sim modesta, e por isso mesmo nunca sacia ninguém. Tu pensas que aquilo que satisfaz o vulgo é elevado porque ainda estás longe da perfeição estóica; para quem a alcançou, tudo isso é absolutamente rasteiro! Minto: para quem começou a subir até esse nível, pois o ponto que tu pensas ser já o mais alto não passa de um degrau. Toda a gente é infelizmente confundida pela ignorância da verdade. Enganada pela opinião vulgar, procura como se fossem bens certas coisas que, depois de muito penar para as conseguir, verifica serem nocivas, inúteis ou inferiores ao que esperava. A maior parte das pessoas sente admiração por coisas que só ao fim de algum tempo se revelam ilusórias; e assim é que o vulgo toma por bom o que apenas parece grande. Para que o mesmo nos não suceda a nós, vamos investigar o que é o bem. As concepções sobre o bem são diversas, como diversas são as definições que cada filósofo dele dá. Alguns definem-no dizendo que "o bem é aquilo que alicia as almas, que as atrai até si". A isto objectaremos desde logo: e se atrai, sim, mas para a desgraça? Sabes bem como muitos males são sedutores. Há uma grande diferença entre a verdade e a aparência da verdade. Por isso mesmo o bem é indissociável da verdade, pois não pode ser boa uma coisa não verdadeira. Mas aquilo que atrai insidiosamente até si tem somente a aparência de verdade: insinua-se, seduz, alicia. Outros pensadores propuseram esta definição: "O bem é tudo quanto desperta a vontade de si mesmo, que provoca um movimento da alma na sua direcção". Também aqui temos uma objecção a fazer: há muitas coisas que provocam um movimento da alma mas que, tornando-se apetecíveis, redundam em detrimento de quem as apetece. Parece-me assaz melhor esta outra definição: "O bem é aquilo que desperta na alma um movimento na sua direcção conforme à natureza e que só devemos procurar obter quando começa a tornar-se merecedor desse empenho". Isto é, quando já acedeu à categoria de bem moral; o bem moral, com efeito, é aquilo que é totalmente desejável. Não quero deixar passar o ensejo de indicar a diferença entre o bem em geral e o bem moral. Ambas as noções têm algo de comum e mesmo indissociável: nada pode ser considerado um bem se não tiver uma parcela de bem moral, e o bem moral é indiscutivelmente um bem. Qual é então a distinção entre as duas categorias? O bem moral é o bem absoluto, no qual se realiza totalmente a felicidade, e graças ao contacto dele todas as outras coisas se podem tornar formas de bem.

Exemplificando: há coisas que em si nem são boas nem são más, tais como o serviço militar, a carreira diplomática, a jurisprudência. Se estas tarefas forem realizadas conformemente ao bem moral, começam a tornar-se bens e passam, de indiferentes, para a categoria do bem. O bem, em geral, depende de estar ou não associado ao bem moral; o bem moral é em si mesmo o bem; o bem em geral está dependente do bem moral, enquanto o bem moral depende apenas de si. Tudo quanto é simplesmente um bem poderia ter sido um mal; o bem moral, pelo contrário, nunca poderia deixar de ter sido um bem. Ainda outros filósofos propuseram esta definição: "Um bem é tudo aquilo que é conforme à natureza". Repara com atenção no que estou dizendo: tudo quanto é bom é conforme à natureza; mas isto não implica que tudo o que é conforme à natureza seja um bem. Há muita coisa conforme à natureza, mas tão insignificante que nem chega a merecer o nome de bem; coisas ligeiras, em suma, irrelevantes. Ora, um bem não pode ser diminuto e irrelevante, pois enquanto for diminuto não chega a ser um bem, e quando começa a ser um bem cessa de ser insignificante. Por que critério se reconhece um bem? Quando é conforme à natureza de uma maneira absoluta. "Tu dizes que todo o bem é conforme à natureza, pois tal é a sua propriedade. Dizes depois que há certas coisas conformes à natureza que não são bens. Mas porquê, afinal, é que aquele é um bem e estas outras coisas não o são? Se um e outras participam de um traço fundamental comum — o serem conformes à natureza — de que modo é que aquele adquire uma propriedade que estas não possuem?" Graças à sua própria magnitude. Não te dou novidade alguma se disser que há coisas que, ao crescer, se transmutam. À medida que um ser humano vai evoluindo, de recém-nascido até ao estado adulto, dá-se uma alteração nas suas propriedades: começou por ser irracional, depois torna-se racional. Com o crescimento, certas coisas não mudam apenas de tamanho, mudam também de natureza. Vais objectar-me que "uma coisa não se torna diferente por se tornar maior. Quer enchas de vinho uma garrafa ou um barril, o resultado é o mesmo: em ambos os recipientes as propriedades do vinho são as mesmas. Também o sabor de um bocadinho de mel é o mesmo que o de uma grande quantidade." Esses exemplos não são pertinentes: no vinho ou no mel há uma qualidade que permanece idêntica e que não se altera se aumentarmos a quantidade. Coisas há que, embora aumentando em quantidade, conservam a sua espécie e as suas propriedades; em outras, após muitos acrescentos, surge mais um acrescento final que as transforma e dá ao conjunto um carácter diferente do que tivera até então. Um arco de abóbada depende de uma só pedra: aquela que se introduz como cunha no meio das arcadas laterais e, pelo seu próprio peso, as mantém em posição. Por que motivo esse último acrescento, embora quantitativamente diminuto, assume um papel tão decisivo? Porque faz algo mais do que aumentar a quantidade: traz a plenitude. Durante o processo há coisas que perdem a forma antiga e revestem uma nova. Quando o nosso espírito dilata qualquer coisa interminavelmente, e acaba por cansar-se com as proporções que o defrontam, começa a dizer que está ante uma coisa infinita; ou

seja, uma coisa que a princípio parecia grande, sim, mas finita, reveste um aspecto muito diferente do que primitivamente tivera. Também pode acontecer que nós queiramos cortar um objecto e a empresa se revele difícil; por fim, e à medida que as dificuldades crescem, verifica-se que o objecto é indivisível. Semelhantemente, também passamos de um movimento lento e quase imperceptível até à imobilidade. De uma forma idêntica, há algo que é conforme à natureza: aumentando de proporções, acaba por assumir outras propriedades, e transforma-se em bem.

CARTA 119

Sempre que descubro algo de interessante não fico à espera que tu me digas: "toca a partilhar"! Eu mesmo me encarrego de o fazer. Queres saber o que descobri desta vez? Podes abrir a bolsa, é uma simples questão de lucro. Vou ensinar-te como poderás tornar-te rico num abrir e fechar de olhos. Como ficaste desejoso de ouvir a lição! E fazes bem: vou levar-te ao maior dos tesouros pelo caminho mais curto. Vais, no entanto, necessitar de um credor: se queres dedicar-te ao negócio, terás de pedir dinheiro emprestado. Eu não pretendo, porém, que o faças por intermédio de um fiador, nem que o teu nome ande aí na boca dos prestamistas. Vou pôr à tua disposição aquele credor que Catão recomenda: nunca peças emprestado senão a ti próprio! Por pouco que seja, se pedirmos a nós mesmos aquilo que nos falta, esse pouco será suficiente. Não há qualquer diferença, Lucílio amigo, entre carecer de desejos ou ter muitas posses: em ambos os casos o essencial da questão está em não sentirmos angústias. Eu não te recomendo que recuses a ti próprio as necessidades naturais, até porque a natureza é obstinada, e tem exigências impossíveis de não satisfazer. Recomendo-te, sim, é que te convenças do carácter precário e não imprescindível de tudo quanto excede as necessidades naturais. Por exemplo, se temos fome precisamos de comer. Mas que comamos pão de segunda ou pão de qualidade extra, isso já não tem a ver com a natureza, que apenas exige de nós que enchamos o estômago sem cuidar de requintes. Se estamos com sede também não importa nada à natureza que vamos buscar água ao tanque mais próximo ou que, pelo contrário, a guardemos num reservatório rodeado de neve para a mantermos artificialmente fresca. A natureza apenas reclama que matemos a sede. Que bebamos por um copo em ouro, em cristal ou em mirra, ou por um púcaro de Tíbur, ou pela concha das mãos — tudo isso é irrelevante. Toma em consideração a finalidade última de cada coisa, e assim evitarás o supérfluo. Estou cheio de fome: pois bem, estendo a mão para o alimento mais próximo, e a própria fome servirá de condimento àquilo que eu levar à boca. Quem está esfomeado não se faz esquisito! Imagino que estás ansioso por saber qual a ideia que neste momento faz as minhas delícias. É esta máxima, que, do meu ponto de vista, é excelente: "O sábio é o mais enérgico pesquisador das riquezas naturais". "Vens banquetear-me com uma travessa vazia?" — dirás. — "Queres ludibriar-me? Eu já estava com os cofres abertos, já me punha a pensar

em que mares me aventuraria a negociar, de que impostos do Estado me faria arrendatário, que mercadorias me dedicaria a importar! Prometes-me riquezas, e ensinas-me a aceitar a pobreza: isso é querer intrujar-me!" Queres tu dizer que chamas pobre a um homem a quem nada falta? "Ora! A quem nada falta devido à sua extrema capacidade de renúncia, e não graças aos benefícios da fortuna!" Por outras palavras: tu não consideras rico um tal homem apenas porque as suas riquezas são, por natureza, ilimitadas? O que achas tu preferível: ter muito, ou ter o suficiente? Quem muito tem, mais deseja, o que só prova que ainda não tem o suficiente; quem tem o suficiente consegue qualquer coisa que um rico nunca atinge: o termo dos seus desejos. Não consideras isto uma riqueza só porque, por sua causa, nunca ninguém foi proscrito? Porque, por sua causa, nunca um filho envenenou o pai nem uma mulher o marido? Porque em tempo de guerra permanece em segurança mas em tempo de paz não dá juros? Porque não é arriscado possuí-la nem trabalhoso administrá-la? "Acho que é ter poucas posses limitar-se a não sentir frio, nem fome, nem sede!" Júpiter não possui mais do que isso! O que é suficiente nunca é pouco, tal como nunca é muito o que é insuficiente. Depois de vencer Dario e conquistar a Índia, Alexandre continua pobre. Estou a mentir? Ele continuou à procura de mais terra a conquistar; aventurou-se por mares desconhecidos, lançou novas armadas pelos oceanos fora e, por assim dizer, despedaçou as barreiras do mundo. O que basta à natureza foi insuficiente para este homem! Descobriu-se alguém que, depois de ter tudo, ainda ambicionasse mais: tal é a cegueira da mente humana, tanto os homens, à medida que vão avançando, se esquecem dos seus primeiros passos! Este homem, ainda há pouco senhor contestado de um insignificante território, atinge os confins da terra e entristece-se por ter de regressar pelo mesmo caminho! O dinheiro nunca fez a riqueza de ninguém, pelo contrário, só faz com que cada um deseje ainda mais do que já tem. E sabes tu qual a causa deste fenómeno? É que quanto mais dinheiro se tem mais fácil se torna multiplicar esses capitais. Em conclusão: vai buscar, à tua escolha, qualquer desses homens cujo nome se cita a par dos de Crasso ou de Lícino; ele que traga os seus livros de contas, e faça o cálculo do capital que já possui e também do que espera vir a obter. Se confias na minha opinião, tal homem é pobre; se preferes seguir a tua, poderá vir a ser pobre um dia. Em contrapartida, um homem que se adapte às estritas exigências da natureza não só se não sente pobre como nem sequer receia a pobreza. E, para que saibas até que ponto é difícil limitarmos os nossos bens ao estritamente natural, digo-te que até o sábio — que acabámos de reduzir ao mínimo indispensável e que, por isso, tu achas ser pobre! — possui algo de supérfluo. A generalidade das pessoas, porém, deixa-se cegar e fascinar pela riqueza material — sempre que vê alguma casa despender enorme quantidade de numerário, recobrir-se de ouro até ao tecto ou dispor de um grupo de escravos seleccionados pela presteza física ou notáveis pela apresentação. A felicidade de toda esta gente está totalmente virada para o exterior, ao passo que a beatitude do sábio — eximido por nós aos olhares do público e aos acasos da fortuna — é

exclusivamente interior. Pelo que respeita àqueles que, sob o falso nome de riqueza, se dedicam às ocupações sem fim de uma real miséria, esses são possuidores de riquezas no mesmo sentido em que nós dizemos ter febre quando, na realidade, a febre é que nos tem a nós! Também costumamos usar a expressão inversa, dizendo: "A febre apoderou-se dele"; pois bem, deveríamos dizer igualmente: "As riquezas apoderaram-se dele"! Nenhum conselho me parece mais útil para te dar do que este (e que nunca é demais repetir!): limita sempre tudo aos desejos naturais que tu podes satisfazer com pouca ou nenhuma despesa, evitando, contudo, confundir vícios com desejos. Porventura te interessa saber em que tipo de mesa, em que baixela de prata te é servida a refeição, ou se os escravos te servem com bom ritmo e solicitude? A natureza só necessita de uma coisa: a comida. "Acaso, quando a sede te queima a boca, vais buscar copos de ouro? Se tens fome recusas tudo que não seja pavão ou rodovalho?" A fome dispensa pretensões, apenas reclama ser saciada, sem cuidar grandemente com quê. O triste prazer da gula vive atormentado na ânsia de continuar com vontade de comer mesmo quando saciado, de buscar o modo como atulhar, e não apenas encher o estômago, de achar maneira de excitar a sede extinta logo à primeira golada! Tem, por isso toda a razão Horácio quando diz que a sede não se interessa pela espécie de copo ou pela elegância da mão que o serve. Se achas que têm para ti muita importância os cabelos encaracolados do escravo, ou a transparência do copo que te põe à frente, é porque não estás com sede. Entre outros benefícios que devemos à natureza conta-se este, e fundamental, de prover sem artifícios a quanto nos é indispensável. Apenas no que é supérfluo nos podemos permitir a escolha, recusando isto ou aquilo como "pouco bonito", "pouco requintado" ou "desagradável à vista"! A preocupação do criador do universo ao determinar as leis da nossa existência foi a nossa saúde, não os hábitos sofisticados; e enquanto o indispensável à saúde se encontra à nossa total disposição, os requintes do luxo só os podemos obter a troco de penas e angústias. Tiremos, portanto, partido deste inestimável benefício que devemos à natureza; pensemos que a nenhum outro título ela merece mais a nossa gratidão do que por nos facultar o uso sem repugnância de quanto podemos naturalmente desejar!

CARTA 120

Na tua carta, depois de teres divagado por várias questões menores, acabaste por fixar-te numa que desejas ver tratada por completo: como é que nós adquirimos as noções de bem e de moral. Em outros pensadores estas duas noções são distintas; para nós, estóicos, são apenas aspectos de uma realidade única. Já me explico melhor. Consideram alguns como "bem" tudo aquilo que é útil, e, consequentemente, chamam "bem" à riqueza, aos cavalos, ao vinho ou ao calçado — de tal modo está aviltada neles a ideia de bem que até a fazem descer a estas coisas mesquinhas! Por "moralidade" entendem a noção teórica dos deveres imperativos, tais como cuidar religiosamente do pai na velhice, ajudar

um amigo na miséria, mostrar coragem numa expedição militar, exprimir opiniões com prudência e moderação. Para nós, como disse, aquelas duas noções são formas de uma só realidade. Nada é um bem se não for conforme à moral; tudo quanto é conforme à moral é necessariamente um bem. Penso que será dispensável acrescentar qual a diferença entre ambas as noções, pois já muitas vezes me pronunciei sobre o assunto. Acrescentarei somente este ponto: nós nunca tomamos como um bem qualquer coisa que possa ser usada para o mal. Ora tu bem vês a quantidade de gente que usa para o mal a riqueza, a posição social, a força física! Vamos lá, então, ao problema sobre o qual me pedes que te fale, ou seja, como é que nós adquirimos a primeira noção de "bem" e de "moral". A natureza não nos podia ter dado estas noções: ela apenas nos proporcionou as condições para a ciência, e não a própria ciência. Alguns dizem que nós "tropeçámos" nessa noção — o que é absolutamente incrível, imaginar que a visão da virtude foi ao encontro de alguém por puro acaso! Em nossa opinião, foi a observação e a comparação de diversos fenómenos que nos levou à conclusão; na nossa escola, entendemos que se chegou aos conceitos de "moral" e de "bem" por meio da analogia. Já que os gramáticos latinos deram direito de cidade a este termo de "analogia", entendo que o não devemos proscrever, mas sim usá-lo de pleno direito. Empregá-lo-ei, portanto, não já como um vocábulo de importação, mas sim como palavra de uso corrente. Vejamos agora em que consiste neste caso a analogia. Nós demo-nos conta da saúde do corpo: a partir daí, deduzimos a saúde da alma. Demo-nos conta de uma certa força do corpo: a partir daí deduzimos a existência de uma energia da alma. Por vezes contemplámos com admiração certos actos de bondade, de humanidade, de coragem, e começámos a apreciar tais actos como modelares. Por vezes, nesses actos introduziam-se elementos condenáveis que, todavia, se mantinham escondidos sob o aspecto fulgurante de um gesto excepcional: habituámo-nos a disfarçá-los. A natureza leva-nos a exagerar o que merece louvores e toda a gente, ao exaltar a glória de alguém, ultrapassa sempre a verdade: foi assim, contudo, que criámos a imagem de um bem inexcedível. Fabrício rejeitou o ouro de Pirro na convicção de que ser capaz de desprezar as riquezas de um rei vale mais do que ter um reino. O mesmo Fabrício, quando o médico de Pirro se lhe ofereceu para envenenar o rei, mandou prevenir Pirro contra a traição que se preparava. A mesma alma foi capaz de se não deixar vencer pelo ouro nem de querer vencer pelo veneno. Sentimo-nos cheios de admiração por este grande homem que se não deixou aliciar nem pelas promessas do rei nem pelas dos traidores ao rei, firme no seu apego ao ideal do bem, e mesmo em plena guerra conservando as mãos limpas — coisa bem difícil de conseguir! -; este homem que acreditava não ser possível fazer certas coisas sem sacrilégio até mesmo a um inimigo, e que, conservando a mais severa pobreza — seu título de glória! —, recusou com o mesmo espírito tanto o ouro como o veneno. "Vive graças a mim, Pirro", — dizia ele — "aproveita agora do que não há muito te aborrecia: Fabrício não se deixa corromper!" Horácio Cocles ocupou sozinho a entrada

estreita da ponte e ordenou que a mesma fosse destruída para impedir o caminho ao inimigo, embora assim ficasse com a retirada cortada; entretanto, foi resistindo a todos os ataques até se ouvir o madeiramento da ponte ruir com fragor. Olhou então para trás e, vendo que com perigo da vida livrara do perigo a pátria, gritou: "Quem quiser que venha atrás de mim!", e atirou-se de cabeça ao rio, lutando na corrente com tanto denodo para salvar as armas como para salvar a vida. Recoberto gloriosamente das suas armas vitoriosas, voltou a Roma tão seguro de si como se tivesse vindo pela ponte! São actos como estes que nos fazem conceber o que seja a virtude. Vou acrescentar uma observação que poderá talvez parecer estranha: por vezes, um mal real apresenta o aspecto de bem moral, e igualmente a perfeição moral evidencia-se sob um aspecto diametralmente oposto. Como sabes, há vícios que estão muito próximo da virtude e, mesmo em indivíduos completamente destituídos de escrúpulos, pode notar-se uma certa afinidade com o bem: por exemplo, o esbanjamento pode passar por generosidade, apesar da enorme diferença que há entre saber dar e não saber conservar. Muitos homens há, Lucílio, digo-te eu, que, mais do que dar, apenas dissipam, pois eu não considero generoso quem desbarata os seus próprios bens. A indiferença pode passar por amabilidade, e a inconsciência por coragem. É esta afinidade que nos obriga a tomar atenção e a bem distinguir comportamentos semelhantes na aparência mas imensamente distintos na realidade. Ao observarmos homens que se notabilizaram por alguma acção fora do comum, começamos a reparar que um deles, por exemplo, realizou algo com grande entusiasmo e força de carácter — mas que isso foi uma acção isolada. Vemos um outro ser corajoso na guerra mas cobarde no foro, suportar com dignidade a pobreza mas rebaixar-se ante as más-línguas. Em tal situação enaltecemos o acto, mas desprezamos o homem. Em contrapartida, vemos um outro mostrar-se generoso para com os amigos e tolerante para com os inimigos, tratando com a mais completa isenção os assuntos do Estado e os seus próprios, e mostrando-se tão capaz de aguentar os pesados encargos impostos como de revelar capacidade para agir no momento oportuno. Vimo-lo também distribuir dádivas a mãos ambas quando era necessário concedê-las, vimo-lo mostrar inabalável persistência, suprindo com força de ânimo o cansaço físico, quando dele se exigia um esforço prolongado. Além disso conservava-se em todos os seus actos sempre igual a si mesmo, homem bom não por cálculo mas por o seu carácter o levar não só a ser capaz de agir segundo o bem mas, mais do que isso, a ser incapaz de agir sem ser segundo o bem. Num tal homem verificamos a existência da virtude levada à perfeição. A virtude subdivide-se em quatro aspectos: refrear os desejos, dominar o medo, tomar as decisões adequadas, dar a cada um o que lhe é devido Concebemos assim as noções de temperança, de coragem, de prudência e de justiça, cada qual comportando os seus deveres específicos. A partir de quê, então, concebemos nós a virtude? O que no-la revela é a ordem por ela própria estabelecida, o decoro, a firmeza de princípios, a total harmonia de todos os seus actos, a grandeza que a eleva acima de todas as

contingências. A partir daqui concebemos o ideal de uma vida feliz, fluindo segundo um curso inalterável, com total domínio sobre si mesma. E como é que este ideal aparece aos nossos olhos? Vou dizer-te. O homem perfeito, possuidor da virtude, nunca se queixa da fortuna, nunca aceita os acontecimentos de mau humor, pelo contrário, convicto de ser um cidadão do universo, um soldado pronto a tudo, aceita as dificuldades como uma missão que lhes é confiada. Não se revolta ante as desgraças como se elas fossem um mal originado pelo azar, mas como uma tarefa de que ele é encarregado. "Suceda o que suceder", — diz ele — "o caso é comigo; por muito áspera e dura que seja a situação, tenho de dar o meu melhor!" Um homem que nunca se queixa dos seus males nem se lamenta do destino, temos forçosamente de julgá-lo um grande homem! Tal homem dá a conhecer a muitos outros a massa de que é feito, brilha tal como um archote no meio das trevas, atrai para junto de si todas as almas, dada a sua impassível tranquilidade, a sua completa equanimidade para com o divino e o humano. Tal homem possui uma alma perfeita, levada ao máximo das suas potencialidades, tal que acima dela nada há senão a inteligência divina, uma parte da qual, aliás, transitou até este peito mortal. E nada há de mais divino para o homem do que meditar na sua mortalidade, consciencializar-se de que o homem nasce para ao fim de algum tempo deixar esta vida, perceber que o nosso corpo não é uma morada fixa, mas uma estalagem onde só se pode permanecer por breve tempo, uma estalagem de que é preciso sair quando percebemos que estamos a ser pesados ao estalajadeiro. A melhor prova, caro Lucílio, de que a alma provém de alguma origem elevada é ela ser capaz de julgar limitado e sem horizontes este espaço em que se move, e ser capaz de não recear sair daqui, porquanto, lembrando-se bem de onde veio, sabe igualmente para onde irá. Não nos damos nós conta das limitações que nos afligem, dos problemas que o nosso corpo nos dá? Ora nos queixamos da cabeça, ora do estômago, do peito ou da garganta; umas vezes são os nervos, outras os pés que nos atormentam, hoje é a diarreia, amanhã a expectoração; por vezes temos sangue em excesso, outras a menos: De um lado e de outro nos empurram, tentando pôr-nos na rua! Isto é precisamente o que costuma suceder quando nos instalamos em casa alheia! E, no entanto, embora nos tenha cabido em sorte um corpo prestes a desfazer-se, fazemos planos para a eternidade, projectamos as nossas esperanças até ao máximo limite possível da vida humana, sem haver riqueza ou poder que nos sacie! Que pode haver de mais impudente e estúpido? Nada satisfaz estes seres que em breve hão-de morrer, que já estão mesmo a morrer, pois cada dia nos aproxima mais do último, e cada hora nos empurra a todos até ao ponto de onde cairemos. Vê bem a cegueira das nossas mentes: o que chamamos futuro já está acontecendo, uma boa parte dele já pertence mesmo ao passado; o tempo que já vivemos voltou ao ponto onde estava antes de termos nascido. Laboramos em erro ao recear o nosso último dia, já que cada dia dá o seu contributo à morte. O último passo que damos antes de cair não é a causa da nossa debilidade, é apenas o ponto em que ela se manifesta; o último dia empurra-nos para a morte, mas em

todos os outros nos fomos aproximando dela; a morte vai-nos colhendo gradualmente, não nos arrebata de repente. Por isso mesmo uma grande alma, consciente da sua natureza superior, esforça-se por se comportar com dignidade e diligência no posto para onde é destacada, sem tomar como seu nenhum dos objectos que a rodeiam, mas, como estrangeira em trânsito que é, servindo-se deles apenas como de coisas emprestadas. Deparando nós com um homem assim dotado de firmeza de princípios, impossível seria não delinearmos a imagem de um carácter fora do comum, no caso de, como acima disse, tal homem permanecer igual a si mesmo e provar assim a realidade da sua grandeza. Os princípios mantêm-se constantes, as falsas aparências pouco duram. Certas pessoas comportam-se alternadamente como Vatínios ou como Catões. Umas vezes até Cúria lhes parece pouco severo, Fabrício pouco pobre, Tuberão pouco frugal e contente com a sua humilde baixela; outras vezes rivalizam com as riquezas de Lícino, os banquetes de Apício, os luxos de Mecenas. Não há melhor indício de um espírito mal formado do que a instabilidade e a permanente oscilação entre a afectação pela virtude e o amor pelo vício. "Ora possuía duzentos escravos, ora só dez; ora só falava de reis, de tetrarcas, de luxos e grandezas, ora exclamava: 'Só quero uma mesa de três pés, uma simples concha de sal, e uma toga grosseira que me proteja do frio!' Desse alguém um milhão a este homem frugal e sem ambições — e dentro de cinco dias nem uma moeda restava... " Quantos homens não há semelhantes à personagem destes versos de Horácio Flaco, sempre instáveis, praticamente irreconhecíveis, de tal modo erram ao sabor de ventos contrários! Muitos, disse eu? São quase todos! Ninguém há que diariamente não mude de intenções e de objectivos: ora querem um casamento legítimo, ora preferem uma amante; ora se portam como tiranos, ora se mostram mais obsequiosos do que um escravo; ora andam impantes de orgulho até se tornarem odiosos, ora se encolhem e humilham ao mais baixo grau; ora dissipam fortunas, ora as acumulam avaramente. Nada denuncia melhor a falta de princípios morais do que este assumir alternado de diferentes rostos que, para cúmulo da desfaçatez, são, cada um deles, sempre diversos de si mesmos. Deves aceitar como um caso de excepção alguém que só desempenhe um papel na vida. Na realidade, para além do sábio, ninguém se contenta em fazer só uma personagem, todos estamos em constante mudança. Ora nos damos ares de gente frugal e austera, ora de dissipadores e libertinos, para logo a seguir pormos no rosto a máscara oposta àquela que acabámos de tirar. Exige portanto, de ti próprio que sejas até ao fim da vida aquilo que decidiste ser, e faz com que os outros, se não te enaltecerem, possam pelo menos reconhecer-te. De indivíduos que ainda ontem encontrámos já hoje podemos ter o direito de perguntar: "Quem é este?", — tal a mudança que neles se operou.

CARTA 121

Vais zangar-te comigo, já estou a ver, quando te expuser um pequeno problema que tenho para hoje e à roda do qual gastei bastante tempo. E logo a seguir

gritarás: "Mas que tem isto a ver com a moral?" Grita à tua vontade, mas deixa que te apresente primeiro as autoridades com que terás de haver-te: Posidónio e Arquidemo, que de bom grado aceitarão litigar contigo. Além disso, deixa que te diga: nem tudo quanto diz respeito aos costumes contribui para o aperfeiçoamento moral. Há questões que respeitam à alimentação dos homens, outras aos seus exercícios físicos, ao vestuário, à educação ou aos lazeres: todas elas têm como objectivo o homem, embora nem todas concorram para lhe melhorar o carácter. E mesmo no que toca aos costumes humanos há vários métodos para os abordar: uns visam corrigi-los e ordená-los, outros investigar a sua natureza e origem. Quando eu investigo por que razão a natureza produziu a espécie humana e lhe deu um lugar proeminente entre todos os animais, acaso julgas tu que eu perco de vista a moral? Se o fazes, estás errado. Como poderás tu saber quais os costumes que devemos adaptar se não averiguares primeiro qual o bem supremo do homem nem perscrutares a sua natureza? Só poderás ter a noção clara do que deverás fazer e do que deverás evitar depois de teres estudado o que a natureza exige de ti. "O que eu pretendo" — dirás — "é saber como pôr cobro aos meus desejos e temores. Liberta-me de superstições; ensina-me até que ponto é instável e vazio de sentido aquilo a que chamamos a 'felicidade', à qual nada custa acrescentar um simples prefixo!" Descansa que hei-de satisfazer amplamente o teu desejo; hei-de enaltecer as virtudes e verberar energicamente o vício. Ainda que alguns me acusem de insistir com demasiada virulência neste ponto, nunca deixarei de pôr em causa a maldade, de refrear as mais violentas paixões, de dominar os prazeres que inevitavelmente terminam na dor, e de contestar as ambições habituais dos homens. E como não o fazer, quando vejo que os maiores males provêm dos nossos próprios desejos e que as nossas lamentações nascem do que antes saudámos com efusão?! Entretanto, porém, permite-me que elucide uma questão à primeira vista algo marginal. O problema em causa era este: será que todos os animais têm a noção das suas faculdades naturais? A resposta deverá ser positiva, a julgar pela correcção e presteza com que eles movem os membros, tal como se para tanto fossem especialmente adestrados; de facto, todo o animal tem um perfeito domínio das várias partes do corpo. O operário maneja com à-vontade as suas ferramentas, o piloto faz girar o leme na perfeição, o pintor aplica sem hesitar as múltiplas e variadas cores de que dispõe para pintar um retrato e, entre a cera e o quadro, os olhos e as mãos movem-se com toda a agilidade; do mesmo modo, também o animal sabe fazer do seu corpo tudo quanto quer. Habitualmente admiramos os dançarinos que sabem transmitir com as mãos toda a gama de situações e sentimentos e imitar com gestos a fluidez do discurso: esta faculdade que a arte lhes deu possuem-na os animais por natureza. Nenhum animal sente dificuldade em mover os seus membros, nem hesita no modo de utilizá-los. Assim que nascem já sabem como movê-los; vêm ao mundo dotados desse conhecimento, nascem por assim dizer já treinados. Há quem contraponha: "Os animais movem convenientemente os membros porque, se os movessem de modo diferente,

sentiriam dor. Ou seja, para utilizar a vossa expressão, eles são forçados: é o medo e não a vontade que os obriga ao movimento certo." Este raciocínio é falso: os animais apenas se movem desajeitadamente quando são constrangidos, se se movem espontaneamente fazem-no com toda a destreza. E tanto não é verdade que é o medo da dor que os determina que, mesmo sob a acção da dor, eles se esforçam por realizar os seus movimentos naturais. O mesmo sucede com a criança que decide pôr-se em pé, e se habitua a equilibrar-se; logo começa a experimentar as suas forças, cai e levanta-se, chorando tantas vezes até que, apesar da dor, adquire a prática da sua posição natural. Certos animais dotados de carapaça, se os deitarmos de costas torcem-se todos, agitam e esticam as patas até conseguirem voltar à posição normal. Uma tartaruga deitada de costas não sofre dor alguma, no entanto está ansiosa por voltar à sua posição natural e não pára de se agitar até de novo se apoiar nas quatro patas. Por conseguinte, todos os animais têm a noção das suas faculdades naturais e, por isso mesmo, utilizam expeditamente os membros; e a melhor prova de que eles fazem a sua entrada na vida já com essa noção está em que todo o animal se mostra imediatamente perito no uso das suas aptidões. "A constituição natural é, segundo vós dizeis, uma certa relação existente entre o princípio dominador da alma o corpo. Ora, como pode uma criança dar-se conta de um fenómeno tão complexo e subtil que vós mesmos tendes dificuldade em explicá-lo? Seria preciso que todos os animais nascessem dialécticos para poderem perceber uma definição que, mesmo para grande parte dos cidadãos de toga, permanece obscura." Esta objecção teria alguma razão de ser se eu tivesse dito que os animais percebiam a definição de "constituição natural", e não essa própria constituição natural. É mais fácil intuir do que explicar o que é a natureza. Isto é, a criança ignora o que significa "constituição", mas dá-se conta da sua constituição natural; ignora o que seja um animal, mas sente que é um animal. Mais ainda, ela apercebe-se de qual seja a sua constituição natural de forma confusa, global e obscura. Nós próprios sabemos que temos uma alma, mas ignoramos o que é a alma, onde se aloja, que atributos possui, donde provém. Semelhante à intuição que nós temos de possuir uma alma, embora dela ignoremos a natureza e a localização, é a intuição que têm os animais da sua constituição natural. É necessário que eles sintam a existência de algo que lhes permite sentir tudo o mais; é necessário que eles tenham o sentimento de algo a que obedecem, de algo que os condiciona. Todo e qualquer de nós se apercebe da existência de qualquer coisa que origina os nossos movimentos, embora sem saber que coisa é essa. Percebe em si mesmo a existência de determinadas tendências, embora ignore o que elas são e donde elas provêm. Semelhantemente, as crianças e os animais têm da parte principal do seu ser uma certa noção, embora insuficientemente nítida e clara. "Vós dizeis" — prossegue o nosso antagonista — "que todo o animal se adapta imediatamente à sua constituição natural, que a constituição natural do homem é racional e que por isso o homem se adapta a ela, não enquanto animal mas sim enquanto racional, uma vez que o homem se preza a si mesmo apenas na medida

em que é homem. Ora, como pode uma criança que ainda não é racional adaptar-se a uma constituição racional?" Cada idade tem a sua constituição própria, que difere da infância para a puberdade, a adolescência e a velhice, e todos os homens se adaptam à constituição que de momento é a sua. A criança, por exemplo, não tem dentes: tem de adaptar-se a essa constituição. Nascem-lhe os dentes: adapta-se à nova situação. Também a planta que há-de vir a ser espiga de trigo tem uma certa constituição quando ainda é verde e mal emerge do solo, uma outra quando ganha forças e se ergue como colmo frágil mas capaz de suportar a semente, outra ainda quando, já madura, está pronta para entregar à eira a espiga endurecida; seja qual for a sua constituição momentânea, é a esta que se submete, é a esta que se adapta. Recém-nascido, criança, adolescente, velho — fases diferentes da vida; e todavia eu sou o mesmo que já foi recém-nascido, criança e adolescente. Ou seja, conquanto a constituição de cada um de nós se vá alterando, a adaptação própria à constituição natural permanece idêntica. A natureza incumbe-me de cuidar de mim, e não de uma criança, de um jovem ou de um velho. Por isso mesmo, o recém-nascido adapta-se à sua actual condição de recém-nascido, não à sua futura condição de jovem; e mesmo quando há uma outra fase superior a que ele deverá aceder, nem por isso a sua condição ao nascer é menos conforme à natureza. O animal começa por se interessar por si mesmo, porquanto necessita de um ponto central de referência. Se eu busco o prazer, é para mim que o busco. Daí o cuidado com a minha pessoa. Se eu evito a dor, é em meu proveito que o faço. Daí o cuidado com a minha pessoa. E se eu faço tudo em atenção à minha pessoa é porque o cuidado com a minha pessoa sobreleva a tudo o mais. Todos os animais nascem com esta tendência — tendência inata, não adquirida. A natureza produz as suas crias gradual e não abruptamente. E como o protector mais adequado é o que está mais próximo, cada animal se encarrega da sua própria protecção. Por esta razão, conforme te disse em cartas anteriores, mesmo os animais novinhos, acabados de sair do útero materno ou de um ovo, sabem instintivamente donde lhes pode vir o perigo e evitam o que lhes pode causar a morte; basta ver passar a sombra das aves de rapina para que as suas presas habituais procurem pôr-se a salvo. Nenhum animal entra nesta vida sem conhecer desde logo o medo da morte! "Mas de que modo" — prossegue o antagonista — "pode um animal acabado de nascer possuir a noção do que lhe é salutar ou, pelo contrário, o pode matar?" Investiguemos primeiro se o animal possui essa noção, e não de que modo a adquiriu. Ora, a prova de que eles possuem tal noção está precisamente em que eles agem como se a possuíssem. "Porque é que a galinha não foge de um pavão ou de um ganso mas foge de um bicho muito mais pequeno e que ela nunca antes vira como é o milhafre? Porque é que os pintos têm medo do gato mas não temem o cão? É evidente que eles possuem um conhecimento inato, não deduzido da experiência, daquilo que lhes pode fazer mal, uma vez que já mostram medo mesmo antes de passarem pela experiência do perigo. E não imagines tu que isto sucede por acaso: os animais só temem os seus inimigos

naturais e nunca se esquecem de precaver-se diligentemente contra eles, antes fogem sempre da mesma forma diante de tais inimigos. Além disso não se vão tornando mais medrosos à medida que vão vivendo, donde se conclui que não foi a experiência que lhes instigou o medo, mas sim um instinto natural de autoconservação. Os hábitos nascidos da experiência são tardios e de vária ordem, enquanto os dotes naturais são idênticos e imediatos para todos os animais. Se quiseres posso dizer-te como é que cada animal é levado a compreender aquilo que lhe é nocivo. O animal percebe que é constituído de carne; e entende de imediato quais as coisas capazes de cortar, queimar ou esmagar a sua carne, e bem assim quais os animais preparados para lhe fazerem mal; forma deles assim uma imagem hostil e ameaçadora. Estes processos estão interligados: de imediato o animal adapta-se à necessidade de autoconservação e busca tudo quanto lhe é útil, evitando o que lhe pode fazer mal. O mesmo instinto natural que o leva a buscar o que lhe é útil leva-o a evitar tudo quanto seja prejudicial; sem qualquer reflexão, sem a mínima deliberação, o animal age segundo o que a natureza lhe indica. Não vês tu a extraordinária habilidade das abelhas para construir a sua habitação e a docilidade com que elas aceitam a divisão do trabalho? Não vês tu a perfeição, inimitável para os humanos, que a aranha põe na sua teia: a habilidade com que ela dispõe os fios, uns colocados em linha recta à maneira de subestrutura, outros dispostos em círculos, mais densos no centro, mais espaçados na periferia, de modo a que os pequenos animais que a teia se destina a capturar se vêem envolvidos nela como numa rede? Uma tal arte é inata, e não fruto de aprendizagem. Por isso não encontramos em nenhuma espécie um animal mais habilidoso do que outro; todas as teias de aranha são semelhantes, todos os alvéolos dos favos são geometricamente iguais. Nas técnicas aprendidas há sempre algo de indeciso e diferente, enquanto as técnicas inatas são sempre idênticas. A natureza não faz mais do que dar a cada animal o instinto de autoconservação e a perícia em o exercer, e por isso mesmo nos animais são coisas simultâneas a aprendizagem e a vida. Nem temos de nos admirar por os animais nascerem com um instinto sem o qual seria inútil eles nascerem. A natureza dotou-os desde logo com o equipamento indispensável à sobrevivência: o instinto de autoconservação. Nenhum ser poderá subsistir se o não quiser; este instinto, no entanto, é só por si insuficiente para assegurar a sobrevivência, mas sem ele não haveria sobrevivência possível. Tu não encontras, todavia, em ninguém, o desprezo, nem mesmo o desinteresse em relação a si próprio. Mesmo as criaturas mais embrutecidas e incapazes de se expressar fazem tudo para preservar a própria existência, ainda que mais nada lhes interesse neste mundo. Tu verás mesmo os seres mais rebeldes a ajudar os outros conservarem-se atentos àquilo que lhes diz respeito.

CARTA 122

Os dias já estão começando a ficar mais pequenos, mas mesmo assim ainda facultam tempo suficiente a quem estiver disposto, passe a expressão, a surgir quando surge o dia! Mais nobremente atento aos seus deveres será o homem que se levanta antes de ele nascer e acolhe já a pé os primeiros raios de sol; será, pelo contrário, uma vergonha permanecer deitado quando o sol já vai alto e começar a actividade só ao meio-dia; e até mesmo o meio-dia ainda é para muitos uma madrugada! Há gente para quem não tem sentido a distinção entre a noite e o dia, e não é capaz de abrir os olhos, pesados da bebedeira da véspera, senão quando a noite já começa a cair. A condição de tal gente assemelha-se à dos nossos antípodas que, como diz Vergílio, vivem ao contrário de nós: "quando o Sol nascente se aproxima de nós com os cavalos ofegantes, a Estrela da Tarde começa a brilhar sobre eles com seus raios!" Só que é o modo de vida, e não a localização geográfica, que distingue tal gente do comum das pessoas! Temos aqui mesmo, em Roma, autênticos antípodas, que, no dizer de M. Catão, nunca viram o nascer nem o pôr do sol. Como acreditar que semelhante gente sabe como viver, se nem sequer sabe quando? E dizem temer a morte, esses que preferem viver como que enterrados! Gente de tão mau agoiro como as aves nocturnas!... Por muito que empreguem no vinho e nos perfumes as trevas em que vivem, por muito que gastem os seus tempos de viciosa vigília em banquetes requintados de milhares de pratos — mais do que uma festa o que eles fazem é celebrar os próprios funerais. Só que o culto dos mortos é normalmente celebrado de dia!... Mas para quem leva uma vida activa nenhum dia é longo demais. Dilatemos a nossa vida: apenas na acção está a justificação e o dever de tal prolongamento. Limitemos a duração das noites, transferindo parte delas para ocupações próprias do dia. As aves que se criam com vista a futuros banquetes são mantidas no escuro para que a imobilidade favoreça a engorda, pois a inacção total faz com que o seu corpo adquira um acréscimo de gordura, e a vida na sombra torna-as pesadas e obesas. Pelo contrário, o aspecto físico dos homens que preferem a vida nocturna é disforme, têm no rosto uma cor mais inquietante que a palidez da doença: ficam quase transparentes, sem força nem energia, como carne apodrecida em corpos ainda vivos. E isto ainda eu considero o menor dos seus males ' pois na alma a escuridão é muitíssimo maior! A alma deles jaz num torpor, numa treva tal que até os cegos lhe causam inveja. Aliás, quem é que alguma vez precisou de olhos para viver às escuras? Perguntas-me tu como se origina na alma esta forma de depravação que consiste em evitar o dia para fazer apenas vida nocturna. Todos os vícios são hostis à natureza, todos eles evitam a ordem natural das coisas. O objectivo precisamente da vida libertina é deliciar-se com o insólito, afastar-se não apenas um pouco do caminho justo, mas distanciar-se dele o mais possível até levar um tipo de vida em tudo contrário ao normal. Ou não te parece ser contra a natureza beber em jejum, encher de vinho o estômago vazio e só ir comer depois de embriagado? E todavia é este um vício habitual entre os jovens romanos amadores de cultura

física, que vão encher-se de bebida quase à beira da piscina entre os banhistas nus, mais, que bebem para logo a seguir rasparem o suor que provocaram com incontáveis bebidas bem fortes! Beber depois do almoço ou do jantar, isso toda a gente faz. É essa a prática corrente entre os agricultores ignorantes do que seja o verdadeiro prazer! O vinho puro só satisfaz quando não circula entre os alimentos e pode penetrar livremente até aos nervos, a embriaguez só é boa quando tem todo o espaço por sua conta. Não te parece que vive contra a natureza um homem que se veste de mulher? Não vivem contra a natureza aqueles que procuram perpetuar indevidamente a aparência da mocidade? Que sorte mais cruel ou miserável poderá imaginar-se do que a de alguém nunca vir a ser homem para continuar a entregar-se a um homem?! Alguém a quem o sexo devia pôr ao abrigo da violação mas que nem graças à idade fica protegido contra ela? Não vivem ao contrário da natureza aqueles que desejam ter rosas no Inverno ou que, à custa de protecções aquecidas e de oportunas transplantações conseguem produzir lírios no tempo das brumas? Não vivem ao contrário da natureza aqueles que plantam pomares no alto de torres? Ou aqueles que possuem bosques frondosos nos tectos e terraços das suas casas, fazendo nascer as raízes a uma altura que a custo as copas normalmente atingiriam? Não vivem ao contrário da natureza aqueles que constroem em pleno mar os alicerces das suas termas na convicção de que é impossível nadar com requinte se as suas piscinas aquecidas não estiverem expostas ao vento e às ondas? E, uma vez habituados a fazer tudo ao contrário da ordem natural, acabam por se afastar em tudo da natureza! "É dia: logo é hora de dormir. É hora de repouso: toca a fazer exercício, a passear, a almoçar. Já se aproxima a aurora: altura ideal para jantar. O que importa é não fazer o que toda a gente faz: viver como o comum das pessoas é sinal de vulgaridade. Não nos guiemos pelo horário dos demais: determinemos nós quando começa e acaba a nossa manhã!" Para mim, estas criaturas são verdadeiros defuntos! O que distingue, em boa verdade, a morte, mesmo a morte prematura, da vida desta gente que só tem por luz velas e archotes? Houve uma época em que (lembro-me bem disso!) muitos homens levavam este género de vida. Entre eles havia um antigo pretor, Acílio Buta. Depois de esbanjar um imenso património, foi lamentar-se a Tibério da miséria em que caíra. "Acordaste tarde!" — respondeu-lhe o imperador. Júlio Montano, poeta sofrível, bem conhecido primeiro pela amizade depois pela indiferença de Tibério, recitava um dia um poema em que a torto e a direito falava do nascer e do pôr-do-sol. Um dos auditores, irritado por o recital durar o dia inteiro, dizia que nunca mais se devia assistir às suas declamações; então Pinário Nata exclamou: "Eu por mim não posso ser mais simpático para com ele: estou disposto a escutá-lo desde um nascer até um pôr-do-sol!" Quando Montano recitava estes versos "Febo começou a emitir ardentes chamas, o dia clareava róseo; a melancólica andorinha, antes de partir de novo, leva às crias pipilantes comida que lhes parte em migalhas com o bico delicado," um certo cavaleiro romano de nome Varo, amigo de M. Vinício, grande apreciador de opíparos

banquetes a que a língua de prata lhe facultava o acesso, exclamou: "Lá começou o Buta a dormir!" Daí a pouco, quando Montano recitava "já os pastores instalaram os rebanhos nos redis já a noite lenta começa a trazer o silêncio à terra sonolenta," o mesmo Varo gritou: "Que dizes? Já é noite? Então tenho de ir cumprimentar o Buta!" Nada era mais conhecido em Roma do que a vida completamente às avessas que Buta levava. Mas, como disse, pela mesma época muitos outros viviam assim. O motivo por que alguns preferem este estilo de vida não é tanto eles pensarem que a noite tem por si mesma algum encanto especial; é antes a sua repugnância por tudo o que é habitual, é a sua má consciência que a luz do dia acentua; é ainda o facto de eles desejarem ou desprezarem as coisas consoante elas são caras ou baratas, e por isso a luz, que é gratuita, só lhes desperta indiferença. Como se isto ainda fosse pouco, os libertinos pretendem que a sua vida, enquanto eles vivem, ande nas bocas do mundo, pois imaginam perder o seu tempo se ninguém falar deles. Por isso estão sempre a fazer qualquer coisa que suscite falatórios. Muitos dissipam os bens em festins, muitos outros com as amantes, mas para ganhar fama num tal meio importa mais a originalidade do que a dissipação pura e simples: numa cidade tão ocupada como Roma, uma perversão vulgar não é matéria para conversas! Nós ouvimos um dia esse exímio conversador que foi Albinovano Pedão contar que habitara em tempos um andar que dava para a casa de Sexto Papínio, um desses muitos inimigos da luz do dia. "Por volta das nove da noite" — contava ele — "oiço o som da chibata. Pergunto o que se passa: dizem-me que ele está fazendo as contas com os escravos. Cerca da meia-noite, oiço uma gritaria pegada. Pergunto o que se passa. Respondem-me que faz gargarejos para aclarar a voz. Às duas da manhã pergunto o que significa aquele estrépito de rodas: o senhor vai passear! Já de madrugada, grande correria: chamam-se os escravos, os escanções, e os cozinheiros surgem de roldão. Que se passa? O nosso homem acabou de sair do banho e exige que lhe sirvam vinho com mel e flocos de cereais! Dirão vocês que o jantar deste homem durava mais do que um dia. Nada disso: pelo contrário, ele até vivia muito frugalmente: a única coisa que gastava... era a noite!" E quando alguns de nós chamámos ao homem um sórdido avarento, Albinovano acrescentou: "Até podereis dizer que ele vivia de óleo de candeia!" Não deves admirar-te por descobrires no vício tantas peculiaridades: os vícios são numerosos, revestem inúmeros aspectos, é impossível classificá-los a todos. A observação do bem é simples; a do mal é complexa e susceptível de infinitos desvios. O mesmo sucede com os costumes: para quem segue a natureza tudo se apresenta fácil, sem problemas; poucas diferenças há entre os costumes dos homens de bem. Pelo contrário, os hábitos dos viciosos diferem não só dos normais mas também entre si. A causa principal desta moléstia parece-me ser a repugnância pela normalidade. Há gente que se quer diferenciar dos demais pelo vestuário, pelo requinte gastronómico, pelo luxo dos carros: do mesmo modo se quer distinguir pela utilização do tempo. Rejeita os pecadilhos comuns porque depende das perversões para alcançar a sua triste reputação, e tal

reputação é tudo quanto pretendem da vida estes indivíduos que vivem, por assim dizer, às avessas. Em conclusão, Lucílio, prossigamos na via que a natureza nos prescreveu sem dela nos apartarmos um passo. Se a seguirmos, tudo nos parecerá fácil ao nosso alcance. Tentar viver ao contrário da natureza é a mesma coisa que remar contra a maré.

CARTA 123

Cheguei à minha vila de Alba, já noite adiantada, arrasado mais pelo acidentado do percurso do que propriamente pela distância. Entro em casa, e a única coisa preparada que encontro... é o meu apetite! Decido estender-me e descansar num divã e aproveitar da melhor maneira o tempo que o cozinheiro e o padeiro me vão fazer esperar. Dialogo comigo mesmo: nenhum contratempo é realmente grave se o encararmos de ânimo leve, nem nos teremos de aborrecer com nada se não decidirmos exagerar e tomar a peito os nossos aborrecimentos. O meu padeiro não tem pão para me dar: o feitor, o mordomo ou o caseiro com certeza que terão algum. "Pão de segunda!" — dirás. Espera um pouco, e em breve ele se tornará de boa qualidade: mais, a fome se encarregará de o transformar num pão macio e branquinho! Bastar-me-á para tanto não comer enquanto a fome não me apertar. Decido-me, portanto, a esperar ou que alguém me dê um bom pão ou que eu não me importe de comer um mau. Precisamos de nos contentar com pouco: não faltarão, mesmo a gente rica e bem preparada, lugares e ocasiões em que depare com dificuldades. Ninguém pode possuir tudo quanto quer, mas toda a gente pode não querer o que não tem e aproveitar com satisfação o que as circunstâncias lhe proporcionam. Uma grande parte da nossa liberdade está num estômago bem educado e habituado a sofrer contrariedades! Ninguém pode imaginar o prazer que eu sinto ao ver como a minha fadiga se acomoda a si própria: não preciso de massagistas, nem de um banho quente, o único remédio de que necessito é um pouco de tempo! A tensão resultante do cansaço relaxar-se-á com o repouso, e o meu jantar de circunstância saber-me-á melhor do que um banquete de recepção! Tive de experimentar de improviso de que era capaz a minha alma, e o resultado da experiência é, por isso mesmo, mais imediato e conforme à verdade. Quando a alma se prepara de antemão e se dispõe a aguentar o que possa sobrevir não é tão evidente a robustez real de que ela dispõe. As melhores provas de firmeza de alma são as que surgem de improviso: aceitar os contratempos não só com calma mas também com boa disposição; não se irritar, não resmungar; suprir as carências com a ausência de desejos, convencer-se de que aos seus hábitos pode faltar qualquer coisa, mas que a si mesma nada falta! Nós não nos damos conta de que imensas coisas são supérfluas senão no momento em que elas nos faltam, o que significa que nós as usamos apenas porque as tínhamos, e não porque as devêssemos usar. E quantas coisas não adquirimos nós apenas porque outros — a grande maioria! — as adquiriram! Uma das causas da nossa infelicidade é nós vivermos sempre a imitar os outros, não nos guiando pela razão mas deixando-nos arrastar pela

moda. Se fossem poucos a usar certas coisas, nós não os quereríamos imitar, mas quando a moda se generaliza lá vamos nós atrás — como se a frequência fosse sinal de algum valor! Em vez do bem usamos como critério o erro, — na condição apenas de esse erro ser o hábito da maioria. É assim que ninguém hoje viaja sem uma escolta de cavaleiros númidas, sem um acompanhamento de batedores a pé: é uma vergonha social não ter serviçais que desobstruam a via de transeuntes e que, pela nuvem de pó que levantam, mostrem que se aproxima uma personagem importante! Não há ninguém que viaje sem uma fila de mulas carregadas de vasos em cristal, em murra, cinzelados pela mão de artistas célebres: é uma vergonha social dar a aparência de viajar somente com bagagem que possa levar encontrões à vontade. Toda a gente se faz acompanhar de pagens com o rosto coberto de cremes, não vá o sol ou o frio macular a sua pele delicada: é uma vergonha social ter no cortejo de escravos algum jovem de cara saudável, livre de cosméticos! Há que evitar a conversa deste tipo de gente, verdadeiros almocreves do vício que o difundem de lugar em lugar. Poderia pensar-se que a pior raça de homens fossem os difusores de boatos, mas não: há também os difusores do vício. Nada mais nocivo do que ouvi-los falar: mesmo que as suas palavras não criem raízes de imediato, deixam pelo menos na alma algumas sementes que perduram em nós quando nos apartamos deles, para mais tarde ressurgirem em força. Quem assiste a um concerto leva consigo nos ouvidos a doce melodia da música, que perdura e impede a reflexão, e não deixa fixar a atenção em coisas mais sérias; do mesmo modo a conversa dos aduladores e entusiastas do vício permanece no ouvido muito depois de a ela termos assistido. E não é fácil expulsar da alma esse som tentador: ele continua a ressoar em surdina, acudindo-nos periodicamente à ideia. Devemos, por conseguinte, cerrar os ouvidos a tão perniciosas conversas, e logo desde o início, pois assim que lhes damos acolhimento elas crescem de atrevimento. E por fim até nos chegam a garantir: "A virtude, a filosofia, a justiça — tudo isso não passa de ruído sem significado. A felicidade consiste apenas em gozar a vida: comer, beber, gastar a rodos, isso sim, é que é viver lembrando-nos de que somos mortais! Os dias passam, a vida escoa-se irremediavelmente. Temos dúvidas? Para que serve a sabedoria? Qual o gozo de nos fazermos ascetas quando ainda estamos em idade de poder, de dever fruir de prazeres que, de uma forma ou de outra, o tempo acabará por negar-nos? Não significará isso antecipar-mo-nos à morte e renunciarmos prematuramente aos prazeres que ela há-de roubar-nos? Não tens uma amante, nem um rapazinho para provocar os ciúmes da amante; sais de casa diariamente sem nunca te embriagares; jantas, como se tivesses de ir dar contas da despesa ao teu pai: isto não se chama viver, mas sim ver viver os outros! Só por demência é que poupas a herança que hás-de deixar, negando a ti mesmo todos os prazeres, e só conseguindo que o teu herdeiro te deteste em vez de te amar, pois quanto mais tu lhe deixares mais ele desejará a tua morte! Não ligues a menor importância a esses severos e sombrios censores da vida alheia e inimigos da sua própria, esses filósofos que pretendem

dar lições ao mundo; não hesites em preferir a boa vida à boa reputação!" Devemos fugir de tais loas como do canto das Sereias, que Ulisses não se atreveu a escutar senão bem atado ao mastro do navio. O seu efeito é semelhante: afastam-nos da pátria, dos pais, dos amigos, da prática da virtude e, se não lhes passamos ao largo, esmagam-nos de encontro a uma vida de vergonha e depravação. Muito preferível é seguir o caminho do bem e nele persistirmos até que somente nos dê alegria aquilo que se conforma à moral! Esta via estará ao nosso alcance se nos persuadirmos de que apenas há dois tipos de coisas que nos podem atrair ou afugentar. Atraem-nos as riquezas, os prazeres, a beleza, a ambição e outras agradáveis seduções; afugentam-nos, pelo contrário, o sofrimento, a morte, a dor, a desconsideração, as privações. O nosso dever, portanto, é adquirirmos uma formação que nos permita não temer estas nem desejar aquelas. Lutemos contra umas e outras, cedendo o terreno ao que nos alicia, reunindo as forças contra o que nos ataca. Não vês tu como é diversa a posição do corpo conforme se desce ou se sobe por um plano inclinado? Quem desce um barranco inclina o corpo para trás, quem sobe uma ladeira inclina-o para a frente. Atirar o peso do corpo para a frente quando se desce, ou atirá-lo para trás quando se sobe, meu caro Lucílio, é contrariar as leis naturais. Ceder ao prazer equivale a uma descida; afrontar as dificuldades equivale a uma subida; neste segundo caso necessitamos de todo o esforço para subir, naquele necessitamos é de nos refrear. Não penses tu que eu apenas considero altamente nociva para nós a conversa daqueles que enaltecem o prazer e que despertam em nós o medo do sofrimento, — como se este em si não bastasse para nos atemorizar. Não, eu também considero nocivos todos aqueles que, utilizando uma linguagem de estóicos, apenas nos convidam ao vício. O raciocínio deles é este: só o sábio é hábil a fazer amor! "Só o sábio é capaz de praticar esta arte; também é o sábio o maior perito em servir bebidas e em praticar amores homossexuais. Investiguemos, portanto, até que idade os rapazinhos servem para fazer amor!" Deixemos estas práticas para os gregos! Por nosso lado, atentemos antes nestas máximas: "Ninguém é bom por obra do acaso; a virtude aprende-se. O prazer é uma coisa rasteira, insignificante, a que não devemos dar o mínimo valor; os animais irracionais conhecem-no igualmente, até os seres mais vis e desprezíveis correm para ele. A fama é algo de vão e volúvel, mais instável do que o vento. A pobreza só é um mal para quem se revolta contra ela. A morte não é um mal, é sim, se queres saber, a única forma de igualdade entre os seres humanos. A superstição é um erro e uma loucura que receia os deuses em vez de os amar, e os profana em vez de lhes prestar culto. Que diferença há, de facto, entre negar os deuses e profaná-los?" Aqui está o que nós devemos não só dizer, mas, sobretudo, interiorizar. A filosofia não pode prestar-se a desculpar o vício. Se o médico recomenda a um doente toda a espécie de excessos é porque este não tem salvação possível!

CARTA 124

"Posso dar-te a saber muitos preceitos dos antigos, se te não repugna conhecer certas minúcias subtis!" Claro que te não repugna, não há subtileza capaz de te meter medo. Não cabe na tua excelente formação abordar apenas as questões de grande peso; tens também a minha aprovação por procurares sempre extrair dos teus estudos algum progresso moral e por apenas te indagares quando vês que uma extrema subtileza não leva a resultado algum. Vou fazer o meu melhor para que não seja este o caso. A questão é esta: o bem é apreendido pelos sentidos ou pelo intelecto? Ponto anexo: nos animais irracionais e nos recém-nascidos não existe a noção de bem. Os pensadores para quem o bem supremo é o prazer consideram que o bem é sensível; nós, pelo contrário, como entendemos que o bem é coisa própria da alma, temo-lo por inteligível. Se fossem os sentidos a ajuizar do bem não haveria motivo para recusarmos qualquer prazer, pois todos eles nos atraem, todos nos seduzem. Inversamente, também nunca sofreríamos voluntariamente dor alguma, uma vez que toda a dor é lesiva dos sentidos. Além disso, também não nos mereceriam nenhuma censura nem os excessivos apreciadores do prazer nem os mais tímidos perante a dor. E, todavia, nós censuramos a gula e a libertinagem, e desprezamos os homens que por medo à dor não ousam comportar-se como verdadeiros homens. De facto, onde está a sua falta, se é verdade que eles obedecem aos sentidos e é a estes que cabe ajuizar do bem e do mal? Não foi aos sentidos que concedestes o direito de decidir o que merece ser procurado e o que deve ser evitado? Ora a verdade é que apenas à razão cabe o direito de decidir em tal matéria: assim como é ela a decidir sobre a felicidade, a virtude, a moral, é ela também quem determina o que é o bem e o que é o mal. De acordo com os pensadores acima referidos, é à parte inferior que se concede pronunciar-se sobre a superior; por outras palavras, são os sentidos — os sentidos obscuros e confusos, mais lentos ainda nos homens do que nos animais — quem vai pronunciar-se sobre o que é o bem! E que dizer de um filósofo para quem o sentido mais apurado é o tacto e não a visão? Um sentido que nem sequer é tão subtil e apurado como a visão encarregado de destrinçar o bem e o mal!... Estás a ver como é ignorante da verdade, estás a ver como rebaixa o sublime e o divino este filósofo que decide por meio do tacto qual o supremo bem e qual o mal supremo? "Toda a ciência, toda a técnica necessita de uma base apreensível pelos sentidos a partir da qual se desenvolva e progrida; do mesmo modo, a felicidade também tem a sua base, o seu início, em algo de manifesto e apreensível pelos sentidos. Até mesmo vós, estóicos, dizeis que a felicidade tem o seu ponto de partida em algo de imediatamente evidente!" O que nós dizemos é que a felicidade depende de a vida estar de acordo com a natureza; o que seja "estar de acordo com a natureza" é um dado evidente e imediato, tal como por exemplo o conceito de "inteiro". Esse estar de acordo com a natureza (que é uma propriedade de todo o ser assim que nasce), a isso não chamo eu um bem, mas sim o começo do bem. Vós atribuis à primeira infância o supremo bem, o prazer, o que equivale a dizer que

o recém-nascido já parte da situação a que chega o homem perfeito! Não será isto pôr a copa no lugar da raiz? Se alguém afirmasse que o feto, oculto ainda no ventre materno, de sexo indefinido, ser frágil, incompleto e informe já estava na posse de algum bem, o erro seria universalmente evidente. No entanto, que diferença separa a criança acabada de nascer e aquela que é ainda um fardo oculto no corpo da mãe? O grau de maturação de um e de outro no que respeita à percepção do bem e do mal é idêntico; o recém-nascido é tão incapaz de perceber o que é o bem como uma árvore ou como um animal irracional. E porque é que não existe o bem numa árvore ou num animal irracional? Porque carecem de razão. No recém-nascido, por conseguinte, também não existe o bem porque ele carece ainda de razão. Somente quando aceder à razão acederá também ao bem. Uma coisa é um animal irracional, outra coisa um animal ainda não racional, e outra coisa um animal racional mas imperfeito; em nenhum destes existe o bem, somente a razão é que permitirá a sua existência. Qual é então a diferença entre os três tipos que eu mencionei? No animal irracional nunca existirá o bem; no animal que ainda não é racional não pode por enquanto existir o bem; no que é racional mas imperfeito pode existir o bem, embora de momento não exista. Repito, amigo Lucílio: o bem não se encontra em todo e qualquer corpo nem em toda e qualquer idade, e está tão longe da infância como o ponto de chegada está do ponto de partida, ou a obra acabada do esboço inicial; não existe, portanto, num corpito frágil, ainda em fase de crescimento. E não está nesse pequeno corpo como não estava ainda no embrião. Também se pode pôr a coisa nestes termos: nós damo-nos conta de que há um certo bem próprio de uma árvore ou de um arbusto, mas ele não está presente desde logo nos primeiros rebentos da planta ao brotar do solo. Também há um certo bem próprio do trigo, só que ele ainda não está presente na ervinha leitosa, nem quando a tenra espiga começa a ganhar folhas, mas somente quando o calor e a completa maturação dão à espiga a sua completude. Tal como nos restantes seres da natureza o seu bem específico só aparece na plena maturidade, também o bem específico do homem só surge nele quando ele acede à perfeita razão. Que bem específico é o do homem? Já to digo: é uma alma livre, elevada, que tudo submete a si mesma sem a nada se submeter. E tanto este bem se não verifica na infância que a puberdade nem suspeita da sua existência, e até na adolescência seria utópico esperá-lo; e bem irá a velhice se após um longo e constante estudo se conseguir aproximar dele. Ora se o bem é isto, obviamente será inteligível. "Mas tu disseste" — objectar-me-ão — "que há um certo bem próprio da árvore ou do arbusto; pode, portanto, haver um bem próprio do recém-nascido". O verdadeiro bem não existe nem nas árvores nem nos animais irracionais; quando falamos em "bem" a seu respeito estamos a usar a palavra "bem" em sentido figurado. E se me perguntas que bem é esse eu dir-te-ei: é a obediência à sua própria natureza. O bem em si não pode de modo algum ser apanágio de um animal irracional, uma vez que é específico de seres mais dotados e perfeitos. O bem só existe onde existe a razão. Há na natureza quatro tipos de seres: a árvore,

o animal, o homem, o deus. Estes dois últimos, por serem racionais, possuem natureza idêntica, apenas diferindo entre si por um ser imortal e o outro mortal O seu bem específico é a natureza que lho faculta no caso do deus, e o longo estudo no caso do homem. Os restantes seres são perfeitos em relação à sua natureza, mas não absolutamente perfeitos porque desprovidos de razão. A perfeição absoluta é aquela que é perfeita em relação à ordem universal da natureza, e esta é racional; os diversos seres só podem ser perfeitos em relação à sua espécie. Uma criatura para quem não existe a felicidade não possui naturalmente a condição que permite a felicidade; esta, por sua vez, depende de um conjunto de bens. O animal irracional não conhece a felicidade nem as condições que permitem a felicidade, logo não existe o bem no animal irracional. O animal irracional apreende o presente através dos sentidos, e apenas se lembra do passado se depara com uma conjuntura que lhe provoca uma sensação semelhante; é o caso de um cavalo, que se recorda da estrada quando é levado até junto dela. No estábulo, porém, não tem qualquer recordação da estrada, embora a tenha percorrido inúmeras vezes. A terceira secção do tempo, ou seja, o futuro também está fora do alcance dos irracionais. Ora, como é possível nós imaginarmos perfeita a natureza de seres que carecem da faculdade de recordar o passado? O tempo consta de três secções — passado, presente e futuro. Os animais só têm à sua disposição a mais breve e transitória das três, o presente; a recordação do passado é rara, e apenas é despertada pela ocorrência de circunstâncias presentes. Por conseguinte, o bem próprio de uma natureza perfeita não pode existir numa natureza imperfeita; se não for assim, isto é, se o bem em si estiver ao alcance da natureza animal, então está-lo-á também das plantas. Eu não nego que os animais irracionais, naquilo que parece ser conforme à natureza, possuem certas tendências fortes e determinadas, só digo é que elas são desordenadas e confusas, ao passo que o bem, por definição, nunca é desordenado e confuso. "Como assim? Os movimentos dos animais irracionais são sempre desregrados e sem finalidade?" Eu di-los-ia desregrados e sem sentido se a sua natureza fosse susceptível de ordem. Os animais movem-se segundo a sua natureza. Uma coisa apenas se diz "desordenada" se for susceptível de ser "ordenada", tal como só se diz que está "inquieto" quem for capaz de estar "tranquilo". Só existe vício num ser que possa praticar a virtude. O tipo de movimento próprio dos animais irracionais é apenas aquele que a sua natureza lhes permite. Mas enfim, para te não demorar mais tempo, admitamos que no animal irracional há um certo bem, uma certa virtude, uma certa perfeição; mas esse bem, essa virtude, essa perfeição não têm valor absoluto. Tal valor absoluto é exclusivo dos seres racionais a quem é facultado saber porquê, dentro de que limites e de que modo agir. Em suma, o bem só existe em quem existe a razão. Agora, tu queres saber qual a finalidade de toda esta discussão e que proveito ela pode trazer à tua alma. Já to digo. Primeiro, serve para exercitar a alma, dar-lhe acuidade, entretê-la numa ocupação séria dada a sua permanente tendência para a acção. Além disso, serve para reter os homens que se inclinam

para o mal. Mas digo-te mais ainda: de nenhum modo eu te posso ser mais útil do que dando-te a conhecer o teu bem próprio, separando-te dos animais irracionais e pondo-te em companhia de Deus. Afinal, pergunto eu, para quê tentares desenvolver a força física? A natureza deu forças bem maiores a muitos animais, domésticos ou selvagens. Para quê embelezares-te? Faças o que fizeres, muitos animais irracionais serão sempre mais belos do que tu. Para quê penteares com tanto cuidado os teus cabelos? Com o cabelo caído à moda dos Partos, atado à moda dos Germanos ou eriçado como o usam os Citas — mais densas serão sempre as crinas de qualquer cavalo e mais bela a juba de qualquer leão. Mesmo que decidas treinar-te para corridas de velocidade nunca serás tão veloz como uma lebre. Não quererás tu deixar essas competições em que necessariamente ficarás a perder, em especialidades que não são a tua, e remeter-te à prática do teu bem específico? Esse bem que consiste numa alma escorreita e pura, émula da divindade, erguida acima do vulgo humano e sem recorrer a nada exterior a ti? És um animal racional. Qual é então o teu bem próprio? A perfeita razão. Procura elevá-la ao mais alto grau, deixa-a expandir-se tanto quanto lhe for possível. Considera-te a ti próprio feliz somente quando toda a alegria nascer de ti mesmo, quando, ao ver os objectos que os homens conquistam, ambicionam, guardam como preciosidades, nenhum encontrares entre eles que tu prefiras ou, melhor ainda, que tu sequer desejes. Vou oferecer-te uma sentença lapidar que servirá para te pesares a ti mesmo e avaliares qual o teu grau de perfeição: serás possuidor do teu único bem próprio quando te convenceres de que os felizes deste mundo são os mais infelizes dos homens.

APÊNDICE I

LIVRO XXII - FRAGMENTOS

Os fragmentos não formam uma Carta 125 nem permitem reconstruir o Livro XXII. São preservados por Aulo Gélio, que identifica expressamente sua fonte como o vigésimo segundo livro das Epístolas Morais a Lucílio.

Testemunho de Aulo Gélio, Noites Áticas XII, 2, 2 ss.

Não é indispensável eu fazer uma apreciação do talento de Sêneca nem criticar todos os seus escritos, mas vou pôr à consideração dos leitores os juízos que ele emitiu sobre Cícero, Énio e Vergílio; veremos o que valem tais juízos.

No livro vigésimo segundo das "Epístolas Morais" que ele escreveu a Lucílio chama ridículos a estes versos compostos por Énio sobre o velho herói Cetego:

"outrora ele foi chamado pelos seus concidadãos, pelos homens que então viviam e ocupavam a cena da história, a fina flor do povo; a medula da Persuasão!"

E, logo a seguir, referindo-se a este mesmo verso, acrescenta:

"Espanta-me como homens tão eloquentes apreciavam Énio a ponto de achar excelentes as suas frases ridículas. Até mesmo um Cícero cita estes versos como sendo dos bons que ele escreveu!"

A respeito de Cícero, diz estas palavras:

"Não me admira que tenha havido alguém capaz de escrever semelhantes versos, já que apareceu alguém capaz de os elogiar; a menos que Cícero, grande orador como era, estivesse agindo como advogado em causa própria e pretendesse que os versos que fazia também passassem por bons."

E, mais adiante, escreve também esta frase abominável:

"Mesmo na obra de Cícero se encontram passos, até nos textos em prosa, que mostram que ele não andou a ler Énio em vão."

Cita, depois, passos de Cícero, que critica pelo seu aspecto eniano, como por exemplo esta frase da "República":

"O lacedemónio Menelau possuía uma certa suavidade jucunda ao discursar",

ou esta outra da mesma obra:

"pratica no seu discurso a breviloquência".

E, por fim, fazendo-se espirituoso, tenta desculpar os erros de Cícero dizendo:

"Não foi exclusivo de Cícero este vicioso estilo, mas sim da época; quando tais eram as obras que então se liam, ele não podia dizer outra coisa!"

E acaba por dizer que Cícero introduzia nos seus textos estas frases de tipo eniano para evitar a acusação de ter uma linguagem demasiado elegante e clara.

A respeito de Vergílio, escreveu ele no mesmo livro:

"Se o nosso Vergílio inseriu aqui e além alguns versos duros, pesados, com sílabas em número excessivo, foi apenas para que a legião dos admiradores de Énio pudesse encontrar num poema moderno um certo ar de antiguidade."

Mas já estou a ficar cansado de Sêneca. No entanto não quero deixar passar este dito que bem comprova a sua falta de espírito e de finura:

"Há certos pensamentos tão profundos de Quinto Énio que, embora escritos para um público que cheirava a bode, poderiam talvez agradar ao público perfumado de hoje em dia."

E, ao censurar os versos atrás citados acerca de Cetego, diz:

"Quem é capaz de gostar de versos destes seria evidentemente capaz de apreciar também os leitos de Sotérico."

Ache quem quiser que Sêneca merece ser lido e estudado pelos jovens, ele que achou por bem comparar a gravidade e o tom dos autores arcaicos com os leitos de Sotérico, isto é, com móveis destituídos de beleza, já passados de moda, monos de que ninguém gosta.

Apesar de tudo, vale a pena citar alguma coisa, pouca, de Sêneca digna de menção, como é aquele seu excelente dito dirigido a um avarento, ambicioso até mais não, atormentado pela sede do dinheiro:

"Que importam os bens que possuis se muito mais numerosos são aqueles que não possuis?"

APÊNDICE II

CORRESPONDÊNCIA PSEUDOEPIGRÁFICA ENTRE SÊNECA E PAULO

14 cartas

A correspondência é tardo-antiga e não autêntica. A tradução foi feita diretamente do texto latino estabelecido por Claude W. Barlow (1938), com sua tradução inglesa e suas notas usadas como controle nas passagens obscuras. A numeração I-XIV segue a edição crítica.

CARTA I

SÊNECA A PAULO, SAUDAÇÕES

Creio, Paulo, que te foi comunicado que ontem conversei com nosso Lucílio sobre escritos apócrifos e outros assuntos. Estavam comigo alguns companheiros de tua doutrina. Havíamo-nos retirado para os jardins de Salústio; ali, por acaso, aqueles de quem falei, que se dirigiam a outro lugar, ao nos verem juntaram-se a nós.

Quero que saibas que certamente desejamos tua presença. Depois de lermos um escrito teu — isto é, dentre muitas, algumas cartas que enviaste a alguma cidade ou à capital de uma província, contendo admirável exortação à vida moral — ficamos inteiramente reanimados.

Não creio que tais pensamentos tenham sido ditos por ti, mas por teu intermédio; embora, certamente, às vezes por ti e por teu intermédio. Tamanha é a grandeza dessas coisas e tamanha nobreza nelas resplandece que julgo que mal bastariam gerações de homens para nelas serem instruídas e aperfeiçoadas.

Desejo que passes bem, irmão.

CARTA II

PAULO A ANEU SÊNECA, SAUDAÇÕES

Recebi ontem com alegria tua carta; poderia ter-te respondido imediatamente se tivesse comigo o jovem que pretendia enviar-te. Sabes, de fato, quando, por quem, em que momento e a quem alguma coisa deve ser entregue ou confiada. Peço-te, portanto, que não te julgues negligenciado enquanto considero a qualidade da pessoa.

Mas, porque escreves em algum lugar que minhas cartas foram bem acolhidas por vós, considero-me feliz com o juízo de tão grande homem. Com efeito, tu, crítico, filósofo, mestre de tão grande príncipe — e até de todos —, não dirias isso se não o dissesses sinceramente.

Desejo que passes bem por muito tempo.

CARTA III

SÊNECA A PAULO, SAUDAÇÕES

Organizei alguns escritos e dei-lhes a devida disposição segundo suas divisões. Também estou decidido a lê-los a César. Se porventura a sorte for favorável e ele prestar ouvidos renovados, talvez tu também estejas presente; se não, marcarei contigo outro dia, para examinarmos juntos esta obra.

Não poderia apresentar-lhe esse escrito antes de conferi-lo contigo, se isso pudesse ser feito sem risco, para que soubesses que não estás sendo deixado de lado.

Adeus, caríssimo Paulo.

CARTA IV

PAULO A ANEU SÊNECA, SAUDAÇÕES

Cada vez que ouço a leitura de tuas cartas, penso em tua presença e não imagino outra coisa senão que estás conosco o tempo todo. Assim, tão logo comeces a vir, veremos um ao outro de perto.

Desejo que passes bem.

CARTA V

SÊNECA A PAULO, SAUDAÇÕES

Teu afastamento demasiado longo nos angustia. Que houve? Que motivos te mantêm distante? Se é o desagrado da imperatriz, porque te afastaste do rito e da antiga crença e te voltaste para outro caminho, haverá ocasião de pedir-lhe que considere que o fizeste por reflexão, não por leviandade.

Passa bem.

CARTA VI

PAULO A SÊNECA E LUCÍLIO, SAUDAÇÕES

Sobre aquilo que me escrevestes não me é lícito falar com cálamo e tinta: uma coisa registra e delimita algo, a outra o torna manifesto, sobretudo porque sei que entre vós, isto é, junto de vós e no vosso meio, há quem me compreenda.

Deve-se prestar respeito a todos, tanto mais quanto mais facilmente encontram ocasião de se indignar. Se lhes concedermos paciência, venceremos de todos os modos e por todos os lados, contanto que sejam daqueles capazes de se arrepender do que fizeram.

Passai bem.

CARTA VII

ANEU SÊNECA A PAULO E TEÓFILO, SAUDAÇÕES

Declaro que recebi com agrado a leitura das cartas que enviaste aos Gálatas, aos Coríntios e aos Aqueus, e possamos viver assim em relação um ao outro, com a mesma reverência religiosa que manifestas nessas cartas.

Com efeito, o Espírito Santo que está em ti, elevando-se acima das maiores alturas, exprime em linguagem sublime pensamentos dignos da mais alta veneração. Eu gostaria, portanto, que, ao expor assuntos tão excelentes, não faltasse à majestade deles o apuro do discurso.

E, para que nada te esconda, irmão, nem fique em dívida com minha consciência, confesso que Augusto se comoveu com teus pensamentos. Depois de lhe ser lido o tratado sobre a virtude que há em ti, esta foi sua resposta: admirava que alguém que não recebera instrução regular pudesse pensar dessa maneira. Respondi-lhe que os deuses costumam falar pela boca dos inocentes, e não pela daqueles que, por sua instrução, são capazes de falsear o que dizem.

E, depois de lhe dar o exemplo de Vatieno, homem do campo, a quem apareceram dois homens no território de Reate, mais tarde reconhecidos como Castor e Pólux, pareceu suficientemente esclarecido.

Passai bem.

CARTA VIII

PAULO A SÊNECA, SAUDAÇÕES

Embora eu não ignore que nosso César é amante de coisas admiráveis — ainda que algum dia possa deixar de sê-lo —, ele permite, contudo, ser informado, não repreendido. Julgo, de fato, que agiste de maneira grave ao quereres levar ao conhecimento dele algo contrário à sua prática e à sua formação. Como ele cultua os deuses dos gentios, não vejo o que tiveste em mente ao quereres que soubesse disso, a não ser que eu suponha que o fizeste por teu excessivo amor por mim.

Peço-te que, de futuro, não o faças. É preciso cuidar para que, enquanto me estimas, não ofendas a imperatriz; a ofensa dela, de fato, nem [nos] prejudicará se persistir, nem, se não existir, [nos] beneficiará. Se ela é rainha, não se sentirá ofendida; se é mulher, irar-se-á.

Passa bem.

CARTA IX

SÊNECA A PAULO, SAUDAÇÕES

Sei que não te perturbaste tanto por tua própria causa com a carta em que te escrevi sobre a apresentação de minhas cartas a César quanto pela própria

condição das coisas, que desvia as mentes dos homens de toda ocupação e prática reta; por isso não me admiro agora, sobretudo eu, que por muitas provas já conheço muito bem esse fato.

Portanto, recomecemos; e, se alguma coisa foi feita com descuido no passado, concederás perdão. Enviei-te um livro sobre a riqueza de expressão.

Passa bem, caríssimo Paulo.

CARTA X

PAULO A SÊNECA, SAUDAÇÕES

Todas as vezes que te escrevo e ponho meu nome logo depois do teu, cometo uma falta grave e incompatível com minha doutrina. Devo, pois, como muitas vezes declarei, fazer-me tudo para todos e observar, em relação à tua pessoa, aquilo que a lei romana concedeu à honra do Senado: uma vez concluída a carta, escolher o último lugar, para que eu não pretenda realizar de modo inadequado e desonroso aquilo que depende de minha própria decisão.

Passa bem, mestre devotíssimo.

Datada de cinco dias antes das calendas de julho, no terceiro consulado de Nero e no de Messala.

CARTA XI

SÊNECA A PAULO, SAUDAÇÕES

Salve, meu caríssimo Paulo. Pensas acaso que eu não me entristeço e que não é para mim motivo de luto que continuamente se aplique suplício à vossa inocência? E, além disso, que todo o povo vos julgue tão implacáveis e tão sujeitos à culpa, imaginando que tudo o que de adverso acontece na cidade é obra vossa?

Mas suportemos com ânimo sereno e aproveitemos a oportunidade que a sorte nos concedeu, até que uma felicidade invencível ponha fim aos males. A época dos antigos suportou o Macedônio, filho de Filipe, os Ciros, Dario e Dionísio; a nossa também suportou Gaio César, a todos os quais foi permitido tudo o que lhes agradou.

É bem sabido de onde a cidade de Roma sofre repetidamente incêndios. Mas, se aos humildes fosse permitido dizer qual é a causa, e se fosse permitido falar impunemente nestas trevas, todos já veriam tudo.

Cristãos e judeus, como se fossem autores do incêndio — ah! —, são submetidos ao suplício, como costuma acontecer. Esse bandido, seja quem for, para quem o prazer é a carnificina e a mentira um véu, está destinado ao seu tempo; e, assim como um homem excelente entregou a vida, um por muitos, também ele, votado por todos, será queimado no fogo.

Cento e trinta e duas casas e quatro mil prédios de habitação arderam em seis dias; o sétimo trouxe uma pausa.

Desejo que passes bem, irmão.

Datada de cinco dias antes das calendas de abril, no consulado de Frugi e Basso.

CARTA XII

SÊNECA A PAULO, SAUDAÇÕES

Salve, meu caríssimo Paulo. Se um homem tão grande e amado por Deus em todos os sentidos vier a estar, não digo apenas unido, mas intimamente associado a mim e ao meu nome, será grande ventura para teu Sêneca.

Já que és, portanto, o vértice e o cume de todas as montanhas mais altas, não queres que eu me alegre por estar tão próximo de ti que seja considerado como outro semelhante a ti?

Não te julgues, portanto, indigno de ser nomeado no início das cartas, para que não pareças estar-me pondo à prova mais do que me louvando, sobretudo porque sabes que és cidadão romano. Pois desejo que, junto de ti, o meu lugar seja o teu, e que o teu seja o meu.

Passa bem, meu caríssimo Paulo.

Datada de dez dias antes das calendas de abril, no consulado de Aproniano e Capitão.

CARTA XIII

SÊNECA A PAULO, SAUDAÇÕES

Muitas coisas em teus escritos são elaboradas, por toda parte, de modo alegórico e enigmático; por isso, tamanha força do conteúdo e do dom que te foi concedido deve ser ornada não pelo enfeite das palavras, mas por certo apuro.

E não receies aquilo que me recordo de ter dito muitas vezes: muitos dos que afetam tais recursos corrompem os pensamentos e enfraquecem o vigor das matérias.

Quero que me concedas isto como ponto assente: segue o uso do bom latim, emprega palavras dignas e confere-lhes forma adequada, para que a concessão de tão nobre dom possa ser por ti expressa com dignidade.

Passa bem.

Datada do dia anterior às nonas de julho, no consulado de Lurco e Sabino.

CARTA XIV

PAULO A SÊNECA, SAUDAÇÕES

Enquanto ponderavas, foram-te reveladas coisas que a divindade concedeu a poucos. Seguro disso, semeio agora num campo fértil uma semente vigorosíssima: não uma matéria corruptível, mas a Palavra estável de Deus, derivada daquele que cresce e permanece para sempre.

Aquilo a que tua prudência chegou deverá permanecer sem falhar: julgar que devem ser evitadas as observâncias dos gentios e dos israelitas.

Far-te-ás um novo defensor de Cristo Jesus, mostrando por louvores retóricos a sabedoria irrepreensível que quase alcançaste; tu a apresentarás ao rei temporal, aos de sua casa e aos amigos fiéis, que acharão difícil, quase impossível, serem persuadidos, pois a maioria deles quase não se deixa dobrar por tuas exposições.

Neles, a Palavra de Deus, instilada como benefício vital, gera um homem novo, sem corrupção, um ser vivente perene que daí se apressa para Deus.

Passa bem, Sêneca, caríssimo para nós.

Datada das calendas de agosto, no consulado de Lurco e Sabino.

NOTAS EDITORIAIS

1. A edição crítica adotada é: Claude W. Barlow (ed.), Epistolae Senecae ad Paulum et Pauli ad Senecam quae vocantur, Papers and Monographs of the American Academy in Rome, vol. X, 1938, pp. 122–149 para texto, tradução e notas.
2. Carta I — apocrifis: Barlow conserva a leitura dos manuscritos e observa que, para um autor do século IV, o sentido mais natural é “escritos apócrifos”, sobretudo cristãos, o que produz um anacronismo quando posto na boca de Sêneca. Não se emendou silenciosamente o texto.
3. Carta II — censor sophista: a expressão não deve ser entendida no sentido moderno pejorativo de “sofista”. No latim tardio, sophista pode designar um homem de formação retórica ou filosófica.
4. Carta III — Barlow entende que os volumina provavelmente são escritos do próprio Sêneca, interpretação reforçada pela Carta IX, embora o latim não contenha explicitamente o possessivo; por isso a tradução conserva a formulação neutra “alguns escritos”.
5. Carta V — domina: Barlow considera que a referência dificilmente pode ser a outra pessoa que não Popeia Sabina. A carta supõe que ela se desagradaria com o abandono, por Paulo, do “rito e antiga seita”, isto é, do judaísmo em direção ao cristianismo.
6. Carta VI — arundine et atramento: literalmente “com caniço e tinta”; traduziu-se “com cálamo e tinta”. A frase ecoa 2 João 12 e 3 João 13. O sentido geral é a prudência diante de uma comunicação escrita que poderia ser lida por terceiros.
7. Carta VII — a carta aos “Aqueus” não corresponde a um escrito paulino independente conhecido. Barlow considera plausível que o pseudoepígrafo tenha em mente 2 Coríntios, endereçada à comunidade de Corinto e aos santos de toda a Acaia. O “Teófilo” associado a Paulo provavelmente resulta de confusão com Timóteo. O período “et ita invicem vivamus...” é sintaticamente difícil e foi traduzido de modo conservador.
8. Carta VII — virtutis in te exordium: Barlow entende exordium como um escrito ou tratado de Sêneca acerca de Paulo e da virtude cristã, e não necessariamente como uma obra do próprio Paulo. A tradução deixa a expressão suficientemente aberta. A história de Vatieno deriva de tradição conhecida por Cícero, Valério Máximo e Lactâncio.
9. Carta VIII — a oração si quando deficiet é obscura; Barlow oferece mais de uma possibilidade e assinala a incerteza. Também é incerto o período cuius quidem offensa neque oberit...; os colchetes em “[nos]” tornam explícito apenas o complemento subentendido exigido pelo português; o período permanece textualmente incerto.
10. Carta IX — de verborum copia designa, no contexto retórico latino, facilidade ou riqueza no uso das palavras. Na Idade Média circulou uma obra espúria De copia verborum que alguns copistas identificaram com o livro aqui mencionado.

11. Carta X — o raciocínio sobre a posição do nome é obscuro. Barlow interpreta que Paulo, por deferência a Sêneca, pretende colocar seu próprio nome no fim da carta, e considera fictícia a alegada “lei romana” relativa à honra do Senado. A passagem contém o grecismo aporia.
12. Cartas XI–XII — Barlow imprime XI (XII) e XII (XI): ele inverte a ordem que se tornara habitual em edições anteriores, pois os manuscritos não sustentam essa transposição. Nesta edição portuguesa, a numeração I–XIV de Barlow é seguida sem os números alternativos no título.
13. Carta XI — a carta pretende referir-se ao grande incêndio de Roma e à perseguição de cristãos e judeus. A data que ela própria fornece corresponde a 28 de março de 64, enquanto Tácito situa o início do incêndio em 19 de julho. A incongruência é uma das marcas históricas do caráter pseudoepigráfico. Barlow observa ainda que os números de 132 casas e 4.000 insulae não coincidem com os relatos conservados de Tácito e Suetônio.
14. Carta XII — prima facie epistolarum significa aqui “no início das cartas”, não o sentido jurídico posterior de prima facie. A carta responde à preocupação de Paulo na Carta X sobre a posição de seu nome.
15. Carta XIII — colliduntur e alguns outros pontos do latim são difíceis. A tradução acompanha o sentido global estabelecido por Barlow: Sêneca louva a matéria de Paulo, mas insiste em maior correção e apuro do latim.
16. Carta XIV — o latim é particularmente tardio e cristianizado. A carta combina ecos de 1 Pedro 1,23–25, Atos e 1 Coríntios. Expressões como derivamentum crescentis et manentis in aeternum e perpetuum animal são deliberadamente traduzidas de modo próximo ao texto, sem lhes impor uma formulação teológica mais clássica.
17. Datas — segundo a conversão discutida por Barlow: Carta X, 27 de junho de 58; Carta XI, 28 de março de 64; Carta XII, 23 de março de 59; Carta XIII, 6 de julho de 58; Carta XIV, 1.º de agosto de 58. Essas datas pertencem ao artifício pseudo-histórico da correspondência e não demonstram autenticidade.